UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JANE LUCI ORNELAS FREIRE

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES E A EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA

Salvador
2013

JANE LUCI ORNELAS FREIRE

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES E A EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Elizete Silva Passos

Salvador
2013

F396e Freire, Jane Luci Ornelas.
Maria Luiza de Sousa Alves e a Educação Feminina na Bahia./ Jane Luci Ornelas Freire. - Salvador, 2013.
314f.

Contêm referências bibliográficas e anexos.

Tese Doutorado em Educação. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

1. Gênero. 2. Educação. 3. Educação feminina. 4. Maria Luiza de Sousa Alves. I. Passos, Elizete Silva. II. Freire, Jane Luci Ornelas. III. Faculdade de Educação. IV. Universidade Federal da Bahia. V. Título.

CDU: 37:396(813.2)(043.3)

JANE LUCI ORNELAS FREIRE

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES E A EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação, ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 20 de agosto de 2008.

Banca Examinadora

Elizete Silva Passos – Orientadora
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia

Elizeu Clementino de Souza
Doutor em Educação
Universidade do Estado da Bahia

Nívea Maria Fraga Rocha
Doutora em Educação
Fundação Visconde de Cairu

Maribel Oliveira Barreto
Doutora em Educação
Fundação Visconde de Cairu

Dedico esta Tese de Doutorado, primeiramente, à minha família, em especial aos meus pais, pela formação digna com que me criaram.

A minha querida filha, que lhe sirva de exemplo, essa tripla jornada de ser mãe, profissional e pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela onipresença na minha vida e pela força que me dá para que possa continuar a luta!

A minha família pelo apoio e cumplicidade.

Aos meus amigos pelo suporte e incentivo para que eu pudesse superar todos os desafios.

A Profa. Dra. Elizete Silva Passos, minha querida orientadora, incentivadora e motivadora para que eu entrasse e, principalmente, concluisse este Doutorado.

Aos Doutores com os quais tive a oportunidade de trocar idéias e aprender novos conceitos, que me permitiram aprofundar o entendimento sobre a relação educação e gênero.

O papel de gênero implica em todas as coisas que uma pessoa diz ou faz para revelar-se homem ou mulher [...] *os componentes do papel de gênero não são estáticos nem universais; aletram-se com a época e constituem parte integrante de cada cultura ou subcultura.*

(FAGUNDES, 2005, p.25)

FREIRE, Jane Luci Ornelas. Maria Luiza de Sousa Alves e a Educação Feminina na Bahia. 316f. il. 2013. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

RESUMO

Esta tese de doutorado é resultado da pesquisa histórica feita em torno da educadora Maria Luiza de Sousa Alves quando do seu posicionamento em relação à educação feminina na Bahia e tem por objetivo geral analisar as contribuições de Maria Luiza de Sousa Alves para a educação na Bahia, em especial, para a educação feminina no início do século XX. Quanto aos objetivos específicos, consistem em caracterizar o contexto sociohistórico vivido por Maria Luiza de Sousa Alves (1862-1945); caracterizar o cenário educacional baiano no início do século XX e, em especial, a educação feminina; mapear a trajetória intelectual e profissional da educadora baiana Maria Luiza de Sousa Alves; levantar os pressupostos filosóficos que nortearam a formação e a atuação profissional e social da educadora Maria Luiza de Sousa Alves; levantar as concepções pedagógicas da educadora acerca da educação, escola, educador(a), educando(a), conhecimento e sociedade; e identificar as suas idéias e orientações acerca da educação feminina. A metodologia adotada seguiu os parâmetros da pesquisa bibliográfica, documental e do campo empírico, bem como o compreendeu as idéias de fatos pautados nas epistemologias feministas, que apontam para um campo multidisciplinar e defendem a pluralidade metodológica. A natureza histórica permitiu utilizar-se o “gênero” como categoria de análise para discutir a inserção feminina na educação baiana. A conclusão a que se chegou foi que, apesar da mulher ter se situado numa posição de inferioridade, foi possível compreender o gênero quanto às questões das relações produzidas no contexto sociohistórico, à luz da educação feminina no Estado da Bahia, quando surgiram nomes de educadoras como Maria Luiza de Souza Alves, que apesar do conservadorismo e de ter suas idéias pautadas em referenciais religiosos, a moralidade e educação instituída por esta em muito beneficiou a mulher, no sentido de minimizar as desigualdades entre os gêneros, a partir da educação.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Educação feminina. Maria Luiza de Sousa Alves.

FREIRE, Jane Luci Ornelas. Maria Luiza Alves de Sousa and Female Education in Bahia. 316f. il. In 2013. Thesis (PhD). Faculty of Education, Post Graduate Program in Education, Universidade Federal of Bahia, Salvador, 2013.

ABSTRACT

This doctorate theory is resulted of the historical research done around the educator Maria Luiza of Sousa Alves when of this positioning in relation to the feminine education in Bahia and they has for general objective to analyze the contributions of Maria Luiza of Sousa Alves for the education in Bahia, especially, for the feminine education in the beginning of the séc. XX. As for the specific objectives, they consist of characterizing the context sociohistoric lived by Maria Luiza of Sousa Alves (1862-1945); to characterize the from Bahia education scenery in the beginning of the séc. XX and, especially, the feminine education; to map the intellectual and professional path of the educator baiano Maria Luiza of Sousa Alves; to identify the philosophical presuppositions they orientated the formation and the educator's professional and social performance Maria Luiza of Sousa Alves; to lift the educator's pedagogic conceptions concerning the education, school, educador(a), educando(a), knowledge and society; and to identify their ideas and orientations concerning the feminine education. The methodology adopted for the development of the research followed the parameters of the research bibliographical, documental and of the empiric field, as well as this understood it the ideas of ruled facts in the feminist epistemologies, that they appear for a field multidisciplinary and they defend the methodological plurality, that through the historical nature, it was used of the “gender” as analysis category to discuss the feminine insert in the education baiano. The conclusion the one that she arrived was that in spite of the woman to have if located in an inferiority position, it was possible to understand the gender as for the subjects of the relationships produced in the context sociohistoric to the light of the feminine education in the State of Bahia, when educators' names appeared, as the one of Maria Luiza, that the in spite of the conservatism and to have their ruled ideas in religious references, the morality and education instituted by this in a lot benefitted the woman, in the sense of minimizing the inequalities among the goods, starting from the education.

Keys-word: Gender. Education. Feminine education. Maria Luiza de Sousa Alves.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHPMS	Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Salvador
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
IFB	Instituto Feminino da Bahia
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
p.	Página

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	O ESTUDO	10
1.2	A PESQUISA	16
1.3	ESTRUTURA DO TRABALHO	22
2	**CONCEPÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E GÊNERO**	23
2.1	GÊNERO: REVISITANDO OS CONCEITOS	23
2.1.1	**Representações Socialmente Construídas**	23
2.1.2	**Distinção entre Gêneros**	25
2.1.3	**Conceito de Gênero no Feminismo e nas Relações de Poder**	30
2.1.4	**Movimento Feminista**	34
2.1.5	**A Luta contra a Discriminação**	36
2.2	EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO IDEOLÓGICO	37
2.3	EDUCAÇÃO COMO FATOR DE MUDANÇA	48
2.3.1	**Contexto Histórico da Mudança**	48
2.3.2	**Instituição de Movimentos no Cenário Educativo**	50
2.3.3	**Papel da Mulher como Fator de Mudança na Educação Feminina**	53
3	**CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE AO LONGO DA HISTÓRIA**	55
3.1	CONDIÇÃO FEMININA NA IDADE MÉDIA	59
3.2	CONDIÇÃO FEMININA NA MODERNIDADE/RENASCIMENTO	64
3.3	CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE BAIANA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	68
4	**MARIA LUIZA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BAIANA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX**	75
4.1	CONTEXTO SOCIOHISTÓRICO	75
4.2	CENÁRIO EDUCACIONAL BAIANO	80
4.3	EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA	86
5	**IDÉIAS E ORIENTAÇÕES DA EDUCADORA SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA**	98
5.1	REFLETINDO AS IDEIAS DE MARIA LUIZA A PARTIR DO ENTENDIMENTO SOBRE A QUESTÃO DO GÊNERO	102
5.2	O PODER NAS RELAÇÕES DE GÊNERO E A VISÃO DE MARIA LUIZA	113
5.3	A VISÃO DE GÊNERO DE MARIA LUIZA ATRAVÉS DO MORALISMO RELIGIOSO	115
5.4	A EDUCAÇÃO VISIONADA POR MARIA LUIZA COMO FATOR DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DA MATERNIDADE	127
6	**CONCLUSÃO**	148
	REFERÊNCIAS	154
	ANEXOS	165

1 INTRODUÇÃO

1.1 O ESTUDO

A educação, responsável pela formação de mulheres e homens, preparando-os para a vida em sociedade, é tema bastante estudado e ainda assim guarda especificidades que exigem constante pesquisa para trazer à tona seus infindáveis meandros. Desde o final do século XIX que a preocupação com a educação transcendia os ensinamentos de conteúdos nas disciplinas, junto ao gênero feminino. Havia por parte da direção deste estabelecimento o desejo de que as educandas aprendessem a se comportar na sociedade e a respeitar o outro como companheiro de conhecimentos.

Todavia, as discussões e análises sobre os direitos a que estas tinhas redundavam e continuam ocupando um papel de destaque no mundo contemporâneo, uma vez que, em sua plenitude, tais direitos nunca se constituíram em realidade para uma grande parcela da humanidade, ao longo de sua História, a exemplo, da educação para a formação do gênero feminino.

Nesse contexto, importa destacar a história das mulheres, marcada pelo que se pode chamar de dominação masculina, que é uma forma particular de violência que se expressa na divisão dos espaços masculinos e femininos e se configura como elemento fundador da identidade das mulheres e – porque não dizer – também dos homens.

Ressaltamos que a dominação masculina quando definida como o arquétipo da violência simbólica, impõe, através do poder, significados que os tornam legítimos; o sexismo é essencialista, na medida em que a dominação do macho é vista, por homens e mulheres, através de uma avaliação distorcida da realidade, como a ordem natural das coisas. As mulheres entram nessa dialética como objetos, não como sujeitos, e os homens detêm um excedente simbólico de valoração, que lhes confere autoridade.

Neste contexto, considerando ainda a associação histórica entre saber e poder, pode-se vislumbrar as razões pelas quais as mulheres vêm sendo afastadas

do campo do conhecimento, tanto no que se refere à sua aquisição, como também no que tange à sua produção.

Esta tese de doutorado tem como recorte neste tema a educação feminina na Bahia, no início do século XX. Adotamos o gênero como categoria de análise que norteará nossos estudos e interpretações, desenvolvidos com o apoio da pesquisa histórica, sobre a educadora Maria Luiza de Sousa Alves, quando seu posicionamento conservador e pautado nas idéias religiosas voltou-se para a educação feminina.

Por utilizar “gênero” como categoria de análise, este trabalho privilegiará o prisma do pesquisador das ciências humanas que, engajado com as questões de gênero, busca alcançar os objetivos da pesquisa, mostrando como as representações de gênero vigentes na sociedade, dialeticamente, influenciam o comportamento individual e coletivo, objetivo e subjetivo, dos seres humanos, por meio das relações sociais.

Nessa perspectiva, “gênero” não se restringe a uma variável que se refere ao masculino ou ao feminino como dimensões autônomas, mas vai além, pois está imbricado com o sistema de relações. Trata-se de um olhar para a diferença, nas e entre as relações humanas. Para Scott (1991, p. 14), gênero se refere a um “[...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”.

Justifica-se esta discussão por compreendermos que estudar a educação feminina tendo o gênero como categoria de análise significa centrar análise nas diferenças de posicionamento instituídas e naturalizadas entre os gêneros, sem desconsiderar as rupturas, as contradições, as práticas inusitadas e as experiências singulares. Neste sentido, faz-se mister a investigação sobre a educadora baiana Maria Luiza, pelo fato de ser uma mulher à frente de seu tempo e, principalmente, por conseguir atuar socialmente como educadora, escritora, jornalista, tradutora e poetisa, a despeito de seus escritos estarem associados aos ideais de um feminismo conservador, que propalava os pressupostos da moralidade cristã.

A escolha deste tema se deve a nosso interesse, não somente como mulher e mãe, mas, sobretudo, por sermos educadora e pesquisadora. Além disto, a finalidade maior deste trabalho consiste na possibilidade de contribuir, de forma efetiva, por meio dos estudos e escritos da educadora, para a ampliação do conhecimento sobre a educação feminina na Bahia, no início do século XX. Com

isso, preenchemos parte de uma lacuna existente na história da educação baiana. A pesquisa justifica-se também pelo fato de buscarmos compreender a razão pela qual a prática educacional ainda tem sido uma das principais fontes de manutenção das desigualdades de gênero.

A relevância desta discussão pauta-se na compreensão de que a educação e a condição feminina no início do século XX permitem-nos entender melhor a situação das mulheres, pois, na atualidade, a complexidade das relações sociais evidencia significativas mudanças em virtude do declínio da visão androcêntrica do mundo. Neste contexto de mudanças, a mulher do início do século XXI ocupa cargos de chefia do mesmo modo que os homens, conquistou o direito ao voto e ao divórcio, ampliou seu espaço para além das fronteiras nacionais, já é considerada em muitas famílias como “chefe da família”, enfim, o papel da mulher na sociedade contemporânea transformou-se substancialmente.

A despeito desses avanços, a mulher ainda permanece culturalmente com a carga de responsabilidade referente às atividades próprias do espaço doméstico, possivelmente em função da herança da sociedade patriarcal e dos ideais conservadores tão propagados pela educação e pela doutrina religiosa cristã. Entendemos que só uma revolução simbólica poderia levar a efeito a emancipação da mulher enquanto sujeito sociohistórico, mesmo porque, quando se trata de estudos relacionados à área de educação, esta tende a ser caracterizada como um dos instrumentos capazes de auxiliar na emergência das consciências de gênero.

Ressaltamos que a questão cultural referida à responsabilidade do espaço doméstico atribuída à mulher, quando relacionada à educação tem, no posicionamento de Bourdieu (1999), íntima relação com o locus de conservação das tradições sociais, do status quo, voltando-se especialmente para a dominação masculina. Em seu livro A Economia das Trocas Simbólicas, Bourdieu (1999c, p. 701) assim se refere à relação entre a reprodução cultural e a reprodução social:

> O sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da ‘ordem social’ uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força.

Pelo fato de a educação, por meio de seus agentes e práticas, ter se tornado terreno fértil para reprodução desta ideologia androcêntrica, importa-nos investigar

as raízes históricas que configuraram este cenário, pela sedimentação dos papéis de gênero, apoiados em dogmas religiosos. Nesse caso, temos a união de dois poderosos aparelhos ideológicos: a Escola e a Igreja. A primeira é um lugar privilegiado para os processos de naturalização dos papéis de gênero, pois é no interior das instituições escolares que muitas representações e papéis sociais são “aprendidos”.

Sob outra vertente, como pesquisadora baiana, imbuída do entendimento sobre a opressão feminina e ocupada em preencher parte de uma lacuna existente na história da educação baiana, debruçamo-nos sobre a atuação da educadora Maria Luiza de Sousa Alves, no início do século XX, tendo em vista a sua representatividade na relação educação, religiosidade, gênero e educação feminina na Bahia.

Dessa forma, nossa pesquisa se justifica em razão da possibilidade de compreendermos a razão pela qual a prática educacional ainda tem sido uma das principais fontes de manutenção das desigualdades de gênero. Pretendemos dar continuidade aos estudos acerca da educação feminina e de educadoras baianas, à luz da perspectiva de gênero, realizados principalmente pela pesquisadora Profa. Dra. Elizete Silva Passos, materializados nas obras que compõem a coleção Educadoras Baianas, que destaca a atuação das educadoras: Amélia Rodrigues (2005a), Anfrísia Santiago (2005b), Angelina de Assis (2006a), Candolina Rosa de Carvalho (2006b), Guiomar Muniz Pereira (2005c), Leda Jesuíno (2004).

Esperamos, com este trabalho, que envolverá as áreas de educação e gênero, não apenas ampliar nossos conhecimentos pessoais e profissionais, mas também contribuir para a divulgação de uma área de estudo ainda pouco discutida e pesquisada pelos acadêmicos, em especial pelos alunos e alunas dos cursos de educação.

Neste sentido, ao considerar a intenção de trabalhar com uma educadora que se destacou no cenário baiano, a ponto de ser lembrada ainda hoje, na presente pesquisa, interessa saber: “Qual a contribuição de Maria Luiza de Sousa Alves para a educação na Bahia, em especial para a educação feminina no início do século XX”?

No estudo histórico sobre Maria Luiza, observamos que, apesar de seus traços conservadores, em muito caracterizou a questão do gênero, enfatizando a mulher como alicerce da família, em especial quando primava pela moral e pelos

bons costumes religiosos na educação da filha. Assim, a compreensão de sua ideologia conservadora e do feminismo conservador voltado para a inserção da educação feminina na Bahia evidencia que o gênero passa a ser caracterizado como um empreendimento realizado pela sociedade para transformar o ser, macho ou fêmea, em homem ou mulher.

A partir da constatação do sexo da criança delineiam-se as formas de criação, haja vista que, no interior das relações sociais, homens e mulheres desempenham papéis diferenciados, comumente levando as mulheres a uma posição inferior. Este excerto remete ao olhar que Saffioti (1992, p. 189) destina ao fenômeno, percebendo-o, sobretudo, sob uma ótica materialista, opondo-se a este enquanto "[...] um ato radical de criação". Situa-se então o gênero no formato de relações produzidas em contextos históricos marcados por conjunturas e estruturas, logo, por relações objetivas presentes na totalidade heterogênea. Marcado pelo binômio dominação-exploração, o gênero está presente na constituição das identidades, que estão calcadas em papéis diferenciados, levados a cabo pelas múltiplas categorias de sexo alojadas na trama social.

Assim sendo, o objetivo geral da pesquisa realizada consiste em analisar as contribuições de Maria Luiza de Sousa Alves para a educação na Bahia, em especial para a educação feminina no início do século XX.

Quanto aos objetivos específicos, estes compreendem: caracterizar o contexto sociohistórico vivido por Maria Luiza de Sousa Alves (1862-1945); caracterizar o cenário educacional baiano no início do século XX, em especial a educação feminina; mapear a trajetória intelectual e profissional da educadora baiana Maria Luiza de Sousa Alves; levantar os pressupostos filosóficos que nortearam a formação e a atuação profissional e social da educadora Maria Luiza de Sousa Alves e identificar suas idéias e orientações acerca da educação feminina.

Como enfatiza Macedo (2002), a questão histórica presente na obra de Maria Luiza está relacionada com a multirreferencialidade que opera com a multiplicidade crítica e a pluralidade do pensamento complexo, quando da inserção da mulher, que na época não era considerada importante no contexto educacional.

Ainda que saibamos que muitas foram as resistências e que o feminismo conservador da educadora Maria Luiza foi permeado pelas idéias religiosas, com pensamentos lineares, convencionais, no qual a família e a igreja se consubstanciavam em epistemologias pautadas no conservadorismo, entendemos

que os desafios socioeducacionais emergem num mundo diferencialmente constituído, mas com bases ético-políticas.

Devemos ressaltar, sobre as questões relacionadas à educação, que é pertinente o pensamento multirreferencial, tendo em vista que este trabalha a necessidade de articulações, de combinações, das conjunções, face às heterogeneidades como realidades antropológicas na qual se inserem os gêneros. Há necessidade, portanto, de leitura plural de seus objetivos, sobre diferentes pontos de vista. Isto implica em visões específicas que possibilitem a compreensão de um objeto-processo que, neste caso, é a educação feminina no início do século XIX.

Compreendemos que a multirreferencialidade não se caracteriza, neste estudo, pela prática da complementaridade, mas, sobretudo, pela afirmação das limitações dos diversos campos do saber, entre os quais se inclui o posicionamento da mulher em relação à educação. Desta forma, com a finalidade de responder ao problema de pesquisa e atender aos objetivos traçados, outras questões serviram de base para a referida discussão, a saber:

- Em que contexto histórico viveu Maria Luiza de Sousa Alves?
- Como se configurava o cenário educacional baiano no início do século XX, em especial a educação feminina?
- Qual foi a trajetória intelectual e profissional desta educadora?
- O que, de fato, a fez se destacar no contexto educacional baiano?
- Como desempenhou seu papel de educadora?
- Quais pressupostos filosóficos nortearam sua formação e atuação profissional e social?
- Quais suas concepções pedagógicas (entendimento sobre educação, escola, educador(a), educando(a), conhecimento e sociedade)?
- Quais suas idéias e orientações acerca da educação feminina?

Entendemos serem pertinentes estas questões, pela forma relacional como se deu a educação feminina no início do século XIX.

No tocante à abordagem teórico-metodológica, esta pesquisa possui caráter inédito, por investigar a efetiva contribuição da educadora Maria Luiza de Sousa Alves (1860-1945) para a educação feminina na Bahia, no início do século XX.

Desta forma, consoante os objetivos estabelecidos e norteadas pela abordagem qualitativa da pesquisa, buscamos relacionar dialeticamente as dimensões epistemológicas e procedimentais para a construção do conhecimento pretendido, tendo em vista que a partir de 1910, começaram a circular na sociedade baiana, com o incentivo e apoio da Igreja, diversas publicações, sob a coordenação de diferentes mulheres, que buscavam conscientizar e educar as mães para que suas filhas tivessem uma sólida educação moral.

É nesse contexto que se insere Maria Luiza, enquanto educadora, cuja visão que permeava seus escritos era calcada nos princípios cristãos, porquanto eles também seriam responsáveis pela educação existente na sociedade e estariam presentes na ideologia da Igreja, com vistas a um futuro harmonioso e equilibrado para a nova república.

1.2 A PESQUISA

Para compreendermos a metodologia adotada nesta tese foi pertinente explicar a atuação de Maria Luiza como educadora baiana, à luz de referenciais epistemológicos, bem como o entendimento da primazia do erro e as verdades absolutas instituídas no seu conservadorismo. A partir daí é possível entender que o caminho empírico foi permeado pelos referenciais epistemológicos femininos, quando se enfatizou a questão do gênero, para se opor à neutralidade científica.

Metodologicamente, a categoria gênero foi discutida à luz da dialética e da metodologia feminista adotada para a compreensão da temática, quando da observação da realidade social que, através da dinâmica “tese + antítese = síntese”, permitiu expressar a contundência do ensinamento materialista dialético. Assim sendo, a seguir, contextualizamos estes pontos de forma argumentativa.

A atuação de Maria Luiza de Souza Alves pode ser analisada através de suas publicações em periódicos como Mensageiro da Fé, O Petiz e A Paladina do Lar[1]. Tais periódicos constituem fontes primárias para a realização de nossa pesquisa documental, focando o período de 1910 a 1920, considerada a fase de maior

[1] Foi por meio deste último que a educadora consolidou sua carreira, escrevendo mais de cinqüenta artigos e poemas.

produção intelectual da autora/educadora. Cumpre-nos esclarecer que, apesar deste recorte histórico, não desconsideramos sua trajetória e publicações anteriores e posteriores a esta época, ainda que em menor quantidade e com diferentes enfoques, a exemplo de livros traduzidos e alguns romances.

Esta pesquisa busca referências, do ponto de vista epistemológico, nas idéias de Kuhn (2000), quando estabelece a crítica à neutralidade, racionalidade e objetividade da ciência, enfatizando que o conhecimento não cresce de modo cumulativo e contínuo, não se constrói no consenso, mas na contradição. O autor afirma ainda que as teorias estão assentadas nos paradigmas construídos no seio da cultura.

Corroborando esta concepção, Bachelard (1996) confere primazia ao erro, à retificação, ao invés da verdade absoluta, que tanto permeou a construção e o desenvolvimento da ciência moderna. Em seus registros, imprime à ciência uma visão histórica e questionadora acerca do enraizamento racionalista que fundamenta as proposições científicas, tão discriminadoras do ponto de vista de gênero, categoria de análise de nosso estudo. Nesse sentido, para Japiassu (2001, p.186):

> [...] a ciência moderna é portadora de uma dimensão tipicamente machista. Seu grande projeto consistiu em fazer do conhecimento uma apropriação (ato de apoderar-se, de submeter, de subjugar, de manipular, de exercer um poder) de um campo empírico ou ideal de dados: de fatos, pela apropriação empírica; de idéias, pela apropriação conceitual.

Ressaltamos a articulação entre os caminhos do campo empírico. Contudo, para esta discussão, o caminho seguido compreendeu as idéias de fatos pautados nas epistemologias feministas, que apontam para um campo multidisciplinar e defendem a pluralidade metodológica. Segundo Narvaz e Koller (2006), a ciência, nesta perspectiva, tem gênero, isto é, não é neutra nem alheia aos interesses políticos que permeiam a construção do conhecimento. Há, portanto, diferentes maneiras de produzi-lo, já que homens e mulheres fazem ciência de formas diferenciadas. Como vimos, Kuhn (2000) afirma que o conhecimento não cresce de modo cumulativo e contínuo e não se constrói no consenso, mas na contradição.

A partir daí temos que a ciência positivista, considerada androcêntrica pelas epistemologias feministas, associou a objetividade à masculinidade, o que conduziu a presumir que, para ser objetivo, seria preciso ocorrer um distanciamento e uma

separação entre razão e emoção (JAGGAR, 1997). Kuhn (2000), entretanto, entendia que a questão estaria relacionada aos paradigmas construídos ao longo da história, no seio da cultura.

Neste caso, as epistemologias feministas entendem que o conhecimento é sempre interessado, posicionando-se contra a objetividade e a neutralidade características da ciência positivista androcêntrica (KELLER, 1985), resgatando o papel da emoção e da experiência feminina na produção do conhecimento científico. Assim, estudar gênero, além de se configurar como uma atividade intelectual e acadêmica significa assumir um compromisso político e social em oposição às desigualdades associadas ao gênero e consolidadas ao longo da história. Jaggar (1997) opõe-se ao mito da neutralidade científica, da investigação desinteressada e imparcial, pois o pesquisador situa-se em uma dada história. Em suas palavras:

> O ideal da investigação desinteressada [...] é um sonho impossível, mas um sonho, ou talvez um mito, que exerceu enorme influência na epistemologia ocidental. Como todos os mitos, é uma forma de ideologia que preenche certas funções sociais e políticas (JAGGAR, 1997, p. 170-171).

Cabe então esclarecer que, apesar da natureza histórica de nossa pesquisa, a temática não será tratada apenas sob o ponto de vista da História da Educação; ou seja, este trabalho não será construído pelo olhar estritamente histórico, mas utilizará “gênero” como categoria de análise. Este trabalho também privilegiará a perspectiva da pesquisadora na área de ciências humanas que, engajada com as questões de gênero, busca mostrar como as representações de gênero vigentes na sociedade, dialeticamente influenciam o comportamento individual e coletivo, objetivo e subjetivo dos seres humanos, por meio das relações sociais.

A categoria gênero, segundo Scott (1991), refere-se aos domínios — tanto estruturais quanto ideológicos — que implicam em relações entre os sexos. Não adere a certa visão funcionalista, baseada, em última análise, na biologia, mas considera que as relações entre os sexos são, sobretudo, sociais. A autora define “gênero” como uma nova categoria de análise de pesquisas históricas, que serve para analisar as contradições atinentes às relações assimétricas entre homens e mulheres.

Aliada a esta perspectiva, a adoção da dialética como campo epistemológico, funda-se no entendimento, em relação às metodologias feministas, de que toda

sociedade tem uma relação profunda com o passado, seja para transmiti-lo a cada nova geração, perpetuando-o, seja por modificações subliminares em sua memória com ares de renovação, seja negando-o de forma veemente, mesmo quando a assombra continuamente. No contexto do pensamento feminista, percebemos que a história tem olhado para o passado, ora para compreender o processo de consolidação das sociedades modernas, ora para apreender lições que se apliquem ao presente e ao futuro.

Portanto, a dialética, segundo Demo (1985), baseia-se na observação da realidade social e na sua adequação à visão dialética que privilegia: a) a contradição e o conflito sobre a harmonia e o consenso; b) o fenômeno da transição, da mudança, do vir-a-ser sobre a estabilidade; c) o movimento histórico; d) a totalidade e a unidade dos contrários, que à luz dos ideais conservadores de educação preconizados por Maria Luiza, tinha necessariamente que passar pelos conceitos morais e religiosos.

A dialética compreende o processo histórico-social movido por tensões, sobretudo por contradições que se concretizam nas ações de sujeitos coletivos. Estas ações são determinadas por diversas circunstâncias, entendidas como dialética do ser atuante no seu meio, tendo em vista que permitem aos sujeitos, em coletividade, ter consciência de suas ações. O resultado dessa consciência recai sobre suas próprias circunstâncias e impulsionam a sua vida na sociedade.

É por isso que, no viés histórico deste trabalho, faz-se mister aliar a hermenêutica à dialética, pois, de acordo com Minayo (1994, p. 227), essa união:

> [...] leva a que o intérprete busque entender o texto, a fala, o depoimento como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem) ambos frutos de múltiplas determinações, mas com significado específico. Esse texto é a representação social de uma realidade que se mostra e se esconde na comunicação, onde o autor e o intérprete são parte de um mesmo contexto ético-político e onde o acordo subsiste ao mesmo tempo em que as tensões e perturbações sociais.

Sendo assim, a união da dialética com a crítica à neutralidade trazida por Kuhn (2000) justifica-se, pelo fato de analisarmos, nas fontes primárias da pesquisa documental, o discurso político e interessado de Maria Luiza de Sousa Alves, para

divulgar e legitimar os ideais católicos que situavam a mulher no espaço doméstico, especialmente no enaltecimento do papel de mãe e educadora do lar.

É neste materialismo dialético que se encontra a posição filosófica que considera a matéria como a única realidade e nega a existência da alma, de outra vida e de Deus. Esse materialismo dialético se sustenta na realidade e no pensamento de que as leis do pensamento são as leis da realidade. A realidade é contraditória, mas a contradição supera-se, a partir da formação da identidade, na síntese que é a "verdade" dos momentos superados. Quando, historicamente, considera-se como contradição de classes vinculada a certo tipo de organização social, busca-se apresentar uma filosofia revolucionária que procure demonstrar as contradições internas da sociedade de classes, para que sejam superadas as contradições. De acordo com Lefebvre (1979, p. 192), a contradição dialética deve ser pautada na razão, pois:

> A dialética não é só pensamento: é pensamento e realidade a um só tempo [...] a realidade é contraditória com o pensamento dialético. A contradição dialética não é apenas contradição externa, mas unidade das contradições na formação da identidade; [...] mostra como as contradições podem ser concretamente idênticas, como passam uma na outra, mostrando também porque a razão não deve tomar essas contradições como coisas mortas, petrificadas, mas como coisas vivas, móveis, lutando uma contra a outra em e através de sua luta.

Os momentos contraditórios são situados na história com sua parcela de verdade, mas também de erro; não se misturam, mas o conteúdo, considerado como unilateral, é recaptado e elevado a um nível superior.

A dinâmica "tese + antítese = síntese" expressa a contundência do ensinamento materialista dialético e afirma que tudo é fruto da luta de idéias e forças, que em sua oposição geram a realidade concreta; uma vez sendo síntese da disputa, torna-se novamente tese, já que carrega consigo seu oposto, a antítese, que numa nova luta de um ciclo infinito gerará o novo: a nova síntese.

Ressaltamos, em relação à metodologia feminista, que o pensamento feminista caracteriza-se como uma história de recusa das construções hierárquicas da relação entre o masculino e feminino em seus contextos específicos. Trata-se de uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações.

Esta forma de pensar esteve sempre voltada para uma análise das relações de gênero em diferentes contextos e épocas. Desse entendimento compreendemos

que a preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens da teoria social formulada desde século XVIII até o século XX (SCOTT, 1999). Falar em teoria de gênero é falar da teoria e prática feminista, pelo menos no ocidente, onde esta teoria e a prática se circunscrevem. Discutir relações de gênero é problematizar os papéis sociais de ser homem e mulher, construídos no decorrer dos tempos, buscando colocar em questão as relações de poder e hierarquias no compromisso de alcançar justiça social, principalmente no que tange à questão da educação feminina.

Assim, no que se refere aos procedimentos técnicos envolvidos na pesquisa, apoiamo-nos em Gil (2002) para caracterizar:

- pesquisa bibliográfica – elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, dissertações e teses. Em nosso trabalho, este procedimento serve para compor o quadro teórico, histórico e de gênero;
- pesquisa documental – elaborada com base no levantamento de dados primários, ou seja, materiais que não receberam tratamento analítico, a exemplo dos artigos escritos por Maria Luiza de Sousa Alves, bem como demais documentos da época que possibilitaram a compreensão da dinâmica da sociedade baiana. Nesta fase, delimitamos o trabalho ao período de maior produção intelectual da autora/educadora — 1910-1920 —, fato que não desconsiderou sua trajetória anterior, tampouco as publicações posteriores, ainda que em menor quantidade e com diferentes enfoques, a exemplo de livros traduzidos e alguns romances;
- pesquisa de campo – partimos da leitura das fontes localizadas no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), no Instituto Feminino da Bahia (IFB), no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Salvador (AHPMS), na biblioteca do Mosteiro de São Bento e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB).

A análise e interpretação dos dados se deram por meio da análise de conteúdo dos documentos de autoria da educadora Maria Luiza de Sousa Alves, obedecendo à ordem cronológica de seus escritos.

Considerando a abordagem teórico-metodológica adotada, utilizamos como aporte teórico, a fim de analisar as categorias históricas e de gênero, entendendo

que esses referenciais não esgotam o tema em estudo, as obras de J.Almeida (1926), S.Almeida (1999), Alves e Pintanguy (1982), Americana (1853), Áries (1981), Bernardes (1988), Bourdieu (1983, 1995, 1999a, 1999b), Bruschini (1989), Castro e Lavinas (1992), Dias (1992), Foucault (1979, 1986, 2002), Hilsdorf (2003), Louro (1997, 2001, 2004), Michelet (1925), Oliveira (2000), Passos (1993, 2000, 2005a, 2005b, 2005c, 2006a, 2006b) e Saffioti (1976, 1979) entre outros.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

A tese é estruturalmente constituída dos seguintes capítulos:

Capítulo 1 – apresentamos o mapeamento da relação entre educação e gênero e revisitamos os conceitos de gênero, para mostrar, numa breve abordagem, as diferenças culturalmente atribuídas aos seres humanos em decorrência de seu sexo. Discutimos o princípio ideológico da educação, em especial a educação feminina, buscando, nesta educação, o fator de mudança.

Capítulo 2 – buscamos entender a condição feminina na sociedade baiana, no final do século XIX e início do século XX, a partir da caracterização da condição feminina na sociedade ao longo da história, descrevendo esse processo na idade média, na modernidade/renascimento e na sociedade baiana no século XX.

Capítulo 3 – discutimos o contexto sociohistórico-educacional, no final do século XIX e início do século XX, visando mostrar o dinamismo ocorrido nesta época que influenciou o pensamento e a atuação da educadora Maria Luiza de Sousa Alves.

Capítulo 4 – damos a conhecer Maria Luiza de Sousa Alves, no contexto da educação baiana, apoiadas nos pressupostos do feminismo conservador, dos fundamentos filosóficos e pedagógicos da educadora. Discorreremos suas ideias e orientações acerca da educação feminina, a partir da reflexão sobre o gênero, o moralismo religioso versus suas verdades, assim como as responsabilidades sociais da maternidade resultantes da educação por ela mantida no seio familiar.

As Conclusões apresentam as principais sínteses dos assuntos expostos nos capítulos.

2 CONCEPÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E GÊNERO

> O Gênero vai sendo construído continuamente. Ele não é assumido de forma simples e imediata, mas como um processo que pressupõe labor, cautela e interpretação. Escolher um gênero é interpretar normas já estabelecidas.
>
> (PASSOS, 2000, p. 46).

Este capítulo consiste num breve mapeamento da relação entre educação e gênero. Buscamos conceituar gênero para entender as diferenças culturalmente atribuídas aos seres humanos em decorrência de seu sexo e discutir o princípio ideológico da educação, em especial a educação feminina, buscando, nesta educação, o fator de mudança.

2.1 GÊNERO: REVISANDO OS CONCEITOS

Revisando os conceitos acerca de gênero, dividimos a discussão em cinco etapas, a saber: a primeira que trata das representações socialmente construídas; a segunda, que consiste na distinção existente sobre os gêneros; a terceira, que conceitua gênero no feminismo e nas relações de poder; a quarta, que discorre sobre o movimento feminista; e a quinta que trata da luta contra a discriminação.

2.1.1 Representações Socialmente Construídas

As relações de gênero como representações socialmente construídas sobre o masculino e o feminino influem na distribuição de homens e mulheres nos espaços

públicos e privados e se expressam na hierarquização de lugares no interior desses espaços (SAFFIOTI, 1976).

Sob outra vertente, Muraro (1993) diz que, ao consideramos o homem e a mulher como construções sociais, necessariamente, estas questões levam à discussões em torno das diferenças sexuais que serviram de base para a constituição de um discurso demasiadamente diferenciado dos sexos e, dessa forma, não mais sustentar o argumento de que a diferença sexual é a diferença principal e determinadora de papéis ditos masculinos e femininos.

Compreendemos, apoiadas em Muraro (1993), que a diferença dos papéis constitui determinismo baseado na diferença sexual, como num processo dado pela natureza e, assim, o discurso que justifica a classificação do homem como ser superior é o de caráter sexual e, conseqüentemente, social.

Para Louro (1995), o caminho pautado na determinação busca reconstruir a identidade de sexo. Dessa forma, a categoria gênero surge como uma maneira de pensar não o sexo como identidade, mas o gênero, visto que os sujeitos não são imutáveis, mas plurais e transformadores. Assim, não se nasce homem ou mulher, pois não são identidades dadas, mas construídas opostamente.

A construção social da polaridade feminino X masculino acaba por se justificar na diferença física e, assim, a adesão dos que são dominados, no caso, as mulheres, ocorre porque a naturalização do processo de dominação deixa de ser algo imposto para tornar-se um processo comum, dito correto (BOURDIEU, 1999b).

É como nascer homem ou mulher, feminino ou masculino com base na diferença anatômica. O social toma o biológico e faz dele a justificativa para as mais variadas formas de dominação; a masculina passa a ser determinada pela força física, oposta ao sexo frágil, a feminilidade (FOUCAULT, 1979).

Dando voz ao sujeito, entendemos que o poder, nesse contexto, toma forma nas relações de dominação, no construído e reformulado, na troca das posições de dominação, na violência simbólica contra si mesmo. Ressaltamos que este dominar e ser dominado surge e se reforça nas relações construídas e, nesse ponto, compreendemos que as relações de poder têm importância, pois o poder não precisa estar explícito para ser exercido.

Dominar e ser dominado é, portanto, uma espécie de convencimento, de naturalização, porque o poder reprime, no entanto essa não é sua exclusividade, pois esse poder convence nas relações. Ao mesmo tempo em que cria hierarquias,

o poder fabrica, adestra, molda, constrói necessidades, opiniões, ações (FOUCAULT, 1979). Compreendemos também que a criação das hierarquias propicia que o poder seja modelado no ser e no sentir feminino e masculino, inclusive nas formas mais sutis da construção, da normatização. Entendemos, assim, que as dicotomias construídas nas relações de poder violentam consciências, entretanto evidenciam troca nessas relações.

Bourdieu (1999b) ressalta que na maioria dos países, a posição feminina tem sido, tradicionalmente, inferior à posição masculina, principalmente em países com desenvolvimento mais lento E a sociedade brasileira não é exceção.

O caminho trilhado pela mulher brasileira tem sido sinuoso. No século XIX, Engels declarava que a primeira opressão de classes teria ocorrido com a opressão do sexo feminino pelo masculino; na família, o homem representaria o burguês e a mulher, o proletariado. Esse filósofo enfatizava a necessidade de estabelecer a igualdade social entre ambos, que se manifestaria pela igualdade legal. Essas regras culturais desiguais permaneceram atualizadas na sociedade brasileira, ao longo do século XX e na atualidade (HAHNER, 1981).

O rompimento dessas normas sociais sempre provocou um profundo desgaste emocional, perda de padrão econômico e marginalização social nas mulheres que decidiram enfrentá-las.

Sob esses aspectos, compreendemos que os limites e as repressões incorporadas na representação social da mulher estão fortemente presentes no imaginário popular e na subjetividade dos indivíduos — inclusive da própria mulher — bem como na sociedade brasileira, pois estes situaram-na numa condição de inferioridade social e na posição de cidadã de segunda classe na esfera política nacional.

Daí, a importância de se compreender como era a distinção entre os gêneros, conforme se segue.

2.1.2 Distinção entre Gêneros

O conceito de gênero vem sendo utilizado há quase três décadas por feministas inglesas e americanas que queriam frisar o caráter fundamentalmente

social das distinções fundadas sobre o sexo. O uso da palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito em termos como sexo ou diferença sexual.

Segundo Scott (1990, p. 13):

> A utilização do termo gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reinvidicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens. É significativo que o uso da palavra gênero tenha emergido no final do século XX, um momento de grande efervescência epistemológica entre os pesquisadores de ciências sociais.

Uma das barreiras para a compreensão das relações de gênero reside na dificuldade de se entender o relacionamento entre gênero e “sexo”. Pelo prisma da categoria gênero, Saffioti (1992, p. 187), afirma:

> Sexo significa as diferenças anatômicas e a diferença na função biológica reprodutora entre macho e fêmea, uma vez que os fatos biológicos nus da sexualidade não falam por si próprios: eles devem ser expressos socialmente.

Nesse sentido, o uso da categoria gênero enfatiza o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é exclusivamente determinado por ele. Ou seja, o gênero não é construído sobre a categoria (aparentemente) natural do sexo, mas, ao contrário, com base na criação da categoria de gênero, o sexo tornou-se uma categoria de percepção desses dois grupos que compõem a humanidade.

Complementando, Saffioti (1992, p. 189), diz: “O gênero é uma maneira contemporânea de organizar normas culturais passadas e futuras, um modo de a pessoa situar-se através destas normas, um estilo ativo de viver o corpo no mundo”.

Entendemos que o gênero não pode ser entendido apenas como uma resultante das influências das relações sociais estabelecidas ao longo do desenvolvimento, pois o meio social impõe atributos considerados próprios de homens e mulheres, sendo necessário um investimento contínuo de um e de outro para assumir os sinais considerados inerentes à trajetória da constituição do ser homem e ser mulher.

Na verdade, a configuração da estrutura de gênero pela interação com outras relações sociais, como as de classe, raça e etnia inviabiliza o tratamento da diferença sexual como natural pelo fato das relações de gênero não possuírem uma essência fixa, variando dentro e no tempo (BUARQUE DE HOLLANDA, 1992).

Para Scott (1990), o gênero pode ser definido por uma dupla proposição: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos. Além disso, gênero é a maneira primordial de significar relações de poder. O gênero pode ser dividido em duas partes, que contêm ainda diversas sub-partes interligadas, que devem ser distinguidas na análise. Segundo Scott (1990), enquanto elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas, o gênero implica em quatro elementos:

a) símbolos culturalmente disponíveis, que evocam representações simbólicas frequentemente contraditórias;
b) conceitos normativos (expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas) que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos. Estes conceitos tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino. A partir destas posições normativas, a história acaba sendo escrita como se as normas fossem o produto de um consenso social e não o resultado de um conflito;
c) dentro dessa análise deve estar incluída uma noção de política, bem como uma referência às instituições e à organização social;
d) como último elemento, a autora coloca a identidade subjetiva.

Apesar dos símbolos, conceitos, análise e identidade não operarem simultaneamente, esses quatro elementos estão inter-relacionados, na medida em que os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social. Por meio destes quatro elementos é possível também analisar classes sociais, raça e etnicidade, ou seja, qualquer processo social (SCOTT, 1990).

Compreendemos que são os conceitos de gênero, estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, que estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social. É com base nestas referências que ocorre a distribuição do poder e o gênero envolve-se na concepção e na construção do poder

em si mesmo (BUARQUE DE HOLANDA, 1992; FAGUNDES, 2001; PASSOS, 2000; SAFIOTTI, 1992; SCOTT, 1990 entre outros).

Sobre esse aspecto, Fagundes (2001, p. 43) esclarece:

> [...] dada a natureza do conceito de gênero como uma categoria social, a identidade e o papel das mulheres e dos homens estão afinados com os estereótipos culturais, fundamentados nas diferenças genitais — feminina e masculina — que as transcendem.

O gênero implica, portanto, na construção social e histórica do ser mulher e ser homem, posto que os diferentes grupos que compõem a sociedade são criados e recriados nas relações que mantêm dentro da sociedade de classes, mas, ao mesmo tempo, na horizontalidade das relações intraclasses. Para fazer surgir o sentido, temos necessidade de tratar o sujeito individual bem como a organização social e articular a natureza de sua inter-relação, pois ambos têm uma importância crucial para compreendermos como funciona o gênero e como sobrevém a mudança, para que não haja conflitos entre a igualdade buscada e a diferença instituída (SCOTT, 1990).

Entendemos que a diferença existente entre os gêneros, principalmente em relação ao conflito “igualdade x diferença”, traz vestígios de uma cultura em que a mulher era vista como um ser marcado por sua raça, classe social, etnia, religião. De certo modo, nos dias atuais, e por diversas vezes, sentimos, em relação à mulher, que ainda existe uma dificuldade para ser totalmente aceita, principalmente no que diz respeito a seu espaço de mulher independente.

É por isso que, para Joan Scott (1990), não é a identidade entre homem e mulher que devemos reclamar; mas a identidade construída de cada lado, pois quando se questiona o sentido binário homem/mulher, desconfia-se de sua naturalidade. Precisaríamos então buscar maior e melhor conhecimento a respeito da construção histórica desta dualidade que ora vem, ora vai, mostrando-nos e deixando-nos à mercê de uma questão polêmica.

Perrot (1988) diz ser significativa a dicotomia “poder e poderes”, quando se refere aos termos homem e mulher, situando-os em diferentes sentidos; o primeiro possui o poder político, do estado, das decisões e do espaço, ao contrário do segundo, que possui os poderes domésticos, dos bastidores, das influências e o próprio poder da sedução, tornando as mulheres poderosas e muitas vezes até

perigosas. Dessa forma, excluir a mulher do contexto atual é impossível, pois ela já possui o “poder” em igualdade com os homens e tal situação é hoje irreversível.

Para a questão da influência do poder que exclui a mulher em relação ao homem, Scott (1990) sugere que se trabalhem as “relações” de gênero (homem e mulher) sem qualquer exclusão ou qualquer privilégio, pois ambos nasceram livres e são livres e capazes de agir e reagir.

Segundo Foucault (1979), a resistência à liberdade encontra-se ligada ao poder, uma vez que é executada em diferentes pontos e de diversas maneiras, a exemplo das lutas das concepções feministas. Estas, por sua vez, lutam em diferentes frentes e com diferentes estratégias. Argumentar, em decorrência desses protestos, vai levar a novas investigações e pôr em evidência as relações de poder que, segundo Foucault (1979), ainda eclodem por conta da tal resistência.

Scott (1990) argumenta que, em decorrência de tais divergências, ainda é perceptível a permanência de uma luta constante entre os gêneros, cujos efeitos são desastrosos. Assim sendo, embora haja atualmente importantes caminhos para se “acentuar o poder”, é preciso colocar em prática outro poder maior, ou seja, o poder do conhecimento, considerando-o o melhor e mais importante compromisso responsável por uma hierarquia dentro do “meio social”. Mesmo porque o poder tem agido enquanto forma de repressão, adestrando corpo e alma, moldando os indivíduos, suprimindo expressões, construindo posturas, comportamentos, saberes e até mesmo constituindo “verdades” que por diversas vezes têm disciplinado homens e mulheres.

Para a referida autora, os gêneros sofrem efeitos diferencialmente simbólicos, levando-os a tornarem-se partes implícitas na concepção e na construção do próprio poder. As implicações políticas e pedagógicas advindas ao longo da história da educação, na qual se pautaram os estudiosos sobre o “gênero”, permitem-nos supor a existência de um engajamento teórico relacionado à perspectiva nacional e internacional das relações sociais.

Entendemos que esta perspectiva constitui-se em um conjunto homogêneo ou se encontra sujeito às teorizações que buscam resoluções para as problemáticas, tendo em vista serem estas pautadas na questão educacional, mesmo porque as mulheres, que até então estavam excluídas da história, vêm se tornando o objeto central desses estudos.

O exposto permite-nos considerar que as questões das percepções dos gêneros são distintas.

Salientamos, ainda que ao longo do período analisado — final do século XIX e início do século XX — o processo de exclusão das mulheres, principalmente, foi construído paulatinamente e transformou a provável interdependência entre as identidades masculina e feminina. Isto fica evidente quando se observam as diferenças existentes entre comportamentos, valores, espaços e funções atribuídos socialmente a homens e mulheres.

Ressaltamos a importância das construções sociais, quando possibilitam aos estudiosos “repensarem o poder”, bem como perceber que sua qualidade pode estar fragmentada. Assim, compreender o conceito de gênero no feminismo é importante para entender as relações de poder, conforme se segue a discussão.

2.1.3 Conceito de Gênero no Feminismo e nas Relações de Poder

Bruhns (1994) não vê no feminino um corpo totalmente submisso, porque determina normas e valores que sobressaem ao longo da história e em diversos contextos. Para a autora, o belo nem sempre é o fraco, nem sempre será belo, portanto, a mulher revoluciona com as armas que possui e interfere, mesmo sem querer, nas transformações sociais.

O feminino tem, sim, o “poder” de querer e fazer ou de fazer-se sem querer, mas é dócil quando o quer, é manipulador quando necessário e é corajoso quando se impõe. Sob outro ponto de vista, Brunhs (1994) destaca que a submissão da mulher em tempos passados sempre esteve relacionada a fatores essencialmente econômicos.

Para esta autora, a família dita patriarcal e autoritária determinava e sempre ditava as condições da mulher, resumindo-se num só contexto: corpo, produção e reprodução. Com o passar dos tempos, a divisão do trabalho por sexo atribuiu à mulher qualidades, habilidades e autonomia para dirigir, ser independente e tomar iniciativas próprias que lhe determinariam seu novo comportamento.

Entendemos, dessa forma, que os romances outrora produzidos por grandes escritores denotam o comportamento omisso, submisso e informal da mulher que

começou a transgredir, numa mudança radical de ideal, de pensamento e comportamento.

Dias (1992), defende o complexo jogo mútuo entre homem e mulher, acentuando a dominação do homem. Afirma, porém, que ambos são importantes e que esse jogo contribui para o engrandecimento da relação e dos papéis de cada um. Reafirma, portanto, a atenção às posições, que por si só nada dizem, mas são interdependentes e complementares e transcendem na diferença de gênero.

Os medos e os mitos estão presentes na descrição do comportamento da mulher, mesmo que simbolicamente, e são fatores que reafirmam a posição social do ser feminino. São concepções que fazem parte de uma trajetória cheia de prós e contras, cujos atributos revelaram-se e recaíram sempre no tratamento a elas dedicado e imposto (HELBORN, 1992).

Se os lugares são diferentes, argumenta essa autora, as pessoas também o são, por intermédio de muitos fatores construídos socialmente. No ambiente social, a mulher é sempre vista de dois modos: “prestativa e imprestável”, “recatada e desejável”. De um jeito ou de outro, porém, sempre se rende a sua sexualidade.

Entendemos que em épocas passadas a mulher foi sempre passiva de opinião, não de escolha; atualmente, entretanto, a sua frente, sempre se abre um leque de possibilidades que podem colocá-la no topo de um curso inesperado de opções. Houve uma crescente demanda na corrida ao topo do inesperado, em que a mulher eventualmente ancorou suas esperanças e determinações.

Ao compreendermos o papel de mãe assumido pela mulher, estendemos ao seu papel feminino, como derivado de “função biológica”. A mulher atual, entretanto, já sabe redefinir seu papel e obriga-se a competir no mercado de trabalho com o sexo oposto, não admitindo ser o tal sexo frágil, mesmo sendo mãe e/ou possuindo dupla jornada de trabalho. É inadmissível, porém não é impossível, que nos dias atuais a mulher “preparada” aceite constrangimentos sociais. Ao longo do tempo, vem mudando, marcando e reconduzindo sua ideologia, cultura, desempenho, expectativas para que, futuramente, não seja caracterizada como “desigualdade social”.

No que se refere ao poder, Pinto (1992) afirma que o homem “precisa” de mais espaço que a mulher, tornando-se relevante o saber estabelecedor de quantidade de espaço para cada sexo; assim, os espaços diferentes devem estar apropriados e o feminino sempre fica recluso com relação ao masculino. De certa

forma, o “poder” do masculino sempre sobressai, deixando o “poder” feminino sempre recatado para o momento mais adequado.

Lefebvre (1991) discute sobre a ideologia da feminilidade, ou seja, da felicidade pela feminilidade, em que a mulher parece ser parte do consumismo, da ideologia da felicidade e da sedução. Vai em busca de novas ideologias que possam associar-se a estas, sendo elas: fictícia, real, social e mental. A autora considera o quanto é importante a presença da mulher no cotidiano e sugere confiar à mulher a feminilidade, mas sem abandonar sua capacidade e desconsiderar que é alguém capacitada numa escala social. Dessa maneira, falar sobre o corpo feminino implica em conhecer o significado das manifestações, dos desejos e aspirações da mulher, para conhecer sua parcela de contribuição nas diferentes instâncias sociais.

As deduções sobre a vida fictícia, real, social e mental foram diferentemente discutidas e analisadas com o intuito de permitir a apropriação do “espaço feminino” que, por diversas vezes, tem sido fragmentado, exposto, violado e explorado, chegando a sofrer aversão por uma pequena parcela da sociedade que reproduz as diferenças e desigualdades sociais, sem importar-se com relações sociais existentes (LEFEBVRE, 1991).

Segundo alguns filósofos da educação, dentre eles Foucault (1979), o corpo é um lugar prático de controle social e pode ser habituado e colocado a serviço das normas. O corpo, de acordo com o tempo e o espaço cotidiano de nossas vidas, é treinado, moldado e transformado pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade.

Para Bordo (1988), a mulher enquanto corpo dócil está sempre ligada à sujeição, transformação e aperfeiçoamento que se relacionam em sua aparência visual. Sem as práticas da feminilidade, pode chegar a absoluta desmoralização, à debilitação e até à morte. Essas práticas levam-na a comportar-se disciplinarmente de acordo com sua idade, raça, classe e orientação sexual, preocupando-se “sempre” com a aparência. Atualmente, a mulher deixou de ser carente e insuficiente e se automodificou, promovendo relações que facilitam novas e diferentes mudanças para deixar de ser a vilã e/ou a vítima.

Complementando, Bordo (1988) afirma que no reino da feminilidade, em que tanta coisa depende da aparente voluntária aceitação de várias normas e práticas, necessitamos de uma análise de poder “a partir de baixo”. Segundo Foucault (1979), os desejos reprimidos geram e direcionam novas energias, porque constroem as

normalidades e os desvios de comportamento. A percepção que temos dos dois posicionamentos — Foulcault (1979) e Bordo (1988) — é de que houve uma automodificação das práticas relacionadas à feminilidade, como salienta Bordo (1988). Por outro lado, muitos desejos que eram reprimidos foram direcionados para novos contextos de construção de padrões de comportamentos diferenciados.

Compreendemos que cada passagem na vida da mulher tem um significado simbólico e político dentro do conceito gênero, já que a cultura ideológica sempre tentou normalizar e suprimir as diferenças de raça, classe e outras, em busca de ideal coerente e bem mais significativo.

Devemos concordar que, com o passar do tempo, o termo histeria e outros que contribuem para as frustrações e repressões da mulher tornaram-se permutáveis com o termo feminilidade na literatura do período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX. Contudo, Bordo (1988) adverte para o fato de que, com o advento do cinema e da televisão, as normas da feminilidade passaram cada vez mais a ser transmitidas e valorizadas culturalmente, por meio dos desfiles de imagens visuais padronizadas.

É na perspectiva de compreender a relação do gênero na mulher do século XX que Bordo (1988) observa sua maior independência e harmonia com os ideais feministas que a tornaram mais expressiva e mais emancipada. Passou a ser caracterizada como “ideal contemporâneo”, por ter demonstrado sua extravagante beleza, magreza e extroversão. Isto a tem levado a apresentar-se constantemente como um ser dinâmico e cheio de propósitos.

A autora acredita que isso decorre prioritariamente do fato de a feminilidade produzir múltiplas leituras e ter levado à imposição de ideais e condutas que se contradizem, levantando considerações que exigem melhor compreensão de como “alimentar” o excessivo e voraz desejo “descontrolado” e arrebatador dos prazeres do corpo. A mulher é, portanto, vista como símbolo e prêmio maior de recompensa ao gênero oposto.

A mulher, para Bordo (1988), possui seu próprio apetite feminino, mas não é contido, já que seu espaço público é eliminado. Porém continua sempre em ascensão na área profissional em que atua e incorpora novas linguagens e valores masculinos que a fazem ter autocontrole, determinação, calma, disciplina emocional, domínio, entre outros atributos. Vale mencionar que, para a autora, a sociedade enfrenta um duplo ou insolúvel dilema em que “masculinidade e feminilidade”

contrapõem-se a novas éticas e culturas, cujos valores configuram-se num modelo atual do ser.

A sociedade propicia ao gênero feminino a luta incansável para conseguir reduzir e vencer certos tipos de constrangimento, com a finalidade de alcançar grandes êxitos com a tão almejada “emancipação”. A mulher tende ainda a um objetivo maior que é o de se tornar completamente livre de qualquer opressão e/ou submissão possível. No contexto em que se insere o gênero, percebe-se uma busca incansável e uma valorização recíproca diante de todos e da sociedade em geral (BORDO, 1988).

2.1.4 Movimento Feminista

O tema mulher ainda é bastante polêmico e, por isso, encontra barreiras entre grande número de historiadores. A história das mulheres apareceu como um campo definível somente nas duas últimas décadas do século XX. Até 1980, era uma preocupação apenas das sociólogas e tinha como marca a forte influência do marxismo.

De acordo com Castro e Lavinas (1992, p. 216):

> As mudanças no conhecimento sobre a mulher ocorreram paralelamente a outras mudanças no âmbito do conhecimento de outros objetos. A falta de diálogo entre estas diversas instâncias do conhecimento tornaram-no parcializado e segmentado, criando ‘guetos’ que tinham como principal característica o pouco aprofundamento teórico.

Como dizem Costa e Bruschini (1992, p. 10):

> A tentação de se reconstruir um passado heróico para as mulheres foi frequentemente irresistível. A tentativa de resgate da presença feminina correu por diversas vezes o risco de torná-la autônoma. Os estudos iniciais sobre mulheres incorreram no risco da simplificação de transformar a mulher em vítima ou heroína.

O movimento feminista foi organizado para lutar contra uma condição dada historicamente pela desigualdade nas relações de gênero que, de acordo com Pinto

(1992, p. 132), “[...] se expressam ao nível público e ao nível privado, ao nível da razão e do afeto, do trabalho e do prazer, da obrigação e do desejo”.

O feminismo, a despeito de seus equívocos, teve um papel fundamental na reflexão teórica sobre o estudo das mulheres, ao enfatizar sua experiência histórica e social, enquanto seres concretos. Para Scott (1992, p. 75): “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história.”

Trata-se de um tema relacionado a grupos que nada têm de hegemônicos no contexto histórico, pois, de acordo com Castro e Lavinas (1992, p. 235):

> [...] por existir um contra-senso entre a concretude de suas vidas e a ideologia dominante tornava-se necessário refazer perspectivas, parâmetros, conceitos surgindo então propostas metodológicas que procuraram captar as novas práticas (lutas) e representações (valores, atitudes novas em relação ao trabalho, à família, a si mesmas, à vida em geral) das mulheres no social.

A mulher tornou-se objeto de estudo visível nos trabalhos de antropólogos e historiadores na construção de novos cortes teórico-metodológicos, como menciona Pinto (1992, p. 128): “[...] o privilegiamento do estudo do cotidiano, espaço por excelência da visibilidade feminina.”

Entendemos, então, que a visibilidade das mulheres foi uma conquista inegável de pesquisadores e militantes, condição necessária para uma postura de questionamento dos procedimentos habituais das ciências humanas.

Daí a afirmativa de Costa e Bruschini (1989, p. 9), quando dizem: “A partir dos anos noventa o campo dos estudos sobre a mulher entrou numa fase de maturidade, a medida que conquistou novos espaços e ao mesmo tempo buscou refinar seu instrumental teórico.” Para essas autoras, uma das condições primordiais para o aprofundamento desse campo de estudos ancorou-se na quebra de barreiras disciplinares.

Percebemos que a interrelação entre a história, a antropologia, a sociologia, a psicologia e a lingüística tornaram possível a articulação de um discurso próprio sobre o feminino. Complementando, as autoras afirmam:

> A trajetória percorrida e a razoável base de conhecimento já sedimentada permitiram levantar novas indagações e superar os impasses criados pela estratégia inicialmente adotada de se focalizar excessivamente as mulheres (COSTA; BRUSCHINI, 1989, p. 9).

Diante do exposto, percebemos que a inserção nesta nova fase exigiu a criação de uma categoria de análise que tornasse possível o estudo das mulheres sem tratá-las como uma categoria autônoma, independente e isolada do social. Partindo do pressuposto de que a mulher, assim como o homem, é uma construção cultural, o feminismo propôs um estudo relacional, que buscou trabalhar com o masculino e o feminino, tendo no gênero a construção de significados culturais.

Entender o significado de gênero e a relação de poder à luz do movimento feminista foi fundamental para lutar contra a discriminação.

2.1.5 A Luta contra a Discriminação

A despeito das desvantagens indiscutíveis da posição ocupada pela mulher dentro da estrutura social, gerada pela subserviência e desigualdade, e pelo autoritarismo e atitudes antidemocráticas adotadas pelo homem em relação a seus membros constituintes, essas condutas foram referendadas pela sociedade brasileira (HAHNER, 1981).

Salientamos que muitas foram as lutas pela emancipação feminina neste país, onde não era permitido às mulheres o acesso aos cursos superiores ou a qualquer atividade política ou intelectual até fins do século XIX (HAHNER, 1981).

Ainda nos fins do século XIX, lutando contra todo tipo de discriminação, a mulher brasileira, segundo essa autora, conseguiu vencer dois grandes desafios: o acesso à educação em todos os níveis e o direito ao voto nas mesmas condições que os homens. Entretanto, na sociedade brasileira, a situação feminina repousa ainda sob o estigma de minoria.

Para Scott (1990), o pressuposto dessa luta consiste em demonstrar que o gênero é uma categoria útil de análise histórica e que essa categoria, articulada às categorias de classe e raça, deve ser integrada às pesquisas.

Diante do exposto, acreditamos que se o estudo social do gênero é importante para o estudo da história e da educação, deve ser então amplamente

divulgado, afim de que se obtenham resultados e se articulem questões que possam servir necessariamente a tais concepções. As mudanças ocorridas ao longo do tempo precisam, portanto, ser registradas com o objetivo de provocar novas discussões, enquanto perspectiva de estudos envolvendo o termo “gênero”.

Por ouro lado, hierarquicamente, temos, sob vários pontos de vista, o pensamento e a prática de que homem/mulher, masculino/feminino, a relação gênero X sexo, devem ser entendidos como natural e imutável, tornando-se assim uma idéia universal e eterna. Neste caso, a identidade de gênero, as concepções, hierarquias, divergências têm-se tornado polêmicas demais e originado novas reações teóricas que denotam o verdadeiro sentido da palavra gênero (SCOTT, 1990).

Na seção a seguir, discutimos a educação a partir da base ideológica.

2.2 EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO IDEOLÓGICO

A educação como um fazer ideológico é compreendida com base no entendimento de que se caracteriza como um ato de aprendizagem formal e informal que acontece de maneira didática e espontânea, levando o indivíduo a uma percepção de memória e dos sentidos. É amplamente utilizada pelo Estado para manter o poder, e embora não seja objeto deste estudo, é, consoante Freire (1983), uma premissa de qualquer tipo de governo, em qualquer parte do mundo.

Freitas (1986) entende que, ideologicamente, a educação deve ser permeada por um conjunto de idéias e de representações impostas por determinados grupos não como uma verdade acabada e universal, mas, sobretudo, como um princípio contínuo de se fazer educação.

Para compreendermos o que é educação ideológica temos, primeiramente, de conhecer os significados das palavras educação e ideologia. Em Houaiss e Villar (2001, p. 1100-1101), educação é assim definida:

> [...] ato ou processo de educar(-se); qualquer estágio desse processo; aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser

> humano; pedagogia, didática, ensino; o conjunto desses métodos; pedagogia, instrução, ensino; conhecimento e desenvolvimento resultantes desse processo; preparo; desenvolvimento metódico de uma faculdade, de um sentido, de um órgão Ex.: <e. da memória> <e. do paladar> <e. do intestino>; conhecimento e observação dos costumes da vida social; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia.

Podemos então afirmar que a educação é um ato de aprendizagem formal e informal, que acontece de maneira didática e espontânea, levando o indivíduo a uma percepção de memória e dos sentidos.

De acordo com Freire (1983), a educação é o fator mais importante para se alcançar a felicidade. Já para Freitas (1986) educação é uma filosofia de vida, uma concepção de sociedade concreta, que se dá em instituições específicas como família, comunidade, mídia e escola, que são porta-vozes de uma nova pedagogia pós-moderna.

Se a educação é entendida como uma filosofia de vida para se alcançar a felicidade em todas as instituições, pressupõe o desenvolvimento do lado físico, intelectual e afetivo, por meio de uma pedagogia criadora de cultura e conhecimento didático. Nesta perspectiva, de acordo com Freitas (1986), a educação é a própria conduta de vida moral e ética, tendo como concepção a formação plena do homem e da mulher.

Já o termo ideologia, consoante esta autora, vem do francês ideologie. Inicialmente estava relacionado ao estudo das idéias e mais tarde tornou-se o conjunto de idéias trazidas com a realidade. Atualmente é doutrina que inspira ou parece inspirar um governo ou um partido. Filosoficamente, ideologia é a ciência que estuda a origem das idéias humanas e as percepções sensoriais do mundo externo. Esse conceito nasceu com o filosofo francês Destutt de Tracy no século XVIII. Ideologia é também definida como um conjunto de idéias e de representações que certos grupos impõem como uma verdade acabada e universal. Uma dicotomia entre a forma de pensar e a própria atualidade, trazendo uma concepção negativa da própria ideologia.

Ainda em Freitas (1986), encontramos que ideologia, para os marxistas, compreende os conjuntos de idéias presentes nos âmbitos teórico, cultural e institucional das sociedades ou crenças, tradições, princípios e mitos compartilhados por um grupo social que defende seus próprios interesses: religiosos, políticos ou econômicos.

A ideologia preconizada por educadores como Freire (1983) não recai somente sobre o aprender em si, mas, sobretudo, sobre a forma pela qual o conhecimento é transmitido (a didática) e sobre o contexto em que se inserem os atores sociais. Para este autor, a didática é importante, mas não totalmente relevante, tendo em vista que o simples uso do livro didático é uma forma de não propiciar aos sujeitos um pensar ideológico, pois a grande maioria desses livros não condiz com a realidade do(a) aluno(a) e, principalmente, com a realidade da região em que ele está sendo desenvolvido, propiciando, talvez, uma subordinação intelectual.

Sobre o aprender na relação ideológica e a aplicação de uma didática admitimos, com base nas idéias do marxista italiano Antonio Gramsci (1944), que a dominação ideológica é igual à subordinação intelectual; ou seja, quem tem o domínio da ideologia, tem o domínio sobre a educação e todas as instituições a ela ligadas direta ou indiretamente.

Entendemos que na busca por uma educação livre da ideologia das classes dominantes, deparamo-nos com a tentativa de divulgação da ideologia das classes oprimidas. Essa luta histórica e antagônica no âmbito filosófico e político é, ao mesmo tempo, alienadora, pois busca o domínio do Estado por meio de uma educação ideológica.

Não queremos condenar essa ou aquela ideologia, nem defender uma educação livre de qualquer ideologia; queremos buscar uma escola transformadora, na qual haja uma pedagogia neutra, livre do domínio do Estado ou de qualquer outra instância de poder. Não desconhecemos a dificuldade que isto representa, mas não temos dúvida de que essa escola deverá ter em sua filosofia a busca por uma ideologia elaborada pelos alunos e alunas, professores e professoras.

Para Gramsci (1944), a educação é o passaporte para um mundo novo, para um homem e uma mulher novos, autônomos e acima de tudo com aspectos humanistas e dialéticos. É neste cenário que podemos observar o percurso realizado pelas mulheres na conquista de seus direitos mais elementares, como o de ser alfabetizada, poder frequentar escolas, ou simplesmente ser considerada dotada de inteligência. É possível vislumbrar em parte esse trajeto, examinando as trilhas deixadas por algumas escritoras em seus textos.

Observamos, dessa forma, que muitas mulheres que caracterizam a história das conquistas tiveram importante participação nacional e, conscientes de que

faziam parte de uma reduzida elite de mulheres letradas, tentaram, por meio da valorização da educação, reconhecer também a mulher de seu tempo.

A educação da menina, no final do século XIX, por exemplo, preocupava-se com a formação de seu caráter e a correção dos maus instintos. Os ideais de obediência e submissão deviam ser transmitidos por meio de ensinamentos morais, e todas concordavam que era preciso educá-las, porque elas ensinariam o homem de amanhã. Quanto mais bem formadas fossem as mulheres, do ponto de vista moral e religioso, mais elas garantiriam o bom caráter dos filhos (RIBEIRO, 1997).

O androcentrismo da família patriarcal, segundo esse autor, encarregava-se de excluí-las dos menores privilégios e reservava aos varões os benefícios que a cultura pudesse trazer. Nos internatos, as meninas aprendiam a delicada arte de ser mulher: um pouco de música, de dança, de bordados, de orações e de francês. Aprendiam a ser tímidas, ou a mostrar-se tímidas diante dos estranhos. O estereótipo feminino impunha um rígido padrão de comportamento e apresentação que era preciso observar. Com a vinda da Corte, a situação se modificou: educadoras portuguesas, inglesas e francesas chegaram para cuidar das meninas das famílias abastadas.

As idéias filosóficas, políticas e educacionais francesas do século XVIII foram tomadas como modelos de orientação por pessoas responsáveis pelo país, propiciando um destaque diferenciado desse processo ideológico no século XIX, que se destacou dos anteriores principalmente pelas significativas transformações de ordem política, social e econômica vivenciadas. O resultado desse processo ideológico se deu pela propagação de ideais liberais, segundo as quais a educação possibilitaria ao sujeito tornar-se ativo na construção da vida social. A formação e a instrução que propiciam a aquisição de idéias constituíam a única base da educação e deviam ser estendidas a toda a sociedade, nas escolas, tendo em vista que o acesso a este espaço de formação vencia resistências e consolidava-se como uma realidade (RIBEIRO, 1997).

Consoante este autor, no cenário do século XIX não se admitia que mais da metade da população permanecesse numa situação tão absurda de inferioridade, diante da outra que detinha todos os privilégios e poderes. A ideologia preconizada entendia que a sociedade não evoluía se não cuidasse também da educação feminina e não habilitasse a mulher para participar, junto com o homem, dos progressos da técnica e das ciências. Aliás, a estreita relação entre o cuidado com a

educação feminina e o progresso de uma nação é uma tese que dominava boa parte dos escritos, na Europa e no Brasil, quando da discussão em torno da inserção da mulher no cenário educativo.

Como exemplo dos escritos femininos publicados no século XIX, temos o Opúsculo Humanitário, de Nísia Floresta[2], que apesar de não ser base desta pesquisa merece um adendo, por considerarmos oportuna e importante sua passagem no meio educacional. Na mesma época em que esse livro era publicado, em 1853, outras vozes também se manifestavam na mesma direção. Na cidade do Rio de Janeiro, era lançado o Jornal das Senhoras, em 1852, que surpreendia os leitores ao anunciar que pretendia "[...] o melhoramento social e a emancipação moral da mulher (AMERICANA, 1853, p. XX)". Esta escritora tratava da questão educacional e buscava demonstrar às leitoras as vantagens que a educação das mulheres podia trazer para a sociedade.

Em 1862, Educação das Meninas, de Fénelon, considerado um clássico no tema, traduzido por Ana Euquéria Lopes Cadaval, uma gaúcha, autora de romances e de outras traduções, afirmava que as mulheres tinham um espírito mais fraco e curioso que os homens, que não deviam nunca governar o Estado nem fazer a guerra ou entrar para o ministério das coisas sagradas. Dizia ainda que seria preciso educá-las sim, pois sua má educação era mais perniciosa que a dos homens. O Sexo Feminino, publicado em 1873, de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, entre outros periódicos, também participou do debate, defendendo o direito da mulher a receber instrução. Apresentava-se como importante veículo instrumentalizador na busca pela ampliação do campo de domínio feminino e, por conseguinte, estimulava a diminuição da grande desigualdade de condições civil e política entre os dois sexos no Brasil, por meio da consolidação de uma prática que almejava tornar constante na sociedade: o posicionamento da mulher frente às questões de interesse social (MOACYR, 1939).

É nesse cenário que, se considerarmos os números oficiais do Quadro Demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte, de 1852, e do Relatório feito à Assembléia Geral por Gonçalves Dias, expostos por Moacyr (1939), temos uma nítida radiografia do

[2] Educadora, escritora e poetisa. Nascida em 12 de outubro de 1810, em Papari, Rio Grande do Norte, foi a primeira brasileira a se manifestar publicamente contra a opressão vivenciada pelas mulheres. Teve grande empenho na luta em defesa da educação igualitária entre os sexos e, por isso, acabou se tornando a precursora dos movimentos feministas (MOACYR, 1939).

ensino geral, que registrava, para um total de 55.000 alunos das escolas públicas, apenas 8.443 alunas.

Em Minas Gerais, onde a instrução estava mais difundida, de 209 escolas, 24 destinavam-se às meninas. No que tange ao cenário baiano, este contava com 184 escolas primárias, sendo 26 femininas; Pernambuco, com 82 escolas, sendo 18 para meninas; o Rio de Janeiro possuía 116 escolas, e 36 destinavam-se ao sexo feminino e, na Corte, a sede do governo imperial, havia, nesta época, exatamente 9 escolas para meninas. No caso das demais províncias, é bom lembrar que a maioria não havia tomado qualquer iniciativa para promover a educação das mulheres.

Moacyr (1939) relata ainda que ao proliferarem os colégios particulares no país, eles eram em sua maioria dirigidos por estrangeiros. Nesse momento, a exigência da Igreja de que só professoras poderiam ensinar às meninas (como forma de preservar princípios morais contrários à co-educação e à presença de homens estranhos) terminou por criar uma oportunidade de trabalho para a mulher e, ao mesmo tempo, uma forma nova de exploração. Como as professoras não eram habilitadas, ensinavam o pouco que sabiam e desconheciam qualquer metodologia, sua remuneração, desde o início, foi estabelecida como inferior à dos colegas de sexo masculino, a despeito de exercerem a mesma função.

Salientamos que as primeiras Escolas Normais (do Rio de Janeiro, em 1835; de Minas Gerais, em 1840; da Bahia, em 1841, e de São Paulo, em 1846) atendiam apenas aos homens e somente a partir da década de 1870 passam a aceitar moças.

Compreendemos, então, porque a bandeira da educação foi tão fortemente abraçada pelas mulheres que superaram os preconceitos e se destacaram de algum modo na sociedade de seu tempo. Solidariamente, elas queriam estender às companheiras os benefícios da instrução e resgatá-las de uma vida acanhada e sem perspectivas. Para Moacyr (1939), a necessidade de dar dignidade à vida das mulheres se impôs de tal forma, a partir de meados do século XIX, que inúmeros homens — filósofos, jornalistas, políticos e médicos — se envolveram também no projeto e juntaram suas vozes às das primeiras mulheres.

Esse autor alerta que é preciso observar que muitos agiram, e agem ainda, como legítimos ideólogos do patriarcalismo: apossam-se das palavras de ordem levantadas pelas escritoras e jornalistas e determinam, segundo seus interesses, os novos comportamentos femininos, seus direitos e deveres. No redimensionamento do papel social da mulher estará principalmente a supervalorização das figuras de

esposa e de mãe. À primeira vista a mulher aumentava seu poder junto à família enquanto a autoridade paterna parecia diminuir. Mas, no fundo, cabia ao pai — único mantenedor — a última palavra. Enquanto ela era a rainha do lar, ele continuava sendo o cabeça, o chefe, o juiz.

E foram muitos os formuladores dessas concepções falocêntricas, cujos discursos eram exaustivamente divulgados. Entre eles, Rousseau (1973) se destaca. Seus escritos de 1759 e de 1762 — Émile e La Nouvelle Hèloise — foram considerados definidores do papel natural da mulher (ser boa mãe, servir e agradar ao homem) e contribuíram decisivamente na formulação e justificação dos novos preceitos. Para Rousseau (1973), é das mulheres que depende a primeira educação dos homens, seus costumes, paixões, prazeres e até a felicidade. Sua conclusão é previsível: a educação delas deveria apenas reforçar o papel historicamente estabelecido pelo patriarcalismo.

Michelet (1925)[3], autor de La Femme, obteve grande aceitação tanto entre os homens como entre as mulheres. Almeida (1926), por exemplo, considerava-o “o doce”, o “santo” Michelet; e Carvalho (1888) chamou-o de “coração mais apaixonado de justiça” e recomendou enfaticamente a todos a leitura atenta de seus livros.

Em La Femme, Michelet (1925) elabora o discurso ideológico dominante e dirige-se, ora aos maridos e noivos, aconselhando-os a melhor forma de tratar suas noivas e esposas, ora às mulheres, orientando-as como agir e o que esperar de seus homens. Michelet (1925) apropriou-se da fala feminina e pôs na boca da mulher as palavras que gostaria de ouvir; em última instância, a aceitação da própria inferioridade diante do homem. O resultado é a projeção da imagem de esposa dócil, frágil e dependente que se converterá quase no tipo ideal de mulher que todos passariam a desejar.

Dessa forma, ficava configurado que as expectativas femininas de acesso ao saber foram, portanto, desvirtuadas como resultado do projeto que considerava a mulher a responsável pela família e capaz de operar a “regeneração social”, como propunha Michelet (1925).

É forçoso apontar a ambigüidade de nossas intelectuais. Queriam a emancipação, mas reforçavam a dependência e sua subordinação ao lar, segundo o

[3] Francês, nascido em Paris, considerado um dos maiores historiadores de todos os tempos, conhecido como o primeiro a afirmar que não eram as grandes personalidades e sim as massas os principais agentes das mudanças sociais, originando os ideais da revolução francesa (MOACYR, 1939).

cânone patriarcal. Se por um lado a conquista da instrução surgiu como uma das mais importantes reivindicações femininas, a educação representou, para a maioria, a ênfase em sua função moralizadora. Tanto é verdade que as escritoras Júlia Lopes de Almeida (1926), Maria Amália Vaz de Carvalho (1888), Nísia Floresta (1989) e Jules Michelet (1925) aceitaram o novo prestígio implícito nos títulos de mãe e esposa. Muitas se engajaram na normalização do novo papel, contribuindo, por meio de seus escritos, para sua consolidação e para fechar outro círculo em torno das mulheres (MOACYR, 1939).

Consoante esse autor, nesse cenário, à nova mãe de família cabia zelar pelo bem-estar de todos, pela paz doméstica, pela educação e sobrevivência dos filhos e pela vigilância da moralidade. Por isso, Almeida (1926), no Livro às Noivas — espécie de contrapartida feminina aos conselhos de Michelet —, conclamava as leitoras a preencher as funções que lhes cabiam. Afinal, para essa autora: “A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral.” (ALMEIDA, 1926, p. 38).

Sobre essa questão, anteriormente, Carvalho (1888, p. 10), afirmava:

> A mulher precisa ser moralmente mais forte do que o homem para conseguir levar a cabo a tarefa relevantemente superior que a natureza e a sociedade lhe impõe. Educar a mulher é levá-la a compenetrar-se do seu papel providencial na família e achá-lo grande, útil, elevado, digno de saciar as mais levantadas ambições [...]

Compreendemos que, ao se deixarem contaminar por idéias moralistas de fundo religioso e pelo discurso patriarcal dominante, Carvalho (1888) e Almeida (1926) não mais contribuíram para a ampliação do universo feminino, mas para a delimitação do papel da mulher, aproximando-se perigosamente dos teóricos que tentavam combater. Ao invés de proporcionar à mulher condições de superar as desvantagens culturalmente impostas, elas contribuíram para consagrar as mesmas desvantagens.

Nesta visão, entendia-se, contudo, que as mulheres deviam estudar não mais por satisfação própria ou para se tornarem independentes, mas para melhor exercerem seus papéis sociais. O ideal de educação para a menina passou a ser aquela feita no lar, sob a orientação materna; a escola devia atender às que não

podiam, por qualquer motivo, ser educadas em casa. As virtudes — como modéstia, simplicidade e caridade — deviam ser incutidas desde cedo, principalmente por meio do exemplo doméstico. Os bailes, teatros e diversões em geral deviam ser vistos com reservas, pois podiam ser perniciosos à formação da jovem. À menina não convinha ter contato com escravos ou qualquer estranho e devia-se sempre preferir os passeios ao ar livre e brincadeiras infantis, supervisionados pela mãe (MOACYR, 1939).

O autor prossegue, discorrendo sobre os deveres filiais e as virtudes, que podiam ser assim resumidos: a menina educada deve ser simples, caridosa, obediente aos pais, respeitosa com os idosos, condescendente com as companheiras. Tais deveres e virtudes perfilam-se entre os valores de ordem moral e religiosa capazes de determinar o comportamento da jovem meiga, acomodada e satisfeita em servir o outro. Mesmo quando parecem tratar apenas da formação da menina, Carvalho (1888) e Almeida (1926) enviam mensagens à mãe e reforçam suas obrigações perante a sociedade. Ela deve amamentar, criar com desvelo, ser um modelo de virtudes, educar nos princípios morais, vigiar a filha o tempo todo e, ainda, ser mestra, preceptora e responsável pela instrução completa dos filhos. Isto é, ser única e exclusivamente mãe. E nesta transmissão ideológica, consoante Moacyr (1939), residiria, ao fim e ao cabo, o objetivo da educação de uma mulher.

Com base em uma visão quase utópica dos papéis de mãe/esposa/filha, se as mulheres realmente se unissem em torno do projeto de automelhoramento e decidissem ser úteis à família e à humanidade, seriam as responsáveis pela “regeneração” da humanidade e se tornariam merecedoras de uma glória social sem limites. Ao elegerem determinadas qualidades como as mais adequadas ao comportamento feminino, seria possível alinhar às posições mais conservadoras então divulgadas pelo moralismo cristão e endossadas pela medicina higiênica, tendo em vista o controle do corpo e do espírito.

Observamos ao longo da argumentação trazida por Moacyr (1939), a caracterização do contexto em que se inseriram os movimentos feministas voltados para a educação e como esta ocorria no período anterior à segunda metade do século XIX. A partir deste período, já na segunda metade desse século, outras questões influenciavam a educação feminina, tendo como fonte, principalmente, o poder médico. As alianças com os demais poderes impunham uma conduta física,

intelectual, moral e até sexual para homens e mulheres, visando a adaptação dos membros sociais ao sistema político e econômico.

Moacyr (1939) relata que apenas nas décadas de 1870 e 1880 outras vozes, como as de Josefina Álvares de Azevedo[4], Francisca Senhorinha da Mota Diniz[5] e Presciliana Duarte de Almeida[6] se fizeram ouvir, exigindo novos direitos — os políticos e os jurídicos — para as mulheres. Este cenário nos permite entender que a construção da identidade feminina teve que passar necessariamente por este resgate da função biológica e pela delimitação do papel da mulher junto à família. Ao contribuir para a construção desta identidade, muitos nomes se alinham entre as teóricas e teóricos da educação e do papel da mulher em nosso país, pois acreditavam que o novo comportamento significava status e poder e que esta era a chance para as mulheres se tornarem úteis à sociedade. Para quem ocupava um papel obscuro devido à estratificação social que privilegiava o homem, transformar-se de repente em centro das atenções devia realmente significar muita coisa.

Para o referido autor, não é, pois, o caso de negar a importância desta etapa na trajetória das conquistas femininas. Ao contrário, é preciso reconhecê-la com a certeza de que, na época, realmente, foi um significativo passo no encontro da dignidade e do respeito social. Apenas é preciso observar que, ao enfatizar as "virtudes naturais" da mulher, ao lhe atribuir uma ação moralizadora diante da família e ao considerar a "educação moral" como responsável pela consciência dos deveres, terminam por contribuir para a construção de uma mística feminina e por endossar idéias de outros pensadores, contrários à emancipação.

Para nós, hoje, é fácil compreender os motivos que levaram tantas mulheres a ver no elogio da maternidade uma forma de escapar da condição desprezível em que a maioria vivia. Afinal, de "escrava doméstica" a "rainha do lar" a distância parecia enorme. Naquele momento, as mulheres não podiam mesmo perceber a nova forma de enclausuramento que se impunha, tão grande seu poder e tão sedutores seus disfarces.

---

[4] Militante dos direitos da mulher. Seus versos, sua dramaturgia, praticamente tudo o que escreveu e publicou foi com um único objetivo: intervir na ordem social e política do seu tempo de modo a criar condições mais justas e igualitárias para os dois sexos (MOACYR, 1939).

[5] Educadora, natural de São João del Rei (MG), lecionou em escolas em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, onde fundou e dirigiu um colégio. Jornalista e escritora, colaborou com vários periódicos, tendo criado o semanário O Sexo Feminino que tratava de temas polêmicos, como abolição da escravatura, o voto feminino e propunha a emancipação da mulher, através da educação (MOACYR, 1939).

[6] Nasceu em Pouso Alegre (MG), em 3 de junho de 1867. Escritora e feminista, editou em São Paulo, em 1897, o periódico A Mensageira, no qual defendia a causa das mulheres (MOACYR, 1939).

Ao constatar que a inferioridade feminina advém unicamente de sua educação ou da falta dela, Diniz (1873) propõe que se ofereçam às meninas as mesmas oportunidades de formação intelectual existentes para os meninos e que a ciência, entendida como importante domínio intelectual, fosse igualmente acessível a ambos os sexos. Em sua visão, aumentar o conhecimento e estimular a moralidade eram aspectos interdependentes da educação. Dissociado do ideal de desenvolvimento moral e de melhoria da humanidade, o aumento do conhecimento, por si só, não teria valor.

A observância dos deveres morais apresenta centralidade na educação, assim como o objetivo e propósito do ensino de tornar as pessoas melhores e membros mais úteis à sociedade. O entendimento é de que não há uma educação neutra, universal; ela está sempre voltada a atender determinados objetivos e a submeter os indivíduos para que determinados fins sejam alcançados. A educação também deve ser trabalhada para atender às necessidades produtivas, intelectuais, de poder, em um dado momento histórico. É preciso trabalhar a mente das pessoas para que aceitem e assumam os riscos e necessidades daquele momento em que está sendo imposto um tipo de educação (MOACYR, 1939).

Assim, consoante esse autor, a compreensão do tipo de sociedade, de suas condições históricas, do funcionamento das forças sociais que impõem uma ideologia e dominam uma estrutura de poder é indispensável para se conhecer os motivos da miserabilidade da educação no Brasil. Para ele, a desigualdade propicia a miséria para aqueles que não podem ver a educação como meio de ascensão social, cultural, política e intelectual. Por outro lado, esta é a forma que muitos encontram para adquirir poder, para perpetuar as práticas e falhas capitalistas frente ao aumento da miséria.

Moacyr (1939) pondera ainda que, embora a escola esteja a serviço da burguesia, nela aparecem também os interesses, as vontades e os sonhos dos que pertencem à franja periférica da sociedade. Pensada e estabelecida como órgão para propagar e reproduzir padrões da classe hegemônica por conta do maquiamento da realidade e da reprodução ideológica, assim como o adestramento da população para o capital, a escola e a educação que ela propicia já não mais conseguem esconder as contradições e mazelas do capitalismo.

No que tange às questões ideológicas da educação, quando envolve suas relações analógicas e diferenciais, Ribeiro (1997) entende que a educação, como

princípio ideológico, deve ser considerada como conceito configurador da ação social e também deve se constituir como fundamento teórico imprescindível para a compreensão das relações de poder e contra-poder, da resistência à mudança e das mudanças que atravessam, vertical e horizontalmente, o sistema educativo, em particular, a educação feminina.

Ressaltamos também que o sistema ideológico de uma determinada sociedade, enquanto lugar simbólico de expressão, em seus diferentes níveis de produção, de invenção e de difusão, representa um âmbito privilegiado de confronto, de conflitualidade, mediação e conciliação no seio do qual os atores sociais enunciam seus desejos, seus sonhos, seus projetos e aspirações, tendo em vista a transformação social. Dessa forma, é pertinente entender que a educação, quanto às questões ideológicas, configura-se como um fator de mudança. Esta discussão será abordada na próxima seção.

2.3 EDUCAÇÃO COMO FATOR DE MUDANÇA

A discussão desse item perpassa por três etapas: a primeira que traz a tona o contexto histórico da mudança; a segunda, que discute a instituição de movimentos no cenário educativo; e a terceira que discorre sobre o papel da mulher como fator de mudança na educação feminina.

2.3.1 Contexto Histórico da Mudança

Na esfera social, ao longo do tempo, a mulher ocidental tem ocupado espaços e lugares diferentes do homem e continua sendo vista como ser doméstico, no que se inclui objeto sexual. As escolas, por meio da educação formal, assim como os veículos de comunicação, bem como a religião têm favorecido a reprodução de uma ideologia patriarcal que transpõe todas as esferas da sociedade e reforça a submissão das mulheres (RIBEIRO, 1997).

Essa submissão foi característica predominante de antigos modelos sociais, que favoreceram a repressão do sexo feminino e continuam presentes na atualidade (RIBEIRO, 1997). Este entendimento nos leva a crer que a submissão esteja ligada à idéia da força física masculina em contraposição à forma como foi interpretada a “fragilidade” física feminina e sua condição de reprodutora da espécie humana.

É provável que a explicação biológica, que teorizou sobre a incapacidade racional e profissional da mulher, tenha sua origem no período Paleolítico, em que o vigor físico do homem favorecia a caça e a estrutura da mulher era mais apropriada para a criação dos filhos e coleta de alimentos. A despeito de essa explicação biológica ser recente, ela explica como no decorrer dos tempos a mulher foi relegada a segundo plano, enquanto o homem sedimentava-se como o único protagonista da História (VIANA; RIDENTI, 1998). De acordo com esses autores:

> [...] o determinismo biológico seria o definidor das desigualdades entre mulheres e homens, tendo a medicina e as ciências biológicas como importante aliada que, durante muito tempo, subsidiavam as normas sociais quanto às relações de gênero (VIANA; RIDENTI, 1998, p. 67).

Com base em uma perspectiva religiosa, em decorrência de tantas transformações históricas, a conotação atribuída à mulher precisava ser modificada, ao passar de “Eva”, representada por inúmeras mulheres consideradas como bruxas e diabólicas, por possuírem saberes e especialmente saberes médicos, para “Maria”, modelo de mulher cultuado com veemência pela igreja, que denota pureza, amor materno e submissão (MELO, 2001).

Para Coutinho (1994), esse ideal da mulher como rainha do lar, maternal, doce, também está muito vinculado ao conceito de família, propagado pela burguesia moderna. Enaltecido com o advento das sociedades industriais e a valorização da individualidade e da propriedade privada, surgiu o novo conceito de família restrita e nuclear, marcada pela Revolução Sentimental do início do século XIX, em que o romantismo foi usado como mecanismo de dominação cultural, com a finalidade de ocultar a opressão vivida pela mulher.

As mudanças historiográficas, tendo como exemplo a terceira geração da Escola dos Annales, que marca a inclusão das mulheres na historiografia, além de diversos movimentos feministas, principalmente a partir do século XIX, contribuem

para alguns avanços. Não obstante, as mulheres continuam lutando pela igualdade de oportunidades, pela superação da exploração capitalista, traduzidas em inúmeras jornadas de trabalho à qual são submetidas e pela violência doméstica. Enfim, por esse estereótipo consolidado ao longo do tempo, que a sociedade mantém, principalmente pela educação (BURKE, 1997).

No entendimento desse autor, a própria concepção sobre a educação e suas finalidades e objetivos se ampliou ao longo dos séculos, a exemplo da corrente que considera a educação como fator de mudança social em oposição à corrente que reforça os valores estabelecidos.

No que tange à temática desta discussão que caracteriza a inserção da educação feminina, compreendemos que a educação e a escola não são democráticas e perseguem a hegemonia da classe dominante. Quanto mais se fala e pensa em democracia menos a educação e a escola se transformam. Obviamente, essa visão está relacionada aos dias atuais, pois, conforme Burke (1997), no final do século XIX e início do século XX, por exemplo, essas questões passaram a ter repercussões em diversos movimentos. Um deles foi o movimento feminista, que buscou mostrar a importância da mulher na educação, como formadora de opinião, mesmo que pautada em alicerces morais e religiosos.

2.3.2 Instituição de Movimentos no Cenário Educativo

A instituição de movimentos que buscavam inserir a mulher no cenário educativo tinha como pressuposto que a educação devia ser para todos, dando condições às massas de participar de todo e qualquer processo na sociedade, principalmente como instrumento de participação política. Entendida como processo transformador, a educação era vista como a aquisição e a transmissão da cultura dos mais diversos grupos sociais, que ocorre de acordo com as necessidades de cada povo e de cada época (LIMA, 2002).

Entendemos, dessa forma, que não existe um modelo único e definitivo de educação, tanto em sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou nômades, quanto em sociedades de países desenvolvidos e industrializados.

Geralmente, quando falamos em educação, pensamos imediatamente em escolas, alunos, professores, livros, materiais pedagógicos. Ou seja, a palavra

remete imediatamente ao universo escolar. No entanto, a escola não é o único lugar em que a educação acontece; ela ocorre em todos os lugares, todos os dias, todas as horas, para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar (LIMA, 2002).

Num sentindo amplo, Lima (2002) acredita que a educação se dá ao longo de toda a vida, ocorrendo de diferentes modos. Ela é anterior ao aparecimento da escola. Estamos falando não somente de ensino formal, mas também do ensino informal, passado de geração para geração, em ambiente não institucionalizado, pelos chefes ou pessoas que têm maior grau de conhecimento e de força dentro do grupo, por meio da imitação, cerimônias religiosas, entre outros, com o objetivo de promover o ajustamento do indivíduo em seu ambiente físico e social.

A educação que antes reproduzia a igualdade para tornar todos os sujeitos livres na comunidade primitiva, passou a reproduzir as desigualdades sociais com o desenvolvimento da escola formal, quando apareceu a escola, o aluno e o professor (LIMA, 2002). Entendemos a educação como um direito por meio do qual é possível usufruir do processo de formação contínua e permanente para o exercício da cidadania.

Lima (2002) avalia que a educação foi sendo construída de acordo com as necessidades de cada momento histórico até a modernidade e pós-modernidade. Partindo destas concepções, o Brasil ainda tem projeto de modernização a cumprir com uma proposta de educação voltada para diversidade, atenta às diferenças econômicas, sociais, raciais instituídas paulatinamente no transcurso da história, a partir, também, da inserção dos gêneros, principalmente o feminino.

No passado os saberes necessários à vida adulta do indivíduo eram bem simples e podiam ser ministrados pelos membros de sua própria família. Mas o sistema de aprendizagem que mantinha a criança junto dos mais velhos não era suficiente para transmitir-lhe valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento (PILETTI, N.; PILETTI, C., 2000).

No caso da educação feminina, o pressuposto, segundo Schmidt (1999), é que a predominância era em relação ao gênero masculino, pois, teoricamente, as mulheres eram consideradas inferiores aos homens; na prática, estavam sujeitas à autoridade masculina. Os pais promoviam os casamentos das filhas; as moças de famílias aristocráticas eram casadas geralmente aos 16 anos, ou ainda mais jovens, com homens muito mais velhos; as jovens aristocratas que não se casavam, tinham, com freqüência, de entrar para o convento.

Consoante este autor, em meados do século XIX, por exemplo, a educação consistia, muito provavelmente, num processo sem solução de continuidade que, iniciado no interior do núcleo familiar, prosseguia nas atividades desempenhadas pelo grupo social, conforme as potencialidades físicas e intelectuais da criança fossem se desenvolvendo.

Na Grécia é bastante conhecido o sistema educativo. No século V a.C., ocorreu uma verdadeira revolução, quando o trabalho educador dos sofistas começou a ser difundido e foi baseado no método dialético, no ceticismo e na análise crítica das matérias em que os jovens atenienses eram educados. Sócrates transformou-se, para sempre, num modelo de educador (SCHMIDT, 1999).

A civilização clássica greco-romana, de acordo com o referido autor, deve sua importância histórica a um sistema educativo que, mesmo sendo privilégio de uma minoria, favorecia o pensamento crítico individual e se distanciava do modelo de casta fechada, orientado para a manutenção do saber como algo secreto, oferecido pelos deuses, que havia caracterizado as civilizações anteriores.

Sobre a educação na Idade Média européia, Schmidt (1999) informa que existiu um restrito número de escolas em mosteiros e sedes episcopais, e nelas se educavam pouquíssimos alunos, dentro de um sistema de pensamento muito fechado, estático e dominado pela religião.

A extensão da educação, apoiada em novos recursos técnicos, entre os quais teve importância fundamental a imprensa, foi intensa ao longo da modernidade européia. Os aparelhos de estado absorviam um número cada vez maior de funcionários letrados. Dessa forma, no final do século XIX, a maior parte dos países industrializados tinha conseguido atrair para a escola quase toda a população infantil, e a taxa de analfabetismo fora reduzida drasticamente (PILETTI, N.; PILETTI, C., 2000).

Esses autores esclarecem que, no século XX, a educação foi levada a grandes contingentes populacionais em todo o mundo. Os países latino-americanos, assim como os que emergiram nos meados do século, ao concluírem o processo de descolonização, efetuaram ingentes esforços no campo da educação.

No Brasil, a educação nasceu com a Companhia de Jesus que aqui veio com o intuito de catequizar os índios. Passou por drásticas reformas ao longo dos anos até chegar à formulação de leis que assegurassem o direito de todos à escola. Hoje,

em razão das grandes desigualdades sociais, as relações entre educação e questões psico-sociológicas são ainda visíveis (PILETTI, N.; PILETTI, C., 2000).

Na avaliação de Paro (2002), uma das desigualdades sociais que mais se destaca é a pobreza, que afasta a criança da escola, lançando-a prematuramente e sem qualificação no mercado de trabalho, aumentando o contingente de subempregados. Nos piores casos, apoiada pelo espírito contestatório próprio da adolescência, a falta de escolarização abre para o jovem o caminho do crime. A desagregação familiar nas camadas mais pobres da população acarreta frequentemente a evasão escolar, pela necessidade de trabalhar ou pela simples falta de incentivo.

2.3.3 Papel da Mulher como Fator de Mudança na Educação Feminina

A busca e a luta pela educação foram latentes, para que houvesse uma continuidade do fazer e garantir a educação a todos, baseada, principalmente, em um papel importante que já era desempenhado na sociedade, mas sem que fosse notado: o papel da mulher como educadora.

A educação feminina institucionalizada é um fenômeno recente de estudo na historiografia. Durante séculos, a mulher foi retratada, de modo geral, em uma situação de subordinação e dependência do pai e/ou do marido. Foi vista também como objeto sexual do homem colonizador e proprietário. Dentro de casa, as mulheres recebiam instruções de suas mães, escravas, avós, governantas e tias, em sua maioria ligadas ao cotidiano doméstico, tais como: bordar, cozinhar, costurar e outros afazeres (ARIÈS, 1981). Desta forma, por um longo período, dedicaram-se ao espaço privado e, consequentemente, estiveram afastadas da educação formal.

Segundo Ariès (1981, p. 190):

> A ausência da educação feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher do processo educativo pelo menos até o final do século XVII, quase dois séculos de diferença em relação aos homens. Além da aprendizagem doméstica as meninas não recebiam, por assim dizer, nenhuma educação. Nas famílias em que os meninos iam ao colégio, elas não aprendiam nada.

Alves e Pintanguy (1982) argumentam que, a despeito dessa exclusão, no início do século XIX, o ingresso das mulheres no espaço público se intensificou e a figura feminina passou a ser cuidadosamente moldada pela igreja. Assim, as conquistas obtidas na luta pela emancipação feminina passaram a ser vistas como conquistas da civilização, que os homens deviam ampliar em próprio interesse, por ser uma condição do progresso humano.

Os tempos mudaram e assistimos a transformações ímpares em todos os setores da vida humana. Esse tem sido um desafio para a educação, principalmente no que tange à educação feminina ocorrida no final do século XIX, quando inúmeros educadores surgiram com propósitos e ideais que se voltavam para a inserção da mulher, para o movimento feminista e para a educação.

A própria concepção sobre educação, suas finalidades e objetivos é ampla, a exemplo da corrente que a considera como fator de mudança social em oposição à corrente que defende que a educação apenas reforça valores estabelecidos. Assim sendo, no próximo capítulo, serão discutidas as questões relacionadas à condição feminina na sociedade ao longo da história, para podermos melhor compreender o contexto sociohistórico-educacional, no final do século XIX e início do século XX, época em que floresceram as idéias da educadora Maria Luiza de Souza Alves.

3 CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE AO LONGO DA HISTÓRIA

Se quisermos ser livres,
ninguém deve poder
dizer-nos o que devemos pensar.

(CASTORIADIS *apud* CHAUÍ, 2000, p. 19)

Pretendemos com este capítulo caracterizar a condição feminina na sociedade ao longo da história. Para tanto, necessário se fez, entender e discutir a condição feminina na idade média, na modernidade/renascimento, para daí compreendermos a condição feminina na sociedade baiana no final do século XIX e início do século XX.

Para falarmos da condição feminina, precisamos traçar um panorama de como tem sido a vida das mulheres na sociedade desde tempos remotos, numa tentativa de entendermos seus papéis na história e identificarmos o momento em que as relações de poder se configuraram em desvantagem para elas. Segundo Alambert (2004, p. 27):

> Na aurora da humanidade não podemos falar na existência de desigualdades entre o homem e a mulher. Naquele tempo, não existiam povos, nem Estados separados; os seres humanos viviam em pequenos grupos (hordas) e, depois em famílias e tribos [...] os seres humanos tinham que se manter agregados, solidários entre si, para sobreviver e se defender dos animais ferozes e das intempéries. Quem se marginalizava perecia. Logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres.

O primeiro passo na evolução da sociedade humana, aconteceu a partir da formação das genes comunitárias, que se constituíam de grandes uniões de grupos humanos vinculados por parentesco, que se dividiam em clãs. Nesse tipo de organização, consoante Alambert (2004, p. 27): ”A mulher [...] trabalhava a terra, domesticava animais, cuidava das crianças, velhos e doentes, além de criar

vasilhames, utilizar o fogo, preparar ungüentos, poções, enquanto o homem ia à caça de alimentos.”

Estávamos na pré-história e homens e mulheres viviam em harmonia. Reinavam as Deusas. O papel das mulheres era destacado, embora não fossem detentoras de mais poder que os homens. Viviam em regime de parceria com o sexo oposto. Nesse período, época em que a agricultura era a principal atividade da humanidade, acreditava-se que a mulher tinha poder mágico, o dom da vida, e sua fecundidade fazia a fertilidade dos campos. A conclusão primária é de que havia uma associação entre a mulher e a agricultura. Nessa época, homens e mulheres eram nômades e caçadores.

De acordo com Alambert (2004), esses tipos de sociedades igualitárias são pouco conhecidos, porque os homens desconsideraram as mulheres na construção da história da humanidade e não se detiveram na pesquisa desse período. Para entender a história da mulher é necessário considerar exatamente esse fato e estabelecer contraponto com os textos em que elas falam de si mesmas.

No dizer de Rocha-Coutinho (1994, p. 15):

> Faz-se necessário remover a mulher da posição de obscuridade em que ela se tem mantido por séculos nos livros e compêndios tradicionais de história. Afinal sem ela a história mesmo como tem sido escrita em seu sentido mais amplo e convencional, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta.

Alguns autores, dentre eles Saffioti (2004), relatam que a invenção do arado, que veio substituir a enxada primitiva utilizada pela mulher, abriu o caminho para o início do patriarcado, considerado um regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens. O arado, por ser mais pesado, precisava da tração animal e da força do homem para dar direção ao seu movimento de arar a terra.

Entendemos que naquele momento, o trabalho do homem passou a ser mais valorizado. Para poder arar a terra, os grupamentos humanos tornaram-se sedentários. Dividiram a terra e formaram as primeiras plantações. Começaram a se estabelecer as primeiras aldeias, depois as cidades, as cidades-estado, os primeiros Estados e os impérios. Já não eram mais os princípios feminino e masculino que governavam juntos o mundo, mas, sim, a lei do mais forte.

Johnson (1997 *apud* SAFFIOTI, 2004) atribui a mudança da sociedade igualitária para as sociedades de hoje à produção de excedente econômico e à descoberta de que o homem era necessário para engendrar nova vida, o que era desconhecido na sociedade de caça e coleta e dava um poder maior às mulheres, consideradas seres mágicos, devido à capacidade de dar à luz, presumivelmente sozinhas. Lerner (1996 *apud* SAFFIOTI, 2004), desprezando o fato da produção excedente, diz que o conhecimento da participação masculina na reprodução humana dá mais poder aos homens e abre caminho para a implantação de um regime de exploração/dominação sobre as mulheres.

Ao se descobrir participante na reprodução da espécie, ou ainda na antropoprodução[7], o homem passa a atribuir a si próprio o papel primordial. Sentindo-se detentor do controle populacional da espécie humana, cria um problema demográfico. Nesse contexto, quanto mais filhos, mais soldados e mais mão-de-obra barata para arar a terra (SAFFIOTI, 2004).

Na visão de D'Eaubonne (1977, p. 27), o problema demográfico está relacionado à superpopulação, pois:

> A superpopulação favorecida pela acumulação dos recursos cria à sua volta a necessidade de terras novas e sem dúvida travavam-se combates entre comunidades pela posse dos territórios. A pilhagem e a conquista tornaram-se meios de aquisição mais rendosos ainda do que o comércio da agricultura.

No momento em que a sociedade comunal primitiva entra em desagregação, devido ao desenvolvimento da técnica, gerando a acumulação nas mãos de alguns e o surgimento do comércio, surgem os dominados e os dominadores. Para Dallari (2001, p. 20):

> [...] desde os tempos mais remotos até nossos dias, verificamos que, à medida que se desenvolveram os meios de controle e aproveitamento da natureza, com a descoberta, a invenção e o aperfeiçoamento de instrumentos de trabalho e de defesa, a sociedade simples foi-se tornando cada vez mais complexa. Grupos foram-se constituindo dentro da sociedade, para executar tarefas específicas, chegando a um pluralismo social extremamente complexo.

[7] Segundo Saffioti (2004, p. 59): "[...] consiste na produção de seres humanos, ou seja, na sua reprodução não apenas biológica, mas também social".

Com o desaparecimento da igualdade existente nos clãs, surge a necessidade de garantir a transmissão da herança a mãos legítimas e daí a vigilância dos homens sobre as mulheres, para terem certeza da sua prole. Este é um dos elementos nucleares do patriarcado e consiste no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa ao marido (DALLARI, 2001).

Morin (1977, p. 129) sugere “[...] que a afirmação da superioridade masculina coincide com o nascimento da família enquanto microestrutura social”. A questão relacionada com a microestrutura social é antiga. Tem origem quando o homem se julgou superior à mulher. Com isto, a mulher deixou de ter direitos, passando a ter apenas deveres. Com o passar dos tempos, a luta das mulheres por seus direitos produziu resultados e com eles o direito à educação. Contribuíram para isto, no Brasil, dentre outros fatores, a publicação de ensaios e escritos produzidos por mulheres nas revistas femininas e jornais.

Dos finais do século XIX até os anos iniciais do século XX floresceu no Brasil uma imprensa periódica editada sob a forma de jornais e revistas femininas e educacionais (BRUSCHINE, 1989).

As primeiras veiculavam uma imagética acerca do papel da mulher na sociedade e sua responsabilidade em educar crianças, adotando um discurso normatizador que alocava a homens e mulheres papéis sociais diferenciados e impregnados de significâncias acerca das atribuições masculinas e femininas. As segundas referiam-se exclusivamente ao campo educacional, nelas imperando um discurso reivindicatório acerca de melhores vencimentos para os professores públicos, mas sem fazer referência explícita ao trabalho feminino no magistério, não obstante, nesse período, as mulheres já serem maioria no ensino primário (BRUSCHINE, 1989).

A convivência social propiciada pelo ambiente citadino da segunda metade do século XIX havia se fortalecido no período republicano. Os espaços da sociabilidade foram ocupados pela família e a vida modificou-se, estabelecendo um padrão de mulher frágil e abnegada, comportamento pregado inicialmente às moças de boa família para em seguida deslocar-se para as classes trabalhadoras (BERNARDES, 1988).

Entendemos que essa norma comportamental feminina exaltava a virgindade, a submissão, o recato e as virtudes burguesas como norma a ser seguida, para que

as mulheres se adequassem aos padrões exigidos por uma sociedade que se urbanizava rapidamente.

3.1 CONDIÇÃO FEMININA NA IDADE MÉDIA

Quando falamos da condição feminina na Idade Média, percebemos que este foi o período da história da humanidade em que predominavam os valores éticos cristãos e o ideal da guerra, a mulher tinha seu papel definido e baseado em estereótipos que reforçavam sua presença restrita ao espaço doméstico e às tarefas do lar.

Segundo Macedo (2002), era atribuído o símbolo da roca à mulher, ou seja, o símbolo de uma atividade na vida privada. Já ao homem, o símbolo da espada, denotava virilidade, força e violência e sugeria as atividades no campo de batalha.

Em Roma, elas foram excluídas das funções públicas. Suas relações limitaram-se à *domus* (casa), eram submetidas ao poder do homem dentro da família, já que esta era sempre governada pelo pai, marido ou sogro. Juridicamente, eram consideradas incapazes e só podiam requerer em justiça quando o direito fosse estritamente de seu interesse (SAFIOTTI, 2004).

Na Europa Ocidental, apenas entre os Celtas havia equiparação jurídica entre homens e mulheres e estas tinham liberdade de escolher o parceiro e solicitar a ruptura matrimonial, caso não estivessem satisfeitas, se bem que o grau de independência era equivalente ao grupo social ao qual pertenciam. A esposa cuja família de origem era tão abastada quanto a do marido vivia em completa igualdade com ele; quando era superior, ela era a chefe da família; se inferior, seus direitos eram bem reduzidos (SAFIOTTI, 2004).

Entre os povos germânicos que deram origem aos reinos bárbaros antes do século I d.C., algumas mulheres eram veneradas, consideradas dotadas do poder de adivinhação e da capacidade de praticar sortilégios. Entre os séculos V e VII, seu valor era proporcional a sua capacidade de gerar filhos. O valor da indenização paga pelos danos causados a uma pessoa, embora tanto para o homem como para a mulher livres, fosse de duzentos soldos, aumentava na seguinte ordem: de

seiscentos soldos se a mulher estivesse na idade de gerar filhos; e oitocentos soldos se estivesse grávida (MACEDO, 2002).

Entre o povo lombardo, no século VII, o código de Leis mais antigo de que se tem notícia, o Edito de Rotari (Edito de Rotário), continha parte de seus dispositivos relacionados direta ou indiretamente à mulher. Em sua maioria, tratava da regulamentação dos direitos na realização do casamento e da separação entre os casais, bem como das ações cometidas ou sofridas pelas mulheres que comprometessem ou trouxessem instabilidade à constituição familiar. Segundo Macedo (2002, p. 18-19), o art. 204 explicita:

> A nenhuma mulher livre habitante do nosso reino e governada pela Lei dos Lombardos seja permitido viver de acordo com a sua vontade, como selpmundia, mas que permaneça sob o poder de um homem ou do rei. Não poderá vender ou dar nenhum dos seus bens móveis ou imóveis sem a autorização daquele que detém o seu mundo.

Nessa época, até o século X, a composição familiar era definida como uma ampla rede de ligações, englobando filiações biológicas e alianças, não só na aristocracia feudal, como nas camadas mais simples. O parentesco era definido em linha horizontal — parentes consangüíneos e parentes por aliança até duas ou três gerações. Tendo sofrido transformações, entre os séculos X e XI, foi substituído e passou a ser definido em linha vertical — a linhagem, em que as relações eram ordenadas por uma descendência direta. Nesse tipo de ordenamento familiar, as mulheres eram totalmente excluídas da sucessão de bens. Quando filhas, não tinham direito a herança; viúvas, mantinham a posse apenas dos bens doados pelo pai, quando do matrimônio, e pelo marido, na mesma ocasião, como contra-dote. O casamento era um pacto entre famílias e atendia aos interesses “dos homens”. Estes eram sempre as referências das mulheres que eram personificadas como: filhas de...; irmã de...; esposa de... (MACEDO, 2002).

Como em todas as épocas, existiram aquelas que “transgrediram” as normas. Macedo (2002, p. 19) refere-se a algumas que o fizeram entre os anos de 1140 e 1282, pagando somas aos funcionários do rei para poder escolher o marido. Poucas podiam “transgredir”, “[...] já que muito poucas tinham condições de desembolsar tais somas”.

Não podemos deixar de fazer referência às mulheres que eram enclausuradas nos conventos, fato que sempre despertou nossa curiosidade. Pensávamos que sofriam de algum “mal de amor” ou que tinham desobedecido a seu “senhor”, ao que Macedo (2002, p. 22) esclarece:

> Quando o valor do dote colocava em perigo a estabilidade do patrimônio familiar, a fim de diminuir o número de prováveis casamentos, os pais ou os chefes da casa enviavam as jovens aos mosteiros para que se tornassem freiras [...] a diminuição de solteiras aptas ao matrimonio protegia os bens, já que não haveria necessidade de dotá-las para o casamento [...] Assim, de todos os lados, os processos de transmissão de bens determinaram o destino das mulheres.

Para o autor, a continuidade e os interesses da linhagem sempre se sobrepunham aos pessoais, sendo esse o objetivo mais importante do matrimônio. Sendo assim, muitas mulheres foram abandonadas e repudiadas por não terem gerado filhos. Inicialmente, o casamento era realizado no ambiente doméstico e privado, sendo o pai da noiva o oficiante da cerimônia. Mais tarde, a Igreja Católica começou a pressionar seus fiéis para que a cerimônia fosse realizada em público e na presença de um padre. Adquiriu então um caráter sacralizado. Essa intervenção da Igreja teve a intenção de tornar a união um veículo de controle do comportamento da sociedade.

De acordo com Macedo (2002, p. 22-23): “não deveria ser usado para a luxúria, mas pelo desejo da procriação. A moral cristã considerava o prazer pecaminoso, pois mantinha o espírito prisioneiro do corpo e, portanto, longe de Deus.”

Compreendemos, então, que na ótica dos clérigos, na relação conjugal, cabia ao homem a direção e à mulher a submissão. A mulher era considerada inferior pela sua fraqueza ante os “perigos da carne” e eram consideradas, conforme Macedo (2002, p. 23), “[...] de natureza pérfidas, frívolas, luxuriosas, impulsionadas para a fornicação”.

Justamente por isso não poderiam nem mesmo expressar o desejo sexual. As mulheres deveriam manter-se virgens até as núpcias. Ao contraírem matrimônio, seu corpo tornava-se posse do esposo, mas sua alma deveria permanecer na posse de Deus (MACEDO, 2002).

Por serem consideradas fracas, e justamente por isso, aos homens era permitido, como um direito de justiça inquestionável, castigá-las com punições físicas, como a uma criança, um doméstico, um escravo, em nome da honra familiar. Também existiram aquelas que tiveram experiências distintas e contraditórias, pois muitas, valendo-se da posição aristocrática, reproduziram as relações de poder dos homens, maltratando os empregados no espaço doméstico. Outras, porém, como Cristina de Pisan, utilizaram sua posição para lutarem pela igualdade dos sexos e escreverem para as mulheres, oferecendo recomendações e ensinamentos.

Salientamos que nos castelos, as mulheres da alta nobreza ou mesmo da pequena nobreza rural, muitas vezes precisaram substituir o marido, ausentes pelas viagens, peregrinações e cruzadas. Enfrentaram dificuldades ao administrar suas posses, além da administração doméstica e demonstraram autoridade frente à rebeldia dos vassalos e dos vizinhos ambiciosos (MACEDO, 2002).

Essa tendência de a mulher ocupar lugar de destaque no mundo das decisões se dava porque os homens se ausentavam muito e morriam nos períodos de guerra. Em poucas palavras, tinha-se que as mulheres eram jogadas para o domínio público quando havia escassez de homens e voltavam para o domínio privado quando os homens reassumiam o seu lugar na cultura. Na área rural, as camponesas, além de dividirem com os maridos o labor interminável do campo, ainda serviam na casa do senhor, incumbidas da lavagem da roupa, do trabalho de fiação do linho e da tecelagem (MACEDO, 2002).

Essa autora relata ainda que existiam as criadas semi-livres, aquelas que, eram oriundas das famílias pobres dos arredores e executavam os serviços domésticos, e as escravas muçulmanas, gregas e eslavas traficadas. As criadas semi-livres eram agregadas às famílias e nem sempre recebiam salários. Algumas trabalhavam até quitar dívidas familiares. As escravas eram presentes dados às senhoras, ou burguesas, como dotes por ocasião do casamento. Eram acompanhantes, cuidavam dos trabalhos domésticos e ocupavam-se com as crianças.

Mulheres escravas, sob o domínio e exploração de mulheres livres, para o lucro dos mercadores homens. Havia ainda aquelas que ocuparam espaço fora das atividades domésticas, desempenhando grande papel na economia urbana medieval, como artesãs e negociantes.

As artesãs trabalharam, não só nas próprias oficinas da família, como na indústria de tecelagem. Os ofícios de fiação da seda, tecidos de lã ou chapéus, eram essencialmente executados por mulheres, que ainda tosavam, penteavam, cardavam e retiravam as irregularidades dos tecidos. Trabalharam ainda como bordadeiras, peleiras, luveiras e boteiras. Na Alemanha, trabalharam em atividades pesadas e cansativas ligadas à metalurgia e à construção civil e em algumas ligadas à alimentação. Na França, eram cabeleireiras, barbeiras e boticárias (MACEDO, 2002).

Sendo assim, diferentes mulheres tiveram experiências distintas e transitaram por diferentes espaços, ocupando posições variadas na sociedade medieval. No entanto, até o final do período e ainda após este, juridicamente deveriam permanecer sob custodia dos homens. No parágrafo 44 do Livre Roisin[8] está registrada a desconfiança no testemunho feminino:

> Em uma idéia da desconfiança das autoridades em relação ao valor do testemunho feminino, onde no tribunal, a lei consente que o advogado de uma mulher, seja ela acusadora ou acusada, tenha a mão sobre seu punho no momento do juramento, porque a mulher, ao contrario do homem, é de pouca coragem e de vontade volúvel (MACEDO, 2002, p. 40).

No período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII aconteceu um fenômeno generalizado em toda a Europa: a repressão sistemática do feminino. Consoante Muraro (2002), estima-se que em quatro séculos de "caça às bruxas" 85% das pessoas executadas por bruxaria eram mulheres. A autora apresenta alguns números para que se tenha idéia da dimensão desse verdadeiro holocausto contra as mulheres:

> O epicentro das execuções das bruxas foi o Santo Império [...] as execuções tiveram início na Áustria. O sudoeste da Alemanha e a Baviera foram responsáveis por mais de três mil e quinhentas execuções cada. Na Polônia, a segunda área mais afligida por este flagelo, grande número de 'feiticeiras' foi queimado entre 1675 e 1720, muito depois que a caça às bruxas havia terminado no resto da Europa. Em algumas cidades alemãs, seiscentas bruxas eram executadas em apenas um ano; na área de Wurtburg, novecentas num único ano; em Como (Itália), mil; em Toulouse (França),

[8] Segundo Macedo (2002, p. 46), o Livre Roisin é uma "[...] compilação dos costumes jurídicos da cidade de Lille (França) registradas por escrito ao final do século XIII".

> quatrocentas num único dia. Na diocese de Trier, 1585, duas aldeias foram deixadas apenas com uma moradora mulher cada uma [...] Em Londres, um escocês confessou que ele sozinho havia sido responsável pela morte de 229 mulheres, por cada uma das quais havia recebido vinte e um shillings [...] Estimativa do número de pessoas mortas na fogueira vai de pouco mais de cem mil a nove milhões (MURARO, 2002, p. 111).

Vemos, assim, que na mesma época em que o mundo entrava na Renascença processava-se a perseguição às mulheres e ao prazer. Se nas culturas de coleta, as mulheres eram quase sagradas por sua fertilidade e, portanto, grandes estimuladoras da fecundidade da natureza, no Renascimento elas eram as causadoras de todos os flagelos a essa mesma natureza.

3.2 CONDIÇÃO FEMININA NA MODERNIDADE/RENASCIMENTO

Quando nos reportamos à história da condição feminina no período moderno/renascimento, este se caracterizou por um momento de renovação da cultura e da moral clássicas. Na Europa, muitas mulheres se destacaram e poderíamos citá-las em várias atividades. Aquelas que se dedicaram à cultura, como Catarina Cornaro, rainha de Chipre, Jerusalém e Armênia e na Itália, Vitória Colona, Marquesa de Pescara e Verônica Gantaria. Na Espanha, Izabel, “a Católica”, foi grande estimuladora das viagens marítimas (DEL PRIORE, 2003).

Observamos que este período foi caracterizado ainda pelas conquistas no campo artístico e científico, pelas navegações, pelas grandes viagens e descobrimentos marítimos, a centralização monárquica e o absolutismo, as guerras religiosas, a nova política econômica e, principalmente, a formação de potências modernas e a expansão colonial.

Dentro desse movimento de efervescência dos descobrimentos de novas terras chegaram ao Brasil Cabral e sua comitiva. Foi a partir desse período que se tem algum registro das mulheres na colônia, nossas antepassadas, ainda que subjugadas ao sistema patriarcal e à repressão da igreja Católica, que as viam como indivíduos submissos. Na visão de Del Priore (2003, p. 1): “[...] souberam estabelecer formas de sociabilidade e de solidariedade que funcionavam, em

diversas situações, como uma rede de conexões capazes de reforçar seu poder individual ou de grupo, pessoal ou comunitário".

Chegando ao Brasil colônia, os portugueses encontraram mulheres totalmente diferentes das suas conterrâneas européias não só na aparência como nos hábitos. O cotidiano das índias era marcado pelo cuidado com o corpo, com os filhos e com a sobrevivência. Quando meninas viviam à sombra das mães e dividiam com estas os afazeres diários. Um pouco mais velhas, poderiam ser trocadas por gêneros e oferecidas pelos pais aos colonizadores. Casadas, acompanhavam os maridos, carregando todos os utensílios para o preparo das provisões, nas longas jornadas. Trabalhavam até a hora de dar à luz. Fiavam algodão, faziam redes, vasilhames de barro, cuidavam da roça e das refeições (DEL PRIORE, 2003).

Consoante Romanelli (2002), o relato deixado por Frei Yves d'Evreux, descreve o comportamento dos índios em conformidade com o que ele chamou de "classes de idade". Cabia às índias mais velhas o preparo do banquete antropofágico (assar o corpo do inimigo), o preparo do cauim e de todas as bebidas fermentadas. Às índias somaram-se as mulheres portuguesas. Algumas eram casadas com funcionários da coroa. Outras, de origem humilde, viviam da costura, comercializando o produto de seu trabalho como fiandeiras, lavadeiras ou prostitutas. Algumas eram comerciantes e taberneiras (ROMANELLI, 2002).

Com a descoberta do ouro, nas Minas Gerais e em Goiás, e a guerra contra os espanhóis, muitas mulheres brasileiras viram seus maridos partirem e assumiram a responsabilidade de cuidar dos filhos e de toda a família. Algumas fabricavam doces que eram vendidos pelas escravas (ROMANELLI, 2002).

Figueiredo (2002) ressalta que a presença feminina foi sempre destacada no pequeno comércio no Brasil colonial, principalmente o ambulante, onde se consumiam gêneros a varejo, produzidos na própria região. Considera que tal fato se deve às duas referências culturais determinantes no Brasil: a africana e a portuguesa. Nas sociedades africanas, por exemplo, as mulheres, tradicionalmente, desempenhavam tarefas de alimentação e distribuição de gêneros de primeira necessidade. Segundo Del Priore (2003, p. 16), a influência portuguesa transpunha para a colônia a divisão de papéis sexuais da metrópole: "A legislação amparava de maneira incisiva a participação feminina. Outras, mais poderosas, negociavam gado e escravos que iam buscar nas cidades litorâneas, montadas em lombo de burro escoltadas por subalternos".

Embora vários autores, ao descreverem as mulheres do Brasil colonial, reconheçam o uso desmedido e silencioso da sexualidade, existia uma diferença entre elas. Em geral as mulheres brancas eram enclausuradas, recatadas e guardiãs da honra do pai e do marido. As negras eram usadas para o divertimento do sinhozinho e deleite dos senhores de terra. As africanas, embora reduzidas a objetos sexuais, trabalhavam com a foice e a enxada; semeavam, catavam ervas daninhas desde a infância, enfeixavam e moíam a cana, cozinhavam o melado, manufaturavam o açúcar, ocupavam-se das tarefas domésticas da casa-grande, lavavam, cozinhavam, além de cuidarem de seus maridos e filhos nas senzalas, onde ainda serviam de parteiras e benzedeiras (ROMANELLI, 2002).

De acordo com Del Priore (2003, p. 20):

> Nos centros urbanos, as 'negras do tabuleiro' vendiam doces, bolos, queijos, hortaliças, leite, agulhas, alfinetes, polvilho, prestando contas do dia de trabalho aos seus senhores. Alvo da preocupação das autoridades, pois levavam recados dos quilombolas, ajudavam a traficar ouro roubado e preveniam fugitivos e bandoleiros sobre a ação das tropas. Muitas se prostituíram, outras, através do comércio ambulante, economizaram e acumularam o suficiente para, de uma ou de outra maneira, acabarem comprando sua liberdade e no século XVIII, era grande o número daquelas que eram livres e alforriadas.

Por meio de um discurso moralizador sobre o uso dos corpos e a difusão da fé católica importada da metrópole, instaurou-se na colônia a idéia de normalizar a sexualidade dentro do casamento, incentivando-se a multiplicação das famílias, não só com o objetivo de povoar a nova terra como também de difundir a moral cristã (DEL PRIORE, 2003).

Criou-se então um modelo ideal de mulher que buscasse atender a esses objetivos: o da mulher recatada, sem ardores sexuais, submissa e principal propagadora do catolicismo junto aos filhos (DEL PRIORE, 2003). Salientamos que tal modelo, porém, não correspondia à realidade do cotidiano de muitas mulheres negras, mulatas e brancas empobrecidas, todas livres e, no entanto, escravas de suas precárias condições materiais de vida.

Estas, levadas pela necessidade de sobrevivência, buscaram alternativas de superação das dificuldades e elaboraram regras e éticas próprias. Algumas se prostituíram, acumulando outras atividades nos locais onde recebiam os "fregueses", como a costura, lavagem de roupa etc. Outras viveram em concubinato e ligações

transitórias e, embora transgredindo a ordem estabelecida, garantiram um espaço para a realização da maternidade e da vida conjugal (DEL PRIORE, 2003).

Segundo a autora citada, no Brasil colonial, mais de uma forma de organização familiar era encontrada. No Nordeste, nas áreas rurais, constituíram-se as famílias extensas dos senhores de engenho, formadas pelos filhos legítimos ou de criação, parentes, afilhados, vizinhos, amigos, escravos, serviçais. Caracterizavam-se pela autoridade paterna, a quem todos deviam respeitar e submeter-se, principalmente a mulher (DEL PRIORE, 2003). Ressaltamos que neste período o homem era o chefe da família e a mulher estava restrita ao lar, aos cuidados com os filhos. Devido aos partos numerosos e consecutivos, apresentava uma aparência precocemente envelhecida.

Nas camadas mais empobrecidas, nas quais predominava o concubinato e as ligações transitórias, havia a fusão dos grupos sociais e raciais. As famílias eram formadas por um menor número de componentes e havia um enfraquecimento da autoridade paterna. No Nordeste, os papéis de homens e mulheres eram mais estratificados. Dependendo da condição social, as mulheres distinguiam-se em “donas fulanas”; as “cunhãs”, manteúdas do senhor de engenho, fazendeiro ou funcionário da coroa, e por último as escravas. Estas últimas, apesar de reduzidas à condição de “coisa”, trouxeram grande contribuição para a cultura brasileira (DEL PRIORI, 2003).

No Sul do Brasil, segundo Seixas (1998), são mais comuns as famílias nucleares, reduzidas a pai, mãe e alguns filhos. É comum os filhos, ao casarem, passarem a ter sua própria residência e os filhos menores saírem de casa para aprenderem algum ofício. Para Rocha-Coutinho (1994, p. 75):

> O absolutismo do pater famílias em nossa terra só começou a se dissolver à medida que outras instituições e figuras cresceram, com o interesse e o apoio da família real que aqui se instalou, deslocando o centro de poder, até então nas mãos dos senhores patriarcais, para estas figuras e instituições.

As mulheres auxiliavam o marido na manutenção de seu lugar social e algumas delas, além disso, gerenciavam os negócios e propriedades da família. Prevalecia, no entanto, a autoridade do homem e a submissão da mulher.

A partir do conhecimento do contexto sociohistórico-educacional do período entre o final do século XIX e o início do século XX foi possível compreendermos a trajetória histórica que deu início à luta pelos direitos da mulher.

3.3 CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE BAIANA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Ao longo da história, percebemos que a partir do século XVIII o status da mulher começou a mudar em função do desenvolvimento da sociedade. A Revolução Francesa rapidamente difundiu suas idéias liberais.

Nesse período, na Europa, ocorreram grandes transformações nos hábitos, nos costumes e também nas relações humanas. Homens e mulheres assumiram nova atitude, tanto no convívio privado quanto no coletivo. Em conseqüência dos novos acontecimentos que se apresentaram ao mundo, muitas mulheres se destacaram e desde esse momento participaram de duros embates em vários países (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Na França, em 1791, Olympe de Gouges[9] escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, paralelamente à Declaração dos Direitos do Homem, onde pedia que fossem abolidos todos os privilégios masculinos. Por suas idéias avançadas foi guilhotinada em 1793. Na Grã-Bretanha, em 1792, Mary Wollstonecraft escreveu A Reivindicação dos Direitos da Mulher, expondo e apresentando o início de uma tomada de consciência em relação à luta pelos direitos da mulher (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Essa autora relata que, no Brasil, a chegada da família real portuguesa, em 1808, trouxe grandes reformas administrativas, culturais e socioeconômicas. Instalaram-se no Rio de Janeiro, indústrias, instituições de ensino superior, Imprensa Régia, a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico e um modo de vida europeu. Essas transformações possibilitaram uma mudança no comportamento das mulheres da

[9] Pseudônimo de Marie Gouze (Montauban, 7 de maio de 1748 – Paris, 3 de novembro de 1793). Foi uma feminista, revolucionária, jornalista, escritora e autora de peças de teatro francesa. Os escritos feministas de sua autoria alcançaram enorme audiência. Foi uma defensora da democracia e dos direitos das mulheres. Desafiou a conduta injusta da autoridade masculina e da relação homem-mulher (ROCHA-COUTINHO, 1994).

classe superior urbana, que eram freqüentemente vistas nos teatros, festas da família real e recepções. Ainda que sempre acompanhadas, deixaram para trás o "enclausuramento" doméstico.

A sociedade baiana do final do século XIX e início do século XX reafirmou a longa tradição das sociedades calcadas no modelo patriarcal, ou seja, colocou a família como centro nuclear das relações sociais, propiciando a criação de laços de parentesco como a forma mais expressiva de solidariedade social. A contemporaneidade representou um largo passo para a saída das mulheres do seio doméstico e fez com que ela assumisse diferenciada posição na composição familiar (ROCHA-COUTINHO, 1994).

O modelo de família naquela época, se comparado à antiguidade, pouco se diferenciaria. As palavras de Foucault (2002, p. 161) ajudam-nos a compreender o que ocorria na sociedade baiana daquele momento: "[...] a vida matrimonial tinha sido caracterizada por uma repartição dos encargos e dos comportamentos na forma de complementaridade".

Nessa lógica, o entendimento é de que o homem realizava aquilo que a mulher não podia realizar, e ela, por sua vez, efetuava as tarefas que não estavam inscritas no âmbito de seu marido. Ainda nas primeiras décadas do século XX, e de forma menos rígida na atualidade, a mulher e o homem assumem funções distintas, que acabam por legitimar a dominação simbólica do masculino sobre o feminino.

Ressaltamos que fossem abastadas ou pobres, todas as mulheres tinham o mesmo fim: desempenhar o papel de mãe, orientar os filhos, fazer ou mandar fazer as refeições, cuidar pessoalmente ou mandar alguém cuidar da casa, costurar e bordar. Eis a rotina da maioria das mulheres do início do século XX, seja na Bahia, seja em outros estados da Federação (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Na visão de Falci (2001, p. 241):

> Não importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira das classes. Ao nascerem, são chamadas 'mininu fêmea'. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregaram dentro delas.

As atividades fora do lar para as mulheres não eram bem vistas socialmente, ainda que existissem. Na época, era voz comum na sociedade que a mulher não

precisava nem deveria ganhar dinheiro. Todavia a necessidade de sobrevivência imperava entre as mais pobres ou as que viviam nos conventos e precisavam agregar renda ao orçamento próprio, da família ou como uma forma de complementação. Segundo Passos (1993, p. 18):

> [...] de maneira geral, as mulheres [do início do século XX] eram subjugadas pelos homens e por uma série de normas sociais que as impedia de saírem sozinhas, de ter encontros fortuitos, de despertar maledicências e de trabalhar fora, entre outras. Trabalhar fora era ”feio” e só aceitável em casos de extrema necessidade.

Assim, algumas mulheres iam, parcialmente, de encontro às normas sociais vigentes, porquanto realizavam todas as atividades no seio de seus lares e desenvolviam atividades artesanais com fins de comercialização. Como exemplos dessas atividades, podemos citar a confecção de doces por encomenda, arranjos de flores, costuras, chapelaria, bordados para enxovais, ensino da arte de tocar piano ou, para as mais pobres, a montagem de quitandas e tabuleiros nas portas das casas das proprietárias, para a comercialização de hortaliças e outros produtos de cozinha e, ainda, a prestação de serviços domésticos como lavar e cozer em “casas de família” (PASSOS, 1993).

Nesta perspectiva, a explicação dada por Bourdieu (1995, p. 138) coaduna-se muito bem com o cenário na Bahia e nos demais estados e partes do mundo, ao se pautar no entendimento de que à mulher estavam reservados: “[...] trabalhos privados e escondidos e até mesmo invisíveis e vergonhosos, como a criação das crianças e dos animais, e uma boa parte dos trabalhos exteriores [...] os mais monótonos, os mais penosos e os mais humildes.”

De maneira oposta, a socialização do homem estava direcionada à prática da vida pública. Havia, portanto, uma bipolarização na educação do homem e da mulher, que se estende desde aquela época até os dias atuais.

Embora apresentasse conhecimentos elementares, o ensino para os sexos possuía nuances diferentes: para meninos eram inseridas noções de geometria e para as meninas, o ensino de costura e bordado, o que confirmava que o currículo, desde aquela época, era estigmatizado pelo gênero, como aponta Bourdieu (1995).

De acordo com Louro (2004), “[...] seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de

algum modo, universais dentro daquela sociedade", já que a educação tinha a função de formar os sujeitos para atuar competentemente segundo seus papéis sociais na vida adulta.

Dessa forma, a mulher baiana, no início do século XX, desempenhava múltiplos papéis simultaneamente: o de coordenadora ou executora das atividades domésticas, de provedora do orçamento doméstico (em alguns casos), de esposa fiel e, fundamentalmente, de mãe amorosa e educadora (e, mesmo assim, foi encarada como uma representante social anônima).

Vale ressaltar que, nas classes populares, a mulher era diretamente responsável pela subsistência e educação dos filhos, pois eram recorrentes os casos de negação da paternidade. Este recurso era utilizado, em algumas situações, como um mecanismo de proteção ao patrimônio dos homens ricos contra uma possível distribuição de renda aos filhos bastardos. Segundo Ferreira Filho (2003, p. 156):

> A vocação da legislação colonial, imperial e republicana de proteger o patrimônio familiar contra uma possível dissipação através de descendentes bastardos acabou por associar, na vida cotidiana, a filiação exclusivamente à maternidade, haja vista o grande número de empecilhos legais postos à investigação de paternidade. Fora da família oficialmente constituída, era impossível prová-la sem a aquiescência do pai, mesmo sendo a filiação paterna de amplo conhecimento público.

Esse peso sobre a mulher pobre que, de repente, teria que ser a provedora solitária de sua prole e a responsável pela manutenção econômica e moral da criação dos filhos, acarretou soluções extremadas de alguns casos de gravidez não desejada. Existiram inúmeros casos de aborto, infanticídio e abandono de recém-nascidos tanto nas ruas, entregues à própria sorte, quanto em casas de órfãos, conforme Da Matta (1996).

Em 1914, a Santa Casa de Misericórdia de Salvador efetuou algumas modificações em sua organização para minimizar o problema social gerado por órfãos ou filhos não desejados. A Santa Casa criou creches, jardins de infância, ensino primário e profissional, com um currículo composto de disciplinas como instrução moral, religiosa, cívica e cantos patrióticos (FERREIRA FILHO, 2003).

Citamos como exemplo o caso das famílias que queriam salvar a honra de suas filhas, maculada com uma gravidez indesejada, ou ainda das mulheres que, embora “amassem” seus filhos, não tinham condições econômicas suficientes para mantê-los, haja vista que os empregos domésticos da época exigiam que a mulher fosse residente da casa dos patrões.

Mesmo com todos os problemas sociais ora citados, os valores morais vigentes à época exaltavam a necessidade do casamento da mulher. Evidentemente, muitas mulheres não se casaram, por causa de problemas de herança, de dote ou porque não encontraram “parceiros à altura”.

Segundo Falci (2001, p. 256): “[...] tão logo passadas as ‘primeiras regras’ (menstruação) e a mocinha fizesse corpo de mulher, os pais começavam a se preocupar com o futuro encaminhamento da jovem para o matrimônio”.

Por este motivo, a confecção do enxoval da futura nubente começava a ser preparado aos 12 anos de idade e os conselhos para ser uma boa esposa e boa mãe começavam a ser mais recorrentes pelos membros da família, em especial pelas mulheres.

Esclarecemos, apoiadas em Falci (2001), que a moça ficava esperando, ano após ano, a chegada de seu casamento, já que ela só poderia esperar até os 25 anos para se casar. Já nas famílias de elite, os casamentos eram estabelecidos como compromissos familiares para a manutenção do patrimônio e prestígio social. E assim era o sentido maior da educação feminina: ser esposa e mãe.

Em épocas passadas, a mulher haveria de nascer, viver e crescer submetida à discriminação e ao poder em suas diferentes instâncias sociais. As práticas educativas e de poder que sempre se desenvolviam nas sociedades davam-lhe o direito apenas de aprender, sem restrições, prendas do lar, para, por fim, procriar. Não deveria aprender mais do que o necessário, pois seu destino era desempenhar seu papel de esposa, mulher ou escrava, sem qualquer questionamento ou condição.

Aos poucos, a mulher cortou os laços que a uniam a esse passado que a obrigava a viver de cabeça baixa, inerte, inconsciente, sem direito a vez e a voz, Deixou de ser submissa, para ser independente, emancipada, feminista. Porém não foi fácil chegar aonde se encontra, pois brigou e ainda briga por um lugar na sociedade, por seu espaço e ideais. Segundo Passos (2000, p. 39-40):

> No que tange à condição feminina, as mulheres passaram a ser juridicamente consideradas iguais aos homens, com direito a votar e a possuir propriedades. Também passaram a participar mais intensamente do mundo do trabalho produtivo [...].

Com o final da segunda guerra mundial, muitos problemas concretos começaram a surgir, pois as feministas sabiam que, com o fim da guerra e o retorno de homens, estes reivindicariam seu espaço no mundo do trabalho produtivo, mesmo porque as mulheres não tencionavam retornar às tradicionais funções femininas, encerradas no espaço privado do lar.

Neste cenário, e, principalmente na Bahia, surgiram nomes como o de Simone de Beauvoir, que propôs a reflexão sobre a condição da mulher, principalmente quando esta condição estivesse relacionada a sua própria existência feminina. Os ideais da existência feminina, para Beauvoir, partiam das condições de escolha do próprio destino, não sendo este uma determinação limitadora, nas quais Passos (2000, p. 41) sintetiza o entendimento de Beauvoir sobre a liberdade e a escolha:

> A liberdade consistia em estar de acordo consigo mesma e coma vida que escolhera, bem como em ter controle racional sem conflitos. Relacionava-se com essa liberdade não apenas de forma filosófica, mas objetivando-a em situações concretas como nas conversas com os amigos ou na escolha dos locais onde desejaria comer, beber ou dormir.

O conceito e o entendimento de liberdade permitiam que outras orientações para a vida fossem tiradas, caracterizadas como formas de libertação, sendo uma destas a questão da educação. Neste campo, um de seus maiores suportes nos dias atuais, a mulher encontrou novas respostas para velhas questões que a ajudaram a refletir e construir afetivamente sua história. Deste modo, entra em cena com novos argumentos que lhe permitem ser espontânea e verdadeira, muito embora ainda seja vista por uma pequena parte da sociedade como alguém incapaz de agir e de tomar suas próprias iniciativas, é ainda taxada de irresponsável, devassa, entre outros qualificativos depreciadores (FALCI, 2001).

Hoje, certamente, podemos admitir que, a despeito de muita luta e sofrimento, a mulher, significativamente, vem sendo reconhecida e valorizada por sua importância e méritos apresentados frente ao homem e a toda a sociedade que a

rodeia. Cada vez mais forte, otimista e esperançosa do que quer, a mulher vai em busca de uma vida melhor e já encontra espaço para exercer profissões diversas. Apesar disso continua lutando sem parar pelo direito de igualdade, principalmente, quando se trata de executar atividades antes denominadas “masculinas”.

O exercício de diversas profissões e a luta pela igualdade tem contribuído para que a mulher atue eficazmente nos dias atuais, possibilitando que educadores e estudiosos possam reafirmar e sustentar suas concepções, tomando como referência fatos e acontecimentos ocorridos em épocas remotas, sociedades e culturas diferentes, com a intenção de mudar para melhor o quadro de um processo complexo que envolve a educação da mulher.

A partir da concepção de luta por seus direitos, a mulher passou a ter mais consciência de que a sua existência no cotidiano é uma necessidade que vem sendo demonstrada por sua vontade de conhecer, questionar, relacionar, discutir, compreender e enfrentar a sociedade de um modo geral.

A educação feminina institucionalizada é um fenômeno recente de estudo na historiografia. Durante séculos, a mulher foi retratada, de modo geral, em uma situação de subordinação e dependência do pai e/ou do marido. Foi vista como objeto sexual do homem, colonizador e proprietário.

No capítulo que se segue, discutiremos o contexto da educação baiana no final do século XIX e início do século XX, visando desvendar os principais fatores dessa época que influenciaram a visão e a atuação da educadora Maria Luiza de Sousa Alves.

4 MARIA LUIZA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BAIANA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

> O que define o ser humano é aquilo que ele livremente escolheu ser, tomando por base apenas o seu pensamento e as ações que praticou, independentemente de sua condição social ou econômica, de lei moral ou de lutas de classe.
>
> (PASSOS, 2000, p. 42).

Propomo-nos, neste capítulo, a discussao em torno do contexto sociohistórico educacional baiano no final do século XIX e início do século XX, com a finalidade de mostrar o dinamismo ocorrido nesta época que influenciou o pensamento e a atuação da educadora Maria Luiza de Sousa Alves.

4.1 CONTEXTO SOCIOHISTÓRICO

Historicamente, inferimos que do final do século XIX até meados do XX, um fluxo intenso de mudanças atingiu todos os níveis da experiência social, estimulado principalmente por um novo dinamismo no contexto da economia internacional. Não apenas no Brasil, mas em todo o mundo integrado pela economia capitalista, de fato, nunca, em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas tão rapidamente num processo de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção etc.

Salientamos que esse novo contexto da economia mundial teve suas raízes, sobretudo, na revolução industrial e nos desdobramentos da revolução científico-tecnológica, caracterizadas, respectivamente, pelo surgimento das primeiras

unidades produtivas, as fábricas, e pela aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos.

Percebemos que com a revolução científico-tecnológica surgiu uma variedade de novos equipamentos, produtos e processos que invadiram e transformaram, de forma drástica e perturbadora, o cotidiano das pessoas, principalmente no contexto das grandes metrópoles — outro fenômeno derivado da revolução — caracterizadas pelo ritmo intenso dos transportes, das comunicações e do trabalho (AZEVEDO, 1955).

As transformações ocorridas no modo de vida ocorreram mais concentradamente entre a última década do século XIX e as primeiras do século XX, nos países mais desenvolvidos da Europa e nos Estados Unidos. Azevedo (1995) avalia que, embora estejamos convivendo hoje com um momento ainda intensamente marcado pelo avanço tecnológico, podemos perceber que é dentro desse contexto histórico “moderno”, configurado a partir da passagem do século, que encontramos nossa identidade, quando da instituição da educação como fator de mudança.

Assim, em meados do século XIX, as potências industriais, por meio de uma política expansionista conhecida como neocolonialismo ou imperialismo, passaram a disputar e dividir entre si as áreas ainda não colonizadas do globo ou a restabelecer vínculos de dependência estreitos com áreas do passado colonial. O resultado dessa nova expansão européia foi o avanço acelerado sobre as sociedades tradicionais, de economia agrícola, que se viram dragadas pelo ritmo frenético da industrialização européia. O problema é que para as potências industriais, além da incorporação de novas áreas territoriais aos seus domínios, era necessário também transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, suas culturas e costumes seculares, de modo a persuadir-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo, conforme o novo padrão da economia de base científico-tecnológica (FERNANDES; GOMES, 1992).

É nesse contexto que, em 15 de novembro de 1889, foi instalado o republicanismo no Rio de Janeiro, bem como em outros Estados. A partir dessa data, formou-se o Governo Provisório, tendo Deodoro da Fonseca como líder, Benjamin Constant como Ministro de Estado e Manuel Victorino indicado para governador do estado da Bahia. Entretanto, a aclamação da República na federação

baiana só ocorreu em 17 de novembro de 1889, em frente ao Forte de São Pedro, na cidade de Salvador (SANTOS, 1982).

Ressaltamos que apesar de ser um fato consumado e representar a entrada forçosa do país na modernidade, pois a idéia das novas elites era promover, a todo custo, a industrialização imediata e a modernização do país, o novo regime não significou, em hipótese alguma, na Bahia, uma verdadeira mudança, pois pouco alterou o quadro político, econômico e social.

De qualquer forma, uma organização política foi iniciada no ano de 1890, na qual nomes de políticos monarquistas foram lembrados para a composição do governo republicano local, deixando evidente que o cerne da questão era muito mais os interesses regionais e muito menos a posição teórico-ideológica dos envolvidos (FERNANDES; GOMES, 1992).

Do ponto de vista institucional, o advento da República não significou mudanças generalizadas, mas fomentou a necessidade de acomodação das antigas instituições à nova ordem. A Igreja Católica, por exemplo, passou por certa crise nos primeiros anos republicanos. As autoridades eclesiásticas começaram a promover intensamente uma campanha contra a laicização da sociedade, ao mesmo tempo em que estimulavam uma verdadeira cruzada em busca de novos fiéis. Esse conflito se verificava, de fato, desde o final do Império, entretanto, acentuou-se com o advento da Proclamação da República. Apesar de ser um precioso instrumento para a manutenção da ordem, a Igreja perdeu parte do seu antigo prestígio, a começar pela sua separação oficial do Estado (FERNANDES; GOMES, 1992).

Destacamos que é praticamente impossível se ter uma compreensão da história brasileira dos anos de 1910-1930, tendo em vista que esse período foi o mais efetivo nas mudanças relacionadas à questão educacional, sem passar em revista o papel peculiar ocupado pela Igreja Católica. É fato que a Proclamação da República assinalou a separação formal entre Igreja e Estado e a Igreja Católica brasileira passou, no princípio da República, por desgaste político, especialmente depois da I Guerra Mundial (AZEVEDO, 1955).

A sociedade baiana desse período reafirmou uma longa tradição das sociedades calcadas no modelo patriarcal, ou seja, colocou a família como centro nuclear das relações sociais, propiciando a criação de laços de parentesco como a forma mais expressiva de solidariedade social. A contemporaneidade representou

um largo passo para a saída da mulher do seio doméstico e fez com que ela assumisse diferenciada posição na composição familiar (SANTOS, 1982).

O modelo de família naquela época, se comparado à antiguidade, pouco se diferenciaria. Nas palavras de Foucault (2002, p. 161): “[...] a vida matrimonial tinha sido caracterizada por uma repartição dos encargos e dos comportamentos na forma de complementaridade”.

Nessa lógica, o homem realizava aquilo que à mulher não era permitido; ela, por sua vez, executava as tarefas que não estavam inscritas no âmbito de seu marido. Ainda nas primeiras décadas do século XX e de forma menos rígida na atualidade, a mulher e o homem assumiam funções distintas que acabavam por legitimar a dominação simbólica do masculino sobre o feminino. Fossem abastadas ou pobres, todas as mulheres tinham o mesmo fim: desempenhar o papel de mãe, orientar os filhos, fazer ou mandar fazer as refeições, cuidar pessoalmente ou mandar alguém cuidar da casa, costurar e bordar. O exercício dessas atividades caracterizava-se como uma rotina para maioria das mulheres no início do século XX (HILSDORF, 2003).

No que tange ao ambiente sociopolítico vivido na cidade do Salvador, no início do republicanismo, Azevedo (1955) diz não é possível precisar, com exatidão, a composição das classes sociais. Para o autor, de forma geral, a sociedade soteropolitana estava dividida em duas grandes classes: a) um estrato inferior, uma classe normalmente não eleita para ocupar cargos políticos, composta em sua maior parte por negros e seus descendentes; b) um estrato superior, que possuía em seu quadro representantes de cargos políticos, geralmente formada por elementos considerados “brancos”.

Ressaltamos que nos estudos que se ocupam de realidades posteriores à Primeira República, a exemplo de Lins (1990) e Azevedo (1996), os registros começam a apresentar uma divisão mais bem elaborada acerca da composição das classes na cidade do Salvador, inclusive se preocupando com a caracterização do que seria uma classe média.

Analisando, por exemplo, a composição social da cidade do Salvador, no início dos anos 40 do século passado, Azevedo (1955, p. 67) afirma:

> Em traços esquemáticos a população baiana possui uma classe superior da qual fazem parte os descendentes da aristocracia, os

> grandes proprietários e comerciantes, os intelectuais e profissionais liberais como advogados, médicos e engenheiros, oficiais das Forças Armadas, políticos, professores universitários e os poucos industriais. A classe baixa, constituída da gente mais pobre, de profissões modestas braçais e manuais. Existe também um estrato que não se poderia rigorosamente chamar de classe média, com os médios funcionários públicos e comerciantes.

Quanto à economia baiana na Primeira República, Santos (1982, p. 33) enuncia:

> A característica dominante da economia da Bahia na Primeira República foi sua permanência agro-mercantil, sem que se tornasse viável as perspectivas de industrialização. A atividade industrial era incipiente: a capital contava com três tipos de unidades industriais: a fábrica; a pequena indústria, e a oficina.

As indústrias que funcionavam na cidade do Salvador na Primeira República produziam principalmente bens de consumo imediato e com baixo emprego de mão-de-obra. Assim, ao analisar o espaço urbano da cidade do Salvador, durante as duas primeiras décadas do século XX, Santos (1982, p. 154) conclui:

> Parte da Freguesia de São Pedro tornou-se praticamente de negócios e de residências degradadas, os primeiros ampliavam-se e as residências tinham de ceder-lhes lugar. Alguns privilegiados puderam abandonar o centro e, passaram a construir seus palacetes na Freguesia da Vitória (sobretudo, Barra, Corredor da Vitória, Campo Grande, Barra Avenida e Graça). Nas Freguesias de Santana e Nazaré, os negócios se limitavam ao pequeno comércio retalhista, principalmente de gêneros alimentícios.

Para entender a infra estrutura e economia da cidade do Salvador durante o período em estudo, é importante levar em consideração o processo de modernização da cidade, promovida pelo governador J.J. Seabra, durante as duas primeiras décadas do século passado. Esse processo de modernização revelava sua nova face: segmentado e polarizado, ele não conseguia atingir, em seu padrão de sincronia, todos os espaços da cidade (FERNANDES; GOMES, 1992).

Assim, a Bahia do início do século XX foi um estado tradicional, que viveu um momento dual entre a modernidade e seus traços conservadores. À luz das influências européias, por exemplo, a moda parisiense começou a entrar nas vitrines baianas; as ruas da cidade de Salvador começaram lentamente a ficar menos

estreitas, proporcionando melhorias na qualidade de vida da população, espaço para a circulação dos primeiros automóveis e de um maior número de pessoas que faziam nas ruas suas atividades de lazer, além do fortalecimento de centros comerciais, a exemplo da Rua Chile (SANTOS, 1982).

Sintetizando todo esse contexto histórico, entre as décadas de 1910-1940, não só a cidade do Salvador, mas todo o estado da Bahia permaneceu na esfera agro-mercantil; ou seja, durante a Primeira República, o contexto era marcado pelo atraso industrial e pela dependência do comércio das monoculturas para exportação (SANTOS, 1982).

Somente nos anos 1940 ocorreu certo avanço econômico do setor financeiro do estado que ganhou força, consolidando-se, inclusive, no cenário nacional. A principal base econômica do estado da Bahia, entretanto, ainda girava em torno do capital externo, dos grandes produtores rurais e dos grandes comerciantes, os quais continuavam bastante influentes no campo econômico e político (SANTOS, 1982).

4.2 CENÁRIO EDUCACIONAL BAIANO

Ao discorremos sobre o cenário da educação baiana evidenciamos que entre 1870 e 1920, a educação nacional foi tomada por um entusiasmo ideológico que fazia proliferar debates polêmicos em torno da questão educacional. Nesse contexto, intelectuais, padres, políticos, ministros, evangélicos, fazendeiros e até representantes das classes populares discutiam os problemas da educação brasileira. O projeto educacional republicano foi conflituoso, sobretudo no campo pedagógico: de um lado posicionava-se a tendência tradicional, associada ao ensino confessional católico; do outro, a tendência “moderna”, geralmente identificada com o ensino oficial oferecido pelos republicanos, conforme aponta Hilsdorf (2003).

Sendo assim, no início do período republicano, a educação estava em um terreno movediço e nada fácil de ser administrado. Existia um embate político para saber quem assumiria o controle do ensino: de um lado a Igreja Católica e os colégios confessionais das diversas Ordens; do outro, o estado e vários grupos protestantes (GHIRALDELLI JR, 1999).

Refletindo essa realidade, a Bahia do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX contava com a atuação de vários colégios confessionais que ocupavam um lugar significativo na estrutura do ensino. Vale salientar que até o final da República Velha as principais instituições educacionais instaladas no estado eram, em sua maioria, pertencentes às ordens religiosas femininas.

Vejamos o que diz Almeida (1999, p. 68) sobre esta questão:

> O Colégio Nossa Senhora da Soledade, fundado em 1752, dedicado às meninas dos segmentos sociais intermediários; o Colégio Nossa Senhora das Mercês, inaugurado em 1897 e que tinha como finalidade congregar mulheres das classes mais abastadas da cidade; além do Colégio Nossa Senhora da Salete, fundado em 1858, que educava as meninas pobres e órfãs.

Fundado em 1900, o Liceu Salesiano foi o primeiro colégio das ordens confessionais masculinas a entrar em funcionamento no regime republicano. Essa escola absorvia os alunos pertencentes às camadas médias da população baiana e seu ensino estava voltado para o aprendizado profissional. Poucos anos mais tarde, em 1904, o Colégio Nossa Senhora da Vitória dos irmãos maristas entrou em atividade. Seu público-alvo era principalmente os membros das classes mais abastadas da cidade. Em 1911, fundou-se o Colégio Antonio Vieira, também voltado para os segmentos sociais economicamente mais privilegiados. Essas escolas necessitavam de autorização para o funcionamento e deviam obedecer às normas estabelecidas pelo governo (ALMEIDA, 1999).

Ainda segundo essa autora, os conflitos persistiam e cresceram na década de 1920, devido ao incremento numérico da intelectualidade e dos professores, mas estes últimos ainda eram marginalizados pelo governo republicano. Foi nesse clima que surgiram as associações de professores, que intensificaram os debates em torno de um projeto educacional para o país, envolvendo, dentre outras coisas, a criação de um Ministério da Educação, o aumento da Rede Pública de Ensino e a criação das Secretarias e Diretorias estaduais.

Tavares (1968) investigou as duas reformas educacionais ocorridas na Bahia durante a República Velha, uma em 1895 e outra em 1925, e examinou as condições e circunstâncias em que tais reformas se deram e como ajudaram a configurar o sistema educacional baiano. De acordo com este pesquisador, a Lei de 1895, teve um caráter moderado e centralizador.

> Por ela toda a administração educacional ficava a cargo do Governador [...] mantinha-se o antigo esquema [...] consultivo como sempre, o Conselho Superior de Ensino reservava-se à fiscalização da obrigatoriedade e gratuidade do ensino, e a aprovação dos prédios escolares (TAVARES, 1968, p. 48).

Consoante o autor citado, a maior parte dos parlamentares baianos afinavam-se com as idéias mais conservadoras, seja no campo político, seja no campo educacional, entretanto a Lei de 1895 refletia o ideário das reformas educacionais na Bahia. Nos anos iniciais do século XX, ocorreram algumas reformas na antiga lei:

> Em 1904, aumentava-se a participação do Estado nas despesas com educação, no entanto persistiram as falhas. Vieram então seguidamente, até 1919, leis e decretos que testemunham o redemoinho de idas e voltas em torno da aplicação de princípios (TAVARES, 1968, p. 49).

Somente depois dessas instabilidades, Anísio Teixeira (Diretor da Instrução Pública da Bahia entre 1924-1929) produziu um novo sistema educacional e aperfeiçoou o aparelho escolar baiano. Segundo Tavares (1968, p. 55), foi por meio da reforma de 1925 que Anísio Teixeira declarou seu maior objetivo no campo profissional: “[...] educar moral e intelectualmente o homem, tornando-o apto para a vida em sociedade.”

Resumindo inferimos que esta lei, inspirada no modelo norte-americano de ensino, estimulava a educação integral que cultivasse a orientação vocacional para os alunos, nas séries que, atualmente, chamamos do Ensino Fundamental e na época dividia-se em ensino Elementar e Complementar. Ela também previa uma maior participação do Estado, tanto com despesas para a manutenção das unidades educacionais já existentes, como na construção de prédios escolares apropriados (TAVARES, 1968).

Costa e Silva (1999) faz um balanço da educação baiana em termos da estrutura, funcionamento e legislação do ensino primário, desde o final do século XIX até os anos iniciais da década de 1930. Seja em termos administrativos, seja em termos financeiros, o estado da educação primária na Bahia do início da década de 1920 era caótico, caracterizado por salários de professores atrasados, instalações escolares inadequadas, não cumprimento da legislação, tudo isso devido ao

descaso e à má aplicação dos recursos, tanto no interior do estado como em Salvador.

Assim como Tavares (1968), Costa e Silva (1999) concorda que foi somente no governo Góes Calmon (1924-1929) que o Estado passou a demonstrar maior interesse em encontrar soluções para o problema educacional na Bahia. Segundo esta autora, foi nesse governo que:

> A instrução pública não ficou apenas na retórica eleitoral [...] fez crescer significativamente a rede escolar no interior [...] na capital transferiu para prédios adequados vinte e sete escolas situadas em vários distritos, fundou as Escolas Reunidas de Nazaré. O mesmo ocorreu no Garcia e na rua do Passo, uma batalha para dotar o ensino de casas escolares [...] Embora não sendo a situação ideal, representava um avanço considerável (COSTA E SILVA, 1999, p. 73).

Mesmo com as melhorias promovidas por Góes Calmon, o terreno para a iniciativa privada e escolas confessionais ainda era bastante promissor; motivos para isso era o que não faltava: o interior da Bahia continuava quase desassistido em termos de atendimento escolar oficial e os prédios destinados à educação pública, na maioria das vezes, eram impróprios. O colégio público era considerado o modelo ideal para a criação de novos colégios; contudo, oferecia vagas apenas para as séries finais da educação básica (atual Ensino Médio). Os candidatos às vagas de seus cursos eram submetidos a rigoroso exame. Geralmente, a preparação eficaz para a tradicional seleção do “Gymnasio da Bahia” se dava nos conceituados colégios confessionais e da iniciativa privada (COSTA E SILVA, 1999).

O aumento do número de escolas e a reestruturação do sistema escolar brasileiro era uma das bandeiras do programa de governo dos republicanos. Segundo Hilsdorf (2003, p. 71): “[...] a questão da escolarização permaneceu como um fator de extrema importância para as oligarquias que estiveram no poder durante a Primeira República.”

Percebemos, claramente, que havia o interesse estatal em formar, em termos educacionais, a camada dirigente, mas o sistema oficial, apesar dos esforços, não conseguia atender satisfatoriamente à população. De maneira geral, o Estado não conseguia tornar eficiente o sistema educacional, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. A saída encontrada pelos mais ricos, que queriam para seus

filhos um ensino de melhor qualidade, foi apelar para a iniciativa privada (escolas leigas) ou para as escolas confessionais.

Embora com a Revolução de 1930 o ensino brasileiro tenha experimentado melhor organização, os dados estatísticos desta década e do final da década de 1940 demonstram acentuadas diferenças impostas às pessoas por conta do gênero. Na Bahia, o ensino particular refletia bem tais diferenças (HILSDORF, 2003).

No final desse decênio, o movimento da Escola Nova ganhou força, apesar de ser um grupo heterogêneo, que abrigava um time de intelectuais que se destacavam no cenário nacional. Tal grupo defendia a tese de que bastaria modernizar e racionalizar o sistema educacional para resolver os problemas da pobreza, do alto índice de analfabetos e da fome que ainda persistiam na sociedade brasileira. Os argumentos escolanovistas baseavam-se nas teorias pedagógicas de influência norte americana que cultivavam a liberdade, o método ativo, o pragmatismo e o não-diretivismo no processo de ensino-aprendizagem, o que significava uma oposição ao modelo tradicional de inspiração católica que se aplicava no Brasil, o qual privilegiava a memorização e a passividade do aluno no processo cognitivo (HILSDORF, 2003).

Ressaltamos que o ponto que causava maior divergência com os setores católicos era a defesa da laicidade no ensino proposta por seus representantes. Em 1931, foi criado o Ministério da Educação e Saúde, mas os católicos já se organizavam para fazer frente ao movimento da Escola Nova.

Em 1932, início da Era Vargas, foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que, em resumo, pregava a laicidade do ensino, a sua organização em âmbito nacional e a defesa de um Estado centralizado para viabilizar a política educativa (TAVARES, 1968).

A Constituição de 1934 é um espelho da aliança entre a Igreja Católica e o governo de Vargas. Segundo aquela Carta Magna, a educação do país deveria seguir os princípios fundamentais de base católica; o ecletismo pedagógico e o socialismo deviam ser totalmente excluídos das escolas; em contrapartida, as humanidades clássicas deveriam ocupar lugar central nos programas escolares. A partir de 1935, o ensino da religião católica foi instituído oficialmente nas escolas públicas e as confessionais passaram a ser subsidiadas pelo governo federal. Entre o final da década de 1930, e meados da de 1940, a educação brasileira sofreu

reformas que se diziam modernas, mas que não foram, na prática, tão profundas. O slogan destas reformas era “a educação a serviço da nação” (TAVARES, 1968).

A educação, na condição de direito social, acabou sendo ofertada também como se fosse um privilégio, uma concessão, e não um direito. Estando atrelada ao Estado conservador e doador de direitos, a educação foi burilada durante boa parte do século XX para conter a formação de potenciais cidadãos livres, iguais e participativos (CARVALHO, 2006).

Para esse autor, não obstante as pedras encontradas no caminho, a sociedade brasileira amealhou uma série de “vitórias” que podem ser expressas na paulatina expansão do acesso ao ensino por todo o século XX, na também gradativa, porém lenta, diminuição da taxa de analfabetismo, na luta de educadores por uma educação pública, gratuita, obrigatória e laica e na preocupação do Estado em garanti-la para fomentar o desenvolvimento econômico. Por outro lado, se atentarmos para a forma como a educação foi se estruturando ao longo do século, podemos dizer que essas “vitórias” não passaram de “meias vitórias”, haja vista a permanência de um ensino de baixa qualidade, seletivo, desigualmente ofertado e, porque não dizer, segregador e reprodutor de desigualdades.

Boa parte dessa estrutura seletiva que marca o sistema educacional pôde se manter viva por conta da própria forma conservadora e dual com que os direitos de cidadania se formaram. Essa “cultura” do Estado doador de direitos, da baixa participação política e da rarefeita consciência da existência dos direitos contribuiu apenas para distanciar a educação de sua real condição de direito e, dessa forma, tornar mais fácil sua oferta e estrutura desigual e seletiva (CARVALHO, 2006).

Percebemos que ao longo de todo o século passado, a história do cenário educacional brasileiro foi assinalada por sucessivos movimentos voltados para torná-la de qualidade e acessível a parcelas cada vez mais amplas da população. Entretanto a herança do século XIX marcou um sistema educacional profundamente elitista, com ênfase na educação superior para os filhos das camadas mais abastadas da população, algum ensino secundário centralizado na capital do país, voltado para o acesso à educação superior, e educação primária praticamente inexistente, sob a responsabilidade dispersa e pouco assumida pelas Províncias do Império.

Dessa forma, observamos que, no território baiano, o ambiente educacional refletia o processo político-social ocorrido no âmbito da educação brasileira, sendo

intenso o debate acerca do projeto educacional que mais se adequasse à realidade nacional.

Esta discussão não foi nada fácil, tendo em vista a disseminação de ideais educacionais desenvolvidos durante a Primeira República. Daí, a importância de entendermos a educação feminina na sociedade baiana.

4.3 EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA

Ao nos reportarmos à educação feminina na Bahia no Século XX, assim como no Brasil, observamos que esta se assemelhou, durante muito tempo, à educação dada às mulheres em Portugal. Na tradição ibérica, a mulher deveria restringir-se a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Para a sociedade misógina portuguesa, as mulheres eram consideradas seres inferiores e estariam na classe do *imbecilitus sexus* — sexo imbecil —, paradigma em que se encontravam também as crianças e os doentes mentais (RIBEIRO, 2000).

Como visto anteriormente, até o início do período imperial, em 1822, não havia preocupação com a educação formal feminina na colônia. Algumas mulheres de famílias mais abastadas iam estudar em Portugal, mas a grande maioria — seguindo a tradição patriarcal católica predominante no Brasil, e na Bahia não era diferente —, era educada em casa. Essa educação restringia-se a prendas domésticas, leitura de livros piedosos e morais e rudimentos de escrita, aprendizado suficiente para administrar uma casa e comandar escravos (RIBEIRO, 2000).

A alternativa para aquelas que queriam (e às quais era permitido) estudar era ir para um convento, cujo surgimento no Brasil e na Bahia data apenas da segunda metade do século XVII. Nessas instituições, e mais tarde nos internatos católicos, as brasileiras tinham aulas de leitura e de escrita, música, cantochão, órgão e trabalhos domésticos (MANOEL, 1996).

Para esse autor, ainda no século XIX, as classes brasileiras mais abastadas admitiram que não era suficiente para suas mulheres saber dirigir a casa e governar escravos. A admissão de que era preciso dar-lhes um polimento sociocultural, no

entanto, não foi suficiente para que o Estado cumprisse a obrigação de proporcionar-lhes educação (MANOEL, 1996).

Segundo Manoel (1996, p. 23):

> No decreto imperial de 15 de outubro de 1827, por exemplo, o governo estabeleceu um currículo não profissionalizante para a educação feminina, voltado para a formação de donas-de-casa, composto das seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, gramática, moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas.

O autor citado reconhece que, para os homens, foi proposto um currículo bem mais completo. Entretanto não houve condições práticas para execução de nenhum dos programas de estudo, uma vez que escolas não foram criadas para a execução do decreto.

Com base nas práticas de leitura recomendadas/permitidas à mulher, na qual se voltam à extensão da função formativa da escola e da família e à antinomia constitutiva da Modernidade, à mulher foi sendo dada liberdade de ler mais escritos. Por outro lado, o acesso a esses escritos era controlado pela família, pela escola e pela Igreja (FOUCAULT, 1986).

Apoiadas em Foucault (1986), podemos afirmar que, mediante uma ação capilar e difusa, deslizaria sutilmente nos impressos um poder, o qual, por seu turno, penetraria nas consciências (femininas, neste caso específico), por meio do controle de gestos, posições e comportamentos. Tratava-se de um processo disciplinar pautado em consciências (femininas) dóceis e suscetíveis ao projeto educativo imaginado para elas. Nesse projeto, o papel de dona-de-casa x mãe x esposa x educadora desempenharia lugar central.

Sintetizando o entendimento de Foucault, Passos (1995) diz-nos que o processo disciplinar, para ser eficiente, precisa ser minucioso a ponto de inspecionar e controlar tudo. Entre suas estratégias, o controle do tempo é fundamental, porque, ao controlar o tempo a ser gasto com cada atividade, define-se também o compasso do corpo, bem como sua relação com os objetos. O tempo torna-se regulado e regulador, pois cadencia a vida de acordo com os horários, propiciando a existência de espaços complexos, porém tidos como funcionais e disciplinares.

A maioria dos colégios da cidade do Salvador, sendo confessional católico, preocupava-se com as práticas das virtudes de acordo com sua doutrina, além do saber, pautado no cotidiano. Em sua orientação pedagógica, entendiam que este cotidiano dava o enredo e trazia um universo, em que os personagens transitavam em um determinado momento de suas vidas, num dado espaço físico. Esse caminho traduzia toda a sabedoria, a força e a poesia da vida, e as manifestações sociais e históricas de uma época (PASSOS, 1995).

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em si”. Na ótica lukacsiana, a vida cotidiana é insuprimível. Não há sociedade sem cotidianidade, não há homem sem vida cotidiana. Enquanto espaço-tempo de constituição, produção e reprodução do ser social, a vida cotidiana é ineliminável. Na escola, o tempo, em suas origens, constituiu-se como um “tempo disciplinar” (FOUCAULT, 1986). Mestres e estudantes tiveram (e têm) que aprender uma lógica e um ritmo próprio da escola. É necessário frisar que o tempo escolar, como um fato cultural, precisa ser interiorizado e aprendido. A formação das professoras, portanto, também se faz pela organização e ocupação de seu tempo, pelo uso dos espaços, pelas permissões e proibições, para onde ir ou não ir, como preconizado por Foucault (1986).

A cotidianidade é assim definida por Passos (1995, p. 192):

> A cotidianidade se estende a todas as esferas da vida: trabalho, lazer, atividades sociais. É ela que dá o ritmo do que fazemos no dia-a-dia: horários, hábitos, atividades; assim como todos os aspectos do indivíduo: razão, sentimentos e emoções. O cotidiano nos dá elementos para entender e recriar o universo mental individual e coletivo que, por sua vez, se expressa nos hábitos, nas crenças, nos costumes, nos valores nos ritos, vividos nas sociedades.

Analisando a educação administrada nos colégios da cidade do Salvador, na perspectiva do cotidiano, Passos (1995) percebeu a maneira pela qual as alunas assimilavam os valores, as mudanças e entendiam os conteúdos veiculados nessas instituições. Neste processo, a autora identificou a grande importância da linguagem, pois ela é o meio que leva o indivíduo a se relacionar com esse universo. A linguagem do cotidiano, portanto, e suas representações, embora de maneiras

pragmáticas e rotineiras, significam as idéias e os interesses de cada momento histórico.

Para essa autora, o ser humano expressará sua individualidade e suas condições históricas em sua prática produtiva, bem como em seus sentimentos. É conveniente frisar que a vida cotidiana é socialmente organizada e que a definição de papéis é necessária para a sobrevivência. Por outro lado, ela também possui um significado pertinente, que vem a ser a padronização dos comportamentos, que facilita o controle dos indivíduos, já que o comportamento é previsível, tendo como base da discussão a história cultural relacionada aos gêneros.

Um dos pressupostos importantes para a discussão da história dos papéis é a questão de gênero. A ela se conjugam a história cultural e da educação, e a produção literária das “mulheres letradas”, desde meados do século XVIII, que se consolidaram como temas da educação feminina.

A função formativa da escola e da família espraiou-se para outras esferas de socialização. Via leitura, a formação de indivíduos pode assumir contornos insuspeitos e, por meio de discursos aparentemente descompromissados, uma rede de poder invisível continua a determinar lugares e comportamentos sociais.

Ao longo dos séculos, o silêncio ou a diminuta visibilidade da “expressão” feminina nas sociedades do passado deixou em aberto muitas das questões vitais para a compreensão da complexidade da vida social, moral e literária daqueles tempos. Assim, compreendemos que a “condição” e a “imagem” da mulher na Idade Média e no Renascimento, sob diversos pontos de vista, têm suscitado um interesse crescente entre os pesquisadores.

Entendemos também que a concepção, as práticas e os discursos sobre a educação das mulheres baianas no início do século XX foram múltiplos, ainda que semelhantes, pois a educação familiar, de responsabilidade das mães, confundia-se com a educação escolar, de responsabilidade das professoras normalistas; ou seja, tinham o mesmo objetivo: a formação de boas mães, esposas e educadoras.

Como o início do século XX foi marcado pela emergência de novas teorias psicológicas e médico-higienistas, pelos ideais de ordem e progresso e pelos argumentos incisivos da Igreja Católica, o papel da mulher, mãe e educadora foi ficando cada vez mais exigente. Sob diferentes pontos de vista, segundo Louro (2001, p. 446), um discurso era proeminente e hegemônico entre os diferentes

estratos sociais: de alguma forma parecia unânime que “[...] as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”. Mas o que isso realmente queria dizer?

Para as mulheres, a ênfase na educação deveria estar centrada na educação para o lar, ou seja, deveria estar voltada para as atividades domésticas, bem como para uma sólida formação moral religiosa. Agora ficava demasiado claro que a formação moral era fundamental para a constituição do caráter feminino, ainda que a instrução da educação escolar, em doses reduzidas, fosse satisfatoriamente suficiente. Segundo Louro (2001, p. 446-447):

> Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial — como esposa e mãe — exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos.

Essa concepção de educação feminina pautava-se, legalmente, em termos históricos, na promulgação da 1ª Lei de Instrução Pública, de 1827. Conforme relato de Louro (2004, p. 447), esse instrumento legal dispunha:

> As mulheres carecem tanto mais de instrução, por quanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que os fazem homens bons e maus, são as origens das grandes desordens, como os de grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas.

Essa aspiração sustentava o *habitus*[10] da época, que vinculava a idéia de que a mulher precisava ser mais educada que instruída, ou seja, deveria desenvolver uma conduta moral irretocável, em detrimento do desenvolvimento intelectual. Enfim, estaria sendo formada para um bom casamento e para oferecer educação exemplar aos filhos (LOURO, 2004).

Neste cenário, a educação feminina, segundo Almeida (1998, p.19), indica:

---

[10] “[...] um sistema de disposições duráveis, que funciona praticamente como uma bússola, determinando as condutas razoáveis ou absurdas para qualquer agente inserido numa estrutura (BOURDIEU, 1983, p. 36)”.

> [...] apesar da pretendida igualdade, diferenciava-se nos seus objetivos, pois, segundo os positivistas, o trabalho intelectual não devia fatigá-las [as meninas], nem se constituir um risco a uma constituição que se afirmava frágil e nervosa, o que poderia, certamente, debilitar seus descendentes. Na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada. A mulher educada dentro das aspirações masculinas seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano, diferentemente do período colonial com seu recolhimento e distanciamento do espaço da sociabilidade.

A inserção das meninas no sistema educacional formal não significava, no entanto, avanços quanto a sua valorização intelectual. Essa inserção visava a preparação para que se tornassem boas companhias para seus maridos e os representassem socialmente. Para os homens significava ter esposas mais prendadas, “cultas”, mais qualificadas para a função doméstica e, consequentemente, melhores mães. Para as mulheres, o magistério era a oportunidade de se libertarem dos ”deveres” domésticos e terem acesso ao espaço público, ainda que elas também vislumbrassem um casamento melhor (ALMEIDA, 1998).

Mesmo com vistas à profissionalização feminina pelo magistério, podemos depreender que a educação da mulher centrou-se, fundamentalmente, no papel de esposa, mãe e educadora, vinculado aos novos ideais de modernização da sociedade, a higienização da família e a educação moral dos jovens. Segundo Louro (2001, p. 447), as mulheres deveriam ser:

> [...] diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar novos trabalhadores e trabalhadoras do país; àquelas que seriam as mães dos líderes também se atribuía a tarefa de orientação dos filhos e filhas, a manutenção de um lar afastado dos distúrbios e perturbações do mundo exterior.

Consoante a autora citada, a educação feminina, evidentemente, não poderia estar distanciada de uma educação cristã; no caso, a expressão cristã simbolizava o catolicismo. Embora a Proclamação da República, em 1889, tivesse formalizado oficialmente a separação entre a Igreja Católica e o Estado, era ela que permanecia como a moralidade religiosa proeminente, que separava as mulheres entre Evas e Marias. E por que Evas e Marias? Simplesmente porque havia uma divisão das

mulheres, que eram classificadas como mulheres sem escrúpulos (Evas) ou mulheres respeitáveis (Marias).

O conceito de “mulher” foi sendo reformulado ao longo dos tempos. Desde a Idade Média, as mulheres vêm sendo perseguidas e culpabilizadas pelo pecado original cometido por Adão. Por serem consideradas bruxas e complacentes com rituais satânicos, muitas foram queimadas em fogueiras. À mulher era atribuída a moldura de “pecadora” em potencial, ou seja, era a verdadeira Eva. E, ainda que em outro tempo e sob novos cenários sociais, deveria ser prisioneira de seus pais, maridos e filhos. Afinal, mulher alguma era confiável, pois o pecado faria parte de sua natureza mais íntima e subjetiva, além de ser altamente vulnerável aos desejos humanos e pecados mais degradantes (ALMEIDA, 1998).

Com o advento da Modernidade e a ascensão da sociedade burguesa no século XVIII, as mulheres começaram a desempenhar um papel diferenciado na sociedade. Desde esse período, as mulheres que freqüentavam a Igreja regularmente, desempenhavam suas atividades domésticas e viviam subjugadas às vontades de seus pais (e futuramente de seus maridos) começaram a ser vistas com novos olhos. A partir desse momento, poderiam ser comparadas à Virgem Maria, ícone máximo de pureza e exemplo de mulher e mãe (ALMEIDA, 1998).

Para Louro (2001), nessa nova concepção, as meninas jovens tinham que buscar seguir o exemplo de Maria, ou seja, um exemplo de pureza e maternidade, que implicava em uma vida de recato, pudor, perfeição moral, aceitação de sacrifícios e ação de educadora dos filhos, circunscrevendo seu universo social ao lar e à igreja. A educação era, portanto, direcionada para uma aprendizagem que adequasse seu mundo particular ao coletivo, dentro de um significado cristão. A religiosidade desenvolvida no cotidiano do colégio procurava ir ao encontro dos objetivos do Estado e da comunidade da época, que começavam a ascender ao desenvolvimento do país.

A autora acrescenta ainda que essa educação, marcada pela devoção, ocorria no dia-a-dia das instituições escolares. As “Marias” procuravam ajustar sua bagagem interior — razão, sentidos e emoções — com o meio em que viviam, desenvolvendo uma postura ética que as caracterizava tanto em sua singularidade como em seu plural. Em anos posteriores, era facilmente identificada uma estudante egressa de colégios religiosos, pois sua educação pautava-se em valores e na representação social que deixaram marcas indeléveis.

Como afirma Passos (1995, p. 195), a crença produz valores e conhecimentos que refletem as necessidades, os anseios sociais e até seus desajustes:

> [...] também a fé e o argumento da autoridade são elementos que definem a vida cotidiana, enquanto crenças que satisfazem aos projetos e sonhos dos sujeitos. Eles possuem um grande espaço no dia-a-dia, uma vez que esta esfera da vida não se baseia na intencionalidade nem na sistematicidade, como a ciência, e sim no senso comum, na praticidade e nas generalizações.

Dessa forma, o cotidiano nos diz muito sobre como a educação rígida, em colégios religiosos, estabeleceu um padrão de comportamento para desenvolver seus objetivos e quais suas consequências e desdobramentos, tendo em vista que as normas da Congregação tinham como objetivo educacional a promoção integral da pessoa, inspirando-se nos ensinamentos da Igreja Católica para elaborar seus programas de ensino e suas atividades. No cenário baiano, a escola era considerada pelo discurso normativo da Igreja Católica e pela sociedade que a respaldava como espaço social que contribuía para a formação plena das educandas.

Entendemos que o ideal da educação feminina, na cidade do Salvador, seria educar as jovens com sabedoria para que pudessem governar uma família com inteligência e maturidade. Nesse sentido, a educação dos colégios religiosos femininos preparava a mulher para seguir dois caminhos: ser uma excelente dona de casa, boa esposa e mãe de família; e ser profissional do magistério.

O modelo de mulher, segundo os padrões vigentes, foi disseminado nas práticas cotidianas, na maneira de agir das pessoas que conviviam nesses espaços. A disciplina rigorosa, os conteúdos curriculares intencionalmente organizados, o ritual dos exames, enfim, todos esses atos contribuíram para a formação da mulher. O objetivo era acordá-la, à luz da ciência e, principalmente, à luz da fé, para que fosse capaz de transmitir os valores do catolicismo conservador na família e na sociedade (LOURO, 2001).

Esta autora acrescenta que a face da Eva, entretanto, não tinha sido esquecida pela sociedade. As mulheres também eram fortemente controladas por suas famílias, mas, aos poucos, foram conquistando o direito de passear pelas ruas,

acompanhadas dos maridos ou parentes próximos, frequentar cinemas e teatros e emitir opiniões sobre ciência e política[11].

O casamento e a maternidade foram efetivamente constituídos como a verdadeira vocação feminina. Tudo o que afastasse as mulheres desse "destino" era tido como um desvio das normas e, por isso, poderia ser sancionado legal e socialmente. Isso demonstra que, embora um novo tempo republicano tivesse começado, a mentalidade das mulheres ainda estava fortemente enraizada nos limites impostos pela sociedade colonial, patriarcal e pelo catolicismo (LOURO, 2001).

Entendendo a educação como uma experiência e prática social histórica, podemos afirmar que ela se constituiu, na Bahia Antiga, numa necessidade de homens e mulheres, fruto das demandas de um tempo. A educação feminina foi, portanto, uma realização temporal em seus complexos laços com o conjunto da sociedade. Esta interpretação repousa na idéia de que toda e qualquer prática educativa, formal ou informal, é produzida nas relações que os gêneros estabelecem entre si na cultura, não sendo, portanto, um fenômeno natural ou neutro. Mesmo porque, segundo Passos (1995), a educação se constrói sob o signo das ideologias e das relações de poder, portanto, das relações culturalmente estabelecidas entre os sexos, classes, etnias e gerações.

Dos conventos às escolas normais, passando pelos recolhimentos, internatos, colégios confessionais ou as próprias residências, a experiência educativa das mulheres revelou diversidade, complexidade e uma dinâmica significativa para o conhecimento da vida cultural baiana entre os séculos XIX e XX. Nos espaços reservados ao cuidado e à educação das crianças, das moças, das jovens e das senhoras, foram projetados papéis sociais que nem sempre foram cumpridos à risca. Espaços de muitas vivências para a instrução, formação e socialização, foram também espaços para a transgressão de normas e condutas (PASSOS, 1995).

Schwartzman, Bonemy e Costa (2000) avaliam que a desigualdade da educação ministrada a homens e mulheres originou, entre outras causas, o pensamento de subordinação da mulher. Daí a injustiça da sociedade de querer privar a mulher de ser literata, como se ela não possuísse as mesmas faculdades intelectuais que os homens. O clamor pela "liberdade de pensar" das mulheres

[11] Somente em 1932, a legislação brasileira concedeu à mulher o direito de votar.

buscava, ao mesmo tempo, permitir-lhe liberdade na vida, com direito ao lazer, a uma socialização mais ampla e, mais além, uma profissionalização.

Para esses autores, na condição de leitoras, direito conquistado em meio a contendas e limites, as senhoras e senhoritas das elites foram construindo um projeto de educação e cidadania feminina até hoje inconcluso, que redesenhou certa visibilidade, proporcionando o exercício de funções na esfera extra-doméstica até então inimagináveis: publicação e divulgação de produções literárias, colaboração em periódicos brasileiros e estrangeiros, edição de jornais femininos, fundação de academias, admissão nos institutos e academias oficiais de letras, participação em movimentos sociais.

Faz-se necessário ver que esse processo ocorreu a partir da segunda metade do século XIX, como um movimento geral nas principais cidades do Brasil, intensificando-se na transição para a República. As opções surgiam *pari passu* ao crescimento das urbes e da demanda por direitos mais equivalentes entre os indivíduos. A própria imprensa, fruto da evolução cultural do país, abria canais de inserção para aquelas que escreviam colunas regulares nos periódicos ou simplesmente formavam círculos de leitoras.

Defendia-se a tese de que entre as poucas profissões femininas disponíveis, a de escritora era a mais fácil de se concretizar, pelo menos para as mulheres das classes urbanas média e alta. Este processo, no entanto, foi muito desigual, seguindo temporalidades distintas e com especificidades históricas de cada sociedade. A despeito das diferenças regionais e culturais, foram criadas redes de sonoridades, aonde se podia vislumbrar a participação, por exemplo, de mulheres soteropolitanas, em publicações que extrapolavam os limites geográficos da cidade (SCHWARTZMAN; BONEMY; COSTA, 2000).

Entre o Império e a República, tempo de longa duração, em que a cultura e o imaginário se processam numa dinâmica lenta, os vestígios da fala e da escrita de mulheres sinalizam para mudanças no subterrâneo da história, deixando às claras as mutações no processo de construção de novas subjetividades, identidades e modelos de formação feminina centrados no âmbito doméstico. No cenário baiano, a história da leitura e da escrita das mulheres tem contribuído de modo significativo para o conhecimento das práticas educativas que envolvem estes sujeitos. E as conquistas obtidas na luta pela emancipação feminina passaram a ser vistas como conquistas da civilização, que os homens deviam ampliar em próprio interesse, por

ser uma condição do progresso humano (SCHWARTZMAN; BONEMY; COSTA, 2000).

Esses autores acrescentam que a figura masculina esteve ausente deste processo de formação educativa, à medida que prevaleceu a idéia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; à mulher, por sua função procriadora, o mundo interno.

Argumentam ainda que, ao “civilizar” a mulher por meio da educação, teria sido aberto, mediante a prática da caridade cristã, um canal que lhe permitisse transitar entre as esferas públicas e privadas. O surgimento de colégios religiosos que abrigavam meninas contribuiu para que a figura feminina começasse a ganhar espaço. Além de manter suas atividades domésticas e familiares, elas passariam a ter uma participação mais ampla na vida social e pública, pela filantropia.

Para a igreja, a educação aparecia como uma área estratégica. O espaço institucional dos colégios religiosos representava a doutrina e a prática. De acordo com Schwartzman, Bonemy e Costa (2000, p. 42), “[...] além de reivindicar o direito do ensino religioso, no decreto de abril de 1931, a Igreja pretendia que o próprio Estado se voltasse contra o ensino neutro e a favor do ensino confessional católico.”

É nesse contexto que a educadora Maria Luiza de Sousa Alves atuou na sociedade baiana, militando em favor do feminismo conservador, aliado aos ideais católicos propagados na época. Poetisa, tradutora, professora, educadora e grande divulgadora do catolicismo — assunto sobre o qual publicou até morrer — nasceu em 27 de agosto de 1862, em Salvador, cidade em que faleceu aos 83 anos, no seio de uma família de brancos pobres, uma classe que na Bahia do século XIX situava-se entre a aristocracia de terras e os escravos.

Maria Luiza de Sousa Alves foi educada no Colégio das Órfãs do S.S. Coração de Jesus. Sua mãe perdeu o marido e não pode arcar com a criação de todos os filhos. Neste colégio, ela teve uma instrução esmerada, habituando-se a falar e escrever bem o francês, conhecimento que, mais tarde, muito a ajudou na tradução de obras daquela língua estrangeira, sobretudo romances, como meio de sobrevivência. Aos 19 anos, a futura educadora foi diplomada como professora do ensino primário e, desde então, construiu uma vitoriosa carreira.

A condição e educação feminina na Bahia, no início do século XX, foram permeadas de lutas e muitas conquistas. Nesse momento, nomes como o de Maria

Luiza de Souza Alves tornaram-se marcos na história da educação, ainda que seus ensinamentos estivessem pautados em idéias conservadoras e nos ideais religiosos.

No próximo capítulo, situaremos essa educadora no contexto da educação baiana, procurando conhecer sua relação com o feminismo conservador, bem como suas idéias e orientações sobre a educação feminina.

5 IDEIAS E ORIENTAÇÕES DA EDUCADORA SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA

Sou Feminista
Vou também dizer bem alto,
Minha franca opinião
Sem temer o sobressalto
de encontrar oposição.
Sei pensar e, com muito acerto,
A quem queira é fácil provar,
Pois jamais, oh! Jamais me aperto,
No momento de discursar.
Viva, pois, a mulher do século XX!
Inteligente, preparada, corajosa, não precisa do homem para elevar-se.
Digam os presentes. Não raciocino bem?
Não mereço aplausos?
Feminista sou, que importa
Tenho muito que vencer,
Acho que, depois de morta,
Deixarei de combater.
Vejam bem que é muito agradável
ter na vida o que conseguir,
Entre os mais, tornar-se notável
E lauréis ganhar no porvir.
Hei de ser exploradora,
Aeronauta de valor,
Chegarei a senadora,
Dos empregados o melhor!...
Se casar, meu caro consorte
da vivenda se ocupará;
E meu braço orgulhoso e forte a família sustentará.
(MENDONÇA, 1921).

Neste capítulo discutiremos as questões relacionadas com as idéias de Maria Luiza de Sousa Alves no contexto da educação baiana, abordando o feminismo conservador, bem como os fundamentos filosóficos e pedagógicos que permearam a atividade desta educadora. O objetivo é entender sua contribuição para a educação feminina baiana, por meio de seus ideais pedagógicos tradicionais no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX.

A essência das idéias de Maria Luiza estava diretamente ligada à moral da Igreja Católica, mas, ao mesmo tempo em que ela tinha permissão para expressar suas idéias em seus escritos, ficava evidente também a influência da Igreja para que tudo fosse feito segundo o ideário católico (OLIVEIRA, 2000).

Sua concepção de feminismo foi o ponto de partida para a disseminação de suas idéias acerca do papel da mãe na formação moral dos filhos. Para ela, existiam dois tipos de feministas: o primeiro eram aquelas mulheres que faziam arruaças nas ruas, promoviam tumultos, brigavam, enfim, um feminismo que não poderia ser tido como modelo para as mulheres da sociedade baiana, pois estaria contrário às leis da Igreja. Ela acreditava no segundo tipo de feminismo.

Em 1911, durante uma conferência pronunciada na IV Reunião Geral da Liga Católica das Senhoras Baianas, da qual foi vice-presidente, Maria Luiza emitiu sua opinião acerca do feminismo com o qual compactuava. Em suas palavras:

> Entre os numerosos feminismos há dois que o Sr. Brunetiére distinguiu: o revolucionário e o cristão. O revolucionário é bem caracterizado nas palavras de Elisa Farnham: 'Chegou a época, exclamava ela, em que os homens raça brutal e grosseira de usurpadores, devem ceder às mulheres o domínio que exerceram até agora para desgraça da humanidade. As mulheres, mais perfeitas que os homens, temo temperamento mais delicado e sensível, acham-se para com eles na mesma proporção em que eles estão para o gorila. Bem compreendeis, senhores, que outro é o nosso ideal; queremos a elevação da mulher, porém nas raias que lhe traça o cristianismo [...] a mulher adquiriu prestígio, tornou-se a rainha do lar; a necessária coadjuvante do homem, sua companheira. [...] Dispõe o homem de inteligência mais robusta, mais precisa, capaz de maior aplicação, é dotado de raciocínio mais seguro, de espírito e observação e criação mais pronunciados, ao passo que a mulher precisa de mais ajuda, possui imaginação mais fecunda, faculdade mais intensa de amar e entregar-se. Ressalta desse exame que o

> homem domina pela cabeça e a mulher pelo coração e como a cabeça sem o coração nada produz, temos dois seres caminhando juntos, no desempenho da missão que receberam. Chamar a mulher para concorrer com o homem em todos os misteres da vida, é de certa maneira prejudicá-la, expondo-a necessariamente a patentear inferioridade [...] ela [a mulher] é soberana, invencível sempre que a delicadeza, a brandura a solicitude e o devotamento se impuserem. Em negócio de importância o homem reflete, calcula, considera acima de todo o interesse pessoal [...]; a mulher guiando-se apenas pelo que lhe inspira o coração e pouco habituada ao exercício rigoroso da lógica (ALVES, 1911 *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 35-36).

Partindo desse conceito de feminismo e respaldada pelo catolicismo, na oportunidade da citada conferência, Maria Luiza criticou amas-de-leite, babás e parentes próximos que cuidavam de crianças para que suas mães fossem trabalhar, porquanto atividades profissionais associadas à ausência da figura da mãe no recinto familiar poderiam prejudicar severamente a formação moral dos filhos. As amas-de-leite só eram admitidas por motivos de debilidade física das mães, porém caberia à mãe a vigilância constante de seus filhos. Assim falou Maria Luiza:

> [...] eis, oh mães de família, a tarefa que vosso destino vos pôs sobre os ombros, desde que sentis os prenúncios felizes da maior glória que podeis usufruir na terra: a maternidade. Ao pequenino ser que vos pertence tão intimamente, pois é a carne de vossa carne, o sangue do vosso sangue, a vida de vossa vida, tendes estrita obrigação de vos devotar incondicionalmente [...] a mais importante, contudo das regras higiênicas, na primeira fase da existência, é o aleitamento da criança, pela própria mãe. Aquela que, por motivos fúteis ou mal entediada faceirice, se exime de aleitar o filhinho, conferindo a outra mulher tão nobre encargo, priva-se das maiores venturas da maternidade. Todavia, se a debilidade de vossa organização física, ou outra qualquer causa imperiosa vos impuser o sacrifício de não aleitar o vosso filhinho, escolhei escrupulosamente vossa substituta e exercei sobre ela prudente e contínua vigilância (ALVES, 1911 *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 23).

Criticou ainda, tanto na citada conferência quanto em diferentes artigos escritos em *A Paladina do Lar*: a) a leitura de romances, pois, em sua visão, eles iludiam as mulheres, deixavam-nas nervosas e lhes tiravam o sono noturno; b) a freqüência aos cinemas, porquanto desagregavam os costumes, a moral, faziam apologia à satisfação dos desejos e divulgavam que o suicídio era um meio heróico de morrer; c) a teoria darwinista, acusando-a de materialista e contrária às leis divinas da criação; e d) a prostituição.

Enfim, seguramente, a mulher estava destinada a cuidar da formação moral dos filhos, porquanto eles seriam o futuro de uma nação republicana que estava construindo sua identidade cívica. Afinal, a figura do pai era muito distante da criação dos filhos, ainda que ele fosse a peça mais importante do seio familiar, haja vista ser ele o provedor econômico da família. O pai era uma figura ausente, impaciente, menos amoroso, indócil e severo. Ele só era solicitado a intervenções familiares quando era necessária a repreensão e a imposição de limites aos filhos; estes o temiam, embora não pudessem deixar de amá-lo.

Diante do exposto, podemos verificar a influência desta educadora na vida social das mulheres das primeiras décadas do século XX, marcada pelas representações de gênero, e suas implicações na educação e profissionalização feminina.

A discussão de caráter histórico sobre os pensamentos filosóficos e pedagógicos de Maria Luiza se deu em decorrência do destaque por ela obtido na sociedade baiana, bem como por sua atuação, enquanto educadora, no período compreendido entre 1860-1945. No que concerne à educação feminina na Bahia, no início do século XX, esta educadora, tida como militante de um feminismo conservador, seguia a orientação da doutrina cristã.

Maria Luiza viveu do final do século XIX ao início do XX. Atravessou um contexto sociohistórico bastante peculiar, ou melhor, um período em que o Brasil, buscando adentrar na modernidade caracterizada pela industrialização, procurava uma identidade para a nação e a Igreja Católica cindia relações oficiais com a República, no ato de sua proclamação.

Compartilhando as idéias apresentadas por Ferreira Filho (2003), podemos afirmar que a Bahia do início do século XX atravessava um momento de transições aceleradas, caracterizadas pela emergência de novas teorias e novas descobertas científicas que tinham como seus aliados as precárias condições urbanísticas da cidade do Salvador nesse período. Ruas estreitas, casarões mal ventilados, ausência de esgotamento sanitário, falta de água encanada na maioria das casas, eram, entre outros, problemas ainda recorrentes na Bahia e no Brasil. Assim, a busca pela superação dos limites da modernidade e do progresso da nação transformou-se em uma obsessão de médicos, educadores e governantes.

As famílias tornaram-se, então, o alvo de todo o ideal de progresso republicano. Afinal eram elas que tinham por missão educar os novos cidadãos. Sabemos, entretanto, que a educação familiar era centrada na figura da mulher e,

em especial, na figura materna. Neste sentido, foi a mãe quem assumiu a responsabilidade de educar seus filhos, para que o futuro da nação fosse o mais bem-sucedido possível, pois ao pai caberia o papel de prover a família. O comportamento das mães tornou-se, então, assunto de saúde pública, aliado aos bons costumes e à moralidade que estaria construindo a nação.

Como a Igreja Católica tinha sofrido um duro golpe com a Proclamação da República, em 1889 (sua separação do Estado), as autoridades eclesiásticas começaram a promover intensamente uma campanha contra a laicização da sociedade, ao mesmo tempo em que estimulavam uma verdadeira cruzada em busca de novos fiéis. Assim, também a Igreja passou a investir maciçamente na militância feminina, sobretudo nas mães de família, e esse quadro só fez aumentar a cobrança da sociedade com relação aos papéis sociais desempenhados pelas mulheres, notadamente seu papel enquanto mães e educadoras do lar.

Nesse contexto, surgiram e passaram a circular na sociedade baiana, em 1910, diversas publicações coordenadas por diferentes mulheres, com o incentivo e o apoio da Igreja. Seu propósito era conscientizar e educar as mães, pautando-se nos argumentos de uma sólida educação moral, calcada nos princípios cristãos.

Em razão de tais publicações, verifica-se a atuação de Maria Luiza de Souza Alves, bem como seus fundamentos filosóficos e pedagógicos. Quando da análise de *A Paladina do Lar*, percebemos que consolidou sua carreira, quando escreveu mais de cinqüenta artigos e poemas. Aqui serão discutidas as principais idéias e orientações desta educadora sobre a educação feminina no cenário baiano, quanto a aspectos relacionados ao gênero, ao moralismo religioso x verdades religiosas, bem como às responsabilidades sociais da maternidade.

5.1 REFLETINDO AS IDEIAS DE MARIA LUIZA A PARTIR DO ENTENDIMENTO SOBRE A QUESTÃO DO GÊNERO

A divisão sexual dos papéis é comprovadamente existente em todas as sociedades humanas conhecidas, sendo construída de acordo com as regras culturais de cada sociedade. A distinção entre os papéis masculinos e femininos,

fundada no determinismo biológico, tende a atribuir ao homem as atividades associadas a uma esfera pública e à mulher a uma esfera doméstica circunscrita a casa e a família, como enfatizava Maria Luiza em seus diversos escritos. Contudo, a partir de estudos feitos por Scott (1990), na qual prevonizava que ona construção social e histórica de ser mulher e de ser homem, deveria existir uma articulação na natureza de sua inter-relação, como preconizava Maria Luiza:

> Assim a Divina Sabedoria, considerando os progenitores da raça humana iguaes em nobreza, dignidade e destino, estabeleceu, entretanto, as harmonias e differenças indispensaveis, para que reciprocamente se auxiliassem e completassem. Do mesmo modo, procedeu a sciencia humana, representada em seus grandes pensadores [...] (ALVES, 1911a, p. 8).

Sob essa questão, entende-se que apesar das diferenças existentes entre os papéis, estes gêneros são complementares, conforme, inclusive, já preconizava Muraro (1993), pois de acordo com Bordo (1988) a mulher deixou de ser frágil e inferior ao longo dos tempos e da evolução de sua imposição perante o outro gênero.

Por outro lado, estava claro, segundo Scott (1990), conforme descrito ao longo da discussão desta tese, que a construção da identidade através do gênero gerou conflitos entre a igualdade e as diferenças relacionadas à mulher no contexto social. A prova disso é que Maria Luiza enfatizou em quase todas as Paladinhas que escreveu para as suas leitoras, a questão da posição da mulher em relação á inferioridade a que esta estava em relação ao homem.

> Dispõe o homem de intelligencia mais robusta, mais precisa, capaz de maior applicação; é dotado de raciocinio mais seguro, de espirito de observação e creação mais pronunciados, ao passo que a mulher possue mais aguda penetração, imaginação mais fecunda, falcudade mais intensa de amar e sacrificar-se [...] (ALVES, 1911a, p. 8).

A reprodução desta estrutura pode ser notada em âmbitos institucionais, na política, na economia, sistemas religiosos e nas diversas manifestações da vida social, produzindo profundas desigualdades de gênero na sociedade, à medida que atribui valores diferenciados às atividades de mulheres e homens. Essa distinção

tem como resultado o desequilíbrio nos índices de desenvolvimento humano que apresentam a mulher como a maioria da população pobre do planeta.

Há de se ressaltar que as desigualdades e o constante empobrecimento da mulher, apóiam-se ainda na ausência de políticas públicas e nas representações ideológicas e culturais que tendem a representar o universo doméstico como espaço desvalorizado e o universo público como espaço legítimo. Nesta época ao se identificar tal polaridade não significava sua naturalização, ao contrário, esta identificação permitiu vislumbrar o antagonismo entre o universo doméstico – mais próximo à instância da reprodução – e o universo público – mais próximo da produção, a quem cabia exclusivamente ao homem.

As mulheres, na segunda metade do século XX, têm implementado significativas mudanças nas relações de gênero, principalmente no que diz respeito à formação das capacidades humanas, saúde e educação, seu papel na família e na sociedade. Contudo, às relações entre os sexos ainda não culminaram em condições mais igualitárias. Mulheres no mundo inteiro ainda sofrem discriminações e preconceitos, ainda são privadas de benefícios básicos e direitos mais essenciais de cidadania. Em quase todos os lugares ainda são excluídas de atividades econômicas e políticas, destinadas a exercerem papel de coadjuvante na sociedade, na qual se percebe claramente nas afirmações feitas por Scott (1990) quando discute os conflitos entre a igualdade e a diferença relacionada à mulher no contexto social, que para Helborn (1992) a questão está relacionada mais com a passividade da mulher em relação ao homem, principalmente quanto às questões de opiniões.

A reflexão conservadora de Maria Luiza sobre as questões relacionadas ao gênero levava a leitora a compreender o papel desempenhado pelo homem e pela mulher, principalmente quanto a sua importância no seio familiar e na educação. Esta deveria primar pela família, com a finalidade de dar continuidade à boa educação, considerando os valores religiosos e morais.

Ao prescrever às mulheres qualidades como passividade, submissão, brandura, emoção, cooperação, intuição, definia sua esfera de atuação com o cuidado com o espaço privado, a criação dos filhos, o atendimento às necessidades básicas e íntimas das pessoas. Ou seja, como afirma Maria Luiza de Souza Alves (*apud* PASSOS, 2005a, p. 111):

> Cabe a elas [às mulheres] uma função essencialmente assistencial. Por sua vez, quando atribuímos aos homens características como agressividade, dominação, racionalização, competitividade, afirmamos igualmente que sua função é atuar no mundo público, criando os recursos financeiros, materiais e simbólicos necessários à manutenção e o desenvolvimento da sociedade.

Entendemos que através dos tempos esses estereótipos foram construídos para reafirmarem a dominação masculina, condição que ainda se busca naturalizar, nas diferenças entre os gêneros, que foi no final do século XIX e início do século XX preconizadas por Maria Luiza.

Ressaltamos que o surgimento do movimento feminista, dentro da concepção religiosa e moralista, no final do século XIX, levou à busca de uma visão mais ampla sobre o real significado de ser mulher, quando esta, por muito tempo, percorreu a polaridade feminina. A partir daí, já nos idos do século XX, a busca dirigia-se à recuperação de seus valores, para alcançar um equilíbrio, antes mesmo de transcender a dualidade dos gêneros: feminino e masculino.

Numa outra perspectiva, cabia à mulher ser mãe, ser mulher e ainda cuidar da educação dos filhos, enquanto o homem, marido, ocupava-se com os problemas econômicos, deixando de lado a esposa, mulher. É neste cenário que se encontram as idéias e ideais de Maria Luiza, enquanto disseminação da mãe como formadora da moral e dos bons costumes na educação do próprio lar.

Na Conferência pronunciada na 4ª reunião geral da Liga Catholica das Senhoras Bahianas pela Vice-Presidente D. Maria Luiza de Sousa Alves, em janeiro de 1911, publicada no mês de março, na Revista *Paladina*, Anno II, n. 3, encontramos a expressão que descreve claramente a mulher no lar e seus afazeres.

> Na Inglaterra, ha alguns annos passados, pedia o Cardeal Manning aos legisladores que protegessem o lar do operario.
> Ah, escrevia elle, se o fim da existencia é multiplicar as varas de fazenda, se a gloria da Inglaterra consiste em tel-as profusamente para vendel-as a baixo preço, vamos às mil maravilhas; mas se, pelo contrario, a vida domestica de um povo é o grande factor do progresso nacional, se a paz e a honra do lar, a educação dos filhos, os deveres de esposa e mãi, os compromissos de marido e pai estão encerrados em uma lei natural de muito maior importancia e superior ao principio economico, se todas essas cousas são muito mais do que as que se vendem nos mercados, declaro que a ellas nos devemos conformar na maneira de agir (ALVES, 1911a, p. 8).

No que tange à mãe, vemos que o princípio balizador é que o cenário econômico diferenciava os papéis entre os gêneros, mas, mesmo assim, cabia à mulher cuidar de todas as coisas, do lar, do marido, administrar os recursos providos pelo marido, que trabalhava demasiadamente para suprir as necessidades da família. Nesses escritos, sequer se cogitava a possibilidade destas necessidades serem divididas, se a mulher, por exemplo, trabalhasse.

Para Maria Luiza Alves (1911a, p. 8), na busca de sua emancipação, a mulher aniquilava os afazeres domésticos, anteriormente destinados somente a ela:

> Em certos casos, a falta de regulamento no trabalho conduz, é verdade, ao aniquiquilamento da vida domestica, ao abandono dos filhos, transforma as mulheres e as mães de familia em machinas vivas, os pais e esposos (que me desculpem a expressão, é ainda o mesmo Cardeal que fala) em animaes de carga, levantando-se antes do sol, e voltando, à noite para casa, extenuados, podendo apenas comer um pedaço de pão e atirar-se em uma enxerga para dormir.

Como Maria Luiza preservava as idéias preconizadas pela Igreja Católica, muitas idéias feministas foram por ela abolidas. Ao lado disto, entretanto, contemplava sempre os direitos da mulher, pois acreditava que antes de qualquer coisa, movimento ou atuação social, ela precisava cuidar de seus afazeres domésticos e familiares, em particular a educação dos filhos.

Muito embora Maria Luiza soubesse que a participação da mulher no cenário social e nas lutas em prol da igualdade entre os gêneros fosse importante, sabia também que, mediante os predicados físicos, intelectuais e morais enraizados na própria sociedade, havia a predominância de um e outro sexo. Mesmo quando observava a mútua dependência entre ambos, a mulher ainda estava em situação menos confortável que os homens, que podiam decidir e opinar sobre algo.

Essa diferença entre os gêneros, na visão de Maria Luiza (1911a, p. 9), está relacionada com a idéia de que o homem era mais inteligente e mais capaz, entre outros atributos, a saber:

> Dispõe o homem de intelligencia mais robusta, mais precisa, capaz de maior applicação; é dotado de raciocinio mais seguro, de espirito de observação e creação mais pronunciados, ao passo que a mulher possue mais aguda penetração, imaginação mais fecunda, faculdade mais intensa de amar e sacrificar-se.

Entendemos que existia certo conservadorismo na atuação social do homem e da mulher, mas já eram discutidos para instigar a formação da opinião pública. Se de um lado o homem tinha atributos que os valorizavam perante a mulher, esta, por sua vez, também os tinham, sendo, inclusive, passíveis somente ao sexo feminino.

O conservadorismo preconizado por Maria Luiza predizia que o indivíduo só existia plenamente integrado numa sociedade e numa tradição — o indivíduo abstrato não existe: nós somos o que somos em função da herança (material e cultural) que recebemos de nossos antepassados (não são os indivíduos que formam a sociedade, mas a sociedade que forma os indivíduos). Podemos compreender, portanto, que nesta época, 1911, a mulher não deveria concorrer com o homem, porque, além de estar exposta, estaria, como preconizava o clero, em condição de inferioridade perante o homem. O enunciado da educadora é ilustrativo:

> Representando o homem a força em sua plenitude, resiste a grandes fadigas, perigosas jornadas, carrega pesadissimos fardos, movimenta machinas enormes, não se teme da guerra ou da lucta, affronta a raiva dos elementos e a furia indomita dos animaes bravios, em todo o seu exterior, denuncia a majestade do poder (ALVES, 1911a, p. 9).

Na sua visão o homem é superior à mulher, porque esta é muito mais delicada em sua constituição; além do mais é inferior ao homem no heroísmo da força, muito embora fosse considerada por Maria Luiza como uma soberana invencível, pois que usava de sua delicadeza, brandura, solicitude para, mediante seus deveres domésticos, saber cuidar das finanças como um economista, por exemplo, e fazer com que o homem produzisse riquezas:

> Em negocio de importancia, o homem reflecte, calcula, considera, acima de tudo, o interesse pessoal, pede tempo para definitivamente pronunciar-se, mede as consequencias de sua determinação; a mulher, guiando-se apenas pelo que lhe inspira o coração e, pouco habituada ao exercicio rigoroso da logica, emitte o parecer quasi intuitivamente (ALVES, 1911a, p. 10).

Em seus escritos, Maria Luiza enaltecia nas mulheres sua sabedoria em resolver os conflitos de forma coerente e coesa, e a perspicácia que lhe permitia observar o mundo com maior nitidez e resolver de forma mais amena os problemas. Caracterizando-se como uma mulher emotiva, que para Scott (1990) essa relação

enfatiza as diferenças existentes entre comportamentos, valoes, espaços e funções atribuídas socialmente a homens e mulheres, que mais tarde, foi corroborada com os estudos feitos sobre essa questão por Bourdieu (1999b) que essa relação se justifica na diferença não somente psicológica, mas, sobretudo, física, que recai na dominação de um pelo outro.

Na esfera social e no contexto histórico, ao longo do tempo, a mulher ocupou espaços e lugares diferentes do homem e continua sendo vista como ser doméstico e também como objeto sexual. Nas escolas, por meio da educação formal, os veículos de comunicação, bem como a religião, têm favorecido a reprodução de uma ideologia patriarcal que transpõe todas as esferas da sociedade e reforça a submissão das mulheres. E, neste caso, pode-se inferir que existe uma necessidade latente em estabelecer igualdades social entre os gêneros, tendo em vista que as regras culturais estabelecidas ao longo dos tempos permecem desiguais até os dias atuais, fazendo surgir uma marginalização da mulher em relação ao enfretamento das desigualdades entre gêneros.

Esses antigos modelos sociais, que favorecem a repressão do sexo feminino e continuam presentes na atualidade, levam-nos a crer que estejam ligados à idéia da força física masculina em contraposição à forma como foi interpretada a “fragilidade” física feminina e sua condição de reprodutora da espécie humana. Daí a importância da educação nesse contexto, para que fossem minimizadas as repressões a que a mulher sempre esteve exposta.

Ressaltamos que, para a educadora, a forma de ser da mulher, diferenciada do homem pelos sentimentos, permitia-lhe também observar os ideais sobre a igualdade e a política à luz do que realmente sentia no coração. Num primeiro momento, era necessário que esses ideais preenchessem as abstrações, para que pudessem criar na sociedade um estímulo a acreditar neles, para que nada fosse construído de forma aleatória.

De acordo com a discussão trazida por Bourdieu (1999b) essa construção social ocorreu através da polaridade feminina x masculina, justificado, como mencionado anteriormente, na posição de inferioridade da mulher em relação ao homem.

Foucault (1979) à luz de seus estudos sobre o poder, caracterizou as diferenças e a criação de hierarquias que modela as ações tanto do homem, quanto da mulher, mas que pode ser possibilitada uma relação de poder e de

convencimento quando da troca do mesmo nessas relações. Ao corroborar com esse posicionamento, Louro (1995) afirma ser importante a reconstrução da identidade, possibilitando que o gênero seja valorizado, tendo em vista que os sujeitos não são imutáveis, mas, sobretudo, plurais e transformadores em seu contexto social.

Entendemos, então, que as identidades da polaridade existente entre os gêneros são construídas, independentemente destes serem homens ou mulheres, pois como slaienta Fagundes (2001) o gênero deve ser compreendido a partir de uma categoria social.

Sabemos, no entanto, que essa compeensão de gênero enquanto categoria social perpassa pela relação de poder, discutida por Foucault (1979), Perrot (1988) Scott (1990), Helborn (1992), Muraro (1993) e Bruhns (1994), cada um em uma dimensão, mas enfatizando não somente a dfominação de um gênero sobre o outro, mas, a própria submissão da mulher, conforme preconiza Maria Luiza:

> Não há cousa alguma comparavel a essa união das duas metades do genero humano; representa a força que ampara a fraqueza, o carinho que revigora os desalentos de gfatigante trabalho. No homem, a razão é mais desenvolvida, o raciocinio mais seguro; na mulher, o amor torna-a capaz de todos os sacrificios (ALVES, 1912, p. 249).

A característica primária que consta na maioria dos escritos de Maria Luiza é exatamente a dicotomia do poder e a exclusão da mulher no contexto social, bem como a diferneça dos pepéis e a prórpia relação existente entre os gêneros, conforme preconizava Foucault (1979), Perrot (1988) Scott (1990), Helborn (1992) e Muraro (1993).

Entendemos que as desigualdades experimentadas pelas mulheres colocam-na em situação inferior aos homens no desenvolvimento humano, conseqüência da perpetuação das desigualdades na divisão sexual dos papéis vivenciada em todas as sociedades conhecidas, ao passo que confere valor e prestígios as atividades masculinas, em oposição às atividades femininas, impelindo as mulheres para fora da esfera produtiva e política.

Em alusão à análise da obra de Maria Luiza percebemos que as mulheres possuíam a capacidade de interferirem nos padrões culturais e sociais da comunidade familair, visto que elas eram responsáveis pela educação e socialização

das crianças – seus filhos, sendo caracterizada como, talvez, a única distinção hierarquizada existente, de fato, entre o masculino e o feminino, próprias das relações de gênero.

Não se pode esquecer, porém, de que a divisão sexual dos papéis e a transformação da mulher de membro da comunidade à esposa subordinada, fundamentam-se na família monogâmica fundada não mais sobre condições naturais, mas sociais, e na institucionalização da propriedade privada, triunfo da propriedade individual sobre o comunismo espontâneo primitivo, que originou a partir da domestificação de animais de grande porte. A posse desse valioso recurso produtivo conferia ao homem o poder de intervir e influenciar na política e economia comunal, estabelecendo relações de domínio e subordinação que, posteriormente refletiram na estrutura familiar, alterando também os valores, autoridade e padrões comportamentais, evidente na teoria engeliana.

Contudo, nessa perspectiva as mulheres não constituiriam sozinhas, uma classe subordinada, mas todos aqueles despossuidos de posses e recursos produtivos, como enfatiza Maria Luiza em um dos seus escrito: “Leitoras da Paladina do Lar, Brasileiras cuja alma é formada de amor, carinho e bondade [...], que vos constitue a rainha do lar [...] (ALVES, 1912, p. 250)”. Estudos sobre as representações que historicamente a ciência postulou sobre o corpo humano, questionam, portanto, a “naturalidade” do sexo, em oposição à construção cultural dos papéis de gênero.

A origem da mudança de percepção dos sexos, a partir de transformações na ordem política e ideológica das sociedades ocidentais construiu a problemática da diferença sexual, tendso em vista que essa passou a ser concebida como inscrita nos corpos e percebida como fundacional da distinção entre os gêneros. Se os seres humanos passaram a ser declarados como iguais, era necessário buscar na natureza a base para a introdução de uma desigualdade, conforme as idéias de Helborn (1992), que na visão de Maria Luiza essa declaração de iguais era somente na sociedade conjugal, enquanto educação dos filhos, quando afirma que:

> Na sociedade conjugal, os deveres são reciprocos e, para que esta asserção não seja uma utopia, o homem ha de viver para sua unica e legitima esposa e esta pára elle, cooperando os dous na educação dos filhos, pela senda da honra, do tratamento honesto e da virtude (ALVES, 1912, p. 250).

Percebemos que não há uma interpretação única das origens das desigualdades sexuais, o fato, entretanto, é que sempre houve uma forte tendência para domesticação do papel feminino, desprovido de valorização, associando a mulher à esfera privada do lar e da família, como preconizava maria Luiza, e a socialização do papel masculino, ligado às atividades públicas.

A reprodução desta ideologia se encontra em todas as instituições culturais, sociais, políticas e econômicas, pois de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano em nenhuma sociedade mulheres e homens partilham das mesmas oportunidades. Estas ideologias alimentam-se nas representações culturais, que constituem importantes instrumentos difusores e consolidadores de tradições.

Entendemos que acerca das questões de gênero, demonstra que não existe uma essência atribuída a cada sexo. Mas, é notório que as tradições culturais e as relações sociais, criaram estereótipos para homens e mulheres relacionando-os a uma esfera pública ou doméstica. Atrelado a isso, compreende-se a partir das idéias de Scott (1990) que na busca de explicar no conceito de gênero e a inedequação das teorias existentes a premissa é a explicação das desigualdades entre os gêneros, tendo em vista ser essa construção pautada nas relações sociais, quando da percepção das diferenças existentes entre os sexos.

Implica, também, ao analisar as idéias sobre gênero na visão de Maria Luiza e em alusão ao que preconiza Scott (1990) na construção social e histórica de ser mulher e de ser homem quando ocorre a articulação da construção da identidade, mas que não deve ser deixada de lado as concepções, mesmo que simbólicas, relacionadas ao comportamento da mulher de passividade, como preconizava Maria Luiza.

Os estereótipos contribuíram para legitimar a oposição entre estas duas esferas, privilegiando como vimos a primeira, como ressalta os estudos feitos por Fagundes (2001) quando afirma que os gêneros como categoria social estãoa finados com os estereótipos culturais. A construção de espaços masculinos e femininos por excelência, apóia-se nas capacidades biológicas, associando os homens ao espaço da produção e as mulheres ao espaço da reprodução.

Ressaltamos que, conforme o entendimento das idéias de Fagundes (2001), a construção de estereótipos acerca do que é próprio do homem e o que é próprio de mulher, é fruto de um discurso naturalista – apoiado nas descobertas da medicina

e da biologia - que insiste na existência de duas espécies com qualidades e aptidões particulares, e acrescenta: “aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”.

Na visão de Maria Luiza o homem freqüentemente está associado a imagem do caçador, guerreiro e chefe, ele é o provedor da família, ocupa lugar na mais alta hierarquia familiar e é responsável pela moral, e pela honra da família. A mulher por sua vez é comumente definida a partir de sua função reprodutora – mãe, irmã, esposa – uma das bases sobre a qual se teria construído sua subordinação ao pai ou marido culturalmente legitimada. Associadas à sua capacidade de procriação e a sua qualidade de mãe – e por isso responsável pela alimentação e proteção dos filhos – cabe às mulheres as demais implicações domésticas que estas tarefas demandam dentro da família, consumindo-lhes o tempo voltado para atividades extra-domésticas, ficando estas a cargo dos homens.

A casa – esfera privada – é o lugar das hierarquizações, um universo marcado e controlado pelas relações pessoais. É o lugar do descanso, da harmonia, do respeito, da segurança, da afetividade e da tranqüilidade, por isso, a casa está geralmente associada as mulheres, ao domínio doméstico. Em oposição, a rua – esfera pública – indica basicamente o mundo com seus imprevistos. É o lugar da individuação, das relações impessoais, da racionalidade, do conflito, da aventura e do perigo.

Na rua, o mundo tende a ser visto como um universo hobbesiano, onde todos tendem a estar em luta contra todos. É o lugar do trabalho, e da dura realidade da vida, por isso, está associado aos homens, ao domínio da esfera pública, como em seus escritos Maria Luiza afirmava que:

> [...] não ha proporção entre o trabalho perfeito, executado por nossas machinas, tão engenhosamente construidas, e o que sahia, apenas esboçado, das mãos inhabeis do homem. Porem todo alicerce da real civilização repousa sobre a moral e a virtude (ALVES, 1913, p. 3).

Entendemos que para Maria Luiza a questão do gênero não é premissa de estabelecimento de igualdade, mesmo porque o homem é o englobador do mundo da rua, do mercado, do trabalho, da política e das leis, ao passo que a mulher

engloba o mundo da casa, da família, das regras e costumes relativos à mesa e à hospitalidade.

Entendendo que a moral estaria intimamente ligada às questões da família, Maria Luiza divulgou suas idéias sobre “ser mãe”, como fator de provimento da educação dos filhos e começou a disseminar suas idéias feministas, porém conservadoras, advindas da Igreja Católica, que contemplava, única e exclusivamente o convívio do lar doméstico, sendoq eu a base seriam os costumes, os valores e a moral religiosa.

5.2 O PODER NAS RELAÇÕES DE GÊNERO E A VISÃO DE MARIA LUIZA

A questão do poder diz respeito a assimetria das relações de gênero, que na visão de Scott (1990), gênero, é uma primeira maneira de dar significação às relações de poder, ou seja, o gênero é um primeiro campo, mas não o único, no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado.

A concepção Foucaultiana de poder, ajuda-nos a entendê-lo no interior das relações entre homens e mulheres. Para Foucault, o poder excede a esfera do Estado, e passa a designar uma relação de força capaz de produzir efeitos desejados. O poder é relacional, disperso, difuso, e não necessariamente de cima para baixo.

Ao conceber o poder como a capacidade de intervir e influenciar e ser exercido, algo mutável e que não se detém, levando em consideração as afirmações anteriores sobre a dominação do homem na esfera pública, espaço de prestígio e autoridade, questiona-se: O poder também é prerrogativa exclusivamente masculina? A mulher exerce poder? Em quais circunstâncias e que tipo de poder?

As relações de poder, se manifestam de formas diferenciadas em cada sociedade. Assim como a autoridade, o poder também está comumente associado ao espaço público, logo, atributo masculino. Nas sociedades tradicionais, as mulheres que exercem algum tipo de poder são temidas e frequentemente associadas a imagens estigmatizadas de bruxas e feiticeiras. Foi assim que as

mulheres na idade média foram queimadas em fogueiras pelo Tribunal da Inquisição, pelo fato, entre outros, de deterem certos conhecimentos (ligados principalmente à arte da cura e a maternidade) ignorados pelos homens.

Apesar de Maria Luiza não conceber a idéia de que a mulher detém poder, para esta educadora o seu poder restringia-se apenas em relação às questões do ambiente do lar e da igreja. As mulheres, todavia, não estão excluídas do exercício de poder. Dentro da perspectiva foucaultiana que estamos analisando, não existe de um lado, os despossuídos e, do outro, os possuidores de poder – mesmo porque, para Foucault (1979) o poder não é algo que se detém – mas que as relações de poder são generalizadas e fluidas.

Essa inserção da mulher nas relações de poder, dar-se pelo fato de que elas criaram mecanismos para intervir e influenciar não só no espaço privado do lar como também no espaço público e político. Estes mecanismos surgem de acordo com a cultura, o cotidiano, a capacidade de percepção e análise da realidade, os recursos da fala e da leitura, ou de atividades predominantemente femininas.

Entendemos que a manipulação das mulheres na esfera doméstica e a capacidade de influenciar os homens nas suas decisões através de estratégias as mais diversas, como recusar a cozinhar para seus maridos, ganhar a lealdade de seus filhos, colocar o marido contra os homens da família ou instigar o que o resto da sociedade pode reconhecer como ‘tragédia do lar’. Ou ainda incitar o temor que em algumas culturas as mulheres o fazem, através das idéias de pureza e profanação.

Acredita-se, contudo, que as origens das condições de vida que as mulheres desfrutam e o desequilíbrio no desenvolvimento humano, se encontram no interior das questões até agora levantadas: a divisão sexual das atividades, a oposição entre o doméstico e o público, e a ausência do exercício de poder(de fato) das mulheres, fruto das desigualdades de gênero, muito enfatizadas nas articulações as suas leitoras por Maria Luiza.

Acredito também que esta situação desigual, tem sido amenizada a partir da ocupação das mulheres no espaço público historicamente destinado aos homens. Julgo ser a participação das mulheres na esfera produtiva, com o devido reconhecimento do seu trabalho, e o seu engajamento social e político, condições necessárias, mas não suficientes, para eqüidade no desenvolvimento humano.

É claro que ocupar as esferas de poder masculino demandaram inúmeros outros conflitos sociais. Perrot (1988) acredita, que essa nova postura da mulher emancipada foi responsável pelo desenvolvimento de um novo “antifeminismo” do início deste século, conseqüências das suas conquistas, da tentativa de reverter os papéis culturalmente definidos.

Das reivindicações por igualdade de direitos civis e políticos, o acesso às profissões intelectuais e recusa, em confinar-se à vocação materna. Essa nova era, segundo a autora suscita o fervor daqueles poucos, que sonham com companheiras inteligentes e livres, e ao mesmo tempo, o medo daqueles que vêem o poder feminino como uma ameaça, e nele, o risco de degenerescência da raça e de decadência dos costumes.

O século XX, tem assistido às transformações nas relações de gênero através das conquistas alcançadas pelas mulheres. As mulheres, todavia, sempre influenciaram na esfera pública – culturalmente masculina – através dos mecanismos de poder informal criados a partir de suas potencialidades: o exercício de suas atividades dentro do lar.

Na esfera social e no contexto histórico, ao longo do tempo, a mulher ocidental ocupa espaços e lugares diferentes do homem e continua sendo vista como ser doméstico e também como objeto sexual. Nas escolas, através da educação formal, os veículos de comunicação, bem como a religião, tem favorecido para a reprodução de uma ideologia patriarcal que transpõe todas as esferas da sociedade e reforça a submissão das mulheres.

Esses antigos modelos sociais, que favorecem a repressão do sexo feminino e que continua presente na atualidade, nos levam a crer que esteja ligada à idéia da força física masculina em contraposição a forma como foi interpretada a “fragilidade” física feminina e sua condição de reprodutora da espécie humana.

5.3 A VISÃO DE GÊNERO DE MARIA LUIZA ATRAVÉS DO MORALISMO RELIGIOSO

Na clareza das palavras dirigidas aos leitores da *A Paladina do Lar* não somente surpreendem a forma como também o conteúdo. Apesar de conservador e rígido, ao mesmo tempo buscava acalentar aqueles que não tinham perspectivas, fazendo com que, naquele momento, as leitoras se questionassem sobre seus atos, o que estes faziam de concreto e, principalmente, o quanto ajudavam ao próximo, além de cuidar de seus afazeres domésticos.

As abordagens trazidas por Maria Luiza, ao longo do ano de 1912, suscitaram reflexões por parte das leitoras sob os mais diversos pontos de sua vida na sociedade, incluindo aspectos não somente conjugais, mas fraternais, porque toda a base de sua discussão pautava-se no idealismo conservador advindo da Igreja Católica.

Em janeiro de 1913, como nos anos anteriores (1911; 1912), as palavras dirigidas por Maria Luiza às leitoras foram de esperança pelo ano que se iniciava, mas sempre contemplando o aspecto religioso, a saber:

> Neste anno que se inicia empunhando a cornucopia da esperança, sempre galharda e prazenteira, promettendo, como todos os antecessores, trocar os maus dias passados por outros tantos de verdadeiras e serenas alegrias, possam as bençams do Altissimo, derramando-se profusamente sobre vós, trazer-vos, queridos leitores, as mais proveitosas graças (ALVES, 1913a, p. 3).

Para Maria Luiza, as questões relacionadas à esperança pelo ano que estava surgindo se dariam pela civilização, que é o conjunto de tudo quanto pode contribuir para a prosperidade e grandeza de um povo. A educadora enfatizava em seus escritos que era necessário ter um alicerce real e este repousava sobre a moral e a virtude, tendo em vista que, em sua concepção, civilizar-se era trabalhar; os indolentes não progridem porque, à semelhança do servo do Evangelho, enterram os talentos que o Senhor lhes confiou.

Não podemos esquecer, porém de que a sociedade moderna construiu um ideal de esfera pública e instituições políticas fundadas numa moral racional, esta construção teria um impacto direto sobre a condição de subordinação das mulheres, quando associa a moral racional a autoridade e a superioridade de um ponto de vista imparcial; e ao excluir da moral racional o desejo, a empatia, a afetividade, sentimentos, como manifestações irracionais e, portanto, inferiores.

Dessa forma, na medida em que as mulheres são identificadas com um estilo moral de julgamento pautado por estes últimos, são excluídas da moral racional e confinadas à esfera doméstica, onde a subjetividade – parte integrante e inevitável da existência humana – poderia florescer, e cada indivíduo reconhecer e afirmar a sua singularidade.

É importante compreender, como afirma Saffioti (1976) que a construção de gênero pautada na moral evidenciada por Maria Luiza não deve ser entendida como resultante de influências de relações sociais estabelecidas, mesmo porque é um continum na construção do ser homem e do ser mulher e, não somente pautadas em valores morais, mas das construções sociais preconizadas por Bordo (1988) quando enfatiza que a mulher deixou de ser fragil e carente; Muraro (1993), por sua vez, relaciona a diferença dos papéis mediante o que se entende por gênero e não por moral atribuída a estes.

Um outro ponto discutido e evidenciado em grande escala nos escritos de Maria Luiza sobre a questão do gênero a partir da moral e dos preceitos religiosos é em relação ao próprio comportamento da mulher, bem enfatizado por Helborn (1992), quando afirma que existem medos e mitos, onde as concepções do gênero para a mulher daquela época – final do século XIX e início do século XX – era cheia de prós e contras. A passividade reinava, porque para Maria Luiza não havia prática de ato civil sem religiosidade:

> [...] ignoram os acontecimentos que nos proporcionaram o grande benefício de poder, sem rebuços, praticar a religião de Jesus Christo, orgulhando-nos de seus preceitos, continuo a fazer o resumo da victoria alcançada sobre o paganismo pela bemdita Cruz do Salvador. [...] Não devendo ter limites a liberdade religiosa [...] em nossa solicitude pelos grandes interesses do bem publico, afim de attrahir a proteção de Deus que reina no céu sobre o imperio e sobre nós [...] (ALVES, 1912, p. 153).

Apesar da concepção de Maria Luiza moralista e conservadora, percebemos que a idéia de gênero não estava associado à aceitação da mulher na busca da igualdade, muito menos na busca de novas ideologias como preconizava Lefebre (1991), pois que não havia uma incitação á mulher desta dar maior participação e significado às manifestações das instâncias sociais, ficando claro, portanto, a delimitação de que no século XIX, as fronteiras entre o público e o privado,

acentuando a racionalidade da divisão sexual das funções, mesmo porque a instituição do que vinha a ser gênero não passava pela implicação da construção social e histórica, preconizada por Scott (1990), mas, sobretudo, por gerar grandes conflitos entre a igualdade e a própria diferença existente no gênero em relação à moral e preceitos religiosos instituídos.

Ressaltamos, também, que a partir da cocnepção de Perrot (1988), cada sexo passa a ter sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminado. Para esta autora, os princípios de organização política enunciada pelos mais notáveis filósofos, reforçariam estes limites. Hegel, por exemplo, fala da “vocação natural” dos dois sexos.

O homem tem sua vida real e substancial no Estado, na ciência ou em qualquer outra atividade do mesmo tipo no combate e no trabalho que o opõem ao mundo exterior e a si mesmo. A mulher pelo contrário, é feita para a piedade e o interior, se, se colocam mulheres à frente do governo, o Estado se encontra em perigo, pois elas não agem conforme as exigências da coletividade, mas segundo os caprichos de sua inclinação e seus pensamentos.

Daí, a assertiva de Maria Luiza em permear as questões do gênero quanto às concepções religiosas e morais, tendo em vista que é a mulher sabia que edifica o lar, e controla a cãs ae a família, no núcleo da escala privada, sem que necessariamente tenha que tenha que contribuir nas instâncias sociais, conforme afirma Lefebre (1991).

Essas associações e conceitos, chegaram ao século XX, reafirmando a distância entre as atividades femininas e masculinas, entre o público e o privado, certificando as intensas desigualdades sociais e o desequilíbrio no desenvolvimento humano e econômico dos sexos, e, principalmente das concepções sobre gênero.

Em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exclusão, os movimentos de mulheres desempenham um papel importante no questionamento do problema da desigualdade, mesmo porque a categoria gênero, independente de estar ou não associadoaos preceitos religiosos, como preconizava Maria Luiza, permite, no contexto da pesquisa, uma abordagem que compreende as relações sociais sem uma definição prévia, pois, se os sujeitos constituem-se ao longo do tempo, não há como deixá-lo estático em função de um pré-determinismo, conforme as discussões trazidas por Louro (1997), pois que o genero se valoriza a partir dos próprios sujeitos que não são imutáveis, mas, prioritariamente plurais e

transformadores, que na visão de Maria Luiza essa transformação deveria acontecer pautada nos costumes e morais religiosos.

Ressaltamos, no entanto, que buscar as mulheres nas suas relações com os homens permite descobrir como sua imagem e representação foram construídas ao longo do tempo. Essa análise não seria possível com outro tipo de análise, pois o que entra em questão nesse tipo de abordagem é a discussão das relações sociais, do lugar em que vivem as mulheres e das representações que as permeiam, quando da instituição da educação como fator predominando somente às mulheres para com seus filhos, em especial a educação feminina, como preconizava algumas educadoras da época, a exemplo, de Maria Luiza, que pautavam a educação em princípios morais e religiosos, como será visto a seguir.

O diferencial está no fato de que, a partir do momento em que se busca uma abordagem das relações, os homens passam a ser parte integrante da realidade em que vivem as mulheres. É nesse tipo de abordagem que se consolida o gênero como uma categoria de análise, diferenciando assim o que se entende por pesquisas em relação ao feminino.

Ao longo da discussão trazida nesta tese Bourdieu (1999c) aborda a questão da violência simbólica e a discussão de alguns conceitos importantes para compreender como a violência simbólica se complementa com a relação entre os gêneros. Bourdieu pensou a relação entre indivíduo e sociedade e, nessa relação, o termo habitus se torna fundamental, uma vez que representa um conjunto de disposições a agir, pensar e sentir de uma determinada maneira.

Entendemos que é o habitus que gera as práticas e as representações, pois ele é imposto pelas instituições, inclusive a familiar, que condiciona o aprendizado e, no caso do gênero, cria identidades de feminino e masculino, como, inclusive, mencioando por Helborn (1992) sobre a questão do papel da mãe que aceitava os constrangimentos sociais advindos da imposição de atuar de forma passiva em relação às opiniões do gênero oposto.

Nesse contexto, acaba por existir um sistema de disposições construídas que dão significado às ações e às representações do indivíduo. É um sistema que adentra nas consciências e perpassa pelas estruturas sociais e pelas práticas individuais. Essas disposições construídas incluem as relações de gênero, que são construídas social, histórica e culturalmente e orientam as ações de homens e

mulheres, sendo também construídas pelas relações, numa espécie de troca simbólica.

A reprodução do que é construído e a presença do discurso feminino e masculino nas relações forma o discurso introjetado pelos gêneros, formando o cotidiano, o historicamente construído (*habitus*).

Nessa construção, o campus, que no caso de gênero, representa as relações sociais entre homens e mulheres, consolida o habitus e produz modalidades de violência, na qual se discute em relação à construção social da polaridade existente entre feminino X masculino, numa visão distorcida do que vem a ser o gênero e a sua constituição, nos escritos de Maria Luiza quando impõe que a mulher deve ser sempre submissa e pautar-se nos ensinamentos religiosos para educar seus filhos, em especial suas filhas.

Em 1914, em artigo publicado no mês de fevereiro, Maria Luiza discutia as questões relacionadas às verdades.

> PREITO Á VERDADE.
>
> Em franco periodo nos achamos de liberdade de consciencia, altamente apregoada por todas as boccas, por todos os credos religiosos, e que nos permitte manifestar, de fronte erguida e viseira levantada, as nossas opiniões ou convicções.
>
> Entretanto parece que jamais foi visto entre os catholicos tanto respeito humano, tanto receio em deffender enteresses de causa comum, em momentos de real opportunidade.
>
> Catholicos são, na grande maioria, os brasileiros e, com especialidade, os bahianos, cujo culto á Virgem Immaculada é proverbial (ALVES, 1914a, p. 33).

Maria Luiza louvava a Deus porque muitos brasileiros eram católicos praticantes e, conseqüentemente, conhecedores dos deveres que lhes impunham a religião de que se ufanavam. Reconhecia, porém, que ainda era maior o número dos que a professavam de nome. Esses, em sossego, se mantêm expectadores impassíveis de cenas desagradáveis. Para evitá-las, entretanto, talvez não fosse preciso mais do que a união de vontades, na defesa do justo e do bom.

Um dos fatores mais evasivos nas discussões e reflexões trazidas por Maria Luiza, no que tange ao moralismo religioso, são as “verdades religiosas”. A educadora enfatizava que as leitoras não julgassem, mas refletissem sobre seus atos na sociedade e no seio família, pois quando se instrui e se educa, muitos problemas

são evitados, desde a desobediência moral e cívica até os males da violência e da criminalidade.

Ressaltamos, no entanto, que as religiões são, em geral, compostas por dois elementos principais: as verdades religiosas, as crenças consideradas verdadeiras numa dada religião, e os rituais, isto é, o conjunto de cerimônias com que os fiéis adoram a divindade. Quanto à forma como as conhecemos, as verdades religiosas são de dois tipos: verdades reveladas (isto é, de que o crente tem conhecimento por intermédio de revelação divina, como, por exemplo, a Santíssima Trindade) e verdades de razão, verdades que podem ser — independentemente de serem ou não também conhecidas por revelação — conhecidas unicamente por intermédio da razão, como a da existência de Deus.

Compreendemos, também, que os valores morais instituídos por Maria Luiza enquanto diferenças existentes entre os gêneros recaem sobre as crenças religiosas e o temor a Deus que as leitoras, enquanto obreiras de seu lar, deveriam ter, para que se reinasse a paz absoluta, uma vez que ao homem era dada outras obrigações. De todas as crenças religiosas, a principal é a crença em Deus e, por isso, de um modo geral, os problemas mais importantes são os que dizem respeito à existência, à natureza e à atividade de Deus e o que ela representa na vida de cada gênero.

Se a afirmação de que somos todos imagem e semelhança de Deus, mais ainda, de que somos seus filhos e filhas, está na raiz da dignidade e da inviolabilidade da pessoa, fonte dos direitos humanos, percebemos, claramente, que de certa forma, existe a inviolabilidade da mulher enquanto gênero perante o homem, tendo em vista que as concepções de seu papel na sociedade é de passividade e cheia de pós e contras, como enfatiza Helborn (1992) em seus estudos sobre o gênero e a religiosidade.

Por ser conservadora e adotar uma linha mais moralista, respaldada nos preceitos religiosos, Maria Luiza atribuía as mazelas da vida ao santuário doméstico, em geral, que recebia pouca importância e instrução religiosa, sendo os protestantes, neste ponto, mais avisados, visto que, desde cedo, obrigavam os filhos a estudarem a bíblia — embora truncada — sobre que baseiam a crença.

Para Maria Luiza a religião em relação à mulher baseava-se puramente na razão, na medida em que está no alcance de sua razão demonstrar a existência de Deus e outras verdades religiosas. Efetivamente, a partir da experiência do

movimento, do conhecimento das relações de causa e efeito, da contingência dos seres, dos diversos graus de perfeição das coisas e da finalidade do mundo, pode-se demonstrar que a existência de Deus é metafisicamente necessária.

Todavia, percebemos se o gênero implica na construção social e histórica de ser mulher e de ser homem, estes devem ser articulados na natureza de sua inter-relação, como preconiza Scott (1990) e não somente por que tem que se pauto nas premissas religiosas, onde a construção da identidade já é pronta e acabada, ou não existe. Além do mais se há espaço para dizer que, em resumo, se Deus não existisse, ele que é o Ser em plenitude, nada mais poderia existir. Se eu existo, se alguma coisa existe, é porque necessariamente Deus existe.

Muito embora Maria Luiza preconizasse a educação religiosa como base da educação, enfatizava também a importância e a necessidade do estudo da língua vernácula, do francês, do inglês, do alemão, da geografia, das matemáticas e das outras áreas do conhecimento, no menor espaço de tempo. Tais conhecimentos, justificava, habilitavam o indivíduo a diferenciar-se dos compatriotas e estrangeiros e contribuíam para a obtenção de boa colocação. Ela condenava a ação das mães que se limitavam a exigir dos filhos, acerca dos dogmas da fé, o quanto bastasse para que fossem admitidos à primeira comunhão.

Uma das críticas feitas por Maria Luiza recaía sobre os pais de família que se julgavam exonerados de ensinar a religião a seus filhos, temendo violentar-lhes a consciência, esperando que a idade lhes apontasse a vereda a seguir. Na visão dessa educadora, o tempo urge e as ações devem ser não somente firmes, mas respaldadas em contextos familiares, religiosos e filosóficos. Contudo, não podemos esquecer de mencionar que as verdades “tidas” como religiosas tendem a oprimir o fiel.

Diante da complexidade dos processos sociais contemporâneos, o discurso da Igreja Católica sobre o gênero feminino pode ser considerado com moral-religioso. Enquanto discurso moral, procura regular os usos e costumes nos terrenos da moral, da ética e do quotidiano; como discurso religioso, sua fundamentação ocorre a partir da doutrina elaborada através de um mito fundador, transcendente e sobrenatural. Os discursos trazidos por Maria Luiza nos leva a crer que as verdades religiosas e eventos históricos se articulam através da memória religiosa cristã presente nas tradições, documentos, obras de arte, etc. Toda essa articulação moral do discurso religioso fica submetida às verdades religiosas da cosmogonia cristã.

Uma particularidade nessa cosmogonia é o modo como a divindade é concebida, numa lógica que compreende a figura de Deus como a totalidade de tudo que existe, onipotente, onipresente e onisciente. Essa dimensão religiosa do discurso cristão influenciou o pensamento ocidental como um todo.

A formação de um universal que perpassa toda a Igreja Católica, a moral católica, que se constitui como um referencial para a análise de gênero feminino advém do sentimento de pertença dos membros da Igreja Católica também se daria a partir de outros universais, principalmente quando se refere à figura feminina.

Em muitas palestras proferidas e ensaios escritos por Maria Luiza, a preocupação latente em mostrar às leitoras a importância de agir segundo os preceitos de Deus e das escrituras sagradas foi de igual forma destacada como o valor atribuído à família e à questão da educação dos filhos pela mãe. É uma concepção simbólica que propicia a contrução do poder, a aprtir das diferenças existentes entre gêneros através do comportamento, valores, espaços e funções atribuídos socialmente ao homem e à mulher, conforme discutiu Scott (1990).

No ano de 1915, no mês de fevereiro, ao proferir uma palestra, Maria Luiza, não só fez alusão ao tempo que estava passando de forma mais rápida, como salientou que todos os atores sociais não estão imunes à justiça eterna e divina, quando de suas ações, atos e aniquilamentos.

> PALESTRANDO.
>
> Corre o tempo numa vertiginosa rapidez, conduzindo-nos ao limiar da eternidade, e ninguem logrou ainda escapar ao decreto que, na sua implacavel justiça, o Eterno promulgou contra os primeiros transgressores de suas ordens divinas.
>
> Mais cedo do que esperamos, em terra nos converteremos e, no anniquilamento extremo do pó, aguardaremos a resurreição da carne, no dia da severa e integra justiça.
>
> Continuamente verificamos essa verdade, não poupando ingentes esforços para que nossa attenção d`ella se desvie, e procurando, nas fitas cinematographicas, nas danças, nas reuniões, nos passatempos, nas modas, nas leituras romanticas, o esquecimento do golpe inevitavel que nos ha de contrariar os calculos de permanencia no planeta terraqueo.
>
> E porque tanto receamos a partida d'este lugar de desterro, onde de continuo sentimos o coração gottejando pranto e os pés rasgados pelas urzes dos caminhos, senão pelo motivo de nos faltar a fé ardente e operosa?

> Cremos tibiamente, sobrepujando humanos interesses aos deveres prescriptos pelo Evangelho, apezar de reconhecer que, neste livro inimitavel, se concretiza toda a sabedoria, toda a perfeição da existencia.
>
> Não quereriamos estar ao lado dos que pretendem, como Humbold, suppôr que o universo é um simples encadeamento de leis naturaes e immutaveis, e por isso nos confessamos crentes, mas a nossa fé quasi se resume na profissão trivial que se nos escapa dos lábios. A razão é obvia: não queremos nos incommodar e a fé impõe constrangimentos; seguimos as paixões que nos deleitam e a fé ordena que as refreemos. (ALVES, 1915a, p. 31-32).

A discussão trazida na palestra por Maria Luiza recaía sobre a reflexão de que a descrença, o materialismo, o desenfreamento moral dominavam nesse século, intitulado *grande* pela ciência. Isto é, a questão do tempo e da justiça divina. A despeito desse título, atribuído em razão das invenções e do progresso alcançado, rastejava, entretanto, no lodaçal de todos os erros, de todos os crimes. Outras questões também levavam a escritora à reflexão como, por exemplo, o amor desordenado de um luxo babilônico, a fome do dinheiro, a perversão dos ânimos, a destruição do santuário da família — que na visão de Maria Luiza é a base de tudo —, a corrupção da sociedade, fazendo germinar e crescer, assustadoramente, as árvores do ódio, da vingança, do homicídio e do desespero suicida.

A educadora enfatizava a importância do estudo e da fé religiosa, porque não existe progresso, na real acepção do termo, sem que se avalie a moralidade de um povo por seu adiantamento intelectual. Ressaltamos que o homem costuma avaliar os acontecimentos da vida como castigos divinos. A maioria das pessoas acredita que o ser humano é pecador, e que seus pecados redundam em castigos por parte de Deus, principalmente quando estes pecados avêm das mulheres.

Sob essa questão, Maria Luiza levou suas leitoras a refletir sobre a taboa salvadora que é a esperança cristã.

> Pobres, pobres craturas! Não comprehendem a tendência irresistivel do espirito no anhelar continuo do eterno, e desprezam a taboa salvadora das esperanças christãs, mostrando-lhes um Deus repleto de amor, sempre disposto a retribuir o mais insiygnificante sacrificio, praticado na intenção de lhe ser agradavel! (ALVES, 1913, p. 333).

Essa maneira de pensar foi herdada da maneira equivocada de como as religiões abordam o assunto. Complementando Maria Luiza observa-se que a fé existente entre os gêneros é que provocorá a estabilidade, pois caso contrário:

> Na primavera da vida, tudo resplandece: o corpo, a intelligencia, o espirito; o sol brilha sem nuvens, o regato passa murmurando em macio leito, o prado reerde opulento, emfim a morada terreal do homem, quasi sempre, enfeita-se para embalal-o de floridas chimeras, que se desvanbecem mais ligeiras do que o desfolhar das rosas, em noites de geada. Mas, par aos que observam a lei de Jesus Christo, a isntabilidade das coisas terrenas em nada prejudica; sabem que estão de passagem e compraram os brees annos da existencia aos mezes em que vereneiam.

A crença existente faz com que os gêneros consolem-se à luz da religiosidade, do Deus Supremo. Percebemos que a interpretação bíblica do paraíso perdido, do pecado cometido por Adão e Eva, da influência da cobra e da expulsão do casal do Eden e sua consequente vida de trabalho, considerando-se como um mal o suor do homem na busca de seu sustento, criou nas pessoas a falsa idéia de que o homem tem que sofrer e que ele é um pecador que deve ser punido pelo seu pecado.

Outra consequência desse erro é se acreditar que Deus é cruel e vingativo, e que Ele castiga aos seus filhos. E erro maior ainda é o de se considerar esse castigo eterno em local destinado ao suplício dos pecadores, por toda a eternidade.

A lei de causa e efeito é complemento necessário à lei de justiça, de amor e de caridade. Por ela o homem vai se depurando, evoluindo, corrigindo os erros, até conseguir, mercê de seu próprio esforço, alcançar a perfeição e a conseqüente felicidade. A lei de causa e efeito é também chamada lei de ação e de reação. É uma lei automática, ou seja, já tem embutida em si mesma os efeitos decorrentes de nossos atos. Atos bons trazem como conseqüência efeitos bons. Atos maus, efeitos maus.

Assim, Maria Luiza nos leva a compreensão de quem planta ventos colhe tempestades. Quem planta amor colhe amor. A semeadura é livre, a colheita é obrigatória. Todos, absolutamente todos, colherão sempre apenas e tão somente o que plantarem. Ninguém poderá colher maçãs se plantou bananas.

O homem, no início simples e ignorante, vai agindo e ampliando o seu livre-arbítrio à medida que evolui e adquire mais conhecimentos. Ele erra, porque não

conhece. Com as conseqüências de seu erro, ele aprende, e quando aprende não erra mais essa é a premissa. Entretanto, o que Maria Luiza pregava era de que a mulher e o homem deveriam construir o seu saber pautados nas idéias religiosas e na moralidade pregada pela igreja.

Sob esse aspecto Foucault (1979) menciona a diferença antagônica do homem ou da mulher que justifica as formas de dominação. Isto é, de dominar e de ser dominado que resulta numa relação de poder por convencimento do que é certo e do que é errado – verdades religiosas –; que recaem sobre o entendimento das hierarquias que modela as ações tanto do homem, quanto da mulher, sobre/entre os gêneros.

Em uma Conferência realizada no Gremio Literario da Bahia, no mês de novembro de 1915, Maria Luiza buscava correlacionar a atuação do homem com o processo de inteligência como pressuposto de desenvolvimento humano, diferenciando ainda mais os gêneros:

> O homem pode representar-se os objectos, comparal-os, distinguil-os uns dos outros e nisto está o pensamento, a intelligencia, que designa tambem a reproducção de idéas abstractas e até do que nunca foi visto; constituindo, neste caso, a phantasia ou imaginação. A intelligencia pode ainda guardar a impressão das imagens que uma vez traçou, chamando-se memoria.
>
> A alma do homem sente e os seus sentimentos variam; quando violentos e desordenados, constituem-se em paixões.
>
> Finalmente consegue a alma executar os pensamentos; é a faculdade de quere, manifestada de modos differentes (ALVES, 1915b, p. 305).

Entendemos, contudo, que não existem estas três faculdades principais, descritas por Maria Luiza, em todos os homens, no mesmo grau de intensidade, tendo em vista que a inteligência predomina em alguns, a vontade e o sentimento em outros.

Compreendemos, assim, que os homens de inteligência gostam da reflexão, os sentimentais obedecem às inclinações, os voluntários estão sempre decididos e prontos a agir.

Obviamente, o que pretendia dizer Maria Luiza é que o desenvolvimento de um país está na razão direta do modo de agir de seus habitantes; nenhum se distinguirá

na moralidade, no respeito às leis da justiça e da honradez se, individual e coletivamente, os que nele vivem não forem dotados dessas qualidades.

Entretanto, observamos que para se perceber a qualidade, alguns fatores devem estar intrínsecos como, por exemplo, a família, a religião, o caráter, a moral, os bons costumes e a educação, que foram fatores visionados por Maria Luiza quando da responsabilidade social da maternidade, como se verá a discussão no subitem a seguir.

5.4 A EDUCAÇÃO VISIONADA POR MARIA LUIZA COMO FATOR DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DA MATERNIDADE

Ainda à luz da discussão dos artigos produzidos por Maria Luiza, no mesmo ano de 1911, identificamos, no mês de maio, um artigo que trata das questões relacionadas à educação. Maria Luiza Alves (1911b, p. 23) deixa claro que existe uma diferenciação na educação dispensada ao homem e à mulher, quando da sua aptidão para a educação de cânticos:

> Ha differença entre a voz do homem e a da mulher, a da criança e a do adulto.
>
> A voz do homem é grave e forte; a da mulher aguda e branda.
>
> Na infancia, a voz não apresenta variedade entre os dois sexos; porem, na adolescencia, a voz da menina baixa uma ou duas notas, e a do rapaz, dos quatorze aos quinze annos, perde a clareza, enrouquece, torna-se desigual, pelo espaço, mais ou menos, de um anno.
>
> Parece conveniente suspender-se, nessa occasião, o exercicio do canto, ou fazel-o então com muita circumspecção.
>
> Nos sons emittidos pelo apparelho vocalico, distinguem-se o grito, a palavra e o canto.
>
> O grito é o som ordinariamente agudo, unico que a maioria dos animaes é capaz de produzir.
>
> A palavra é a voz articulada, formada na larynge pelas cordas vocaes e modificada por differentes orgams accessorios do apparelho phonico.
>
> O canto é a voz articulada, tendo os sons mais prolongados e separados por intervallos fixos e regulares, apresentando, entre si, relações determinadas pela escala.

Por analogia à anatomia da laringe, Maria Luiza nos faz entender que é mediante a fala, a expressão, que ocorrem as transformações e modificações pelas quais os seres humanos passam, sendo estes não somente movimentos contínuos, mas voluntários, buscados, na maioria das vezes, pela inteligência inerente a cada um. Entendemos que a educação é um passo importante para essas transformações e modificações em cenários e contextos pré-concebidos.

O conhecimento de como funciona o “se expressar” a partir da anatomia da voz é um dos pressupostos para o questionamento e para a argumentação, bem como os contrapontos, em determinadas discussões, entre eles e a educação.

A escola não apenas absorve diversas representações sociais, mas configura-se como um importante instrumento de veiculação e perpetuação de modelos androcêntricos, nos quais, o homem se mantém no centro das discussões. A começar pela forma generalista, na linguagem escolar, onde meninos e meninas são predominantemente tratados de “meninos”, ou seja, a utilização de um termo masculino para tratar crianças e adolescentes de sexos biologicamente e culturalmente opostos, evidenciando a supremacia de um sexo em detrimento de outro.

A escola é uma caricatura da sociedade. Por ela passam como não passa por nenhum outro lugar, limitados por diminutivos, todas as idéias que uma sociedade quer que se acredite. Quando ingressam no ambiente escolar, alunos os e alunas já conhecem sua identidade social. Antes mesmo do seu nascimento a diferença biológica que os órgãos sexuais representam (masculino e feminino), já se encontra cristalizada socialmente nessa dicotomia, de ser homem ou de ser mulher. Desde muito cedo, os meninos e as meninas já possuem condutas e padrões discriminatórios internalizados.

É perceptível, por exemplo, que na própria família a educação ocorre de forma diferenciada. Enquanto o menino aprende a ser forte, corajoso e frio, a menina é estimulada a ser frágil, insegura e emocional. Isto fica evidente nas brincadeiras, ou seja, o menino é estimulado a ser racional, normalmente ganha bola para jogos de futebol, que favorece para a agressividade da disputa, bonecos de super heróis com poderes além do normal, entre outros. Enquanto a menina é presenteada com bonecas, jogos de cozinha, brinquedos que reforçam o caráter passivo e materno, que durante muito tempo, acreditava-se biologicamente ser inato à mulher.

A preocupação com a educação da família foi uma constante nos escritos de Maria Luiza, tanto do lado da mãe (com o afeto, carinho e amor) como da mãe educadora (que zela pela integridade física e moral do filho):

> Trata-se de separar-vos, durante muitas horas por dia, ou durante muitos dias e até durante muitos mezes, do que possuis de mais caro.
>
> Assim é preciso, responder-me-eis, não podemos nos eximir de confiar nossos filhos aos mestres que lhes hão de cultivar os dotes intellectuaes, para que, mais tarde, occupem na sociedade o lugar que somente conquistam os homens de lettras, os homens da sciencia.
>
> Tendes razão em parte; a sciencia é necessaria, principalmente para o homem. Neste seculo de luzes, triste figura representa o ignorante; comtudo não esqueçais que, tanto quanto possivel, sob vossas vistas deve ser ministrada (ALVES, 1912a, p. 63-64).

Para Maria Luiza, tanto na educação doméstica quanto na dos internatos, a partir do compartilhamento da educação, deveria haver associação de ensinamentos intelectuais com o afeto dispensado pelos pais, em especial da mãe, que estaria sempre à frente, na compreensão de que existe uma mulher ideal.

Esse ideal da mulher como rainha do lar, maternal, doce, também está muito vinculado ao conceito de família, propagada pela burguesia moderna. Enaltecido com o advento das sociedades industriais e a valorização da individualidade e a propriedade privada.

Maria Luiza também escreveu sobre o tédio da mulher, causado pela mesmice dos afazeres domésticos por ela desenvolvidos, que a cansavam e faziam com que se retraísse perante o homem, mas, ao mesmo tempo, a ele submetendo-se. No mês de junho de 1912, ela escreveu:

> A raiz de toda a vida, escreve piedoso autor, está em Deus e d'essa vida é que tudo nos vem.
>
> A vida ... e que chamaremos vida senão o trabalho da alma intelligente, conscia de si propria e capaz de aproveitar de tudo quanto a cérca, para gozar e mesmo soffrer?... Temos, é verdade, a vida material, a vida organica; porem que vale contraposta á do espirito?
>
> Se esta nos faltasse, seriamos comparaveis ao animal que nada espera alem do repasto e do somno e, machinalmente, obedece a um senhor.

> Para nós, creaturas humanas e racionaes, avida material é mais um fardo pesado do que um contentamento.
>
> Quão frequentes vezes, no seio da abundancia, entre as requintadas commodidades do luxo hodierno, aborrecemo-nos, procurando alguma coisa que ainda nos falta e que nem sempre, logramos definir.
>
> Assemelhamo-nos então ao viajor, sem bussola, á mercê de ondas que não governa, em demanda de porto desconhecido.
>
> Ah! se nessa emergencia, descessemos ao recondito de nossa alma, veriamos que é esta parte nobre de nosso ser que suspira pelo seu elemento, pelo seu ponto de apoio, para se equilibrar.
>
> Não foi creada para a vida material, não pode nella, satisfazer-se; reclama o infinito, o immortal ...
>
> Quer viver e o combustivel que lhe ha de atear a chamma da vida é o amor de Deus, do qual dimana o amor do proximo, capaz, quando bem orientado, de todos os sacrificios, de todos os devotamentos e concedendo, em premio, alegriaas tão puras e tão grandes que, de modo algum, permittem comparação com os prazeres proporcionados pelos ephemeros gozos dos bens terrenos (ALVES, 1912b, p. 153-154).

Está implícito nesse texto de Maria Luiza que deveríamos viver sem cuidados enquanto crianças, pois a competência do peso da responsabilidade seria dos pais, devendo as crianças ignorar as misérias e o ônus, entre outros aspectos, buscando tirar proveito dos benefícios que a própria vida proporciona e apreender esses ensinamentos de forma positiva. Obviamente, estes ensinamentos eram pautados no combustível do amor ao Deus que orienta os seres a partilhar o amor ao próximo.

Podemos inferir que as alunas, no contexto que se insere a educação, seguiam uma seqüência de tarefas normatizadas, pela disciplina e pela orientação religiosa, em suas práticas escolares. Esperava-se delas o cumprimento do dever, a assimilação das condutas rígidas e valorativas tradicionais, para a formação de uma personalidade condizente com o ideal preconizado pelo amor de Deus, que objetivava a assimilação do conteúdo das disciplinas estudadas, para a perfeita integração na sociedade.

Nesse sentido, as educandas eram direcionadas para uma aprendizagem que adequasse seu mundo particular ao coletivo, dentro de um significado cristão. A religiosidade desenvolvida no cotidiano do colégio procurava ir ao encontro dos objetivos do Estado e da comunidade da época, que começavam a ascender ao desenvolvimento do país, nos idos de 1950 e 1960.

Nos objetivos da Igreja, coadunavam-se os preceitos que ao mesmo tempo em que se abre como se deve às condições de progresso da nova era, educa seus alunos para que desenvolvam com eficiência o bem-estar terrestre, preparando-os igualmente para o serviço de expansão do Reino de Deus.

Essa educação, marcada pela devoção, ocorria no dia-a-dia dos espaços escolares das instituições e era, na maioria das vezes, pregada por Maria Luiza quando se referia ás suas leitoras da A Paladina do Lar. Nos seus escrityos enfatizava que as alunas deveriam ajustar na sua bagagem interior: razão, sentidos e emoções com o meio em que viviam, desenvolvendo uma postura ética que as caracterizava tanto na sua singularidade como no seu plural.

Os valores e a representação social deixaram marcas indeléveis. Como afirma Passos, a crença produz valores e conhecimentos que refletem as necessidades, os anseios sociais e até seus desajustes, pois na visão discutida por Passos (1995) também a fé e o argumento da autoridade são elementos que definem a vida cotidiana, enquanto crenças que satisfazem aos projetos e sonhos dos sujeitos. Eles possuem um grande espaço no dia-a-dia, uma vez que esta esfera da vida não se baseia na intencionalidade nem na sistematicidade, como a ciência, e sim no senso comum, na praticidade e nas generalizações.

Sob outro prisma, Maria Luiza discute que a educação primária devia ser dada no seio da família, pela mãe, complementando sua discussão, nesse mesmo período, discorreu sobre a educação:

> Actos de acquisição da intelligencia são a percepção externa e a consciencia psychologica, vulgarmente denominada senso intimo.
>
> A um certo modo de ser do sujeito que sente chama-se sensação.
>
> Diz-se que o sujeito é passivo quando recebe a impressão, e activo quando sobre ella reage.
>
> No caso em que a passividade predomine, denominamos este estado do sujeito com as espressões de sentimento, affeições, etc. (ALVES, 1912c, p. 177).

Quando se trata de adquirir “inteligência”, o senso comum sempre esteve latente na sociedade. Contudo, dizemos freqüentes vezes que experimentamos um sentimento de alegria ou de tristeza, uma sensação de calor. Assim, quando a atividade sobrepujar ao fenômeno sensitivo, então se torna um conhecimento, uma percepção; esta última passa a ser chamada de intuição, que passa a ser

considerada como o conjunto dos conhecimentos considerados ao serviço da razão. Isto porque, na educação conservadora da educadora, a razão sobressaía à emoção.

A confiança que a criança em circunstâncias normais, investe nos que cuidam dela pode ser vista como uma espécie de inoculação emocional contra ansiedades existenciais, uma proteção em relação contra ameaças e perigos futuros que permite que o indivíduo mantenha a esperança e a coragem diante de quaisquer circunstancias debilitantes que venha encontrar mais tarde, tendo em vista que a confiança básica se liga de maneira essencial à organização interpessoal do tempo e do espaço.

Uma consciência da identidade separada das figuras materna e paterna se origina da aceitação da ausência: a fé em que aquele que cuida vai voltar, mesmo que ele ou ela não mais esteja na presença da criança, mesmo porque para Maria Luiza a família é o âmbito próprio e mais profundo da formação da pessoa: as atitudes ante a vida, o uso responsável da liberdade e, em geral, o desenvolvimento da personalidade forjam-se no seio da família. Também na família se aprendem os valores sociais e comunitários que põem de manifesto que a formação moral nunca é “individualista”.

O pai e a mãe são os primeiros e principais educadores da consciência dos seus filhos. À escola compete uma tarefa subsidiaria que potencialize a ação educativa dos pais. O amor, a confiança e o agradecimento favorecem a formação moral e são condições básicas de um ambiente autenticamente educativo.

Sabemos que na educação moral as crianças desenvolvem personalidades mais sãs com os outros, se aqueles que se ocupam deles forem carinhosos e coerentes, se forem idóneos e sensíveis às indicações da criança. A formação dos pais é um tema chave. Formar as mães para educar uma filha é uma componente crítica num programa exaustivo de educação moral.

Isso decorre do entendimento de que a família, célula primária da sociedade, tem um enorme potencial educador até no meio de ambientes completamente adversos. A tarefa da escola consiste em potenciar o protagonismo ativo dos pais, em especial as mães, ajudá-los a desenhar o projeto educativo pessoal pautado nas diretrizes emandas da vida religiosa que é pautada na moral e nos bons costumes.

Por isso é que Maria Luiza acrediva ser indispensável que os pais, mas particularmente as mães, estejam dispostos a levar à prática na vida familiar uns critérios básicos coincidentes com os da escola, porque de outra forma a incoerência entre os dois âmbitos naturais da educação prejudicaria seus filhos(as), e os esforços

para o ajudar a melhorar na sua preparação pessoal e a fortalecer a sua vontade resultariam pouco eficazes, mas que contemple o conhecimento.

Maria Luiza nos leva a um ato primordial, cuja definição parte do entendimento do que se chama de “conhecimento”. O conhecimento é adquirido e ao mesmo tempo aperfeiçoado ao longo dos anos, com a própria evolução da humanidade e do ser enquanto ser pensante. Não se caracteriza como uma simples imitação; mas o conhecimento adquirido, muita das vezes, é uma imagem, que se assemelha ao outro com a intenção de reproduzir o que foi apreendido.

Continuando a análise de alguns artigos da escritora, o que foi publicado na Revista *A Paladina do Lar*, no Anno III, setembro de 1912, n. 9, a discussão gira em torno do progresso e da importância do homem no século XX, que deve agir com inteligência.

> De todas as partes do orbe, num concerto unanime, eleva-se o brado do progresso.
>
> E esse brado echôa em todos os cerebros, sem encontrar nenhum que se lhe manifeste em contraposição.
>
> O homem do seculo vinte que subjuga a natureza pelo arrojo de suas invenções, pela energia de seu intellecto, dizem os sabios orgulhosos de seus triumphos, não pode ser comparado áquelle que o precedeu nos seculos do obscurantismo.
>
> Precisa de novas leis, fundidas em novos moldes, que lhe dêm liberdade ampla, afim de que desfructe do premio de seus trabalhos, sem as peias que a severa moral religiosa offerece aos timidos de apoucado espirito.
>
> É facto incontestavel: a humanidade progride, a civilisação alarga suas fronteiras por interminos arraiaes, numa febre de chegar depressa ao alvo, conhecendo todas as leis que regem o universo, transformando todas as coisas e todos os seres em elementos de prazer, emfim tudo calcando vaidosa sob as plantas dos pés (ALVES, 1912d, p. 247).

O envelhecimento, com o passar dos anos, possibilita ou não uma atuação mais civilizada, que deve ser comprometida com os ideais morais, quando se faz uma comparação da união das duas metades do gênero humano: o homem e a mulher. De um lado existe no homem a razão, que é mais desenvolvida, o raciocínio mais seguro; na mulher, o amor torna-a capaz de todos os sacrifícios. Ou seja, fica explícita a submissão da mulher em relação ao homem.

Por outro lado, tem-se que o homem por sua vez, sempre mostrou-se tipicamente imaturo em relação as suas emoções, pois criou continuamente

condições que provocaram conflitos inevitáveis com o sexo oposto, qualquer que fosse a posição que ocupasse do seu lado. E, neste caso, toda a produção intelectual da revista era direcionada às mulheres e pleiteava dias melhores para as questões educacionais, quando partisse exclusivamente da mulher, enquanto mãe e principal educadora do lar.

Em agosto de 1913, o artigo de Maria Luiza discute a diferença entre instrução e educação:

> Ha poucos dias, em nossa bella cidade do Salvador, tivemos a honra de effectuar o 3^{0} Congresso de instrucção primaria e secundaria.
>
> Grandioso tentamen realmente, que muito glorifica o nosso paiz, é tratar do levantamento do nivel da instrucção popular, é procurar os meios de ensinar bem sem causar a fadiga do espirito nem o esgotamento physico, é combater o analphabetismo, vencendo-o como Hercules venceu as sete cabeças da hydra de Lerna.
>
> Sim, é glorioso ter sabios nacionaes cujos nomes perpassem o transcorrer dos seculos, conservando a vitalidade energica que se perpetúa de geração em geração.
>
> Gloria, porem, ainda maior para nós, oh brasileiros, será tratar da educação de nossos filhos, dando-lhe por alicerce os dogmas purissimos da religião de Jesus Christo.
>
> Differença notoria existe entre a instrucção e a educação.
>
> Instruir é alargar para a criança o horizonte intellectual, mostrando-lhe as bellezas encerradas não só neste planeta que habitamos, mas tambem nesses astros disseminados na amplidão intermina do espaço e que, pela distancia, parecem desafiar-nos a curiosidade, aguçando-a sempre mais nos veus mysteriosos em que se envolvem.
>
> Instruir é patentear as liberalidades oceanicas, a força dos elementos, a organisação admiravel dos pequeninos seres que, invisiveis a olhos nús, vivem no ar querespiramos, na agua de que nos alimentamos, no sangue que nos corre pelas veias e arterias do corpo.
>
> Instruir é provar a magnitude humana, apparentemente fraca e mesquinha em sua constituição physica, e grande, inexcedivel nos feitos que executa (ALVES, 1913b, p. 213-214).

Na visão de Maria Luiza, a base da diferença existente entre educação e instrução consistia no entendimento de que a instrução e a educação partem do confronto da sociedade mediante sua escolha de civilização; isto é, como pretende atuar socialmente. Entretanto, de acordo com o seu étimo, a palavra educação significa, propriamente, conduzir para fora, isto é, “exteriorizar”, “trazer à luz” as

potencialidades que em nós existem - tal como a semente que necessita apenas de certas condições exteriores para que, o que nela está contido em essência, se possa transformar em planta e florescer.

A ideia não é evidentemente nova; mas precisa de ser repensada, pois, frequentemente, os especialistas em educação – como, aliás, quase todos os especialistas – perdem o sentido mais íntimo da realidade. É por isso que se torna urgente insistir neste ponto: Educar é, essencialmente, despertar a verdade mais profunda que em nós existe, para que seja possível o desempenho da própria função, não só na vida social, mas também no Universo.

A palavra Instrução tem um significado muito diferente. De fato, enquanto e, de “educar”, nos indica o verdadeiro sentido da palavra (algo que vem de dentro para fora), o prefixo in, de “instruir”, indica-nos precisamente o contrário (algo que vem de fora para dentro). Contudo, estas palavras usam-se, por exemplo, indiferentemente, como se da mesma realidade se tratasse.

Sabemos que cada sociedade, em momento determinado do seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível, sendo uma ilusão acreditar que podemos educar os nossos filhos como queremos, pois há costumes em relação aos quais somos obrigados a estar em conformidade. Se os desrespeitamos muito gravemente, eles vingar-se-ão nos nossos filhos. Por outro lado percebemos que o termo “educação” não está a ser usado de acordo com o seu verdadeiro significado: o de despertar, manifestar a nossa verdadeira natureza.

A impressão que se tem é de que a educação consiste na adaptação do indivíduo ao convencionalismo social, para que ele possa sobreviver. Ora, é indispensável restituir às palavras o seu verdadeiro significado. Por isso, reconhecemos ser pela educação que podemos ter acesso ao Saber Real, competindo, por outro lado, à Instrução a função de adaptar o indivíduo às convenções sociais (Saber Convencional).

Reservamos, portanto, a palavra Educação para designar – segundo a maiêutica socrática 1 – o despertar da verdade e da virtude, existentes em nosso profundo ser, mas que, devido a condicionalismos diversos, muito dificilmente se podem manifestar. Assim, ainda que “educar” e “instruir” tenham, como acabámos de verificar, sinais contrários, as suas funções não são, por esse motivo, inconciliáveis.

Na percepção da educadora Maria Luiza, a educação e instrução ocorre a partir da convivência que é responsável pela transmissão de conhecimentos através dos tempos, propiciando, em alguns casos, que os homens se imortalizem, posto que cultivem, a todo instante, as faculdades superiores, de modo que se tornem submissas ao querer da vontade.

> É bella, é sublime, é admiravel a missão de instruir; colloca o homem no throno que lhe compete de rei da creação; fal-o subjugar a materia pela proeminencia do espirito; manifesta-o como a imagem e a semelhança d`Aquelle que o creou, que maravilhosamente o dotou, mas que não deixou, por isso, de ser o unico omnipotente e omnisciente (ALVES, 1913b, p. 214).

A autora fala sobre o entusiasmo pela pátria, em favor da instrução, tendo em vista que ainda falta muito para se chegar a um patamar incontestável de instrução e educação; ainda que alguns degraus já tivessem sido transpostos, muito se tem a fazer em prol de instruir e educar; o primeiro passo neste sentido é na educação materna, balizada pelos preceitos morais e religiosos.

Maria Luiza preocupava-se para que tudo o que estava sendo transmitido, por meio de seus escritos, fosse efetivamente aproveitado. Era preciso propiciar a instrução e a educação e, consequentemente, a promoção da felicidade na civilização. Isto porque, instruir, além de útil, é necessário, porém mais útil e mais necessário ainda é educar, disciplinar a natureza, corrigir-lhe os maus instintos, depositando e desenvolvendo no coração todos os germens da virtude, que nos tornam invulneráveis aos contratempos da vida.

Do exposto se pode concluir que a educação não pode ter outro objectivo que não seja o florescimento total do ser humano, segundo as linhas de força da sua individualidade, isto é, de acordo com a sua própria “essência”, o que significa que, tendo a educação um objetivo superiormente individual, tem também um objetivo superiormente coletivo. Só quando cada um de nós se expressa segundo a sua própria essência pode efetivamente dar o seu verdadeiro contributo à “existência”.

Isto significa que cada um de nós tem de ser “aquilo que realmente é”- o que, embora merecendo certamente a concordância da maior parte de nós, só pode ser inteiramente compreendido quando adquirimos um novo ponto de vista. Por outras palavras: ainda que, aparentemente, todos afirmemos a mesma verdade, nem sempre estamos a afirmá-la do mesmo ponto de observação. Por isso, dizer simplesmente que cada um de nós deve ser “aquilo que realmente é” pode não

ultrapassar a banalidade. Mas, na verdade, estamos em presença de um problema imenso, que diz respeito ao mistério da Vida e do Universo, que é, de certa forma, pregado por Maria Luiza.

Ora, “ser-se o que realmente se é”, uma relação de plena espontaneidade muito dificilmente se pode conciliar com a educação dos nossos filhos em conformidade com as exigências sociais. Esta é, pois, uma questão fundamental, porque existe quase sempre contradição entre aquilo que realmente somos e o que a sociedade, com as suas convenções e tradições, pretende fazer de nós. E aqui reside a questão do gênero discutida ao longo da tese, pois que como salienta Foucault (1979) a criação de hierarquias que modea as ações tanto do homem, quanto da mulher, trazendo à tona a troca das relações.

Ao associar as afirmativas dadas por Maria Luiza sobre a educação e instrução recaímos sobre a assertiva de Louro (1995) que afirma serem as identidasde contruidas, independentemente da existência do homem ou da mulher, tendo em vista que em relação á educação, não necessariamente poderia ser esta feita pela mãe, mas pelo todo, para propiciar que seja reconstruída uma nova identidade que através do gênero e da propria educação instituída passasse a valorizar mais os sujeitos que, como mencionado anteriormente, não são imutáveis, mas, sobretudo, plurais e transformadores.

Resumindo tem-se que a educação tem por objetivo o saber real. Este saber interior tem por princípios: a evidência, a unidade e a espontaneidade. A Instrução, tendo por principal objetivo o saber convencional, exige uma autoridade exterior que pretende situar o indivíduo na sociedade do seu tempo.

Sob essa questão dos saberes, muitos questionamentos surgiam da própria Maria Luiza como, por exemplo:

> E a quem deve ser entregue a educação encarada debaixo d’esse prisma?
>
> A resposta a tal pergunta acode espontanea.
>
> Quem não sabe que, no santuario bemdito da familia, sob os influxos suavissimos dos carinhos e desvelos maternos, a educação, comprehendendo a cultura dos bons sentimentos, nasce e cresce, produzindo colheita abundante e proveitosa a toda a sociedade?
>
> Assim não vos preoccupeis, oh pais e vós, principalmente, mãis de familia, de aligeirar o pesado encargo que tendes de educar vossos filhos, confiando-vos em absoluto nos mestres que lhes escolhestes;

> não vos preoccupeis tanto em dar-lhes a sciencia que deslumbra, quanto em lhes infiltrar, no intimo d'alma, os preceitos da moral derivada da pura doutrina de Jesus Christo (ALVES, 1913b, p. 214-215).

É preciso, para que haja educação, segundo a visão de Maria Luiza, que os pais sejam crédulos demasiadamente, para que seus atos firmes sejam copiados por seus filhos. Estes devem seguir métodos, refletir sobre o contexto e executar. Para esta educadora, no que tange às meninas, embora com algumas sensíveis modificações, a instrução que não for orientada pela educação moral e religiosa há de, imprescindivelmente, produzir lastimosas conseqüências. Vejamos o que ela diz:

> Por ella não teremos a mulher forte do Evangelho, mas a infeliz escrava da modas e das paixões; não teremos Cornelias nem Eponinas, porem as damas romanas depois de influenciadas pelas religiões e pelo extravagante luxo oriental, abandonando o trabalho, frequentando o theatro e o circo, sempre ostentando a mais descomedida vaidade em seus riquissimos adornos (ALVES, 1913b, p. 215).

Mais uma vez, a preocupação de Maria Luiza era fazer com que as leitoras compreendessem que o aperfeiçoamento intelectual, econômico, doméstico, social e moral possibilitavam ao homem ter uma consciência e reconhecer seus deveres para com Deus, a sociedade e consigo mesmo. Esta educadora acreditou profundamente em um mundo melhor, pautado no ensino religioso. Por isto sempre se dirigiu às mães incitando-as a seguirem os exemplos existentes na escritura sagrada, que falam da educação dos filhos.

A moralidade pautada nos valores religiosos, enquanto caminho a ser seguido pela mãe, a educadora do lar, consistia no entendimento de que sua responsabilidade como provedora de instrução e educação lhe permitiria contornar os problemas e mazelas da sociedade, principalmente as questões voltadas à criminalidade e à violência.

Foi assim que no ano de 1914, no mês de maio, Maria Luiza questionou a criminalidade, que era precoce e estava num patamar assustador. As causas foram atribuídas à falta de instrução, de educação religiosa e do sentimento de amor ao próximo.

> O SUICIDIO
>
> Cresce de modo assustador a criminalidade precoce, attribuindo o grande maçon Sicard de Plauzoles tal desastre a imprensa que, publicando actos censuraveis, lhes empresta colorido e vida, pelas gravuras que acompanham a narrativa.
>
> O jornal, principalmente o illustrado, affirma o autor alludido, é o maior propagandista do contagio da corrupção.
>
> Não discordamos da opinião do Sr. Sicard, Aubry e tantos outros, sabemos que a imprensa impia e, muitas vezes, a que se intitula neutra fazem um mal extraordinario; entretanto não podemos nos eximir de accrescentar-lhes outros dois companheiros de perversão, algozes da humanidade, em especial da juventude, a saber: a educação irreligiosa, sem temor de Deus nem conhecimento das obrigações para o Creador, e a escola mais intuitiva do progresso hodierno, o cinema, quando pouco escrupuloso em suas representações.
>
> Antes do jardim da infancia, antes de aprender a lêr, sobre os joelhos maternos, deve a criança compenetrar-se de que existe um ser que não vê, mas que seus pais adoram e, com o desenvolvimento da razão, chegue a convencer-se de que tem restricto compromisso de conhecer-lhe e acatar-lhe as ordens (ALVES, 1914b, p. 124-125).

Na discussão sobre os sentimentos, Maria Luzia atribuía ao “amor ao próximo”, o caminho da educação para diminuir os problemas da violência. É por isso que nos escritos do mês de junho de 1914, a educadora trouxe à tona questões relacionadas à importância de se amar o próximo.

> AMAI O PROXIMO.
>
> Diversos e variados são os modos de causar prejuisos a nossos irmãos, embora constantemente ouçamos a phrase: Graças a Deus, não faço mal a ninguem.
>
> Molestamos ou offendemos o proximo, empregando a violencia, a astucia, a fraude, a usura e a usurpação (ALVES, 1914c, p. 153).

Compreendemos que Maria Luiza buscou contribuir para a formação do ser humano pelo conviver e conhecer, fazendo desse movimento a maneira de fazer o pensar reflexivo objetivo e subjetivo do indivíduo em sua formação inicial — nos laços familiares e religiosos —, a fim de torná-lo capaz de transformar e construir tudo a sua volta. O papel da mãe nesse processo é, consoante a educadora, de fundamental importância. E isto vemos até os dias atuais.

Entretanto, sabemos que em épocas passadas, sucedeu-se o fato de que a mulher haveria de nascer, viver e crescer submetida à discriminação e do poder em

suas diferentes instâncias sociais. As práticas educativas e de poder que sempre se desenvolviam nas sociedades, lhes dava direito apenas a aprender sem restrições, prendas do lar, para por fim, procriar. Não deveria aprender mais do que o necessário, pois sua opinião era de fazer seu papel de esposa, mulher ou escrava sem qualquer questionamento ou condição.

Essa importância, entretanto, era preconizada desde os primórdios do século XIX. Educadores como Maria Luiza acreditavam que a chave da felicidade estaria na própria existência do ser, desde que este fosse reto e buscasse atuar com equidade. Assim sendo, ainda no ano de 1915, no mês de agosto, esta educadora correlacionou a chave da felicidade com a busca de construção de algo que não propiciasse a ociosidade e os maus pensamentos, pois que:

> A Chave da Felicidade.
>
> Queixamo-nos, frequentes vezes, achando que a felicidade nos foge; entretanto ao alcance nos está o meio de levar a existencia com suavidade, utilisando-a no trabalho.
>
> A qualquer sexo ou condição a que pertença o individuo, caso se entregue á ociosidade, não pode ser feliz; ha de viver sempre contrariado e aborrecido, procurando o meio de matar o tempo, porque a ociosidade lhe envenena as horas, causando-lhe todos os males imaginaveis.
>
> Assim como na agua estagnada se criam e multiplicam, aos milhares, os animaes immundos e nocivos; na alma indolente nascem e fructificam os maus pensamentos, productores da acções reprehensiveis.
>
> É o preguiçoso um ser inutil, desperdiça, a mãos largas, o thesoiro preciosissimo do tempo e passa, entre seus semelhantes, sem vestigios deixar de sua passagem, morrendo sem inspirar saudades aos sobreviventes, visto como não quiz se aproveitar das faculdades superiores, que o constituem rei de toda a creação (ALVES, 1915c, p. 211-212).

Entendia Maria Luiza que não seria possível gozar-se da felicidade, vivendo como os parasitas, à custa alheia. Um homem honesto e de idéias elevadas sente-se abatido em participar do grande banquete social sem contribuir para ele. Nesse contexto, não existe nenhuma notabilidade, quer no campo religioso quer no científico, alheia ao devotamento do trabalho. O apelo da educadora era diretamente para as mães de família, enfatizando que o trabalho que lhes impôs o Criador, aliás, muito nobre e de muito sérias conseqüências, deve ser ininterrupto. Muitos são os pontos a

serem regulados no interior do lar — quando da educação dos filhos, por exemplo — e um momento desperdiçado pode acarretar muitos prejuízos, sendo um deles a violência.

Essa violência caracterizada por Maria Luiza dizia respeito ao abuso da autoridade, da força ou do crédito, para constranger os fracos, subjugar os tímidos, despojar os pobres, as viúvas e os órfãos, ameaçar, com processos dispendiosos, os que não tinham recursos de defesa em justiça; violência é aproveitar-se da hora da precisão para coagir os pequenos e lhes tirar o pouco de que dispõem, pois que:

> Pela astucia, grandes males ainda se commetem e os que se utilizam de chaves falsas ou gazúas, os que entram em roças ou plantações alheias para, furtivamente, se apoderarem do que lhes não pertence, os criados que, á socapa, subtraem dos patões o que lhes é confiado, para levarem a amigos e conhecidos, as mulheres que desviam o dinheiro que lhes entrega o marido para a despesa domestica, e o applicam na satisfacção de caprichos e fantasias, os que subtraem, quando se trata de inventario, este ou aquelle objecto, essa ou aquella quantia, são outros tantos prejudicadores de seus irmãos, principalmente os ultimos que se tornam ainda culpados de perjurio, pela violação do juramento feito (ALVES, 1914c, p. 153).

A injustiça é tanto mais considerável quanto mais agravantes forem as circunstâncias; nela é preciso considerar a quantidade, a pessoa, o objeto, a intenção. Mas, quando se tem instrução e educação, os princípios “norteadores” da violência são, de certa forma, exacerbados. Para Maria Luiza, caberia à mulher um papel importante, pois a primeira educação recebida é a familiar; posteriormente, a educação religiosa orienta o indivíduo para balizar suas ações pela virtude e pela moral dos bons costumes.

Notamos, claramente, que esta educadora permeou todos os seus discursos com a questão educacional. Neste sentido ela não se distanciava da orientação de sua época. Na Bahia, quando da educação feminina, e de um modo geral no Brasil, a educação tem sido uma prioridade nos discursos oficiais e nas propagandas governamentais. Entre o verbo e as práticas, existem abissais contradições, reveladoras do descaso e do atraso quanto à importância da tarefa de educar.

Ressaltamos que o conceito de educação feminina, proposto inicialmente pela educadora, embora tenha tido uma interferência junto a suas leitoras, mães e educadoras do lar, avançou muito no que se refere a possíveis mudanças na vida da mulher. Uma cultura mais ampla, por exemplo, tão almejada em vários escritos,

serviu para melhor preparar a mulher para o momento de assumir seu papel na família, além de lembrar a importância da educação religiosa.

Ao enfatizar as responsabilidades sociais da maternidade, Maria Luiza termina por fixar e normalizar um comportamento que convinha propagar. As mulheres — inicialmente trancafiadas nas alcovas, depois envolvidas pelo mundanismo — pareciam não se interessar muito pela sorte de seus filhos, principalmente no que dizia respeito à educação moral, pautada nos preceitos religiosos.

Compreendemos que a visão de Maria Luiza, ao acompanhar as preocupações dos filósofos, moralistas e médicos da época, abraçava o ideal de transformar a mulher indiferente em mãe amorosa e responsável. Em seus textos, encontramos a exaltação do título de “mãe” como o mais nobre e o único capaz de dar a “verdadeira importância” à mulher.

Compreendemos que na tentativa de valorizar ou de dar uma “dignidade” aos papéis femininos, eles costumavam ser acompanhados de expressões ligadas à religião, mesmo porque tinham uma função moralista, nos seguintes termos: o dever filial é um “sagrado dever”; a vida conjugal, “digna e santa”; a maternidade, “um sacerdócio”, “uma vocação”. E, ainda dentro deste campo semântico, o lar é um “paraíso” e a mãe uma “santa”.

Tais elucubrações permitem-nos deduzir o sacrifício do prazer individual em prol da família, bem de acordo com o comportamento de renúncia que se esperava das mulheres, incentivado pela religião. Entretanto, como mencionado anteriormente, a construção da identidade feminina, sabemos hoje, teve que passar necessariamente por este resgate da função biológica e pela delimitação do papel da mulher junto à família, para que este papel desempenhado sobressaísse no contexto educacional. Primeiro em casa, com os filhos; posteriormente, na vida pública.

Dessa forma, entendemos que a responsabilidade social preconizada por Maria Luiza deveria, primeiramente, ser instituída e praticada no seio familiar, pautada no moralismo religioso e nas verdades tidas como certas para uma educação advinda do amor maternal. Na análise de suas publicações, detectamos que a questão dos sentimentos e do amor, está presente em cinco delas, feitas nos meses de março, junho, setembro, novembro e dezembro de 1912.

Na primeira publicação analisada na Revista *Paladina do Lar*, Anno III, no mês de março de 1912, Maria Luiza discorre sobre a síntese do amor, mediante uma parábola da bíblia, dando ênfase à questão do cuidado da família:

> Quando o Apostolo S. João, exhausto de forças pela avançada idade e pelos trabalhos de seu ministerio, via reunir-se, em torno de sua pessoa veneravel, os discipulos do Mestre Divino que lhe rogavam instrucção e conforto, dos labios tremulos, numa expressão de carinhosa suavidade, deixava cahir somente estas poucas palavras: Filhinhos, amai-vos uns aos outros.
>
> Eis, senhoras catholicas, leitoras amigas, a synthese da religião do Calvario, o lemma do amor, lemma que perfeitamente se coaduna a vossa natureza, creada por Deus com o fim especial de amenizar as escabrosidades do caminho dos entes estremecidos.
>
> Amar sincera e nobremente até o heroismo do sacrificio a todos os que vos cercam, a todos os que de vós dependem eis a vossa missão sobre a terra.
>
> E quem dependerá de vós tanto quanto vossos filhos cujo futuro, de algum modo, será obra vossa?
>
> Não vos cabe somente a responsabilidade de ministrar-lhes o pão material e os cuidados tendentes ao desenvolvimento physico, mas compete-vos tambem proporcionar-lhes a nutrição do espirito, que visa o progresso da natureza superior do homem (ALVES, 1912a, p. 63-64).

A educadora enfatiza a necessidade de ter colégios, escolas e cursos para propagar a lei da instrução que enche de luz os cérebros, para felicitar os povos; mesmo que em alguns casos a instrução, pela educação, fosse severa e intransigente, deveria contemplar os ensinamentos do princípio da moralidade religiosa, pois sem estes não haveria solidez e alicerce para promover a segurança.

Após esta passagem, os escritos de Maria Luiza no mês de novembro do mesmo ano, 1912, enfatizam a saudade, procurando definir este sentimento:

> Definir o que seja o sentimento acridoce appellidado saudade é encargo difficilimo.
>
> Dir-se-ia composto de uma tristeza profunda, amargurando desapiedadao mais intimo recesso d`alma, forçando-a, irresistivelmente, a derramar angustioso pranto, e de uma coragem suprema que, transpsrecendo no semblante, longe de lhe desfigurar a natural expressão, aformoseia-o, dando-lhe um cunho de agradavel sympathia.
>
> A cada instante resôa a nossos ouvidos a palavra saudade, até os meninos a conhecem, e é tão portugueza que chega a constituir um idiotismo lexico.
>
> Porem, se a recordação de outros dias mais bellos nos causa essa especie de nostalgia, como expressar o que se apodera de nosso espirito á lembrança dos que viveram e foram chamados, em

> primeiro lugar, à presença do Eterno, legando-nos o pedido, formulado explicita ou implicitamente, de nunca nos esquecermos dos laços de amizade, de estima ou de gratidão que nos fizeram amigos, emquanto partilharam as mesmas agruras da existencia, emquanto luctaram visando, quiçá, interesses communs aos nossos.
>
> Mas julgo divisar, nos olhos dos que têm a benevolencia de lêr as dasataviadas phrases que me escapam da penna, um mixto de espanto e de certa contrariedade (ALVES, 1912e, p. 311-312).

A preocupação de Maria Luiza era deixar claro aos leitores, especialmente às leitoras, que não deviam se esquecer do que prezavam. Era importante também não esquecer dos parentes e dos amigos.

Salientamos que a educadora demonstra explicitamente porque o zelo é prova incontestável da fidelidade no amor ou na estima. Em seu artigo dirige-se principalmente aos católicos, para ratificar que já existe nas escrituras sagradas, sob o dogma da fé, em que a alma é perdoada de suas culpas, pelo arrependimento sincero.

Segundo Maria Luiza, muitas são as contradições em relação ao que vem a ser uma boa educação. Sobre esse aspecto, inclusive, um artigo foi publicado no mês de outubro de 1914, enfatizando que sem afeto e sem carinho, é possível que ocorram desvios de conduta.

> CONTRADICÇÕES.
>
> A boa educação, segundo as regras da sociedade mundana, impõe que os labios distillem phrases amenas, na presença do interessado, concedendo ampla liberdade, quando este não as pode ouvir.
>
> Ah! nas expressões tão commumente usadas como demonstrativas de affecto e carinho, quanta mentira, quanta traição!
>
> ‘Que tempo não me apparece! ... Que saudade estava padecendo por sua causa! ... Agora mesmo falava em sua pessoa’... etc. diz-se a cada instante, sem escrupulos de profanar os labios pela mentira convencional e chamada necessaria ...
>
> Que differença das maximas evangelicas, ordenando que não façamos á outrem o que não desejariamos nos fosse feito!
>
> Se não devemos ter a franqueza de, frente á frente, censurar os defeitos dos nossos semelhantes, a não ser em determinadas circumstancias, isto é, quando estamos imcumbidos da missão de educar e corrigir, tambem não nos é licito censural-os á socapa, encobrindo a maldade, que nos enche o espirito, sob o veu de amistoso affecto (ALVES, 1914c, p. 273).

Maria Luiza pretendia levar suas leitoras a refletir que nem as leis de justiça nos são favoráveis, porquanto concedem a todo réu o direito da defesa, e o ausente acusado dele não se pode valer. O pressuposto da defesa é a formação de um espírito superior, reto e firme, a instrução desataviada do irrisório pedantismo, a cultura do coração, nos moldes da verdade e do sacrifício oportuno e a prática da verdadeira felicidade. Isto, segundo Maria Luiza, só se encontra na base da educação familiar e na religião que acalenta o espírito.

No que tange ao objeto deste estudo, entendemos que as palestras, conferências e artigos publicados por Maria Luiza buscavam situar a mulher em um determinado contexto, em que pudesse refletir sobre seu papel enquanto esposa e provedora da base educacional e sistemática do núcleo familiar, pautada nos preceitos da religião católica, buscando educar seus filhos em concordância com os desígnios de Deus, tementes ao que está escrito nas escrituras sagradas.

A educação feminina institucionalizada é um fenômeno recente de estudo na historiografia. Durante séculos, a mulher foi retratada, de modo geral, a uma situação de subordinação e dependência do pai e/ou do marido. Vista assim, como objeto sexual do homem, colonizador e proprietário. Dentro de casa, as mulheres recebiam instruções de suas mães, escravas, avós, governantas e tias, tais como: bordar, cozinhar, costurar e outros afazeres, em sua maioria ligada ao cotidiano doméstico. Desta forma, por um longo período, dedicaram-se a um espaço privado, e conseqüentemente estiveram afastadas de uma educação formal.

Por outro lado, a ausência da educação feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher do processo educativo pelo menos até o final do século XVII, quase dois séculos de diferença em relação aos homens. Além da aprendizagem doméstica as meninas não recebiam, por assim dizer, nenhuma educação. Nas famílias em que os meninos iam ao colégio, elas não aprendiam nada.

As conquistas obtidas na luta pela emancipação feminina passaram a ser vistas como conquistas da civilização, que os homens deviam ampliar em próprio interesse, por ser uma condição do progresso humano. Apesar de tal esforço e reivindicações feministas, as modificações somente acontecerão no campo da higiene, e da norma médica, pois acreditava-se que a concepção de higiene designariam medidas de construção de um “meio social” favorável ao desenvolvimento físico, intelectual e moral dos indivíduos. Ficando reservada a família às questões de conscientização como a formação e educação dos filhos.

No entanto, a figura masculina esteve ausente deste processo de formação educativa, a medida que prevaleceu a idéia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo, à mulher, por sua função procriadora, o mundo interno, o que valorizaria cada vez mais o papel da mulher como “rainha do lar”, esposa e mãe e educadora.

Pensando assim, educar a mulher seria educar o próprio homem, pois a mãe completaria seu filho. Idéia essa, que a sociedade continuaria sustentando na busca de valorizar o papel da mulher como formadora de futuros cidadãos, e como esposas dos dirigentes da nação.

Ao “civilizar” a mulher através da educação, teria sido aberto, através da prática da caridade cristã, um canal que lhes permitisse transitar entre as esferas públicas e privadas. O que contribuiu para que com o surgimento de colégios religiosos que abrigavam meninas, a figura feminina começasse a ganhar espaço. E, além de manter suas atividades domesticas e familiares, elas passariam a ter uma participação mais ampla na vida social e publica, através da filantropia.

As relações entre os homens e as mulheres e a conseqüente posição da mulher na família e na sociedade constituem parte de um sistema de dominação mais amplo. O homem tendia a transformar a mulher num ser diferente dele, criando jargões do tipo “sexo forte” e “sexo frágil”.

Observamos que a diferenciação parecia estar em todas as esferas, desde o modo de se trajarem até nos tipos que se estabeleciam.

Além do mais, sabemos que a educação diferenciada para homens e mulheres tem sido uma constante na história da humanidade, tanto por parte da família quanto de outras instituições sociais voltadas para a sua educação.

Percebemos ao longod a discussão que nos escritos da Paladina do Lar, de Maria Luiza que, quanto aos seus objetivos finais, a educação feminina do século XIX pouco diferia dos estabelecidos para a educação das mulheres de séculos anteriores, que as preparava para os afazeres domésticos, os cuidados com os maridos e a educação dos filhos. Assim, às mulheres de tempos coloniais que tiveram acesso à educação ensinava-se a ler e contar e, o mais importante, todas as chamadas prendas domésticas, visando às suas futuras experiências conjugais.

A novidade do Império do Brasil é que, na educação feminina, acrescentaram-se a esses ensinamentos a educação para os salões, o piano, a

declamação, o canto, como receber e comportar-se em sociedade, etc. Em ambos os momentos, porém, foram preservados os ensinos da obediência e da castidade, primeiro como exigências, depois como estratégias de boa aceitação social. Vivia-se tempos imperiais, quando então a obediência altiva e a castidade conduzida com graça elegante depunham a favor do caráter da mulher.

Compreendemos que para fortalecer ainda mais a presença da mulher, a Igreja investiu na educação feminina, sendo que um dos principais objetivos da reforma católica foi a promoção da influência eclesial através do sistema educacional. Vale salientar, também, que o trabalho educacional da Igreja foi fundamental para a população feminina.

Na sequência, apresentamos as conclusões correspondentes aos objetivos da pesquisa realizada, bem como os possíveis desdobramentos do estudo realizado.

6 CONCLUSÃO

A prática educacional ainda tem sido uma das principais fontes de manutenção das desigualdades de gênero, por ter se tornado, por meio de seus agentes e práticas, terreno fértil para a reprodução da ideologia androcêntrica e a sedimentação dos papéis de gênero.

Ao longo da história percebemos que a educação sempre foi diferenciada para homens e mulheres e, diga-se de passagem, tem sido uma constante na história da humanidade, tanto por parte da família quanto de outras instituições sociais voltadas para a sua educação.

O mundo público, o saber, a aventura, o domínio e a conquista de novos horizontes têm sido accessíveis aos homens, desde crianças, enquanto as mulheres convivem com uma série de restrições que visam à manutenção do que à sua natureza é atribuído: temperamento dócil, subserviência, submissão, fraqueza, circunscrição ao espaço doméstico, dentre outros aspectos.

Antes da Revolução Francesa, os filófosos acreditavam que a mulher devia agradar o homem, ser-lhe útil, fazer-se amada e estimada; educar o homem quando jovem, cuidá-lo quando adulto, consolá-lo, fazer-lhe a vida agradável e doce. E, ainda mais, que os deveres femininos de todas as épocas deveriam ser ensinados às meninas desde a mais tenra idade.

Não podemos deixar de mencioanr que essa foi uma forma de educação da mulher que perdurou por muito tempo e em diferentes sociedades. Entretanto, desde o século XVIII, que a defesa em torno da educação das mulheres tem sido cada vez mais buscada, inclusive com feministas defendendo a tese de que as mulheres tinham de ter os mesmos direitos à educação concedidos aos homens, entendendo que o ser humano compreendia o sexo masculino e o sexo feminino.

No Brasil, o processo educacional para ambos os sexos teve origem com os jesuítas da Companhia de Jesus, dirigidos pelo Pe. Manoel da Nóbrega, vindo de Portugal com Tomé de Souza, em 1549. Foram criadas, então, as escolas de primeiras letras, chamadas pedagogias, em todas as cidades, vilas e lugarejos mais

populosos do Império, em cumprimento ao determinado pela constituição, quando nomearam mestras de meninas que, no julgamento do presidente de cada província, se mostrassem dignas de tal ensino, bem como das artes de coser e de bordar.

Mas a entrada das mulheres na educação foi intensificada somente no século XX e se deu atrelada à sua inserção, também, no mundo do trabalho. Na Bahia não muito diferente, as ideias e demais orientações pautavam-se no moralismo religioso em face das verdades religiosas, e a educação como responsabilidade social da maternidade.

Nesta pesquisa, interessou saber: “Qual a contribuição de Maria Luiza de Sousa Alves para a educação na Bahia, em especial para a educação feminina no início do século XX”?

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as contribuições de Maria Luiza de Sousa Alves para a educação na Bahia, em especial para a educação feminina no início do século XX. Quanto aos objetivos específicos, estes compreenderam: caracterizar o contexto sociohistórico vivido por Maria Luiza de Sousa Alves (1862-1945); caracterizar o cenário educacional baiano no início do século XX, em especial a educação feminina; mapear a trajetória intelectual e profissional da educadora baiana Maria Luiza de Sousa Alves; levantar os pressupostos filosóficos que nortearam a formação e a atuação profissional e social da educadora Maria Luiza de Sousa Alves; levantar as concepções pedagógicas da educadora acerca da educação, escola, educador(a), educando(a), conhecimento e sociedade; e identificar suas idéias e orientações acerca da educação feminina.

A análise dos dados coletados permitiu-nos perceber que, dos finais do século XIX até a primeira metade do século XX, o argumento nacional da domesticidade das mulheres foi veiculado por uma imprensa periódica educacional e feminina. Estas publicações exaltavam o papel da mulher no lar e referendava o domínio social e familiar da parcela masculina, rejeitando as teses do movimento feminista que se disseminava principalmente na Europa e nos Estados Unidos.

O desenvolvimento da imprensa periódica educacional e de uma imprensa periódica feminina nesse período significou uma forma de veicular idéias e costumes. Com maior acesso à escolarização em razão do crescimento do espaço urbano, mais mulheres passaram a fazer parte do público-leitor, reproduzindo as ideologias e as representações divulgadas por essa imprensa, que também serviria

para dar expansão aos sufocados sentimentos femininos, que podiam revelar-se pelos meios literários.

Os jornais e as revistas femininas, como A Palatina do Lar, permitiram a emergência de um universo político e literário feminino que, por sua vez, resultou em maior visibilidade das mulheres. As reivindicações surgiram e possibilitaram a abertura de uma discussão que, transpondo as fronteiras do lar, alcançou o espaço público e mostrou que o sexo subordinado e até então confinado à domesticidade passava a exigir direitos e maior liberdade, o que modificou hábitos e costumes mantidos durante séculos.

A imprensa escrita e dirigida por mulheres desenvolveu-se preferencialmente nos grandes centros, num momento em que se redefiniam os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres na sociedade brasileira e baiana. A campanha abolicionista e a republicana, bem como as idéias liberais, vindas do continente europeu e largamente disseminadas no período, ensejaram discussões sobre os direitos das mulheres, sua educação e inserção social.

As oportunidades educacionais, a partir da segunda metade do século, estavam se expandindo e a imprensa européia chegava ao país e popularizava alguns ideais de emancipação e direitos de cidadania para as mulheres. Essa imprensa foi fortemente influenciada pela imprensa internacional, veiculada no país com certa periodicidade.

Nas décadas iniciais do século XX, o Brasil continuava retrógrado no tocante à educação feminina. Apesar de haver uma Escola Normal nas várias unidades da Federação e esta ser freqüentada por moças desejosas de instruir-se e educar-se, o ensino era precário, não permitindo o prolongamento de estudos.

Entendemos que a educação feminina, de marcada influência católica, processava-se principalmente nos colégios e internatos religiosos, reservados às filhas das camadas privilegiadas. O pensamento conservador da Igreja Católica conseguia opor obstáculos à educação e profissionalização das mulheres, sob o argumento da necessidade de preservá-las moralmente e mantê-las ao abrigo dos desvios de conduta que o excesso de instrução poderia possibilitar.

A ideologia burguesa intentava mantê-las confinadas no espaço doméstico e essa domesticidade era desejada e preservada a todo custo. Há de se observar que, desde o século passado, a educação das meninas no Brasil destacava-se quase exclusivamente pelas prendas domésticas e primeiras letras. No caso das meninas

das camadas populares, no século XIX, há claras referências à pobreza das alunas e ao parco ensino a elas ministrado. Os pais dessas meninas, não raro, opunham-se a um tipo de instrução que ultrapassasse o socialmente aceito e entendiam que não deviam completar a educação de suas filhas, sob a alegação de que não as queriam professoras.

Educar essas jovens significava ensinar corte e costura, pois ler e escrever pouco lhes valeriam no futuro. Isso era o que, costumeiramente, se veiculava nessas camadas sociais. Para elas, bastaria a assinatura do nome e um pouco de leitura do missal, considerando-se perda de tempo que as meninas se dedicassem a aprender coisas que poderiam lhes ser prejudiciais e descuidassem do que era realmente importante, como cuidar da casa e dos filhos. As filhas da classe dominante recebiam um tipo de instrução semelhante, com o destaque de que às prendas domésticas eram acrescidas instrução artística, leve cultura literária e normas de etiqueta, essenciais para o convívio social.

Sua educação, normalmente, processava-se nas residências, e era dada por professores estrangeiros e brasileiros, ou em escolas particulares. Para essa classe, a educação feminina era uma realidade aceita sem ressalvas, porém o grande problema eram as escolas. Esse panorama educacional manteve-se até meados do século XIX, quando os colégios católicos e protestantes passaram a abrir cursos femininos destinados às jovens dos estratos sociais elevados. Na segunda metade desse século, começaram as primeiras manifestações femininas no plano político e ideológico.

Ao final da discussão, entendemos que todo o sistema educacional se justifica, tendo em vista as argumentações, que oscilam entre o uso da educação como fator importante para a correção do sistema socioeconômico e cultural, e a educação como papel principal para a transformação do modelo de sociedade em que se vive. Esta, inclusive, foi a visão preconizada por diversos estudiosos e por Maria Luiza de Sousa Alves.

A análise da imprensa periódica educacional e feminina permitiu a emergência de mulheres subjugadas pela supremacia masculina, realizando esforços para ocupar lugares na vida social e no mundo do trabalho. Ao acatarem o discurso da domesticidade e aplicá-lo ao exercício do magistério, conseguiram ocupar um espaço que lhes permitiu, posteriormente, maior engajamento profissional. Enquanto a imprensa educacional, que tratava de assuntos a elas

diretamente relacionados as ignorava como sujeitos históricos e exercendo uma profissão, a imprensa feminina permitiu que sua presença fosse realçada, mesmo acobertando o discurso masculino de destiná-las apenas aos cuidados com o mundo da domesticidade.

Os periódicos femininos, escritos e dirigidos por mulheres pertencentes às classes privilegiadas, constituíram uma vanguarda que se arrogou a prerrogativa de questionar a ordem social e as estruturações culturais que normatizavam sua vida e seu destino. Daí, para responder ao questionamento de qual a contribuição de Maria Luiza de Sousa Alves para a educação na Bahia e, em especial, para a educação feminina no início do século XX, percebemos, em seus escritos, que sua contribuição possibilitou à educação baiana romper com a invisibilidade, expôs sentimentos e aspirações, exibiu reivindicações e mostrou que estas eram justas, conseguindo que a sociedade eminentemente masculina da época voltasse seu olhar para as necessidades femininas. Teriam aí se iniciado algumas tímidas tentativas para as primeiras propostas de eliminação das desigualdades entre os sexos e promoção de grandes conquistas.

Além do mais, compreendemos que a situação das mulheres no início do século XX permite-nos entender melhor a situação atual das mulheres, pois, na atualidade, a complexidade das relações sociais comprova que significativas mudanças ocorreram na concepção de educação doméstica ou familiar.

A mulher do início do século XXI ocupa cargos de chefia igualmente aos homens, conquistou o direito ao divórcio, ampliou seu espaço para além das fronteiras nacionais, já é considerada em muitas famílias como a “chefe da família”. Seus papéis sociais transformaram-se substancialmente. Porém é a mulher, ou melhor, é a mãe, como nos idos do início do século XIX e final do século XX, quem continua sendo a responsável direta pela educação dos filhos. É ela que, além de trabalhar fora de casa visando ao sustento familiar, tem uma espécie de obrigação cultural de ter que voltar mais cedo do trabalho para dar atenção ao marido e aos filhos.

Culturalmente, como antes, percebe-se claramente que a mulher nos dias atuais ainda permanece com essa carga de responsabilidade referente ao espaço doméstico. Isto decorre, possivelmente, da herança da sociedade patriarcal e dos ideais conservadores propagados pela educação e pela doutrina religiosa cristã, quando da instituição das desigualdades entre os gêneros, da propagação do

moralismo religioso e de suas verdades e no estabelecimento de responsabilidades sociais inerentes à maternidade.

Nesse contexto, compreendemos como justificado ao longo da discussão nos capítulos desta tese, que os valores perpassados pela educadora Maria Luiza, mesmo que conservadores e moralistas, ainda são latentes na sociedade em que vivemos, sendo, inclusive, a razão pela qual a prática educacional ainda tem sido uma das principais fontes de manutenção das desigualdades de gênero.

Essa tese é defendida por compreendermos que é ela quem fica em casa em casos de doença, quem falta ao trabalho para comparecer às reuniões escolares dos filhos, enfim, é ela quem faz “ginástica” para conseguir dar conta de todos os seus papéis, não podendo negligenciar nenhum deles, sob pena de colocar seu núcleo familiar em perigo.

Com isto, verificamos que a dita fragilidade do corpo sexuado feminino, justificada pelo atributo biológico diferenciado da mulher em relação ao homem, não confinou a atuação da mulher ao espaço privado, do lar, pois, mesmo de forma anônima, ela contribuiu e continua a contribuir significativamente para a construção do processo histórico-social. Entretanto, percebemos que a mulher ainda permanece culturalmente com a carga de responsabilidade referente ao espaço doméstico, possivelmente em função da herança da sociedade patriarcal e dos ideais conservadores propagados pela educação e pela doutrina religiosa cristã no passado.

Só uma revolução do ponto de vista simbólico poderá levar a efeito a emancipação da mulher como sujeito sociohistórico. E como educadora, acreditamos nessa possibilidade.

Ao finalizar este estudo, pudemos entender que os limites impostos pela proposta da pesquisa e pela metodologia adotada nos remetem a uma reflexão sobre a necessidade de se dar continuidade à análise dos escritos de Maria Luiza de Souza Alves e de outras educadoras com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre a educação feminina correlacionada aos dias atuais. As diferenças existentes entre os gêneros ainda são muito visíveis, embora sejam inegáveis as conquistas e avanços alcançados, impulsionados pelos movimentos feministas, que apontaram um caminho de crescimento pessoal e profissional para nós mulheres.

A militância da educação feminina ainda é carente de dados históricos e também tem fortes traços de uma educação conservadora, o que justifica o aprofundamento dessa temática.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Os marxistas e a elaboração teórica sobre a mulher.** Encontro com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 26, p. 105-125, 2004.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro às Noivas.** (1. ed. 1891). 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: EdUNESP, 1998.

ALMEIDA, Stela Borges de. **Educação, história e imagem**: um estudo do Colégio Antonio Vieira através de uma coleção de negativos em vidro dos anos 20/30. 1999. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

ALVES, Branca Moreira; PINTANGUY, Jaqueline. **O que é Feminismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ALVES, Maria Luiza de Souza. Conferencia pronunciada na 4a reunião geral da Liga Catholica das Senhoras Bahianas pela Vice-presidente D. Maria Luiza de Sousa Alves, em Janeiro de 1911. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno II**, n. 3, p. 8-10, mar. 1911a.

_____. A Educação. **A Paladina do Lar, Salvador**, Anno II, n. 5, p. 23-25, maio 1911b.

_____. Agradável Missão. **A Paladina do Lar, Salvador**, Anno III, n. 3, p. 63-66, mar. 1912a.

_____. Contra o tedio. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno III**, n. 6, p. 153-156, jun. 1912b.

_____. A Educação. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno III**, n. 6, p. 177-178, jun. 1912c.

_____. [sem título]. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno III**, n. 9, p. 247-250, set. 1912d.

_____. Proveitosa lembrança. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno III**, n. 11, p. 311-314, nov. 1912e.

_____. Editorial. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno IV**, n. 1, p. 3-6, jan. 1913a.

_____. Instruí e educai. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno IV**, n. 8, p. 213-217, ago. 1913b.

_____. Preito à verdade. A Paladina do Lar, Salvador, Anno V, n. 2, p. 33-37, fev. 1914a.

_____. O suicídio. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno V**, n. 5, p. 123-127, maio 1914b.

_____. Amai o próximo. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno V,** n. 6, p. 153-157, jun. 1914c.

_____. Contradicções. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno V**, n. 10, p. 273-276, out. 1914c.

_____. Palestrando. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno VI**, n. 2, p. 31-34, fev. 1915a.

_____. Conferencia da Professora D. Maria Luiza de Sousa Alves, no Gremio Literario da Bahia, em 12 de outubro de 1915. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno VI,** n. 11, p. 305-309, nov. 1915b.

_____. A chave da felicidade. **A Paladina do Lar, Salvador, Anno VI**, n. 8, p. 211-214, ago. 1915c.

AMERICANA, Zaira. **Vantagens que a sociedade inteira obtém da Ilustração**: virtudes e perfeita educação da mulher, como mãe e esposa do homem. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro, 1853.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

AZEVEDO, Thales. **As elites de cor**: um estudo de ascensão social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

_____. **Elites de cor numa cidade brasileira**. Salvador: Edufba, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BERNARDES, Maria Thereza C. C. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro: Século XIX; São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

BORDO, Suzan R. **O corpo e a reprodução da feminidade**: uma apropriação feminista de Foucault. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988.

BOURDIEU, Pierre. Uma ciência que perturba e o sociólogo em questão. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 16-48.

_____. **A dominação masculina**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

_____. Compreender. In: _____. (Coord.). A miséria do mundo. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo et al. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 35-45.

_____. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Micelli. São Paulo: Perspectiva, 1999c.

BRUHNS, Heloisa Turini et al. **Conversando sobre o corpo**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1994.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. Os estudos sobre Mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 54-92.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989**: a revolução francesa da historiografia. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARVALHO, M. **Amália Vaz de.** Mulheres e crianças. Rio de Janeiro: Adriano de Castro, 1888.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A configuração da historiografia educacional brasileira**. São Paulo: Contexto, 2006.

CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 216-251.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Rebeldia e submissão:** estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Vértice, 1989.

_____. _____. (Orgs.). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA E SILVA, Maria Conceição B. **O ensino primário na Bahia: 1889/1930.** 1999. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

COUTINHO, Carlos Nelson. A dualidade de poderes: Estado e revolução no pensamento marxista. In: _____. **Marxismo e política**: a dualidade de poderes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 1994. p.13-70.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de teoria geral do Estado**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

DA MATTA, Alfredo. **A casa pia, o Colégio dos Órfãos de São Joaquim**. Salvador: EDUFBA, 1996.

D'EAUBONNE, Françoise. **As mulheres antes do patriarcado.** Lisboa: Coleção Veja, 1977.

DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil.** Belo Horizonte: Contexto, 2003.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 39-53.

DINIZ, Francisca Senhorinha da Mota. **O sexo feminino**. Rio de Janeiro: Campanha da Princeza/Biblioteca Nacional, 1873. Obras Raras.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Pedagogia**: escolha marcada pelo gênero. 2001. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 241-277.

FERNANDES, Ana; GOMES, Marco A. de Filgueiras. Idealização urbana e a construção da Salvador moderna: 1850/1920. In: _____. **Cidade e História**. Salvador: Faculdade de Arquitetura, UFBA, 1992. p. 53-68.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bate, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza Salvador, 1890-1940**. Salvador: CEB/UFBA, 2003. Centro de Estudos Baianos, 152.

FIGUEIREDO, Ângela. Idéias fora do lugar e o lugar do negro nas Ciências Sociais brasileiras. **Estudos Afro-Asiáticos**, Londrina, Ano 24, n. 1, p. 189-210, 2002.

FLORESTA, Nísia. Opúsculo humanitário. (1. ed. 1853) 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. História da sexualidade 3: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. **Rev. José Augusto Guilhon Albuquerque**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Moraes, 1986.

GHIRALDELLI JR. Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HELBORN, Maria Luísa. Fazendo gênero: a antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 291-342.

HILSDORF, Maria Lúcia S. **História da educação brasileira**. São Paulo: Thomsom, 2003.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAGGAR, Alison M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: _____; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 157-185.

JAPIASSÚ, Hilton. **A revolução científica moderna**. São Paulo: Letras & Letras, 2001.

JOHNSON, Allan G. The gender knot: unraveling our patriarchal legacy. Filadélfia: Temple University Press, 1997. In: SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflections on gender and science**. New Haven/Londres: Yale University Press, 1985.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2000. Coleção Debates.

LEFEBVRE, Henri**. Lógica formal/Lógica dialética**. Tradução de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1979.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LERNER, Kátia. **Fragmentos do passado**: histórias de vida de mulheres imigrantes judias. 1996. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Apud SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LIMA, Maria E. Bezerra. Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero. In: _____. (Org.). **Um debate crítico a partir do feminismo**: reestruturação produtiva, reprodução e gênero e salário igual para trabalho de igual valor. São Paulo: CUT, 2002. p. 37-46.

LINS, Eugênio de Ávila. **Preservação no Brasil**: a busca de uma identidade. 1990. 328 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.

LOURO, Guacira L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 2, p. 101-132, 1995.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **Histórias das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Chrysallís, currículo e complexidade**: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo. Salvador: Edufba, 2002.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919)**: uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP, 1996.

MENDONÇA, Maria Luísa de Souza. **Sou Feminista**. O Mensageiro da Fé, Bahia, set. 1921.

MICHELET, Jules. **A Mulher**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e as províncias**. Porto Alegre: Cia. Editora Nacional, 1939.

MORIN, Edgar. **A natureza da natureza**. Tradução de Ilana Heinberg. Porto Alegre: Sulina, 1977.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

OLIVEIRA, Aline Paim de. **A Paladina do Lar: escrita feminina baiana (1910-1917).** 2000. 254 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar**: introdução crítica. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PASSOS, Elizete Silva. **Mulheres moralmente fortes**. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1993.

_____. **A educação das virgens**: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Rio de Janeiro: Univ. Santa Úrsula, 1995.

_____. O existencialismo e a condição feminina. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. p. 39-48.

_____. **Leda Jesuíno**. Salvador: EDUFBA, 2004. (Coleção Educadoras Baianas).

_____. **Amélia Rodrigues**. Salvador: EDUFBA, 2005a. (Coleção Educadoras Baianas).

_____. **Anfrísia Santiago**. Salvador: EDUFBA, 2005b. (Coleção Educadoras Baianas).

_____. **Guiomar Muniz Pereira**. Salvador: EDUFBA, 2005c. (Coleção Educadoras Baianas).

_____. **Angelina de Assis**. Salvador: EDUFBA, 2006a. (Coleção Educadoras Baianas).
_____. **Candolina Rosa de Carvalho**. Salvador: EDUFBA, 2006b. (Coleção Educadoras Baianas).

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: _____. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.167-184.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2000.

PINTO, Céli R. Jardim. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 127-150.

RIBEIRO, Arilda Inês M. **A educação da mulher no Brasil-Colônia.** São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

_____. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane M. T. et al. (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMANELLI, Sergio. **Entrevista ao Prof. Luiz Angélico da Costa** (08/05/2002). Salvador: UFBA, 2002. (texto inédito).

ROUSSEAU, Jean Jacques. **O Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Millet. 2. ed. São Paulo: Difel, 1973.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Vozes, 1976.

_____. _____. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1979.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p.183-215.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Mario Augusto da Silva. **Sobrevivência e tensões sociais**. Salvador - 1890-1930. 1982. 365 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999.

SCHWARTZMAN, Simon; BONEMY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro**. Tempos de Capanema**. São Paulo: Fundação Getulio Vargas; Paz e Terra, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

_____. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992. p. 63-95.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. **Sexualidade feminina**: história, cultura, família – personalidade & psicodrama. São Paulo: SENAC, 1998.

SOIHET, Raquel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. **Estudos feministas**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-29, 1997.

TAVARES, Luís H. Dias. **Duas reformas na Educação da Bahia (1895- 1925).** Salvador: Centro regional de Pesquisas Educacionais na Bahia, 1968.

VIANA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e a escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio Gropa (Org.). **Diferenças e preconceitos na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 58-68.

ANEXOS

ANEXO A – ARTIGOS PUBLICADOS POR MARIA LUIZA — 1911

Revista A Paladina do Lar
Anno II, n. 3, p. 7, mar. 1911.

A Morte de Joanna D`arc
Por Casimir Deladvigne

Tradução Livre

Calai-vos multidão: prenderam a donzella!..
Bedfort a condemnou, mas sem poder manchar!..
Criança, hontem formosa, irradiante estrella,
Hoje, na pyra ardente, a vida a terminar!...
Suspende, Libitina, os teus preparativos,
Teus dobres a pungir o ouvido e coração!
Os echos sepulcraes, desilludindo os vivos,
Toda a energia afoga em languida inacção!
Guerreiros, explicai o ardor que vos inflamma,
O ardor que vos transporta e não sabeis conter,
Periga-vos a honra? a patria vos reclama?
E, sem medir esforço, ides a defender?....
Oh não!.. guerreiros sois, mas sem ferir batalha;
Não é p`ra combater que o passo agigantais;
Gelado o coração, sorris para a mortalha,
Não vedes que é mulher aquella que insultais!...
Oh colera sublime! Oh denodado feito:
A` victima indefesa acabrunhar de dor!...
Nas horas de peleja, impunha-vos respeito,
Inglezes, quanta vez, gemeste de temor?!
Covardes! Imputais ao crime da magia
De seu patriotismo os rasgos varonis;
Na torpe accusação, na infame aluvosia,

A sede da vingança é o movel que encobris!..

.....

Joanna caminhava, esparsos os cabellos,
Nas mãos, a segurar a imagem de Jesus,
A` beira do suplicio, os olhos meigos bellos,
Consolo, animação foram pedir á Cruz.
Depois, sobrepujando o timido embaraço,
Olhou para fogueira, ao topo lhe subiu;
E, quasi que da morte em tetrico regaço,
No pranto soluçante, as magôas exprimiu.
Oh chora, lis formoso, a tua ingrata sorte:
Tens annos, no fulgor do viço angelical,
Hão de sofrer da Parca o deshumano corte,
O fogo vai queimar-te o corpo virginal!..
Lastima Vancouleurs, o templo, o bosque a herdade,
Teu lar, tua choupana e até folguedos teus;
Aos velhos pais envia os osc`los da saudade,
As companheiras dize, oh dize eterno adeus!...

.....

Em torno que silencio! A turba apavorada
Seguia, sem mover-se, o lugubre painel;
De chofre a labareda, erguendo-se, enraivada,
Dispersa, escarnecendo, o povo de tropel.
A intrepida guerreira, então, voltando à vida,
O braço, em fogo ardendo, eleva inda uma vez;
Ingezes, não temais; d`esta aguia destemida
Baldou vossa traição a rara intrepidez.
Não anciãs da agonia, á patria, á bella França,
Ao rei que tanto amara, o pensamento deu;
E, n`alma, acalentando a celica esperança,
Da terra tão mesquinha o vôo desprendeu!....

Maria Luiza de Sousa Alves

Revista A Paladina do Lar
Anno II, n. 3, p. 8-10, mar. 1911.

Conferencia pronunciada na 4a reunião geral da Liga Catholica das Senhoras Bahianas pela Vice-Presidente da mesma D. MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES, em Janeiro de 1911.

(continuação)

Na Inglaterra, ha alguns annos passados, pedia o Cardeal Manning aos legisladores que protegessem o lar do operario.

Ah, escrevia elle, se o fim da existencia é multiplicar as varas de fazenda, se a gloria da Inglaterra consiste em tel-as profusamente para vendel-as a baixo preço, vamos às mil maravilhas; mas se, pelo contrario, a vida domestica de um povo é o grande factor do progresso nacional, se a paz e a honra do lar, a educação dos filhos, os deveres de esposa e mãi, os compromissos de marido e pai estão encerrados em uma lei natural de muito maior importancia e superior ao principio economico, se todas essas cousas são muito mais do que as que se vendem nos mercados, declaro que a ellas nos devemos conformar na maneira de agir.

Em certos casos, a falta de regulamento no trabalho conduz, é verdade, ao aniquiquilamento da vida domestica, ao abandono dos filhos, transforma as mulheres e as mãis de familia em machinas vivas, os pais e esposos (que me desculpem a expressão, é ainda o mesmo Cardeal que fala) em animaes de carga, levantando-se antes do sol, e voltando, à noite para casa, extenuados, podendo apenas comer um pedaço de pão e atirar-se em uma enxerga para dormir.

E, perguntando o ilustre arcebispo de Westminster, no seu commentario da Encyclica Rerum Novarum, se, tendo consentimento do marido, poderia a mulher entregar a mãos estranhas o desempenho de seus deveres domesticos, o referido cardeal Manning assim responde: << Antes de mais nada, a mulher precisa cumprir seus deveres familiares.>>

Quando Jehovah, ultrajado pela desobediencia orgulhosa de nossos primeiros pais, impoz ao homem a sentença de comer o pão regado de suor e prantos, ahi resumiu a fadiga, o dispendio de energicas vitaes as inquietações, os agrores da responsabilidade; reservando para a mulher a obediencia ao marido e todas as preocupações, dores e cuidados enherentes á maternidade.

Assim a Divina Sabedoria, considerando os progenitores da raça humana iguaes em nobreza, dignidade e destino, estabeleceu, entretanto, as harmonias e differenças indispensaveis, para que reciprocamente se auxiliassem e completassem. Do mesmo modo, procedeu a sciencia humana, representada em seus grandes pensadores.

Basta considerar, ainda que rapidamente os predicados physicos, intellectuaes e moraes que predominam em um e outro sexo, para chegar á conclusão que seu destino é a mutua dependencia.

Dispõe o homem de intelligencia mais robusta, mais precisa, capaz de maior applicação; é dotado de raciocinio mais seguro, de espirito de observação e creação mais pronunciados, ao passo que a mulher possue mais aguda penetração, imaginação mais fecunda, falcudade mais intensa de amar e sacrificar-se.

Resalta d`este exame que o homem domina pela cabeça e a mulher pelo coração, e, como a cabeça sem o coração nada produz de verdadeiramente grande e apreciavel, temos os dois seres caminhando pari passu, no desempenho da missão que receberam.

Chamar a mulher para concorrer com o homem em todos os misteres da vida é, de certa maneira, prejudical-a, expondo-a necessariamente a patentear inferioridade; seu papel está concretisado na sublimidade dos sentimentos affectivos.

Representando o homem a força em sua plenitude, resiste a grandes fadigas, perigosas jornadas, carrega pesadissimos fardos, movimenta machinas enormes, não se teme da guerra ou da lucta, affronta a raiva dos elementos e a furia indomita dos animaes bravios, em todo o seu exterior, denuncia a majestade do poder.

A mulher, muito mais delicada em sua constituição, é inferior ao homem no heroismo da força; e que vantagem teria em ser compellida á lucta, na arena, entre gladiadores?

Ella è soberana invencivel sempre que a delicadeza, a brandura, a solicitude, o devotamento se impuzerem.

Tratando-se dos deveres domesticos, vemos o homem arriacar-se ás mais arrojadas emprezas para a acquisição de capitaes; a mulher saber ecomisal-os, evitando a ruina, produzida pelo superfluo dispendio.

Em negocio de importancia, o homem reflecte, calcula, considera, acima de tudo, o interesse pessoal, pede tempo para definitivamente pronunciar-se, mede as consequencias de sua determinação; a mulher, guiando-se apenas pelo que lhe inspira o coração e, pouco habituada ao exercicio rigoroso da logica, emitte o parecer quasi intuitivamente.

Em assumptos psychologicos, na investigação de sentimentos que conturbem grande multidão, eis o homem ainda no primeiro plano; todavia, senhores, se quizerdes julgar dos individuos em particular, das expansões manifestadas não somente por aqueles que vos sejam intimos, mas até d`aquelles a quem apenas conheceis ou encontrais pela primeira vez, consultai á mulher; sua perspicacia é de tal ordem que parece encarar o mundo do pensamento com a nitidez que o faria, se o tivesse sob os orgams visuaes.

No homem, predomina a synthese, na mulher, a analyse; entre os dois sexos illustres sabios Georges Cuvier e Geoffroy de S.t Hilaire.

Relatava este, com a simplicidade adoravel que caracterisa os grandes homens, que, passeando na galeria dos anthropoides com seu amigo, emquanto elle apenas via um só qua drumano, Cuvier descobria centenas d`elles.

Para que as idéas geraes de igualdade e politica impressionem a mulher, indispensavel se torna que lhes passe pelo coração; porque, se, pelo estudo, chega a comprehender as abstrações, raramente consegue inventar e ainda menos crear.

A rijeza, a tenacidade, o vigor constituem o fundo de carater do homem que, pretende baixar o nivel de sua hierarchia social não demonstrando sempre, quer no tom da voz, quer no porte altivo ou no gesto imperioso, algumas vezes até, nas deferencias estudadas e applicadas com arte, quando está convicto de sua superioridade.

A mulher, neste ponto, sobresai pela affabilidade de trato, benevolencia, igualdade de humor.

Num incendio, numa batalha, numa catastrophe, o homem arrisca-se impavido, a mulher treme; porem, a enfermidade, no infortunio, com a morte a despedaçar-lhe o coração e os olhos marejados de lagrimas, sabe conservar o sorriso nos labios para encorajar e consolar.

Na apreciação de trabalhos literarios, não é a mulher inferior ao homem, mas não lhe segue a mesma vereda.

O homem, para criticar, para apreciar obras intellectuaes, estuda, compara; a mulher emitte opinião mais prompta, tendo a valor da opportunidade.

E, d`estas duas maneiras de julgar, não se poderia dizer qual a preferivel, porque ambas se aperfeiçôam.

As grandes obras pertencem a todos os seculos pelas verdades que encerram, porem tambem se encadeiam ao tempo em que apparecem e, agradando ás mulheres, agradam a epoca, porque nellas o sentimento do bello é quasi innato.

Ninguem ignora que o celebre Moliére submetia á apreciação se dua criada as comedias e poesias, antes de publical-as e, quando lhe desprezava as observações, arrependia-se.

Porque? porque ella symbolisava a actualidade á qual é forçoso obedecer.

Nas effusões do coração, vemos o homem sobrepujar, quasi sempre, pelo egoismo e a mulher pelo devotamento, não poucas vezes heroico.

Qual o homem, por mais extremoso que seja para com os filhos, que substitua, com vantagem, os carinhos maternos que a morte lhes tenha, por ventura, arrebatado? Qual o que seja capaz de esquecer-se de todos os instantes de repouso, de privar-se voluntariamente de todas as alegrias da existencia, para lhes proporcionar a vigilancia engenhosa que, de mil insignificancias apparentes, tece a rede de fios de ouro em que, sem fadiga, os embala, agasalhados sob o tepido calor da chamma inextinguivel do sacrificio perenne?

Dizei ao pai caroavel: E` mister dinheiro para que teu filho não soffra a carencia do conforto, e elle não trepidará, nem um minuto, em entregar-se a continuo labor; porem mostrai-lhe a obrigação de velar dia e noite junto a seu berço, attento a seu primeiro vagido, prestes acudir a menor de suas necessidades, dispostos, sem enfado, a dispensar esses desvelos incessantes que a infancia reclama, e elle promptamente vos responderá: não posso, não sei, somente a mulher é capaz de tanto.

O mesmo acontece na ternura filial, na amizade fraterna, no amor conjugal.

As delicadezas do coração da mulher são, pois, incomprehensiveis e impraticaveis pelo homem.

Contam a senhora de Chantal que um jovem parente fere de morte a seu marido, em uma caçada, por imprudencia.

Alem de adorar o esposo, estava Joanna de Chantal prestes a ser mãi. Que desforra tomará, pois d`aquelle que, na flôr dos annos, lhe cinge a fronte com o crepe da viuvez, privando o innocente filhinho da égide paterna?

Ah não pode esquivar-se á vingança!.. mas as fibras sensiveis de seu coração de mulher, estremecendo ao impulso bemfazejo da sublime religião do Golgotha, produzem hymno tão bello, tão mavioso de extraordinaria represalia que difficilmente é comprehendido.

Chama o sacerdote, roga-lhe que, sem demora, transmitta ao pobre desgraçado que, no auge do desespero, queria suicidar-se, o pedido urgente que lhe faz de levar á pia baptismal o triste orpham que vai nascer...

Em um hospital de Paris, victima de paralysia na larynge, uma pobre operaria recebe quotidianamente do medico director o tratamento doloroso que a medicina prescreve.

Passam-se os dias, sem que o mal descreça; o desanimo principia a apoderar-se da infeliz, quando uma noite, inesperadamente, se sente curada.

Exultante de jubilo, procura um meio de testemunhar ao medico a gratidão que lhe transborda d`alma e resolve calar-se até que, no dia seguinte, elle se lhe aproxime do leito.

Senhor, exclama então, fiquei restabelecida esta noite, porem guardei silencio para que vos pudesse dedicar as primeiras palavras que pronuncio ...

Em toda a creação, existe uma lei suprema, invariavel, indestructivel: é a Providencia regendo todas as cousas.

No insecto microscopico, na flôr ostentando, em mimosas petalas, variegados matizes subtis perfumes; no zephiro roçando a medo a superficie tranquilla dos mares; nas ondas rugindo e quebrando-se com fereza indomavel nos rochedos que lhe querem tolher a

invasão destruidora; no simoun abrazante, sepultando como feroz carrasco as inermes caravanas, ella resplende serena e majestosa, dizendo a cada um dos seres que creou: Não irás alem do limite que me aprouve circumscrever-te.

Esta lei; principio e fim de tudo quanto existe, á qual o mundo physico obedece e os seres organizados acatam, reconhecendo-a como causa de seus direitos e deveres, è a verdade immutavel que deve regular as consciencias.

Vive gravada no recesso da alma humana e todas as lais sociaes não têm outro alvo senão a execução de seus preceitos inilludiveis.

E esta lei basica assignala a cada individuo a missão que lhe cabe preencher no todo harmonico do Universo, supprindo-se reciprocamente as imperfeições e defeitos, para que o mais deleitavel conjuncto deslumbre os olhos do observador judicioso.

Revista A Paladina do Lar

Anno II, n. 3, p. 4, mar. 1911.

Antonio de Azevedo Costa

Filhinho do Snr. Francisco M. Costa (fallecido)

Teu retratinho formoso

E` doce recordação

Desse dia venturoso

Da Primeira Communhão

Com que prazer e transporte

Dizias: erguendo o porte,

Antes mil vezes a morte

Do que trahir a Jesus.

E tal promessa, menino,

Subindo ao Throno divino,

Fez-te nobre paladino

Da santa causa da luz.

Nunca esmoreças, pois, segue o fanal

Que te aponta constante o exemplo maternal.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Revista A Paladina do Lar

Anno II, n. 5, p. 23-25, maio 1911.

A EDUCAÇÃO.

xv

Pelo nome de voz é designado o som produzido na larynge pelo ar expellido dos pulmões.

Sendo a inspiração e expiração do ar independentes de nossa vontade, constatamos, entretanto, que o movimento necessário á formação do voz, sujeita-se ao livre arbitrio, exceptuando nos casos de certas molestias e do somno.

Ha differença entre a voz do homem e a da mulher, a da criança e a do adulto.

A voz do homem é grave e forte; a da mulher aguda e branda.

Na infancia, a voz não apresenta variedade entre os dois sexos; porem, na adolescencia, a voz da menina baixa uma ou duas notas, e a do rapaz, dos quatorze aos quinze annos, perde a clareza, enrouquece, torna-se desigual, pelo espaço, mais ou menos, de um anno.

Parece conveniente suspender-se, nessa occasião, o exercicio do canto, ou fazel-o então com muita circumspecção.

Nos sons emittidos pelo apparelho vocalico, distinguem-se o grito, a palavra e o canto.

O grito é o som ordinariamente agudo, unico que a maioria dos animaes é capaz de produzir.

A palavra é a voz articulada, formada na larynge pelas cordas vocaes e modificada por differentes orgams accessorios do apparelho phonico.

O canto é a voz articulada, tendo os sons mais prolongados e separados por intervallos fixos e regulares, apresentando, entre si, relações determinadas pela escala.

Os surdos mudos têm a larynge e o tubo vocalico regularmente conformados, porem, á custa de muito esforço, conseguem pronunciar imperfeitamente algumas palavras. Ao illustre Carlos Miguel, abbade de l`Epée, natural de Versalhes e fundador das escolas dos surdos-mudos em Paris, deve-se este importante serviço humanitario.

As modificações pelas quaes o homem transforma a voz em palavra constituem, como dissemos ha pouco, movimentos voluntarios, auxiliados pelo ouvido e pela intelligencia.

E`, pois, a palavra um producto da intelligencia humana; da larynge recebe apenas a entoação. Tanto isto é verdade, affirma J. Béclard, que podemos falar sem que as cordas glotticas entrem em vibração; o que succede sempre que conversamos em voz baixa, ao ouvido de nosso interlocutor; o ar que então expiramos é aphonico.

Operando-se a tracheotomia, a voz desapparece, porem a palavra articulada se conserva ainda que difficilmente.

Refere Bourguet que um homem tentando suicidar-se, dando um golpe na garganta, não lhe foi possivel respirar, d`ahi em diante, pela larynge, ams por uma canula, collocada na trachéa.

Quando precisava falar, executava preliminarmente movimentos particulares das faces para armazenar o ar exterior e, movendo a lingua, os dentes, os labios, achatando as faces conseguia expressar o pensamento.

Era-lhe indifferente falar durante a inspiração ou expiração do ar e tambem sem interromper-se; o que facilmente se concebe, attendendo a independencia em que sua palavra estava a respeito dos pulmões.

A larynge, orgam da voz, é um tubo cartilaginoso, perfeitamente symetrico, dilatado e prismatico na parte superior e cylindrico na inferior; é composta de peças moveis e articuladas umas ás outras.

Superiormente communica com a pharynge e inferiormente com a trachéa-arteria. Fica na região anterior do pescoço, sobre a linha media, acompanhando o osso hyoide e a lingua, elevando-se e abaixando-se com elles.

É formado o esqueleto da larynge de cinco cartilagens: a cricodéa, apresentando um annel, na base inferior; a thyroidéa, assemelhando-se a um escudo, na frente, sobre a linha media; ella protege a voz e, na face antero-superior, apresenta uma salienciaangulosa, chanfrada, muito pronunciada no homem e denominada pomo de Adão; as duas arytenoidéas, lembrando um funil, na partepostero-superior da larynge, formando ahi um bico de jarro; a epiglotte, especie de valvula muito elastica, movel, situada um pouco abaixo da base da lingua, tendo por missão especial cobrir exactamente a abertura superior da larynge, durante a deglutição, de maneira a impedir a introducção dos alimentos nas vias aereas.

Os musculos denominados extrinsecos ligam alarynge ao esterno e ao osso hyoide e, por meio d`este, á omoplata, á lingua, e á maxilla inferior.Os musculos intrisecos concorrem para formar as paredes da larynge e para as funcções da glotte.

A cavidade laryngea apresenta de cada lado uma prega. São como duas fitas de um branco rosado, dirigidas horizontalmente da parte anterior para a posterior.

Na extremidade e no bordo externo, estão presas á larynge; na superficie e no bordo interno, ficam livres, deixando entre si uma abertura linear, elliptica ou triangular, segundo o momento em que é observada, ou conforme é vista toda ou somente bos dois terços anteriores.

É por esta abertura, chamada glotte, que passa o ar, entrando ou saindo do peito; as pregas que as circumscrevem são as cordas ou fitas vocaes inferiores; porquanto, na distancia de uns oito ou dez millimetros, existem outras duas pregas, menos salientes, denominadas cordas vocaes superiores.

É pouco desenvolvida a larynge na primeira infancia. Quando o homem attinge a idade de quatorze annos, este orgam adquire proporções quasi duplas, ao passo que, na mulher, apenas se desenvolve de um terço.

Assim a larynge da mulher adulta é menor do que a do homem, a saliencia de seus angulos menos pronunciada e a glotte apresenta menores dimensões.

Para explicar o funccionamento da larynge, alguns autores comparam-n`a a diversos instrumentos musicaes, porem Gerby diz que ella é tão perfeita e admiravel em seus effeitos, que nada se lhe pode comparar.

Compõe-se o apparelho vocalico dos pulmões que funccionam como um folle; da trachéa arteria, que conduz o ar dos pulmões para o exterior; da larynge. onde se forma o som; da pharynge e das cavidades buccal nazal, que os reforçam e lhes modoficam o timbre.

Pela descoberta do laryngoscopio, o interior da larynge poude ser examinado e suas funcções definidas, averiguando-se facilmente que, na palavra em voz baixa, o som é produzido na parte superior.

A palavra ordinaria effectua-se em voz alta e não excede a oitava e meia, na maioria dos casos.

É por movimentos apropriados e desnvolvidos pela educação que a pharynge, a bocca, a lingua, o veu palatino, os dentes, as fossas nazaes imprimem ao som os caracteres da palavra.

Algumas partes do tubo vocalico têm grande mobilidade. A lingua, por exemplo, adianta-se, recua, achata-se, entumece-se, abaixa-se, tomando, emfim, formas variadissimas.

Chama-se ventriloquia a aptidão especial que possuem alguna individuos de falar, em voz alta, com a bocca fechada ou immovel, quando aberta, alterando-lhe o timbre de maneira a imitar a criança, a mulher, fazer crêr que se acha a maior distancia do que realmente está, que a voz sai de uma chaminé, de um subterraneo, do ceu ou das entranhas da terra,

Antigamente os ventriloquos obtinham grande sucesso, hoje, com os progressos da sciencia, servem apenas para divertir.

A gagueira consiste na difficuldade de articular certas consonancias, originando interrupções que são seguidas de explosões dos sons,

Nem sempre se dá o embaraço com as mesmas consonancias e nem nas mesmas occasiões; este defeito reside no systema nervoso.

Parecendo a lingua desempenhar funcção importante, na articulação dos sons, a experiencia tem demonstrado que se pode falar sem ella.

Jussieu affirma ter visto, em Lisbôa, uma menina que nascera sem lingua e que falava distinctamente.

Alem da conveniente disposição dos orgams, a actividade de nosso espirito só se desenvolve pela educação e pela instrucção, diz Balmes.

Relata Herodoto que Psametico, rei do Egyto, desejando conhecer a linguagem primitiva, entregou dois recem-nascidos a um pastor, ordenando-lhe que os creasse em completo isolamento, sem pronunciar jamais, diante d'elles, uma sò palavra.

No fim de doi annos, estas duas crianças pronunciavam apenas a palavra Becos, repetição alterada do balido das cabras, com as quaes se achavam em continua communicação.

Na historia da Companhia de Jesus, conta-se que Ackébar, imperador de Mongol, resolveu descobrir a religião primitiva e, para este fim, mandou crear trinta meninos de modo a não verem outros homens, nem com elles conversarem.

No fim de algum tempo, estes meninos eram outros tantos mudos idiotas.

Na historia da Academia Real das Sciencias, conta-se que, em 1703, um rapaz, natural de Chartres, nascera suro mudo, permanecendo neste estado até a idade de vinte e tres annos, sem receber o menor cultivo intellectual

Neste periodo, curou-se da surdez, começando somente a falar alguns mezes depois de sua cura.

Examinando acerca das idéas que formava de Deus, da alma, dos preceitos da lei natural, respondeu que nunca pensara em tal, contentando-se em imitar seus pais nos actos externos de religião que praticavam.

Deduz-se, pois, que o homem nascido para viver em sociedade, d'ella necessita para o desenvolvimento de suas falcudades, vindo d`ahi a prova da origem divina da palavra.

O proprio Rousseau assim se exprime: Julgo a palavra necessaria á invenção da palavra.

Se a palavra é um meio portentoso para a comumnicação do pensamento, se é fòra de duvida que sua invenção corôaria de louros eternos a fronte de seu inventor, como permaneceu no esquecimento o nome de tão grande bemfeitor da humanidade?

É preciso, pois, aceitar convictos o que nos diz o Genesis: Nossos primeiros pais receberam do Creador o espirito e a palavra.

(Continúa)

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

ANEXO B – ARTIGOS PUBLICADOS POR MARIA LUIZA — 1912

Revista A Paladina do Lar
Anno III, n. 3, p. 2, mar. 1912.

Mariá Freitas David,
filhinha do Tenente Dr. Paulo E. David.
No dia da Primeira Communhão.
Trajando vestes da côr do dia,
A fronte occulta no veu, nas flores,
Gozava n`alma tanta alegria
Que não suppunha que houvesse dores.
Tudo era festa! juntas vibravam
Harpas eolias, vindas de alem
Que hymnos sublimes acompanhavam.
Meu Deus, que idylio! que luz! que bem!
Dentro do peito, como negal-o?
Jesus eu tinha, posso afirmal-o
Tal foi o enlevo que então senti...
Doce mysterio de amor profundo,
Eucharistia, salva este mundo,
Dando-lhe a graça que recebi.

Maria Luiza de Sousa Alves

Revista A Paladina do Lar
Anno III, n. 3, p. 63-66, mar. 1912.

Agradavel Missão

Quando o Apostolo S. João, exhausto de forças pela avançada idade e pelos trabalhos de seu ministerio, via reunir-se, em torno de sua pessoa veneravel, os discipulos do Mestre Divino que lhe rogavam instrucção e conforto, dos labios tremulos, numa expressão de carinhosa suavidade, deixava cahir somente estas poucas palavras: Filhinhos, amai-vos uns aos outros.

Eis, senhoras catholicas, leitoras amigas, a synthese da religião do Calvario, o lemma do amor, lemma que perfeitamente se coaduna a vossa natureza, creada por Deus com o fim especial de amenizar as escabrosidades do caminho dos entes estremecidos.

Amar sincera e nobremente até o heroismo do sacrificio a todos os que vos cercam, a todos os que de vós dependem eis a vossa missão sobre a terra.

E quem dependerá de vós tanto quanto vossos filhos cujo futuro, de algum modo, será obra vossa?

A agua que, de leve, gotta a gotta, cai sobre o rochedo, acaba por amollecel-o encontrando nelle passagem para fertilizar os campos; assim vossos esforços, se forem assiduos e perseverantes, não poderão deixar de ser proficuos.

Não vos cabe somente a responsabilidade de ministrar-lhes o pão material e os cuidados tendentes ao desenvolvimento physico, mas compete-vos tambem proporcionar-lhes a nutrição do espirito, que visa o progresso da natureza superior do homem.

Vêde: abrem-se collegios, escolas, cursos, impondo-vos a lei da instrucção que enche de luz os cerebros, para felicitar os povos; porem ergue-se tambem, diante de vós, severa e intransigente, a mascula figura da verdade, ordenando impavida e serena que, aos fulgidos clarões da sciencia, reunais os principios moraes e religiosos, sem os quaes o edificio que, á custa de mil sacrificios tiverdes levantado, solidez alguma terá, por carecer dos alicerces indispensaveis a sua segurança.

Grave, gravissima é a tarefa que vos pesa sobre os hombros, oh senhoras mãis de familia.

Trata-se de separar-vos, durante muitas horas por dia, ou durante muitos dias e até durante muitos mezes, do que possuis de mais caro.

Assim é preciso, responder-me-eis, não podemos nos eximir de confiar nossos filhos aos mestres que lhes hão de cultivar os dotes intellectuaes, para que, mais tarde, occupem na sociedade o lugar que somente conquistam os homens de lettras, os homens da sciencia.

Tendes razão em parte; a sciencia é necessaria, principalmente para o homem. Neste seculo de luzes, triste figura representa o ignorante; comtudo não esqueçais que, tanto quanto possivel, sob vossas vistas deve ser ministrada.

O internato, necessario em certas e determinadas circumstancias, apesar de orientado por mestres respeitaveis pelos principios moraes e religiosos que professam, não concorre pouco para enfraquecer os laços dulcissimos da familia, mormente quando se acha longe do torrão natal.

Na lar domestico, a suprema sabedoria do Altissimo prendeu dois entes que se completam no exercicio nobilissimo das funcções de educadores.

E, quando, para a natureza refractaria do filho, não bastar a severidade calma e intelligente do pai nem o carinho inexcedivel da mãi, então é quasi certo que os mestres, mesmo o mais devotado, fructo algum chegarão a colher de seus trabalhos.

Quantas vezes a reclusão de um menino ou de uma menina, em um collegio, não é feita para deixar, em casa, mais socego, alliviando a fadiga dos cuidados que incessantemente reclama?

Não vos illudais, patricias minhas, ninguem vos pode substituir na cultura do coração de vosso filho, ninguem melhor do que vós conhece as bôas e as más inclinações que trouxe do berço, e ninguem possue, como vós, o segredo de corrigir branda e efficazmente.

Das virtudes praticadas no lar domestico, a aureola de respeito que vos circumda, resultante da bôa união em que viveis com vosso esposo, vossa urbanidade com os criados, vossa generosa benevolencia para os infelizes, tudo isto que fazeis com a naturalidade do

regato, deslisando tranquillamente entre as margens que lhe circumscrevem a marcha, são germens fecundos que, em tempo, mais ou menos proximo, hão de produzir optima colheita.

E`preciso, acreditai-me, que vosso filho, nas horas em que permanece longe da vossa vista, esteja convicto de que, apezar da distancia, vossa alma o acompanha e que, ao regressar para junto de vós, terá que dar conta, não como se fosseis um censor rigoroso, mas como a um coração verdadeiramente amigo, de tudo o que lhe ocorreu: lições, notas, conversação com os companheiros; é preciso que vos sejam conhecidos aquelles que, dentre os outros, souberam conquistar-lhe o affecto de modo especial; que lhe vejais os cadernos, os livros, a malinha em que leva os utensilios da escola; emfim que lhe sejais a sombra constante, não para constrangel-o, mas para animal-o e alentar-lhe os passos mal seguros e inexperientes.

A ninguem pertence esta fracção de vossa alma, esta parte principal de vosso coração; habituai, pois vosso filho a não prescindir nunca de vossa presença; a vir espontaneamente lançar em vosso coração todas as alegrias, inquietações e tristezas que experimentar.

Que não o domine o temor servil, porem o amor mais verdadeiro oriundo da certeza que tem das qualidades superiores que vos exornam e que, enchendo-o de legitimo orgulho, o torna confiante, terno e submisso.

Diz Fenelon que a alegria e a confiança devem constituir a disposição habitual do menino, de modo contrario, seu espirito se obscurece e sua energia se abate; porque, se é dotado de um natural vivo se irrita com as reprehensões ou castigos severos, e, se tem natural brando, vem a tornar-se apathico.

O temor produz o effeito dos venenos violentos, utilisados em doenças extremas: salvam alterando o organismo.

Nos casos communs, da aspereza origina-se sempre a fraqueza de caracter.

Se souberdes, patricias minhas, impor-vos, desde o berço, com flrmeza e doçura, vereis chegar, para vosso filho, a idade viril, sem que a vossa autoridade soffra.

Exemplo frisante do que affirmo, apresentou a senhora X., mãi de quatro jovens officiaes do exercito francez.

Amavam estes moços a sua mãi com extremos e lhe obedeciam com a simplicidade da infancia, sendo correspondidos com toda a expansão do materno amor.

Um dia em que estava a familia reunida, á mesa de jantar, o filho mais velho respondeu com certa inconveniencia á senhora X.

- Carlos, replicou esta, com voz moderada e calma, dobra o guardanapo e vai acabar de jantar em teu quarto.

Sem dizer palavra, o moço capitão levantou-se e sahiu da sala; alguns minutos depois, voltou e, abraçando sua mãi, pediu-lhe desculpas.

Todos os circumstantes acharam natural o seu procedimento; porem, concordareis commigo, amaveis patricias, que muito feliz é a mãi que possue um tal filho.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Revista A Paladina do Lar

Anno III, n. 6, p. 152, jun. 1912.

Manoel dos Santos Moreira,

filhinho do Snr. Bernardino dos Santos Moreira.

Na vida, quem não gosta de crianças

E` pobre, muito pobre de esperanças.

Quando Deus quer a bençam conceder,

No mundo, uma criança faz nascer.

Sem crianças, do lar foge a alegria

E` como se faltasse a luz ao dia.

A criança é do triste coração,

Muita vez, o confôrto e a salvação.

Traz, no rosto formoso e delicado,

O encanto da innocencia retratado.

Criança, aqui presente, tão gentil,

Cresce amando a virtude e a teu Brasil.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Revista A Paladina do Lar

Anno III, n. 6, p. 153-156, jun. 1912.

CONTRA O TEDIO

A raiz de toda a vida, escreve piedoso autor, está em Deus e d'essa vida é que tudo nos vem.

A vida ... e que chamaremos vida senão o trabalho da alma intelligente, conscia de si propria e capaz de aproveitar de tudo quanto a cérca, para gozar e mesmo soffrer?, ..

Temos, é verdade, a vida material, a vida organica; porem que vale contraposta á do espirito?

Se esta nos faltasse, seriamos comparaveis ao animal que nada espera alem do repasto e do somno e, machinalmente, obedece a um senhor.

Para nós, creaturas humanas e racionaes, a vida material é mais um fardo pesado do que um contentamento.

Quão frequentes vezes, no seio da abundancia, entre as requintadas commodidades do luxo hodierno, aborrecemo-nos, procurando alguma coisa que ainda nos falta e que nem sempre, logramos definir.

Assemelhamo-nos então ao viajor, sem bussola, á mercê de ondas que não governa, em demanda de porto desconhecido.

Ah! se nessa emergencia, descessemos ao recondito de nossa alma, veriamos que é esta parte nobre de nosso ser que suspira pelo seu elemento, pelo seu ponto de apoio, para se equilibrar.

Não foi creada para a vida material, não pode nella, satisfazer-se; reclama o infinito, o immortal ....

Quer viver e o combustivel que lhe ha de atear a chamma da vida é o amor de Deus, do qual dimana o amor do proximo, capaz, quando bem orientado, de todos os sacrificios, de todos os devotamentos e concedendo, em premio, alegriaas tão puras e tão grandes que, de modo algum, permittem comparação com os prazeres proporcionados pelos ephemeros gozos dos bens terrenos.

*

* *

A vós, patriciasinhas, flôres esperançosas da patria, jovens donzellas que, no aconchego do vosso lar, experimentais todo conforto, é que ora se dirige a minha penna.

Vem depositar-vos, entre as pequeninas e delicadas mãos, um meio facilimo de furtar-vos ao tedio que, não raramente, se apodera de vosso animo, enervando-vos o coração, cujo natural é expansivo e generoso.

Viveis sem cuidados - a vossos pais compete todo o peso das responsabilidades - e ignorais muita miseria que, sem onus algum, remediarieis, lucrando a melhor parte dos beneficios esparzidos sobre a fronte de outros, quiça menos ditosos.

Entremos no assumpto.

Quantos dias, depois do jantar, emquanto vosso pai se occupa com a leitura dos jornaes e vossa mãi com algum trabalho domestico, ouvis impacientes o tic-tac do relogio que vos parece de extraordinaria lentidão, principalmente se o tempo está chuvoso, vedando-vos, num mutismo cruel, o cinema ou o espetaculo.

Procurais distrahir-vos; porem como?

Permitti-me a resposta e não vos enfadeis com a franqueza de que me sirvo.

Procurais a distração na conversa com duas ou tres amigas, mais ou menos, de vossa edade, entretendo-vos de modas, romances, cinemas, espetaculos, concertos e ... vida alheia.

As horas vôam, levando-vos as palavras inuteis ou malevolas e deixando-vos o vacuo no espirito.

Se, por acaso, faltam as amigas, após alguns minutos de piano ou de janella, folheais um livro, para matar o tempo.

E fazeis escolha d`esse companheiro que, em silencio, vai agir directamente sobre vossa alma, infiltrando-lhe a seiva do bem ou do mal?

Não; quereis apenas um romance bem escripto e emocionante e quando, sentindo as palpebras fatigadas, pedis ao somno o repouso, não é extraordinario que a imaginação sobrexcitada recuse-se em acceder a essa necessaria imposição do organismo.

Subis ao vosso quarto de dormir e, longe de respirar o perfume que se evola d`esse oasis de vosso lar, continuais sófrega a leitura encetada, para chegardes ao conhecimento do fim que tiveram os heroes ou heroinas, que vos impressionaram, pelo soffrimento ou pela hediondez de seus crimes.

Nem sequer notais as muitas inverosimelhanças, que o romancista engendrou, tendo por unico objectivo captivar a attenção dos incautos leitores; nem de leve reflectis ácerca das maxinas irreligiosas, preconizadas por este n`aquelle personagem, num lance de effeito; passa-vos tambem despercebida a maneira de pregar o suicidio como remedio imprescindivel, após a condummação de actos monstruosos.

Deante dos olhos de vossa alma, correu fantastica miragem, deixando cahir, do manto de variegados e falsos matizes, as gottas subtis de mortifero veneno.

Agora parece-vos que ha exagero ou intransigencia em minhas palavras, pois já tendes bastante criterio para discernir o bem do mal; não vos empenhastes senão em matar o tempo.

Ha de vir o momento e - nem sempre se demora - em que o toxico produza seus effeitos tanto mais desastrosos quanto menos combatidos foram.

Se não vos esquivardes em examinar commigo o que se passa em vosso intimo, ao concluirdes tal exercicio de leitura, vereis que multiplos e variados são os sentimentos que vos agitam; e, reclinando a cabecinha no fôfo travesseiro, depois de rapido signal da cruz, imposto pelo habito, debalde forcejais por conciliar o somno: o que acabastes de ler volta-vos insistente á memoria.

Pela manhã, erguer-vos-eis pouco dispostas. No formoso rosto em que deviam resplandecer as flôres virentes da mocidade, nos olhos, espelhos indiscretos da alma, lêr-se-á inexplicavel mau estar, que disfarçareis com a phrase trivial e moderna que tudo concretisa: Estou nervosa ! ...

Entretanto, amiguinhas gentis, nem podeis imaginar quanto, por vossos dedos roseos, ageis e dextros, coadjuvados pela bondade de vosso coração, espalharieis o bem, trocando a dôr em alegria, o pranto amargo da miseria em sorriso de contentamento.

Se, por ventura, entrasseis na mansarda do pobre, se visseis como, num chão desasseiado, jazem inermes creaturinhas, cobertas de andrajos, não esperdiçarieis tantas horas preciosas.

Possuis tanta fita que não vos serve mais, porque não é da côr da moda; tanta renda que não utilisais; tanto retalho de fazenda que considerais entulho; alem d`isto tanto vestido, tanta blusa, tanta roupa branca deixais ficar no fundo do guarda-roupa ! ...

Ah ! se, emquanto a chuva cae impiedosa nas pedras da rua, obstando-vos o passeio, tivesseis uma lembrança dos desherdados da fortuna, que felizes serieis ! ...

Quantas camisinhas, toucas, sapatos, vestidos e cobertas confeccionarieis! quanto soffrimento poparieis! ...

Se não conheceis ninguem, que se possa tornar alvo de vossa generosa actividade, não vos afflijais: em nosso torrão natal, viceja a arvore benefica do Instituto de Assistencia e Protecção á Infancia; mandai para lá o fructo de vossos momentos de lazer.

Garanto-vos que uma hora passada neste exercicio de caridade alegra a existencia, aviventando o coração; e Deus, o grande amigo das crianças, sorrirá para vós, preparando-vos um porvir bonançoso, porquanto paga cento por um, pelo menor beneficio feito, em seu nome, aos desprotegidos da sorte.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Revista Paladina do Lar

Anno III, n. 6, p.177-178, jun. 1912.

A EDUCAÇÃO

xx

Actos de acquisição da intelligencia são a percepção externa e a consciencia psychologica, vulgarmente denominada senso intimo.

A um certo modo de ser do sujeito que sente chama-se sensação.

Diz-se que o sujeito é passivo quando recebe a impressão, e activo quando sobre ella reage.

No caso em que a passividade predomine, denominamos este estado do sujeito com as espressões de sentimento, affeições, etc.

Dizemos, frequentes vezes, que experimentamos um sentimento de alegria ou de tristeza, uma sensação de calor.

Se a actividade sobrepujar ao phenomeno sensitivo, então se torna n`um conhecimento, n`uma percepção.

Entre as percepções, a visual é chamada intuição e o conjuncto dos conhecimentos sensiveis, principalmente considerados ao serviço da razão, é conhecido sob o nome de experiencia sensivel.

A sensação nos leva a um acto primordial, indefinivel - o conhecimento.

Está dentro de nós, de algum modo, aquillo que vimos a conhecer, ainda que imitado e reproduzido de accordo com a natureza.

Entretanto o conhecimento não é uma simples imitação, é uma imagem, isto é, uma semelhança formada para reproduzir.

O fim, pois, da semelhança cognoscitiva é reproduzir ou imitar o objecto conhecido; não material ou physicamente, como na photografia, mas intencional, psychica, ideal ou mentalmente.

O conhecimento sensitivo ou percepção externa tem, como agente immediatos, os sentidos corporaes, constatando-se ainda, no homem e nos animaes superiores, a existencia de um ou de varios sentidos internos.

Se uma impressão sensivel é transmittida aos centros nervosos superiores, o individuo sente; por exemplo, sente que vê e olha, sente que ouve e escuta. Eis a origem do senso intimo, conhecido hoje sob o nome de consciencia sensivel das sensações.

Esta consciencia sensivel reune, associa diversas impressões sensiveis em uma imagem completa que, na accepção plena da palavra, chama-se percepção do objecto.

Percebemos um objecto, quando recolhemos varias sensações, emanadas de sentidos differentes.

A percepção de um jasmim provém da reunião que fazemos de sua côr, da disposição de sua corolla, da natureza de seu caule, da subtileza de seu perfume.

Affirmavam os antigos que a faculdade de perceber as operações dos sentidos exteriores é uma dos funcções do senso commum. Desapparecendo a sensação sensivel, que deixa signaes pelos quaes podemos reter e reproduzir as imagens.

O senso estimativo dos animaes, por intermedio do qual apreciam as qualidades uteis ou prejudiciaes dos objectos que os cercam, é differente das qualidades sensiveis.

Não ha razões apparentes que levem o rato a fugir do gato, nem guiem os passaros na escolha do logar proprio para a contrucção de seus ninhos.

Objecto de uma sensação á aquillo que se apresenta aos sentidos. Assim o objecto proprio das sensações visuaes é a luz, que a sciencia considera como um estado vibratorio de um fluido particular, muito rareficado, chamado ether.

As terminações peripphericas do nervo optico são organisadas de modo a serem excitadas facilmente pelas vibrações do ether.

A linha ideal, transmissora d`essas vibrações, é conhecida pelo nome de raio luminoso. A acção physica do ether luminoso opera uma reacção chimica nos cones e

bastonetes da retina e esta reacção excita, por sua vez, as cellulas nervosas cerebraes, onde terminam as fibras do nervo optico.

A impressão sensivel é a causa determinante e natural do acto da percepção, a consequencia obrigatoria do poder sensitivo.

O acto da percepção requer tambem do objecto percebido uma impressão sensitiva.

Santo Thomaz figura este facto a um espelho perfeitamente polido, tendo as dimensões exactas do objecto que nelle se vem reflectir.

Toda a sensação possúe uma qualquer intensidade que não nos é dado medir directamente, mas de que podemos achar a relação nos seus effeitos dynamicos.

E` manifesto que um kilo pesa menos do que tres.

E' certo que a mesma quantidade de excitante não provoca sempre o mesmo accrescimo de intensidade na sensação.

Se n`um salão, profusamente illuminado, deitarmos uma vela de mais, a claridade parece não soffrer alteração.

Considerando este facto, Weber formulou a seguinte lei: O augmento do excitante, capaz de trazer nova modificação apreciavel da sensibilidade, está n`uma relação constante com a quantidade do excitante ao qual se ajunta.

Os phenomenos nervosos que constituem o acto psychico não são instantaneos e a sua marcha é conhecida. Assim: 1o. a excitação percebida na peripheria transmitte-se aos centros nervosos, onde se elabora o acto psychico, pelos nervos sensitivos; 2o. d`estes nervos parte para os nervos motores uma corrente nervosa, ordenando a contracção do musculo que lhe obedece.

As sensações são, pois, estados affectivos que nos collocam em presença de qualidades differentes dos objectos, e que nós localisamos em alguma parte de nosso organismo.

Esta localisação pode ser comparada ao modo pelo qual vemos uma cidade n`um mappa geographico.

E` o sentido muscular que nos permitte construir tal especie de carta geographica de nosso proprio corpo.

Sabemos que cada um de nossos musculos é provido de fibras sensitivas e que, a movimentos de orgams differentes, correspondem sensações differentes. Ora, a lembrança de todas essas sensações musculares se conserva na memoria, formando-se, pela imaginação, um complexo de imagens musculares e de suas relações, uma especie de atlas muscular, diz D. Mercier, com o soccorro do qual podemos classificar, localisar nossas sensações ulteriores e orientar nossos movimentos.

As sensações podem ser isoladas ou agrupadas.

Levantando a cabeça com os olhos fechados temos uma sensação isolada; segurando, porem, uma laranja recebemos a sensação do contacto de um corpo mais ou menos rugoso, mais ou menos frio, unida á sensação do esforço muscular para sustental-o. Experimentamos, neste caso, sensações agrupadas.

(continúa)

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Revista A Paladina do Lar

Anno III, n. 9, p. 246, set. 1912.

Aynah de Figueiredo Caldas,
filhinha do Snr. Pharm. Aurelio Caldas.

A MAMÃI.
Mamãi, Mamãi, é teu nome o primeiro
Que balbucio, assustada ou contente;
Quem m`o ensinou? Ninguem, vem de repente
De lá do ceu, num sorriso fagueiro.
Sei, por instincto, o quanto é verdadeiro
Teu grande amor que meus pezares sente;
Reclino, em paz, minha fronte innocente
No collo teu, abrigo alviçareiro.
Jamais, jamais, no perpassar dos annos,
Quero viver, oh Mamãi adorada,
Sem teu amor, sem teus cuidados lhanos ..
Oh minha Mãi, á tarde sagrada
De realisa-te os generosos planos
Hei de entregar-me, e vêr-te-ás retratada.
Aynah.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Revista A Paladina do Lar
Anno III, n. 9, p. 247-250, set. 1912

Não o queremos, nem o queremos nunca.

De todas as partes do orbe, num concerto unanime, eleva-se o brado do progresso.

E esse brado echôa em todos os cerebros, sem encontrar nenhum que se lhe manifeste em contraposição.

O homem do seculo vinte que subjuga a natureza pelo arrojo de suas invenções, pela energia de seu intellecto, dizem os sabios orgulhosos de seus triumphos, não pode ser comparado áquelle que o precedeu nos seculos do obscurantismo.

Precisa de novas leis, fundidas em novos moldes, que lhe dêm liberdade ampla, afim de que desfructe do premio de seus trabalhos, sem as peias que a severa moral religiosa offerece aos timidos de apoucado espirito.

E` facto incontestavel: a humanidade progride, a civilisação alarga suas fronteiras por interminos arraiaes, numa febre de chegar depressa ao alvo, conhecendo todas as leis que

regem o universo, transformando todas as coisas e todos os seres em elementos de prazer, emfim tudo calcando vaidosa sob as plantas dos pés.

Todavia cumpre confessar, entre os homens, ha instituições de tal natureza que não envelhecem nem podem envelhecer no perpassar dos annos, porque foram edificadas sobre bases de um granito indestructivel, o granito da verdade, do direito e da justiça, emanado do proprio coração da Divindade; granito esse que nem sequer vacilla sob o embate das ondas cada vez mais encapelladas e assustadoras, nas demolições assombrosas que logram realisar.

Entre essas instituições, encontramos o matrimonio, contrahido aos pés do Altissimo por duas almas que juram, espontaneamente, viver unidas até que a morte lhes dissolva o estreito vinculo com o qual, por livre vontade, se prenderam.

Desfazer os laços matrimoniaes é cavar a ruina social, anniquilando a familia.

Felizmente, em nossos tempos, nos é dado combater idéas com idéas, oppondo ás nebulosas do erro o clarão deslumbrante da verdade.

Isolados não podemos viver e, desde o berço, a natureza nos reclama, intransigente, o convivio com outros semelhantes.

A criancinha, por instincto, antes que articule uma palavra, estende os braços, pedindo protecção, solicitando que não a abandonem sosinha no pequenino berço.

Correm os dias e, menos fraca, sendo então capaz de expressar os sentimentos, comprehende, embora que ainda vagamente, a necessidade do amor de seus pais, d`elles não se separando senão com difficuldade.

Quando as paixões se despertam, que a robustez do corpo não vê inimigos, sendo a morte encarada em longinqua visão, a juventude não se afasta do meio social, porém anhela de achar ainda mais forte elemento para nelle mais se encadear.

Afinal, no limite supremo das recordações, insaciavel no affecto, a alma do homem revive no suave consolo dos filhos que lhe hão de cerrar os olhos, venerar a memoria, balbuciar-lhe o nome entre as preces da saudade reconhecida.

E` , pois, a sociedade uma instituição divina; existe desde que foram creados os primeiros seres humanos.

Conta o Genesis que Deus, havendo creado o homem, este não se contentou, porque não viu um adjutorio que lhe fosse semelhante.

E Deus, infundindo-lhe profundo somno, tirou-lhe uma costella, enchendo de carne esse lugar e formando a mulher, que o pai do genero humano conheceu como o ossso de seus ossos e a carne de sua carne.

Accrescenta mais o livro sagrado as seguintes, significativas palavras: o homem deixará pai e mãi e se unirá á sua mulher, sendo dous em uma carne.

Eis o matrimonio constituido desde a origem dos tempos.

Espraiando, agora, os olhos pelas differentes religiões que imperam no mundo, descobrimos que sómente a religião catholica, na indissolubilidade de seu vinculo matrimonial, cerca a mulher de respeito e prestigio, contendo no homem os desvarios que o fazem abusar da força.

Não ha cousa alguma comparavel a essa união das duas metades do genero humano; representa a força que ampara a fraqueza, o carinho que revigora os desalentos de fatigante trabalho.

No homem, a razão é mais desenvolvida, o raciocinio mais seguro; na mulher, o amor torna-a capaz de todos os sacrificios.

Verdade é que a diversidade dos caracteres e mil outras formas circumstancias, entre as quaes a inobservancia dos preceitos de Jesus Christo, convertem o santuario da familia, em triste morada de lagrimas e desespero.

Ainda assim, por incompativeis que se tornem os conjuges, a indissolubilidade do laço matrimonial é indiscutivel; sem elle, ficam as relações entre os esposos legisladas pela inconstancia das paixões.

E os filhos? Ah! quaes aves sem pouso, se não forem creados e educados a expensas da caridade publica, terão que soffrer os sarcasmos da miseria, alheios ao sentimento da virtude e da moral, que viram espesinhadas pelos progenitores.

Na sociedade conjugal, os deveres são reciprocos e, para que esta asserção não seja uma utopia, o homem ha de viver para sua unica e legitima esposa e esta para elle, cooperando os dous na educação dos filhos, pela senda da honra, do trabalho honesto e da virtude.

A lei do divorcio, porém, rompendo a perpetuidade do laço conjugal, vai levando insensivelmente para o declive da polygamia; na mão dos potentados, fará, talvez, reviver o escandalo de Frederico Guilherme II da Prussia, que vivia unido a tres esposas legaes ao mesmo tempo, encontrando ainda um concilio de pastores protestantes disposto a lhe conceder um quarto enlace matrimonial com a conhecida senhora de Voss!...

Attestam os defensores do divorcio que é elle um recurso contra as ilusões, trazidas pelo casamento irreflectido entre pessoas que mal se conheciam e que, por consequencia, sem elle, arratariam os ferros de uma cadeia pesadissima, intoleravel.

Puro sophisma! Para aquelles a quem a vida matrimonial converteu-se em fardo insustentavel, a lei civil e a ecclesiastica já providenciaram com a separação dos corpos, que não quebra o laço de união eterna, contrahido perante o tribunal divino e o tribunal humano!..

Leitoras da Paladina do Lar, Brasileiras cuja alma é formada de amor, carinho e bondade, neste momento de angustioso transe, em que se cogita dotar o nosso paiz com a peor das desgraças, em que se pretende arrancar-vos da fronte a aureola de pudor, que vos constitue a rainha do lar, em que se quer permittir a vossos esposos que vos desprezem, quando vos aborrecerem, em que se procura fazer que vossos filhos não logrem pronunciar o nome augusto de pai senão para amaldiçoal-o, cumpre levantar-vos e protestar.

Dizei aos legisladores que reformem as ruas, os edificios, a instrucção, mas não toquem, nem de leve, na constituição da familia brasileira, não offendam a seus sentimentos catholicos, para que, mais tarde, não se esphacele a patria, tendo por filhos homens degenerados que, não tendo aprendido no santuario bemdito da familia, as lições salutares do amor a Deus e a patria, não poderão senão, escravisados de ruins paixões, salpicarem de lama o auriverde pavilhão brasileiro.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Revista A Paladina do Lar

Anno III, n. 9, p. 258-261, set. 1912

Conferencia de D. Maria Luiza de Sousa Alves sobre a "Imprensa".

Em meio da lucta que encoberta ou franca, emerge de todos os pontos, alvejando todas as classes, absorvendo, na multiplicidade complexa dos assumptos, as energias intellectuaes, moraes e physicas do homem, levanta-se, aureolada por magno prestigio, qual

pharo luminoso em alcantilado pincaro, a rainha actual do universo do pensamento - a Imprensa.

Não se arreceia da industria, do commercio, das artes e das sciencias; chega a menosprezar o valor das faculdades superiores, porquanto nutre a convicção de que, sem ella, a humanidade não tardaria em baixar humilhada do pedestal glorioso a que tem subido.

E` o vehiculo do pensamento humano, a arma terrivel que combate denodada sem vêr obstaculos.

E, se todos lhe comprehendessem a maxima importancia e d`ella se aproveitassem, na diffusão do justo e do bello, poder-se-ia imaginar realisada a conquista de um reflexo do paraiso na terra.

****

Foi a imprensa descoberta em meiados do seculo XV, pois está provado que os chinezes e alguns povos europeus obtinham, apenas, estampas typographadas em pranchetas de madeira.

Os typos moveis e fundidos, base da verdadeira imprensa, foram aproveitados em 1450; quarenta e dois annos antes da dcescoberta do Novo Mundo.

Os livros usados antigamente eram manuscriptos, os quaes, em numero muito limitado, constituiam a bibliotheca das Universidades, dos Conventos e dos Castellos.

Para a confecção do manuscripto, cooperavam o livreiro, o homem versado em todas as sciencias da epoca; o pergaminheiro que alisava e lustrava o pergaminho; o escrevente ou copista que o reproduzia; o artista que o embellezava com pinturas e doirados e, finalmente, o encadernador que lhe reunia as folhas e o restituia ao seu proprietario nato - o livreiro.

Um livro que, muitas vezes, custava mais de cem mil reis, era uma preciosidade, ora guardada em caixa magnificamente esculpida, ora presa por uma cadeia de oiro á estante de leitura.

Como no seculo XV se generalizasse o amor á instrucção, mas não se pudesse bem diffundil-a, porque não só o preço dos manuscriptos era exorbitante, como tambem porque era grande a difficuldade que até os sabios tinham de lel-os, em vista do demasiado excesso das abraviaturas empregadas pelos copistas, houve quem imaginasse gravar, em pranchetas de madeiras, mappas de geographia, imagens de santos, etc., acompanhando ás gravuras curtas legendas explicativas.

Para que aquillo que se gravava na madeira, de antemão preparada com tinta oleosa, passasse ao papel ou ao pergaminho, se empregava a pressão.

Por tal processo, seguido pelos chinezes desde o seculo XIII, foi impressa a Biblia dos Pobres.

Todavia a verdadeira imprensa, tendo, como já disse, por base essencial a mobilidade dos typos, é, incontestavelmente, devida ao genio e perseverança de Gutenberg, nascido em Moguncia, Allemanha, em 1400, de uma familia nobre, em cujo domicilio, cheio de esculpturas e ornatos allegoricos, segundo o estylo dos pedreiros-esculptores da Idade Media, se ostentava, na porta principal, a cabeça monstruosa de um touro, sobre a qual estava a seguinte significativa inscripção: Não ha nada que me resista.

Essas palavras podem ser tomadas como perfeita imagem da invenção de João Geinsfleisch, que de sua mãi tomou o nome de Gutenberg, pelo qual é conhecido.

Perdendo o progenitor, aos quinze annos de idade, e ficando com escasso rendimento, dirigiu-se a Halem, onde se iniciou no processo da impressão pelos typos moveis, inventados por Lourenço Coster em 1436; depois foi para Strasburgo, ahi trabalhando por espaço de dez annos.

Obtendo importantes resultados, porem, obrigado a enormes despezas, associou-se a tres burguezes Heilmann, André Drysehn e Riff, que vieram a fallecer em extrema pobreza, tendo vendido todos os seus bens, satisfeitos por haverem socorrido o artista, que lhes soubera inspirar illimitada confiança.

Conta-se que, estando João Geinsfleisch hospedado no convento de Santo Arbogasto, um certo dia, após maduras cogitações, levantou-se de repente, correu a um bahú, que se achava num canto da cella, abriu-o com sofreguidão, e, tirando um canivete, cortou diversos pedaços de madeira, gravando, sobre os mesmos, letras alphabeticas; tomando em seguida um dos pedaços, mergulhou-o num liquido negro.

Então, deitando-se sobre o pergaminho e convertendo o corpo em prensa, calcou as mãos, com toda a força de que foi capaz, alcançando vêr gravada a letra que havia aberto na madeira.

Cheio de enthusiasmo pela realisação de seu intento, mas exhausto de forças, cahiu daesffalecido sobre o escabello e as palpebras se lhe fecharam.

Sonhou que duas vozes alternadamente lhe falavam: João, dizia a primeira, d`oravante a immortalidade é a tua partilha, vais esparzir a luz pelo universo, relacionando os homens entre si, sem medir as distancias nem as difficuldades.

O genio e o talento não mais se esconderão no tumulo, porquanto has de lhes perpetuar a gloria de seculo em seculo ...

Contestava a outra voz: Não resta duvida, Gutenberg, alcançaste victoria immortal, porem reflecte: serão sempre justas e puras as idéas humanas para que, impunemente, todas se mostrem á face da terra? ...

Infelizmente não; homens de espirito corruptor, unido a um coração perverso, prejudicarão, com idéas falsas, não somente a seus contemporaneos, mas tambem hão de derramar, gotta a gotta, o veneno de seus erros, atravez de todas as gerações, no espirito movel e incanto da juventude, corrempendo, com requintada malicia, a todos os que não lograrem fugir aos attractivos de que se envolvem, para melhor victimar.

Dize-me: a immortalidade cujo preço é calculado pelo pranto e pelo sangue, vertidos profusamente, não é muito cara? ...

Acredita-me: esquece a tua descoberta, sepulta-a no mais profundo de teu cerebro, porque somente poderias te utilisar d`ella, se todos os mortaes fossem justos e tementes a Deus.

Despertando Gutenberg, diz a lenda referida e encontrada em um manuscripto da bibliotheca do conselheiro Beck, reflectiu, hesitou algum tempo, decidindo-se finalmente a continuar em sua empreza, considerando que os dons concedidos pelo Senhor, embora, algumas vezes, perigosos, nunca se podem dizer prejudiciaes e que a intelligencia e a virtude, auxiliadas pela razão e pela liberdade, conquistavam, na descoberta que fizera, um mais amplo horizonte.

Perseguido pelos credores, Gutenberg regressou á patria, em 1453, e continuou a trabalhar, formando nova sociedade com João Faust e Pedro Schoffer. Estes dois socios, posteriormente unidos pelos estreitos laços do parentesco, visto como Schoffer desposou a filha de Faust, o prejudicaram bastante.

Acertando Shoffer em ligar, nas devidas proporções, o antimonio ao chumbo, obteve o typo de aresta fina, ou olho delicado, menos duro que o ferro, porem capaz de resistir vantajosamente á prensa.

Então Faust, vendo que não mais precisava dos serviços de Gutenberg, expulsou-o de sua officina e obrigou-o a lhe dar, em pagamento do que lhe devia, todos os lucros futuros da imprensa. Depois, associando-se ao genro, trabalhou incançavel na impressão de livros, que vendia a titulo de manuscriptos. Receando que os operarios descobrissem a

verdade, fel-os jurar segredo, com a mão sobre o livro dos santos Evangelhos, e assignar dividas fantasticas, cuja importancia lhes prometteu descontar do salario, se violasssem o juramento prestado.

Por ultima segurança, transportou as officinas para escuros subterraneos e nelles fechou os miseros operarios.

A immensa fortuna que adquiriu não o livrou da peste de que morreu.

Seu genro e imitador não foi mais feliz; falleceu no desastroso saque de Moguncia.

Entretanto o filho d`este, João Schoffer, agiu com mais lealdade. Graças a elle, sabe-se que foi realmente Gutenberg o inventor da imprensa, pois, na primeira pagina de um livro impresso em 1505, e dedicado ao imperador Maximiliano, lê-se: Em Moguncia, no anno de 1450, foi inventada a imprensa por Gutenberg, aperfeiçoada e propagada para a posteridade, pelos esforços de Faust e de Schoffer.

Despojado de sua gloria e de seus haveres em 1462, Gutenberg foi para Nassau, onde Adolpho II o nomeou seu secretario de Estado.

Ahi, sofreu o golpe da perda de todos os filhos e a de sua mulher, Annita, a cujo devotamento attribuia a perseverança heroica que o tornou sobranceiro a todas as difficuldades.

Já no fim da vida, o Arcebispo de Moguncia o escolheu para seu Gentilhomem e lhe deu uma pensão, que consagrava, quasi exclusivamente, ao aperfeiçoamento da imprensa.

Gutenberg não punha seu nome nos livros que imprimia, talvez para lhes conservar a apparencia de manuscriptos, muito valorisados na epoca, ou talvez porque a sua qualidade de nobre lhe inhibisse de exercer uma profissão.

O primeiro livro impresso affirmam alguns ter sido a famosa Biblia Latina, chamada de quarenta e duas linhas, que, não indicando nem o anno, nem o nome do lugar, nem o nome do editor, fôra completada em cinco annos, formando dois volumes in folio, de perto de seiscentas e cincoenta paginas; outros, porem, asseveram que o primeiro livro impresso foi uma grammatica elementar para uso das escolas primarias.

(continúa).

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno III, n. 11, p. 310, nov. 1912.

Julhinho,

filho do Prof. José Ferreira da Cunha.

Vêdes aqui, meus senhores,

Um brasileiro da gemma,

Que da terra de Moema

Desfructa ricos favores;

Um brasileiro que promette altivo

Jamais a seu dever mostrar-se esquivo.

Sou bem pequeno; que importa!

Hei de crescer valoroso,

Patentear generoso
Quanto a existencia conforta
O grande amor da patria estremecida,
A dominar o intenso amor á vida.
Ouço, a todos os instantes,
Dizer que falta a energia,
Para terem primazia
Do Brasil os habitantes ...
Emmudeço aturdido e, findo o pasmo,
Sinto arroubos febris de enthusiasmo.
Meu Brasil idolatrado,
Trago-te dentro do peito,
Entre as honras do respeito
E o terno amor devotado:
Teu pavilhão, que beijo com transporte,
Minha estrella será, dando-me o norte.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno III, n. 11, p. 311-314, nov. 1912.

Proveitosa Lembrança.

Definir o que seja o sentimento acridoce appellidado saudade é encargo difficilimo.

Dir-se-ia composto de uma tristeza profunda, amargurando desapiedadao mais intimo recesso d`alma, forçando-a, irresistivelmente, a derramar angustioso pranto, e de uma coragem suprema que, transpsrecendo no semblante, longe de lhe desfigurar a natural expressão, aformoseia-o, dando-lhe um cunho de agradavel sympathia.

A cada instante resôa a nossos ouvidos a palavra saudade, até os meninos a conhecem, e é tão portugueza que chega a constituir um idiotismo lexico.

Porem, se a recordação de outros dias mais bellos nos causa essa especie de nostalgia, como expressar o que se apodera de nosso espirito á lembrança dos que viveram e foram chamados, em primeiro lugar, á presença do Eterno, legando-nos o pedido, formulado explicita ou implicitamente, de nunca nos esquecermos dos laços de amizade, de estima ou de gratidão que nos fizeram amigos, emquanto partilharam as mesmas agruras da existencia, emquanto luctaram visando, quiçá, interesses communs aos nossos.

Mas julgo divisar, nos olhos dos que têm a benevolencia de lêr as dasataviadas phrases que me escapam da penna, um mixto de espanto e de certa contrariedade.

Espanto, porque tratar dos que dormem o somno da eternidade, no primeiro artigo de uma revista litero-religiosa, alem de descabido é triste; contrariedade, porque dá margem a que alguns supponham que lhes vou censurar imperdoavel esquecimento.

Pois bem, amaveis leitores da "Paladina do Lar", nem por sonhos, me veiu á mente a segunda hypotese e, quanto á primeira, confio tanto em vossa indulgencia, que me atrevo a proseguir, explicando-vos a inspiração que me guiou na escolha do assumpto.

Estamos em Novembro, notavel em nossa estremecida patria por ter sido testemunha de memoraveis acontecimentos; estamos em Novembro, este mez tão temido pelos pobres estudantes, que se vêm forçados á dura e imprescindivel prova do exame; estamos em Novembro, finalmente, consagrado de maneira particular á commemoração dos que nos foram caros e que a morte obrigou ao triste e saudoso adeus da despedida.

E essa lembrança dos que prezamos e, antes de nós, conheceram a realidade do valor das boas obras, incitou-me á palestra que entretenho comvosco.

E` costume, e muito louvavel, conservarmos, como reliquias sagradas, certos objectos que pertenceram aos parentes e amigos fallecidos.

Não é para admirar que tal occorra entre nós, catholicos, cuja religião se concretiza no duplo amor sincero e devotado a Deus e ao proximo, quando sabemos que os romanos consagravam o mez de Fevereiro á celebração de festas em honra de Juno e de Plutão, no intuito de alliviar os manes dos mortos, e, no Japão, ainda se encontra o culto de Sinto, que outro alvo não tem senão honrar a memoria dos antepassados.

Sim, leitores, não nos esquecemos dos que prezámos e já emprehenderam a temerosa viagem do alem-tumulo, e a prova está no empenho desvelado que nos incita a conservar-lhes o retrato emoldurado de roxas flores e coberto de negro crepe; não nos esquecemos de nossos parentes nem de nossos amigos e o demonstramos, visitando-lhes a sepultura, zelosamente tratada, adornando-a das mais vicejantes flores da estação, e empenhando esforços para que, ainda mesmo que nos ausentemos, ella não fique descurada.

São provas essas incontestaveis de nossa fidelidade no amor ou na estima, porem pergunto-vos de que proveito serão para os que a recebem?

Catholicos, sabemos que não gozará da presença do Deus tres vezes santo senão o que estiver purificado da mais pequenina mancha.

Se, no termo da existencia de dois caminhos, irremediavelmente, tomaremos um; isto é: o da gloria ou o do soffrimento, não é menos dogma de fé que a alma perdoada de suas culpas, pelo arrependimento sincero que das mesmas tiver, será, todavia, obrigada a expial-as, não gozando senão depois de satisfeitas as suas dividas.

Occorre-me á idéa um facto relatado por Lacordaire, eximio pregador do seculo XIX, em um auditorio de moços.

Um principe polaco, narra elle, incredulo e propagandista acerrimo do materialismo, escrevia, cheio de enthusiasmo, um tratado contra a immortalidade da alma.

Um dia, passeando num bello parque de seu dominio, viu approximar-se-lhe uma pobre mulher desolada que, rojando-se de joelhos, lhe falou netes termos: Meu bom Principe, acaba de fallecer meu marido e receio que esteja no Purgatorio; não possuo nem um ceitil, entretanto muito desejara mandar celebrar o santo sacrificio da Missa pelo seu dascanço; peço-lhe, pois que me socorra.

Apezar de não partilhar a crença da inditosa viuva, o principe sentiu faltar-lhe o animo de negar-se ao que ella desejava.

Cinco dias mais tarde, estando em seu gabinete de trabalho, entregando-se á escripta do livro que combatia a immortalidade da alma, viu, de repente, apparecer-lhe um camponez, trajando como os naturaes dos paiz.

Impaciente de vêr-se incommodado, toca a campainha chamando os servos, mas a visita inesperada approxima-se mudamente da porta e desapparece.

Chegam os criados e attestam que não haviam dado entrada a pessoa alguma.

Por tres dias consecutivos, renova-se a mesma apparição. Finalmente, no auge da colera, o materialista brada: Quem és? que desejas?

- Principe, responde o desconhecido, não se recorda da afflicta mulher que rogou uma esmola, para suffragar a alma de seu marido, recentemente morto?... Pois bem esta alma aqui está em sua presença, para dizer-lhe que sua caridade foi aceita pelo Deus de misericordia, o qual lhe concedeu a permissão de agradecer-lhe, affirmando-lhe que todos temos uma alma, Principe, e ella é immortal...

O resultado foi a conversão á verdade de mais um incredulo.

Eis, catholicos e patricios, o ponto a que visava attingir: aos mortos aproveitam unicamente as bôas obras e os suffragios que fizermos em sua intenção, entre os quaes nenhum tem a eficacia do santo sacrificio da Missa.

Não ignorais que, nesse augusto sacrificio, a victima, offerecida em resgate do peccado, é Jesus Christo, filho unigenito do Altissimo, do qual uma gotta do sangue precioso é sufficiente para regenerar as offensas de milhares de mundos.

Dizem alguns: Antes quero dar esmola a um necessitado, do que offerecer a esportula da Missa a um padre que d`ella não precisa e, muitas vezes, é indigno de exercer o seu ministerio.

Os que assim falam não comprehendem o valor infinito do thesouro de graças encerrado no sacrificio incruento do altar; trocam a Jesus Christo, vivo e presente no S.S. Sacramento da Eucharistia, pelo mendigo que não passa de seu representante.

Preoccupam-se com o merecimento pessoal do sacerdote, não enxergando n`elle mais do que um homem vulgar, a quem remuneram pelo trabalho que desempenha.

Coitados! querem valorizar o que é de preço inestimavel: o sangue de um Deus!...

Falta-lhes a fé que lhes mostraria no padre um mero embaixador do Mestre adoravel, em continuação de sua obra de amor e de regeneração da humanidade.

Por maiores que sejam as virtudes do sacerdote catholico, elle jamais se poderá considerar digno da alta missão que lhe cumpre desempenhar; assim como, por mais negligente e remisso que seja, não prejudica, de modo algum, as misericordias que o Senhor, por seu intermedio, se aprouver de obrar com seus filhos.

E ahi tendes, leitores, o processo mais util, o presente mais rico depositado, pelo proprio Deus, ao alcance de nossas mãos, para offerecermos aos nossos mortos queridos.

Se os meios pecuniarios nos vedarem o gosto de mandarmos celebrar Missas, reta-nos o recurso de ouvil-as.

E, se lhes juntarmos a oração, a mortificação e a esmola, regozijemo-nos, porque teremos derramado o verdadeiro balsamo refrigerante nos soffrimentos dos que expiam as dividas contrahidas com a Justiça Divina, provando-lhes a sinceridade e fidelidade de nosso affecto.

Não duvidemos tambem de que, por esse meio, grangeamos solicitos intercessores, junto ao throno do Omnipotente.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno III, n. 11, p. 321-323, nov. 1912.

Conferencia de D. Maria Luiza de Souza Alves sobre a "Imprensa"

(continuação)

A literatura perversa é um attentado contra a civilisação que, em seu legitimo sentido, exprime respeito aos direitos quer se refiram ás propriedades materiaes, quer ás leis da consciencia.

Ah! quando as maximas corruptoras gravadas, sem escrupulos, nas paginas de um livro, se intromettem nas instituições publicas ou particulares, decai o homem, rue a familia, esbôroa-se a patria !...

A Historia nos fala de um tyranno que desejava reunir a humanidade em uma só cabeça para decepal-a de um golpe e, horrorisada ainda hoje, enuncia-lhe o nome entre os vituperios da maldição; mas esse monstro horripilante, que se chamou Nero, visava apenas a existencia temporal, cuja brevidade é comparavel á duração de um relampago, emquanto o escriptor perverso aspira mais do que elle, pois se empenha em prejudicar a alma, que nunca perecerá.

Oh vós que, sem discernimento, aceitais, como repasto de vosso espirito, tudo quanto se vos apresenta sob a denominação de leitura, permitti-me que vos diga: menos levianamente procedeis com vosso estomago, pois ainda que, no gozo de robusta saude, nem, por sonhos, aproximarieis dos labios o alimento que suppuzesseis envenenado.

Jovens donzellas que vos esmerais em conservar illeza a vossa reputação, fugindo cautelosas da companhia de outras senhoritas de vossa idade, que procedem menos assisadamente, para que seu contacto não vos prejudique aos olhos do publico sensato, e que, esquivando-vos á fiscalisação paterna, vos entretendes, em intimo colloquio, no silencio de vosso quarto, que vos deveria ser o santuario bemdito da paz e da innocencia, durante compridas horas, quer do dia, quer da noita, na conversa com um romancista qualquer que vos superexcita os nervos, quão imprudentes sois!...

Oh jovens, a curiosidade é o vosso fanal; confiais na inquebrantabilidade de vossa fé e enfrentais o inimigo certos de que os pensamentos que vos foram desvendados, as phrases que vos forem pronunciadas, os actos que se passarem sob vossas vistas, correrão sobre vossa alma do mesmo modo que a agua sobre a cera, sem lhe deixar vestigio de suas pegádas.

Ora, todos os dias, vemos a pequenina abelha sugando o nectar da flôr, privando-a d`esse thesouro, mas deixando que fique apparentemente incolume.

Eis a realidade do que se effectua em nosso intimo. Das leituras assimilamos os bons ou os maus principios e o livro se conserva inalteravel, porque a leitura attingiu a alma, convencendo-a do bem ou arrastando-a para o abysmo.

Houve, na Inglaterra, quem escrevesse um dia: "O pavo não carece de justiça que lhe valide as acções, nem mesmo tratando se da moral; todo o poder é tyrannia e toda a tyrannia merece a morte".

Correram os annos e eis que a antiga e resistente corôa britannica vacilla e tomba no sangue, arratando o cadaver de Carlos I, atraz do fantasma temeroso de Cromwell.

Não estacou; um seculo depois, um genio, que se appellidou o Conde de Mirabeau, explana essa mesma idéa, engastando-a nas redes brilhantes de seu estylo fluente e arrebatador, conseguindo que, em pouco espaço de tempo, se subvertesse a França em caudalosos e transbordantes rios de sangue.

* * *

A religião não teme a luz, não é adversarja ao progresso social nem á instrucção dos povos.

Foi ella que da velha Roma, corrompida até a medulla, fez nascer a Roma portadora da civilisação universal; da meretriz, envolta no manto negro da infamia, a nympha da castidade, trazendo, na fronte, o clarão dos preceitos evangelicos, na chlamy de côr de neve, a promessa da paz e, na dextra erguida para o alto, a segurança do verdadeiro descanço, no seio de Deus immortal, após as luctas do campo do exilio.

Ainda hoje, onde houver um cerebro que mendigue instrucção, um espirito que implore a graça da liberdade, somente da plenitude de seus thesouros inexgotaveis, elles receberão uma e outra.

Não investiguemos muito, que d`isto não necessitamos; estacionemos no torrão patrio; folheemos os primeiros capitulos de nossa Historia e contemplaremos, povoando este territorio inculto, porem grandioso, tribus nomades e selvagens, muitas das quaes se locupletavam na antropoghia, vagando todas as noites escura da completa cegueira do espirito.

Quem lhes ensinou as primeiras noções do direito? quem soletrou pacientemente o nome de Deus Creador, Redemptor e Remunerador a seus ouvidos habituados, sem duvida, a distinguirem o mais insignificante ruido, em longinqua distancia, porem totalmente surdos e alheios á voz da verdade?

Quem lhes arrancou as espessas cataractas que os impossibilitavam de vêr outra coisa alem do inimigo, que alvejavam nas settas infalliveis?

Quem lhes adestrou a mão para o trabalho honesto e o coração para o suave e delicado sentimento do amor?

Quem lhes desvendou os mysterios do alphabeto e lhes dispensou constante protecção, resistindo aos governos, sem curvar-se ao peso das injustiças, para lhes conservar intacta a propriedade grangeada á custa do trabalho paciente e corajoso?

Emfim, quem lhes defendeu, com abnegado desinteresse, a familia, enfrentando resolutamente as iras dos perseguidores poderosos e crueis?...

A Religião; porque somente a religião é capaz de operar semelhantes prodigios.

Estamos convictos d`isto e podemos affirmar que são os ensinamentos do Evangelho, esse livro inimitavel, cuja philosophia ainda não poude ser ultrapassada que, espancando as trevas, mostra á creatura a sua real nobreza, impondo-lhe a obrigação de cultivar o espirito, sob pena de incorrer no anathema fulminador do incorruptivel juiz.

Não se exime a Religião de discutir com franqueza e imparcialidade.

Os prodigios da sciencia, o vigor das faculdades intellectuaes, o heroismo das virtudes ensinadas pela moral não a intimidam; ella sabe que tudo quanto ha de grande vem de Deus, e, impavida, presencia o desfilar das idéas erroneas dos que, para melhor viverem segundo o impulso das ruins paixões, se gloriam de transformar o mundo pela desenfreada liberdade, pelo irrealisavel nivelamento das classes, pela impiedade brutal, pelo materialismo humilhante e pelo atheismo imbecil.

Nesta epoca de frivolidades em que nos achamos, bem resumido é o numero dos que investigam o espirito do escriptor a cujas mãos se abandonam.

Não reflectem que de dois caminhos um lhes será forçoso trilhar: assim, vêr-se-ão obrigados a obedecer, cegamente, ás idéas de quem escreve, acompanhando-lhe os caprichosos vôos de imaginação, ou, necessariamente, pesando-as á luz do raciocinio criterioso, terão que as repellir.

(Continúa).

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

A Paladina do Lar
Anno III, n. 12, p. 340, dez. 1912.

Celina Carvalho dos Santos,
filhinha do Dr. Isaias Carvalho dos Santos.
Não me vão fazer intriga,
Porque d`ella tenha medo,
E` preciso que lhes diga
Amo alguem, não em segredo.
E meu amor é tão bello
Que não conheço outro igual;
Os anneis de seu cabello
São de um loiro especial.
Tem nos olhos tal encanto
Que vence toda a expressão;
Contei a Mamãi, portanto,
Que lhe dei meu coração.
Estão todos abysmados
E lhes percebo a estranheza,
Quasi que escandalisados
De minha rude franqueza.
Porem não tenham receios,
Declaro-lhes neste instante,
Sem mysterios, nem rodeios,
Amo a Jesus, bello infante.
No presepe, quando o vejo,
Acho-o tão engraçadinho,
Que, logo, um beijo e outro beijo,
Deponho em cada pesinho, Celina.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno III, n. 12, p. 341-344, dez. 1912.

BOAS FESTAS, LEITORES.

Correu a ampulheta do tempo, trazendo-nos, ainda uma vez, o festivo mez de Dezembro.

Festivo, porquanto, logo em seus primeiros dias, relembra a mais bella das glorias de Maria, o privilegio de sua Immaculada Conceição.

Em todos os tempos verdadeiros catholicos, firmemente, convencidos estavam de que a creatura escolhida para ser mãi do Altissimo não podia, de forma nenhuma, nem por minutos, haver estado á tyrannia do demonio; mas essa verdade consoladora não era dogma de fé.

Em 2 de Fevereiro de 1849, Pio IX, o papa então reinante, exilado em Gaeta, dirigia aos bispos do mundo inteiro uma Encyclica, a respeito d`essa gloriosa prerogativa da Virgem, e, cinco annos mais tarde, em Roma pacificada, a 8 de Dezembro de 1854, archas, arcebispos e bispos, vindos de todas as partes do mundo, Pio IX pontificava, na majestosa basilica de S. Pedro.

Um concurso innumeravel de povo enchia o grande templo; depois do Evangelho, cantado em latim e em grego, para significar a união das duas igrejas, o papa interrompe o Santo Sacrificio e os prelados se agrupam em redor do throno pontifical.

Santo Padre, dizem elles, a Igreja Catholica, para augmentar os louvores, a gloria e a veneração de Maria, deseja ardentemente e pede, com instancia, que vosso juizo supremo e infallivel decida a questão da Conceição sem macula; e nós, em nome do sacro collegio cardinalicio, em nome de todos os bispos do universo catholico e de todos os fieis, supplicamos que nos attendais.

No meio do sacrificio incruento do Calvario, nesse templo augusto do principe dos apostolos, nessa reunião solemne dos bispos e do povo, dignai-vos, Santo Padre, de erguer a voz apostolica e pronunciar o decreto dogmatico da Immaculada Conceição de Maria, pelo qual se hão de rejubilar o céu e a terra.

Pio IX levanta-se e, com toda a força dos pulmões, entôa o Veni Creator.

Quando as ultimas notas se extinguiram, repercutidas pelas abobadas da basilica, reinava um silencio sepulcral.

Então a voz de Pio IX, como partindo do céu, pronunciou lentamente: Pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Christo, pelas dos bemaventurados apostolos, Pedro e Paulo, e pela Nossa, declaramos e definimos que a Virgem Maria foi, desde o primeiro instante de sua Conceição, preservada de toda mancha de pecado original, e que essa doutrina é revelada por Deus. Se alguem ousar pensar differentemente, fique sabendo que suas crenças são reprovadas e elle deixou de pertencer a Igreja catholica ....

Estava proclamada, pelo vigario de Christo, a sentença irrevogavel.

A emoção do Santo Padre, durante essa decisão solemne, fôra tão intensa, que se viu obrigado a interrompel-a, duas ou tres vezes.

Não havia, entre os circunstantes, quem estivesse com os olhos enxutos. Depois um Amem vibrante de enthusiasmo e de fé sellou a adhesão de todos.

O decano dos cardeaes agradeceu ao Santo Padre o haver decidido, com sua autoridade soberana, a crença da Igreja.

Subindo Pio IX ao altar, para concluir o Santo Sacrificio da Missa, todos os sinos da basilica repicaram alegres, emquanto o canhão do castello S. Angelo parecia querer, por suas salvas repetidas, communicar a todo o globo terraqueo a bôa e feliz noticia.

E, semelhante a vaga que do seio do mar avança rapida até a praia, ou como relampago que do cimo das nuvens attinge, num relancear de olhos, o extremo do horizonte, a proclamação do dogma da Immaculada Conceição atravessou o orbe, num impulso divino, sendo acolhido de todos num enthusiasmo febril.

No Brasil, esse privilegio fôra escolhido para, debaixo de sua invocação, ser a Mãi de Deus solicitada como padroeira de seu extincto imperio.

Hoje, que não temos religião official, porquanto o regimen republicano separou a Igreja do Estado, não subvencionando culto algum, nem por isso extinguiu-se ou enfraqueceu-se o amor dos brasileiros a Maria Immaculada, antes dir-se-ia que maior amplitude tomaram os sentimentos religiosos.

O bom povo ingenuo vê chegar enthusiasta as bellas festas que honram a excelsa Mãi de Deus e, nos arroubos de sua espontanea e singela devoção, julga que melhor meio não ha para honrar a Virgem, do que accender uma lampada aos pés da sua Imagem, queimando alguns grãos de incenso, assistindo mesmo a Missa aos sabbados, embora se abstenha de ouvil-a nos dias de preceito, ou ainda recitando o seu pequeno officio, o qual ninguem pode interromper, sem lhe perder a efficacia, diz.

Muitas familias ha de que, interrompendo, nesse dia da semana, o trabalho manual, suppõem manifestar, d`este modo, amor generoso e piedade verdadeira. Sem contestar o valor desses testemunhos de affecto á Mãi de Deus, convém não olvidarmos, queridos leitores, que a religião catholica, exige, acima de tudo, o culto do coração, que nos leva a honrar Maria, imitando-lhe as sublimes virtudes.

De que nos serve a lampada symbolisadora da fé, se não sabemos praticar o que a fé nos ensina? o incenso e as preces, se não sabemos orar, estando nosso espirito muito alem das palavras que os labios, inconscientemente, proferem? de que nos vale a interrupção do trabalho, se vamos esperdiçar momentos preciosos na ociosidade ou na maledicencia?

Se amarmos a Virgem finalmente, procuraremos imital-a; amaremos as criancinhas, cohibindo-nos, em presença d`esses anjos terrestres, de tudo quanto, de longe sequer, constituir ameaça a sua innocencia; amaremos os desherdados da fortuna, confortando-os com o nosso desvelo e com os recursos de nossa bolsa; não fugiremos dos enfermos, por mais exigentes que se tornem, nem por mais asquerosas que lhes sejam as molestias; esforçar-nos-emos para que, de nosso lar, não se afaste a concordia e a alegria.

Nessas condições, será uma realidade o culto que prestarmos a Maria, porque não será o habito que nos ha de por nos labios, distrahidamente, o Valha-me Nossa Senhora, repetido como qualquer outra trivial invocação...

E` bella, é sublime a religião a que temos a dita de pertencer! commove-nos todas as fibras da alma, apresentando-nos remedio para todos os males.

A Virgem sem mancha, elevada acima de todas as creaturas, sendo a rainha majestosa, não infunde terror nem afastamento, porque temos certeza de que é a mãi caroavel, mostrando-nos o filho creador do mundo, reclinado em frias palhas, bafejado por irracionaes e depois, mais tarde, caregando a cruz, acabrunhado de insultos para expiar as maldades humanas; é a mãi, de pé, no Calvario, ouvindo os improperios da turba multa contra seu filho e seu Deus agonisante, respondendo-lhe ás affrontas com a supplica do perdão e confiando-lhe ao coração amargurado esses mesmos ingratos, para que os considere filhos de suas lagrimas, legados no critico momento da despedida terrena.

Leitores da Paladina, neste mez jubiloso em que duas grandes festas, a Conceição de Maria, e o Natal de Jesus, são celebradas, mais não vos posso dizer do que desejar-vos que vos sejam portadoras de horas felizes. Oxalá possais constatar em vossos filhos, fazendo tregoas aos estudos e vos enchendo a casa de animado rebuliço, quaes alados cantores matutinos, saudando alviçareiros os primeiros raios de sol, o progresso na virtude e na sciencia, adquiridos no decorrer do anno lectivo.

E, quer no campo onde, talvez, procureis restaurar as forças abatidas, ou em qualquer outro lugar em que vos acheis, não vos venha ferir a sombra do mais leve desprazer.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno III, n. 12, p. 345, dez. 1912.

AVE, IMMACULADA!

Creio e confesso: és pura, immaculada,
Enlevo de Israel, Mãi de meu Creador;
A Igreja o declarou, pelos ceus inspirada,
Minha alma crê cheia de amor.
Rainha do universo, a gloria que te cerca
Faz palpitar nossa alma, inunda-a de prazer;
Não deixes, por favor, que um só de nós se perca,
Constante vem nos proteger.
E, pelo excelso dom que te foi predilecto,
Concede-nos desvelo, amparo maternal;
Escuta, Mãi clemente, o carinhoso affecto
De nosso culto filial
Possamos de Jesus, no termo da carreira,
Da eterna redempção o premio conseguir;
Socorre os filhos teus, na lucta derradeira,
Estende o manto e os vem cobrir.
Permitte que, mais tarde, a teus pés, oh Maria,
Cantemos, sem cessar, com grande animação:
E` pura, immaculada, é bella que extasia
A Virgem, desde a Conceição.

Maria Luiza de Sousa Alves

Anno III, n. 12, p. 351-352, dez. 1912.

Conferencia de D. Maria Luiza de Sousa Alves sobre a "Imprensa".

(Conclusão)

Outr`ora, quando os livros eram mais raros e a vida mais seriamente occupada, quando a penna deslisava sobre o papel após maduras lucubrações, então era admissivel ter menos escrupulo na escolha dos autores.

Mas hoje que o tempo nos é escasso para tudo, hoje vivemos electricamente, correndo da manhã á noite, atraz de mil chimeras, lemos por lêr; offerecemos nossa alma a

qualquer escriptor, para que a desenfastie dos inquietantes e absorventes affazeres, nos livre do enjôo que nos occasiona a chuva, nos suavize as horas de insomnia etc.

Procuramos, na leitura, as scenas emocionantes, enervadoras; não observamos que a apathia se assenhoreia da intelligencia, incapacitando-a de conceber juizos que lhe sejam proprios, attento a que o livro lhe traz o pensamento do autor, enraizando-o n`alma, como a semente, transportada pelos ventos ou pelos passaros, se enraiza na terra.

São innumeraveis os livros empeçonhados, nos quaes tudo quanto se refere a Deus e á doutrina evangelica é menosprezado.

Nelles, até os nomes mudam de sentido; o crime se transforma em virtude e a virtude em crime; Deus écensurado sem rebouços, atacando-se-lhe a Providencia, como se ataca a politica, os governos e as instituições humanas.

Ah! se procurassemos as fontes crystallinas legadas á posteridade, pelos escriptores de verdadeiro merito e reconhecida moral, em vez das aguas lodosas ministradas pelos assassinos moraes do proximo, quanta instrucção, quanto proveito lograriamos ! ...

Não nos faltam excellentes oradores sacros ou profanos, moralistas, historiadores, scientistas e poetas de escól.

A bôa imprensa é, pois, a necessidade primordial da acção catholica, a defensora da religião, nos ataques que lhe são endereçados sem treguas, a desmacaradora dos erros, a vingadora dos crimes que a impiedade commette cynicamente por meio do romance, do jornal, do folhetim, do theatro, do cinema, da pornographia ...

E` tão urgente na actualidade quanto as reformas exigidas pelo progresso civilisador e, de maneira nenhuma, pode ser dispensada.

Pio X, nosso actual Pontifice, quando Patriarcha de Veneza, proferiu as seguintes e bem conhecidas palavras: "De bom grado, trocaria a minha cruz pastoral, os meus parametros sacerdotaes, os moveis que possuo por meios pecuniarios que garantissem a vitalidade do jornal Difeza".

E, mais tarde, na audiencia que deu a um jornalista, disse ainda: "Não ha, no mundo hodierno, missão mais nobre que a do jornalista, e, assim como os meus antecessores consagravam as espadas e as armas dos guerreiros christãos, eu me julgo feliz de rogar a bençam divina para a penna de um jornalista christão".

Exclamava o cardeal Labouré, ha pouco fallecido: "A hora de construir igrejas, de ornamentar altares passou, é preciso cobrir o paiz de jornaes que lhe preguem a verdade".

O judeu Crémieux, convencido pela evidencia dos factos, bradou por seu turno: "Dai-me a imprensa, nada mais ambiciono".

Cerremos, cerremos as nossas fileiras, senhores catholicos, em volta d`esse imperterrito campeão que se denomina a imprensa, auxiliando, quanto em nós couber, a que se occupar de nossos verdadeiros interesses.

E o faz a imprensa que nos apresenta a sciencia e a distracção; aquella inseparavel de Deus que é o unico espirito omnisciente, esta identificada com a moral que nos revigora para os embates, conservando-nos a alma impolluta e o corpo sadio e forte.

Auxiliemos a bôa imprensa, negando o obulo de nossa contribuição aos livros, jornaes e revistas que penetram em nossos lares como ladrões da nossa felicidade, da felicidade de nossos filhos; auxiliemos a bôa imprensa, contribuindo para que se mantenha tudo o que, sob a forma de caracteres alphabeticos, nos cumula de beneficios.

Que venturosos seriamos, caros patricios, se aqui, em nossa Athenas Brasileira que, tão espontaneamente, abre o coração aos elevantados idéaes, houvesse um jornal catholico, narrando, dia a dia, os successos politicos e mundiaes, sempre tão avidamente procurados, sem que em suas columnas jamais se visse, directa ou indirectamente, um

assalto á verdade; sem que seus folhetins ensinassem, na linguagem cambiante da traiçoeira serpente, o atheismo, a immortalidade, o suicidio, ...

Que venturosos seriamos se a collectividade dos bons catholicos se quizesse empenhar nessa causa do bem, prestando, na medida de suas forças, o auxilio da penna sempre eloquente, quando pugna pelo progresso, caminhando pari passu com a virtude.

O legislador de Israel, dirigindo-se uma occasião ao povo de Deus, proferiu estas singulares palavras: "Diante de vós, ponho a vida e a morte e o ceu me é testemunha do que affirmo".

Dir-se-ia que o grande Moysés contemplava, em remota visão, a sociedade presente e a ella se referia, porquanto, diante de nosso espirito, apparece a imprensa, nova arvore da sciencia do bem e do mal, estendendo, á direita e á esquerda, os frondosos galhos de fructos diversos, destinados a robustecerem a seiva da vida ou a corromperem o sangue e produzirem a morte! ...

* * *

Agradecendo-vos, senhores, a benevola attenção que me prestastes e, não desejando mais abusar de vossa nimia bondade, conclúo, dizendo-vos tambem: Em vosso caminho, ao alcance de vossa dextra, tendes a vida e a morte; tendes os fructos da bôa e da má imprensa; aquelles portadores de bençams presentes e futuras, e estes inditosos emissarios de maldições e de ruinas.

Escolhei.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno III, n. 12, p. 360, dez. 1912.

A Virgem embalando o Menino Jesus

Meu filho, meu Jesus, o preceito divino
Ordena: vindo a noite, é preciso dormir;
Faço-te de meu collo o berço pequenino;
Junto a meu coração, quem te pode aggredir?
Das aves o gorgeio alegre e sonoroso
Cessou de resoar; a terra emmudeceu;
Veiu a noite estender o manto nebuloso,
Recamado, porém, dos brilhantes do ceu.
Tudo é silencio e paz, vem, meu filho innocente,
Tua fronte encostar no seio maternal;
O palpite ouvirás de uma ternura ardente,
Em contraposição do que medita o mal.
Reclina, meu Jesus, a loira cabecinha
Que, nem por um minuto, eu te abandonarei,
Para te adormecer, em voz meiga e baixinha,

Doces phrases leaes, cantando, redirei.
Vem dormir, meu Jesus, vem dormir em meus braços,
Até que resplandeça a Venus da manhã;
Ahi não chegarão esses traidores passos
Do ingrato, a preceder esbirros de Satan.
Permitte-me, Jesus, que a te cerrar os olhos,
Possa um beijo de mãi carinhosa depôr,
Nessa doce caricia, a livrar-te de escolhos,
De escolhos do soffrer, quem déra, meu amor! ..
.....
Jesus sorriu-se terno e, logo, obediente
Ao beijo maternal, quedou-se a adormecer;
Maria a contemplal-o, humilde e reverente,
Parecia fugir do terreno viver.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

ANEXO C – ARTIGOS PUBLICADOS POR MARIA LUIZA — 1913

Anno IV, n. 1, p. 2, jan. 1913.

Heitor Dantas da Silva Couto,
filhinho do Snr. Arthur da Silva Couto.
Quereis saber se, ameno e puro,
O anno que chega ha de passar,
E se, comvosco, hão de habitar
Conforto e calma no futuro?
Vou responder-lhes, meus senhores,
Assegurando que hão de vir,
Junto aos espinhos do porvir,
Tambem viçosas, lindas flores.
Assim tereis da Providencia
Continuo auxilio paternal,
E seu olhar, claro fanal,
Ha de guiar-vos na existencia
Se tendes fé, que outra riqueza
Podeis querer superior
Que as provas certas d`esse amor
Que vos dará Deus, com largueza?
Leitores meus, muito estimaveis,
Sem recear, vos annuncio:
Nunca tereis calor nem frio
Que vos não sejam supportaveis.
Acolhei, pois, esperançosos,
Com gratidão, oanno que vem:
Utilisado para o bem,
Vos tornará sempre ditosos.

Heitor
MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno IV, n. 1, p. 3-6, jan. 1913.

Muitas felicidades, amigos leitores.

Neste anno que se inicia empunhando a cornucopia da esperança, sempre galharda e prazenteira, promettendo, como todos os antecessores, trocar os maus dias passados por outros tantos de verdadeiras e serenas alegrias, possam as bençams do Altissimo, derramando-se profusamente sobre vós, trazer-vos, queridos leitores, as mais proveitosas graças.

A civilisação é o complexo de tudo quanto pode contribuir á prosperidade e grandeza de um povo.

Affirmava o Cardeal Joaquim Pecci, depois Papa com o nome de Leão XIII, que os homens tendem á perfectibilidade, nunca permanecendo immoveis.

Um seculo lucra do antecedente as invenções, as descobertas, a somma dos beneficios physicos, moraes e politicos que das mesmas resultam.

Quem ousaria comparar as miseraveis cabanas dos povos primitivos, seus groseiros utensilios, com aquilo que possuimos? Não ha proporção entre o trabalho perfeito, executado por nossas machinas, tão engenhosamente construidas, e o que sahia, apenas esboçado, das mãos inhabeis do homem.

Porem todo o alicerce da real civilisação repousa sobre a moral e a virtude.

Civilisar-se é trabalhar; os indolentes não progridem porque, á semelhança do servo do Evangelho, enterram os talentos que o Senhor lhes confiou.

Os judeus, entre outros povos, honravam o trabalho e os meninos eram obrigados a aprender um officio, ordinariamente o de seu progenitor.

Sendo José, pai putativo do Homem Deus, um pobre carpinteiro, coube-lhe a missão de adestrar seu pupillo no manejo da plaina e do serrote, garantindo S. Justino que o Salvador, humildemente, se submettia á aprendizagem, ajudando a familia a ganhar o pão quotidiano.

Nas cidades do Oriente, a officina não era no domicilio; havia o bazar, occupando, ás vezes, um quarteirão inteiro, onde os operarios trabalhavam. Aqui, se reuniam os ferreiros; ali, os tecelões; adiante, os sapateiros e, mais alem, os carpinteiros.

Num d`esses bazares, divinizou Jesus Christo o trabalho, ensinando que não vinha ao mundo para terminar o soffrimento, destruir as relações da hierarchia social, trocar a indigencia pela riqueza.

Crianças que encetais o caminho da vida, aprendei do Menino de Nazareth a sujeitar-vos áquelles que vos dirigem: vossos pais e vossos mentres. Lembrai-vos de que, pelo espaço de trinta annos, aquella cidade modesta hospedou um Deus humanado, que tudo concretizava na mais perfeita obediencia.

Pais de familia, que responsabilidade vos pesa sobre os hombros!

E` mister que vossos filhos vos obedeçam sem transigencia de vossa parte, ainda que não lhes imponhais o jugo de vossa vontade como se fossem escravos, mas como a outros tantos espiritos livres, capazes de grandiosos tentamens.

Na obediencia se firma todo o edificio social, porem quem não aprendeu a obedecer nunca saberá mandar.

Não desprende as azas, em procura da amplidão, a pobre avesita implume; mas espera do carinho dos progenitores a conservação da existencia, sempre tão precaria nos primeiros dias.

Creado como os outros meninos nazarenos, participando-lhes dos folguedos, não ia Jesus á escola, que nesse tempo não havia; aprendia as sagradas Escripturas sob olhar desvelado de sua Mãi, completando a educação na Synagoga e na officina.

As casas de outr`ora, muito parecidas ás de hoje, nas regiões orientaes, eram quadradas, não tendo outra abertura alem da porta, contando por moveis alguns escabellos, uma esteira, ao longo da parede, com almofadões, um castiçal, uma arca para guardar a roupa, algumas urnas, a mó de esmigalhar o grão, a chaminé construida, ás vezes, de maneira tão rudimentar, que a fumaça sahia pelo porta; do lado exterior, um pateo cercado apresentava, em um dos angulos, um forno para cozer o pào.

Não é possivel imitar Jesus, nesse ponto, protestareis vós, pais e mãis de familia. A civilisação, creando, sem cessar, nucleos de instrucção, arranca o menino á vigilancia dos progenitores.

Em parte, dizeis uma verdade. Durante longas horas e talvez longos mezes, sois forçados a privar-vos da companhia de vossos filhos, confiando-os aos cuidados dos mestres.

Eis o alvo que desejo se torne, por alguns minutos, objecto de vossas reflexões.

O mestre de vosso filho, aquelle que lhe vai rasgar as trevas do espirito, deve merecer-vos, pais e mãis de familia, attenção especial.

Na atinguidade, se apreciava tanto o valor do mestre que Philippe da Macedonia, no nascimento de Alexandre, seu filho, escreveu ao celebre philosopho, Aristoteles, essas memoraveis palavras: << Se aos deuses agradeço a ventura de me terem dado um descendente, maior ainda é minha gratidão, vendo-o nascer emquanto existis>>.

A sciencia vale muito, porem ha alguma coisa de maior preço: é a virtude ensinada pelo exemplo.

Ninguem poderá negar a illustração de Voltaire e de muitos outros, mas que utilidade auferiram d`esse cultivo intellectual?

Quão frequentemente se vêm modificados os sentimentos de virtude, de honra e dignidade, após algum tempo de convivio fóra do lar domestico! E porque? Porque os meninos aprenderam que a religião de Jesus Christo é propria para as mulheres e as crianças, entes incapazes de acurado raciocinio; que o homem se humilha obedecendo aos ensinos sacerdotaes, etc. etc.

Se, porem, os que assim apregôam fossem submettidos a elementar exame sobre materia religiosa, seria difficil reconhecer-lhes proficiencia no que atacam.

E` custoso, muito custoso ate cumprir as maximas do Evangelho, e dahi a campanha homerica, travada contra os que lhes procuram se fieis.

Acreditai-me, entretanto, pais e mãis de familia, no declive escorregadio das paixões, que se manifestam effervescentes nos verdes annos da mocidade, somente a religião de Jesus Christo é capaz de suster a queda, conservando a alma impolluta e o corpo robusto e são.

Para obter-se um diploma, faz-se mister muitos annos de estudo e, mesmo assim, o recem-diplomado, quando criterioso, receia, com razão, expandir-se, desconfiando da solidez dos conhecimentos adquiridos.

Sobre a religião catholica, todavia, não ha quem não se julgue apto a discutir ea ridicularizarm o que foge ao alcance da intelligencia.

Quando entregais a vosso filho uma joia preciosa, contrariadosmficais se a perder, mas bem indifferentes vos mostrais, pais e mãis de familia, constatando-lhe a transformação dos sentimentos religiosos, achando alguns muito natural que assim succeda, visto ser preciso dar o desconto da mocidade.

Exigir do rapaz ou da rapariga a reflexão da idade adulta é um contrasenso, motivo pelo qual não lhes convem marchar senão guiados por sablos mentores, pais e mestres segundo o coração de Deus.

* * *

Num delirio enthusiasta, incansavel, o povo bahiano celebra, repetidas vezes, neste primeiro mez do anno, a festa dos Reis Magos que, depois dos pastores, cercaram o berço do Menino Deus, offerecendo-lhe o tributo de respeitosa adoração.

E quem eram os Magos? Antigamente assim se denominavam os sabios que, pelo cultivo da astrologia, da medicina, das sciencias naturaes e de todos os outros ramos de instrucção, se tornavam os conselheiros dos reis e influencias de seu paiz.

Cicero e Philon escrevem que a verdadeira magia, ou sciencia especulativa, era tão respeitada que, para chegar á dignidade de rei da Persia, era necessario ser Mago.

Os Magos que vieram ao presepe de Jesus Christo eram descendentes da Persia ou da Arabia; adoravam a um só Deus, e conheciam as prophecias de Daniel e a de Balaam, esta se referindo á estrella de Jacob; provavelmente eram personagens eminentes em sua patria e, segundo a tradição, se chamavam Balthazar, Melchior e Gaspar.

Nada se conhece de positivo sobre a estrella que nos guiou; a sciencia até hoje, nada demonstrou e a Igreja não decidiu sobre o assumpto.

Kepler e outros celebres astronomos christãos dizem que essa estrella resultou da conjuncção de grandes planetas; outros asseguram que foi uma estrella errante, tendo o especial destino de levar os Magos, representantes dos gentios, ao Salvador da humanidade.

Fosse o que fosse, amigos leitores, fecho a minha palestra comvosco, desejando-vos que a estrella da observancia aos preceitos didivinos vos allumine, continuamente, os passos, apontando-vos sempre o ideal sublime da recompensa eterna, no reino do Senhor.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno IV, n. 5, p. 122, maio 1913.

Maria de Lourdes Cordeiro,

filhinha do Snr. Christiano Mario Cordeiro.

Sobre a corolla da flôr

Que lhe concede agasalho,

A gottasinha de orvalho

Esparge a vida e o frescor.

Assim faz tambem no lar

A criancinha innocente,

Quando se chega ridente

Vindo a seus pais afagar.

Esses afagos não tem
Lisonja nem falsidade,
Protestos são da verdade,
Do coração é que vêm.
Só da criança um beijinho
Paga incessantes desvelos,
Promette dias mui bellos
E ceu bordado de arminho.
Bemdita, pois, a mansão
Em que a Santa Providencia
Permitte, nesta existencia,
Ser de anjos a habitação.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 5, p. 123-127, maio 1913

IN HOC SIGNO VINGES.

Para se chegar á majestosa basilica de S. Pedro, em Roma, é necessario atravessar uma columnata gigantesca, especie que leva a sumptuoso portico, apresentando de cada lado duas estatuas equestres: a de Constantino Magno e a de Carlos Magno, egregios imperadores que reuniram, sob seu spectro, o governo do mundo, em tempos differentes, e o arrojaram como tropheu glorioso aos pés do Immortal Crucificado.

Commemorando-se, neste anno de 1913, o decimo sexto centenario do edito de paz, em favor da Igreja de Jesus Christo, perseguida na pessoa de seus adeptos, da maneira mais barbara e mais tenaz, julgamos ser agradavel aos queridos leitores da Paladina do Lar apresentar-lhes, em ligeiros traços, porem não de uma vez, a narrativa historica do estado do mundo, na epoca escolhida pela divina Providencia, afim de manifestar, de modo palpitante, a verdade da religião do Calvario, após tres seculos de luctas para destruil-a.

Diocleciano, imperador romano e habil administrador, vendo o imperio completamente desorganisado no interior, e suas fronteiras atacadas pelos barbaros, resolveu, em 284 da era christã, partilhar o throno com Maximiano Hercules, homem grosseiro e brutal, filho de um pastor, porem dotado de grande coragem e talentos militares.

Esses dois chefes, que tinham o titulo de Augusto, viveram sempre de accordo, apesar de possuirem caracter e habitos diversos, e combinaram, em 292, associar-se ao governo dois generaes: Constancio Chloro, *) tão valente quanto quanto virtuoso, e Galero que tinha mais vicios do que aptidões militares, aos quaes conferiram o titulo de Cesar.

Occupando-nos, agora, do instrumento empregado pelo Altissimo, no desempenho de seus designios misericordiosos, isto é, do grande Constantino, diremos que nasceu em 274, na Dardania, segundo uns, ou na Gallia, segundo outros.

Era filho de Constancio Chloro e de Flavia Julia Helena, primeira esposa d`esse imperador.

Pelas medalhas da epoca, é facil descrever-lhe os traços physionomicos: estatura elegante e bem proporcionada, olhar penetrante, nariz aquilino, labios delgados, aspecto brando e intelligente, em que o habito de mandar é temperado por singular bondade, igual destreza em usar o laticlavo de consul, a purpura imperial, a lança ou espada de guerreiro.

Vendo-se Constancio Chloro, por motivos politicos, obrigado a aceitar a mão de Theodora, enteada do imperador Maximiano Hercules, foi Helena repudiada, tendo Constantino dezoito annos de idade.

Diocleciano exigiu, então, que viesse para sua côrte; ahi o futuro protector do christianismo presenciou tantos horrores praticados contra os christãos que, mais adiante, no Concilio de Nicéa, em 325, proferiu estas notaveis palavras: E` indubitavel que, se houvessem exterminado tantos barbaros rebeldes quantos foram os christãos degolados, nunca mais haveria guerra em todo o imperio.

Testemuno insuspeito que nos patenteia toda a crueldade da decima perseguição geral, em Nicomedia.

Galero odiava acremente a Constantino, amado e respeitado pelas tropas e pelo povo, dando a prova mais cabal d`esse rancor, na abdicação de Diocleciano.

*) Clhoro, ephitheto dado a este principe, em razão da habitual pallidez de seu semblante.

Declarando este velho imperador que a idade e o mau estado de saude o forçavam a deixar a purpura, e seus trabalhos lhe davam o direito de repousar, nos ultimos dias da existencia, seguindo-lhe Maximiano Hercules o exemplo, todos esperavam que, tomando Galero e Constancio Chloro o titulo de Augusto, Constantino fosse proclamado Cesar.

Tal, porem, não succedeu, sendo esta dignidade conferida a Maximiano Daia.

Constancio Chloro, ainda que sentisse grandemente essa affronta, não podendo vingal-a, contemporisou e, depois de vencer os Pictas, comprehendendo, pela debilidade das forças, que a vida se lhe extinguia, reuniu os principaes officiaes de seu exercito e designou-lhes Constantino como seu sucessor.

E` sabido e narrado por todos os historiadores que Constancio Chloro era piedoso e reconhecia o dogma da unidade divina, condemnando, altamente, a impiedade do polytheismo e considerando as preces dos christãos, que lhe enchiam a morada imperial, como seguro e poderoso sustentaculo do seu throno.

Sua politica resumia-se na seguinte maxima: Não commetter injustiça nem permittil-a nos outros. Emquanto seus collegas perseguiam atrozmente aos christãos, elle os protegia franca e lealmente, considerando-os merecedores de inteira confiança.

Fallecendo Constancio, foi Constantino acclamado imperador com o titulo de Augusto, pelas suas legiões, e mandou a sua estatua corôada de loiros, conforme se usava, a seus novos collegas.

Galero quiz, no primeiro impeto de indignação, atiral-a ao fogo, mas, temendo uma revolta em Nicomedia, onde Constantino gozava de muita popularidade, concentrou o resentimento, contentando-se em não ratificar o titulo de Augusto, que conferiu a Severo, deixando ao filho de Constancio o de Cesar.

A partir do momento em que Constantino se sentou no throno, sua mãi nunca mais se separou d`elle.

A felicidade acompanhava os passos do joven monarcha, não lhe faltando as demonstrações de apreço.

Em Treves, foi surprehendido com a visita do velho imperador Maximiano Hercules, que vinha lhe solicitar a poderosa alliança contra Galero, offerecendo-lhe o titulo de Augusto e a mão da joven princeza Fausta, sua companheira nos folguedos infantis.

A situação politica obrigou Constantino a acceder aos desejos de Maximiano, celebrando-se as nupcias com magnificencia estupenda.

Nos panegyricos pronunciados, nessa opportunidade, eram louvadas, principalmente, a pureza dos costumes e a regularidade de proceder do joven principe, virtudes muito em desaccordo com a vida irregular de seu cunhado Maxencio, do qual não havia quem se livrasse dos furores; assim mandava, estre muitas outras crueldades, por uma bagatella, os pretorianos exterminarem, a seu bel prazer, os que encontrassem, escolhendo de proferencia aos senadores, para confiscar-lhes os bens.

Constantino, esposando Fausta, rejeitou a alliança de seu cunhado, e, como os excessos d`estes redobrassem, Maximiano Hercules, seu pai, intentou desthronal-o, convocando o senado, o povo e o exercito; então, esquecido das maldades proprias, exercidas principalmente contra os christãos, ennumerou os crimes de Maxencio.

Este, correndo para as fileiras dos pretorianos, rogou-lhes que o protegessem, livrando-o de seu velho pai demente.

O povo, que não esperava poe este espectaculo, hesitou por um instante e declarou-se contra Maximiano, constrangendo-o á fuga e reconduzindo, em triumpho, seu filho ao Palatino.

Nessa emergencia, o velho imperador refugiou-se na corte de seu genro Constantino, onde morreu tragicamente, por ter querido assassinal-o.

Poucos mezes depois, Galero, o cruel perseguidor dos christãos, morreu atacado de uma ulcera no estomago, que lhe devorava as entranhas,e consumido vivo pelos vermes.

Maxencio, querendo reunir a Gallia a seu imperio, pretextou vingar a morte de seu pai e, para declarar a guerra a Constantino, mandou-lhe abater-lhe a estatua e arrastal-a, ignominiosamente, na lama.

Foi derrotado e Constantino recebeu, por acclamação, o titulo de Magno.

Então alliou-se ao imperador do Oriente, Licino, dando-lhe, por esposa, sua irmã paterna Constança e obrigando-o a conservar-se em neutralidade absoluta, relativamente ás provincias Illyricas, sujeitas a seu dominio.

Depois de percorrer toda a Gran Bretanha e a Gallia, visitou a cidade de Flavia de Augusto dunum, que gemia sob o peso dos impostos. Quando o senado veiu a recebel-o, não deixou tempo para que o orador official lhe dirigisse as saudações do estylo, cortando-lhe a palavra nestes termos: Conheço todas as vossas desgraças e remedial-as-ei; pedi-me o que quizerdes, nada me custará, afim de vos restituir a prosperidade de que sois dignos.

A taes expressões, os senadores e o povo curvaram-se e beijaram-lhe a franja do manto purpureo.

Em 312, Constantino lançou as vistas sobre o imperio Romano e jurou antes morrer do que deixal-o entregue á dominação de Licino, que reinava na Thracia e Maximino Daia, em Nicomedia.

Por seu turno, Maxencio nada olvidava em defesa de seus direitos, apesar do que, juntava quotidianamente a seus crimes antigos outros tão horrorosos que, com difficuldade, podem ser cridos.

Constantino, sentindo a necessidade de um soccorro mais efficaz que o de seus soldados, para combater o prestigio da magia, empregado por seu cunhado, determinou-se a invocar o Deus de seu pai.

Supplicou-lhe, pois, que se lhe manifestasse e lhe estendesse mão protectora, entre tantos perigos e angustias de que se via cercado.

Uma tarde, quando o sol declinava no horizonte, avistou nos ares, acima do sol, uma Cruz luminosa, em torno da qual se liam estas palavras: In hoc signo vinves - Serás vencedor por este signal.

Todos os que o acompanhavam gozaram da mesma apparição e leram a mesma inscripção.

O proprio Constantino assevera que, nessa noite, durante o somno, o Christo, Filho de Deus, lhe appareceu com o mesmo signal que brilhara nos ares e lhe ordenou que o mandasse reproduzir, como penhor infallivel de victoria.

Despertando, mandou chamar os principaes ourives, para que executassem este symbolo, enriquecendo-o de oiro e diamantes.

Era uma haste alongada revestida de oiro e munida de uma antenna transversal, em forma de cruz. No cimo da haste, fixava-se uma corôa de oiro e pedrarias, tendo no centro o monogramma do Salvador P, isto é as duas primeiras letras gregas do nome

XI de Christo : X P.

O imperador conservou sempre este monogramma em seu capacete.

Na antenna, atravessada obliquamente pela haste, fluctuava um veu quadrado de purpura, com tantas pedras preciosas combinadas segundo as regras da arte, que deslumbravam os olhos.

Na parte superior, em fino bordado, destacavam-se o busto do Imperador e o de seus filhos.

Nunca mais Constantino deixou de servir-se d`este symbolo, chamado Labaro, ordenando que suas legiões o imitassem.

Dos sacerdotes de Jesus Christo inqueriu a significação do prodigio, sendo-lhe respondido que a Cruz é o signal da immortalidade, o tropheu da victoria, ganha sobre que a morte pelo Verbo Eterno.

D`ahi por diante, Constantino adorou o verdadeiro Deus.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 5, p. 131, maio 1913

O Sacerdocio.

Ao Rev. mo S. ñr D. Majolo de Caigny.

(Homenagem da Paladina do Lar.)

Jesus fundara a Igreja
Sabendo que a peleja
Teria, no porvir,
A sustentar sem treguas,
Transpondo extensas leguas,
Sem nunca desistir.
Sabia que as ciladas

Seriam sempre armadas,
Que immenso era o rancor;
Prevendo mil combates,
Perfidia dos magnates,
Mais redobrou de amor.
E, sendo necessario
Fizesse o itinerario
Da terra ao GRANDE ALEM,
Deixar substitutos
Zelosos, resolutos,
A inspiração lhe vem.
Mandou-lhes pela terra,
Prophetisando a guerra,
Continua e desleal;
Supplicios, tyrannias,
Atrozes agonias
E a lucta mais brutal.
Porem lhes affirmando
Que, firme, os sustentando,
Teriam seu poder,
Que assim não trepidassem
E sua lei prégassem
Convictos de vencer.
Guardassem para a furia
Da mais cruel injuria
O fraternal perdão,
Porquanto á humanidade
Deviam da verdade
A luz da salvação ....
Eis como o sacerdocio
Tornou-se o grande socio
Do que por nós morreu;
Seu ministerio santo
Tem privilegio tanto
Que maravilha o ceu.
A sua voz conhece
Jesus que lhe obedece,

Despreza a gloria e vem
Ficar no Sacramento,
Servindo de alimento,
De força para o bem.
Não assustam, pois, fadigas,
Nem hostes inimigas
A quem possue Jesus:
Conhece que a victoria
Ha de lhe vir da gloria
Do amor que teve á Cruz.

Maria Luiza de Sousa Alves.

Anno IV, n. 6, p. 152, jun. 1913.

Nysa Wanderley de Carvalho,
filhinha do Sr. José Prudencio de Carvalho.

Não ha quem recuse afagos
A` creancinha gentil,
Porque seus olhos são lagos
Que reflectem ceu de anil.
Seus labios nunca proferem
Palavras que fazem mal;
Não calumniam, não ferem,
Têm sempre um riso leal.
Vivem de amor e caricias,
Doces caricias dos pais,
Que encontram puras delicias
Nesses anjinhos mostaes
Quem dera que não mundassem
No decorrer da existencia,
Que eternamente querdassem
Mimosa flôr da innocencia! ...
Teriam, nesse thesoiro

De uma riqueza sem par,

Preciosa moeda de oiro

Que o ceu lhes faria achar.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 6, p. 153-157, jun. 1913.

IN HOC SIGNO VINCES.

II

Conforme escrevi no ultimo numero da Paladina do Lar, para satisfazer aos amaveis leitores, não aos doutos, mas áquelles que, não se devotando ao cultivo da Historia ou não havendo ainda encetado o seu deleitavel estudo, ignoram os acontecimentos que nos proporcionaram o grande beneficio de poder, sem rebuços, praticar a religião de Jesus Christo, orgulhando-nos de seus preceitos, continuo a fazer o resumo da victoria alcançada sobre o paganismo pela bemdita Cruz do Salvador.

Celebrando o quinto anniversario da proclamação de Maxencio como imperador, estavam as festas, que aliás haviam sido esplendidas, prestes a concluirem-se.

Constantino determinara-se a combatel-o, apesar de conhecer que era extraordinario o numero de suas tropas.

Conta Lactancio que fôra avisado, em sonhos, para mandar gravar, no capacete de seus soldados, o monogramma de Christo, garantindo-se-lhe a victoria.

Assim atravessou a ponte Milvia (ponte Molle) e veiu acampar á margem esquerda do Tibre.

O tyranno, certo do triumpho, julgou desnecessario pôr-se á frente de seu exercito, mas tal proceder excitou o povo que principiou a clamar: Constantino será vencedor.

Amedrontado, Maxencio consultou os livros sybellinos que lhe deram a resposta ambigua: havia de perecer o oppressor do povo romano.

Interpretando a seu favor essa declaração, foi reunir-se a suas tropas, sem contar com a mão de Deus, a qual se manifestou contra elle. Derrotado, fugiu e, encontrando a ponte partida, precipitou-se no rio.

Estava liquidada a guerra.

O vencedor de Maxencio permaneceu dois mezes em Roma, depois do bom exito de suas armas, recebendo, de todos os lados, sympathicas demonstrações de singular apreço, que o proclamavam bemfeitor e libertador do imperio.

A Africa enviou-lhe uma deputação rogando-lhe a cabeça de Maxencio, para apresental-a como tropheu ás populações que dizimara, e a cidade de Cirtha solicitou a honra de trocar o nome pelo de Constantina que ainda se conserva. Em 10 de Janeiro de 313, foi Constantino a Milão, para assistir ao casamento de sua irmã paterna Constança com seu Licinio.

Durante os regosijos d`esse consorcio, promulgaram os dois imperadores o celebre edito, enviado a todos os Governadores de provincia, que abriu calmos horizontes á Igreja de Jesus Christo e do qual transcrevemos o resumo:

<< Não devendo ter limites a liberdade religiosa, nós, Constantino e Licinio, imperadores Augustos, reunidos em Milão sob felizes auspicios, em nossa solicitude pelos grandes interesses do bem publico, afim de attrahir a protecção do Deus que reina no ceu sobre o imperio e sobre nós, concedemos aos christãos e a todos a faculdade de observarem a religião de sua escolha.

<<Declaramos, pois, que não se recuse á pessoa alguma o direito da abraçar e professar a religião christã, nem se lhe imponha vexame de qualquer especie por esse facto; em uma palavra, outorgamos liberdade absoluta, inteira e completa do culto christão.

<<Convem á tranquilidade e á gloria de nosso reino que todos os nossos subditos gozem da liberdade religiosa e, por especial favor, decretamos que os lugares onde os christãos tinham o costume de se congregarem e que foram, violentamente, confiscados, quer em proveito do erario publico quer em beneficio de particulares, lhes sejam restituidos sem taxa nem augmento de valor, porem immediatamente, sem restricção nem demora.

<<Os detentores que tiverem comprado esses bens assim como aquelles que os tenham adquirido em segunda mão, devem dirigir-se ao Prefeito da provincia para avalial-os, depois do que, receberão a importancia do que despenderam e restituirão os bens á Communidade Christã.

<<Sabendo, outrosim, que os christãos perderam, alem dos lugares habituaes de suas reuniões, outras propriedades pertencentes a toda a Corporação, logo que seja feita a promulgação d`este edito, elles entrarão no gozo do que possuiam.

<<Deveis, pois, empregar vossa diligencia e sabedoria habituaes, para que este decreto, em favor dos christãos, seja executado com a maxima brevidade e providenciareis segundo a forma indicada por nossa clemencia, salvaguardando os interesses legitimos e mantendo a tranquilidade publica.

<<D`esta maneira, se conservará estavel e eterno o testemunho de nosso reconhecimento e de nosso amor para o Deus que, diversas vezes, nos cobriu de sua protecção.

<<Fareis promulgar, em todas as partes, esta nossa lei, dando-lhe publicidade universal, afim de que ninguem ignore as disposições de nossa vontade soberana.>>

Quando o edito de Milão, assignado por Constantino e Licinio, assegurando a liberdade religiosa a todos os discipulos de Jesus Christo, foi promulgado, reinava, em Nicomedia, Maximino Daia, herdeiro do odio de Galero e das tradições de Diocleciano.

Em vista das circumstancias, não se podendo oppor abertamente ás decisões de seus collegas, que formavam a maioria no concelho imperial, provocou, á socapa, reclamações populares, exigindo o exterminio dos christãos, perseguidos como ladrões e magicos. houve até quem redigisse falsos actos de Pilatos, nos quaes eram desnaturadas a vida e a morte de Jesus Christo.

Maximino mandou a todos os Governadores de provincia exemplares d`esse pamphleto, ordenando que os professores não somente os lessem, como tambem os mandassem decorar pelos alumnos, de forma que passavam estes o dia lendo, escrevendo e recitando blasphemias contra Jesus Christo.

Em Damasco, um tribuno militar prendeu algumas mulheres de má vida e obrigou-as, sob a ameaça do martyrio, a se declararem christãs. Levadas perante o tribunal, juraram que haviam presenciado crimes horrorosos, praticados pelos sectarios do Nazareno.

Não contente, Maximino escreveu á cidade de Tyro, accusando aos christãos de todas as calamidades e exhortando os Tyrenses a serem fieis aos deuses romanos.

Por esses meios, excitou perseguições tão violentas que os mais animosos desanimaram.

Porem Deus, protector fiel dos que o servem, permittiu que, antes dos enviados voltarem a Nicomedia, a fome e a peste se apresentassem assombrosamente.

Um ponto negro apparecia em qualquer parte do corpo e d`ahi se originava uma ulcera medonha; nos olhos surgia um circulo negro que, não cegando para sempre o individuo, lhe trazia a morte indubitavel.

Os cadaveres se entulahvam nas cidades e nas aldeias; patricias das melhores familias ficavam ás esquinas das ruas, mendigando um pedaço de pão. Como pallidas sombras, os famintos corriam á direita ou á esquerda, para frente ou para traz, sem destino, até que, sentindo a approximação da morte, cahiam. Então cada infeliz, num esforço de estupenda energia, artuculava somente, num derradeiro alento: morro de fome.

Era a resposta do Altissimo ás insolentes provocancias de Maximino.

Nesse desastre horrivel, os christãos passavam horas socorrendo os enfermos, sepultando os mortos, procurando salvar os validos, distribuindo-lhes o alimento em ração.

Tal procedimento sensibilisou os pagãos, comprehenderam que a verdade só podia se achar da parte dos que professavam uma religião inspiradora de tantos heroismos, e as injurias, as calumnias trocarem-se em louvores e bençams.

Maximino não ficou incolume, combatendo Licinio, viu logo, no primeiro assalto, todo o seu exercito passar para o campo inimigo.

Apoderou-se então da farda de um soldado e fugiu para Nicomedia, onde contou a sua derrota, mandando, num arranco de cruel desespero, degolar aos sacerdotes dos idolos que lhe haviam garantido a victoria.

Em seguida procurou chamar a seu partido os discipulos do Salvador, publicando um edito, mais ou menos nestes termos:

O Imperador Cesar, Caio, Valerio, Maximino, Germano, Sarmatico, Piedoso, Feliz, Invencivel, Augusto.

<<Todos os nossos subditos sabem a solicitude com a qual nos preoccupamos, continuamente, da sua felicidade, da utilidade publica e da salvação do Estado o que tudo provamos, de modo irrefutavel, pela historia de nosso reino. Nossos divinos predecessores, Diocleciano e Maximiano Hercules julgaram dever prohibir, sob penas rigorosissimas, o exercicida religião christã.

Nós, porem, queremos que, para o futuro, por um favor especial de nossa clemecia soberana, cada qual seja livre de praticar a religião do Christo, se bem lhe aprouver, e permittimos aos membros da referida seita que celebrem as festas dominicaes, ordenando tambem que lhes sejam restituidos todos os bens que lhes foram confiscados.>>

Eis como se expressava o tyranno na circumstancia critica da punição, para depois, em menos de um anno de intervallo, ordenar que fossem gravadas, em placas de bronze, sentenças de morte contra todos os adoradores do Nazareno.

Batalhando segunda vez contra Licinio, foi novamente derrotado; para não sobreviver a essa humilhação, envenenou-se, expirando entre indiziveis agonias.

Emquanto o Oriente, livre da longa tyrannia dos perseguidores, acolhia em transportes de jubilo o exercito da Cruz victoriosa, Constantino deixava Milão, no intuito de defender as fronteiras da Gallia.

Foi vencedor nessa empreza, porem na volta cahiu na fraqueza de consentir, embora pela ultima vez, que os prisioneiros fossem conduzidos ao amphitheatro, para serem devorados pelas feras.

Não obstante, o primeiro imperador a quem fôra revelado o prestigio sacrosanto da Cruz, não podia marchar nem de longe sobre as pegadas de seus antecessores, por isso,

em 21 de Março de 315 vemol-o escrever a Eumenio, um dos Governadores de provincia, impedindo que os condemnados ás minas fossem estigmatisados na fronte, porque, dizia elle, a face humana, creada á imagem da beleza divina, não deve padecer tão aviltante injuria; tirou aos pais e aos senhores o direito de matar os filhos e escravos, direito de que sempre haviam gozado; occupando-se dos pobres, tomou providencias para que seus filhos se educassem a expensas do thesouro publico; prohibiu o combate dos gladiadores; supprimiu a cruz do numero dos supplicios, transformando-a no emblema da gloria e do triumpho.

Emfim iniciou a civilisação de que tanto se orgulham hoje os povos europeus e todos os que têm fóros de civilisados.

E a Cruz, adorada nas catacumbas, nesses subterraneos em que se reuniam apavorados os discipulosdo Redemptor do genero humano, objecto de escarneo, empregada como o peor dos supplicios, na hora aprazada pela divina Providencia, sai do esconderijo, brilha refulgente no ceu e promette converter-se no signal da victoria.

Oh! cumpre-se a promessa divina, onde se acha a Cruz, desapparecem as trevas, fulge o raio vivificador da esperança, apontando as eternas collinas, oasis de verdadeira felicidade intermina; onde se acha a Cruz, rebenta a fonte crystallina do puro e triplice amor a Deus, á familia e á humanidade!

Ave! ave Cruz! esperança do christão, refugido do desgraçado, derradeiro conforto dos que te invocam no leito da agonia.

Ave! Ave Cruz de Jesus.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 6, p. 158-160, jun. 1913.

A IRMÃ INFELIZ.

Corria o mez de agosto de 1849; 5 horas da manhã acabavam de soar, quando o vapor Seringa zarpou velocissimo do porto de Civita-Vecchia para as costas do territorio francez.

Augusto Premi, catholico fervoroso, embarcara-se naquelle navio e, depois de haver collocado sua bagagem no beliche, subira ao tombadilho, para ahi gosar da fresca brisa e da vista encantadora que, como verdadeiro panorama, se desenrola aos olhos dos que navegam pelas costas da bella Italia.

Havia cerca de meia hora que elle contemplava o bello espectaculo da passagem de escolhos, collinas, montes, planicies amenas espalhadas pelos campos, villas e cidades, quando sua curiosidade foi despertada por uma outra visão inesperada.

O dia estava no declinio. Uma joven que parecia contar uns 22 annos de idade, magra, de talhe esbelto, vestida de preto de rosto e mãos alvos como a neve, passa celere como um phantasma, por entre os passageiros, e vae sentar-se á popa, em um banco extremo.

Nessa posição, cruza as mãos sobre os joelhos. Levanta os olhos ao céo e um profundo suspiro escapa-se-lhe do peito; nesta attitude permanece muito tempo, immovel, silenciosa, sem mesmo pestanejar.

Esta vista magica tocou o coração de Augusto que, movido pela compaixão, approximou-se para melhor observar aquella afflicta mulher, porem, para não dar a perceber-lhe a sua curiosidade, poz-se de lado a miral-a.

No rosto da desventurada, via-se estampada extrema pallidez, e seu ar melancolico indicava que profundo desgosto minava-lhe a existencia. De quando em quando, algumas lagrimas caladas innundavam-lhe as faces e permanecia absorta em tristes pensamentos.

Eis uma infeliz, disse Augusto comsigo mesmo, se me fosse permittido desvendar a causa de seus soffrimentos! ...

O temor de tornar-se importuno, interrogando-a, conteve-o.

O sol, proseguindo o seu curso, achava-se no poente, lançando os ultimos e pallidos raios sobre a superficie do mar, onde se reflectiam, como em um limpido crystal, as bellezas do céo e da terra, e a donzella continuava na mesma posição.

Surgiu a noite, envolvendo em seu manto de trevas todos os objectos da natureza e a moça, sentada no banco, estava fixa como um polypo unido ao rochedo.

Poucos instantes depois, a lua, atravessando as nuvens, lançou os seus raios luminosos sobre o rosto da infeliz que se conservou immovel, como uma estatua de sal.

A compaixão de Augusto, ao apreciar tão triste scena, levou-o insensivelmente a ella e, em tom respeitoso, dirigiu-lhe estas palavras: Senhora, a angustia que se divisa em vosso rosto mostra que muito soffreis.

- Sim e cruelmente, respondeu co doloroso suspiro.

- E como estaes aqui sosinha, sem uma alma amiga que compartilhe de vossas penas e vos dê algum conforto?

- Ah! exclamou, com um accento lamentavel, para mim não ha conforto.

- Que dizeis, Senhora? não sabeis que todo o desgosto se amenisa, quando é lançado em um coração amigo? tambem tenho soffrido os golpes da adversa fortuna, porém, quando desafogo meus males com uma alma piedosa e, ainda mais, quando os confio a Deus, sintomque o peso se me allivia.

-Creio, Senhor, porém para minha dor não ha allivio nem esperança!

-Perdoa-me; estaes illudida, talvez pelo excesso do soffrimento, mas sem esperança só vivem os condemnados.

A estas palavras, amoça foi como que tocada por um choque electrico, tremeu convulsivamente e, num doloroso suspiro, exclamou: Ai de mim!

Seu rosto tornou-se sombrio, copioso pranto lhe desceu pelas faces; neste momento, quiz dizer-lhe algumas palavras de consolo, porém, entre soluços, replicou; Deixae-me, Senhor, por piedade!

Durou esta andustia mais de meia hora, depois, fixando os olhos no céo, começou a orar em silencio.

Augusto, com palavras animadoras, chegou-se de novo, procurando desvendar esse mysterio, porém a moça disse-lhe apenas que nunca revelaria o seu segredo a ninguem, que o levaria ao sepulcro. O rapaz, assim desiludido, quiz afastar-se, porém receando que o excesso da dôr levasse a infeliz a uma resolução funesta, tentou ainda falar-lhe com palavras ungidas de compaixão; ella resistiu muito, mas, finalmente, vencida pelos esforços perseverantes de Augusto, fixou nelle olhos lacrimosos e disse: Senhor, a viva piedade que mostraes pela minha desventura obriga-me a abrir um coração para sempre fechado, afim de vos communicar um facto que mantinha em inviolavel segredo, e então julgareis do meu pesar. Possuia uma irmãsinha chamada Adelia, gentil, affectuosa e de uma ingenuidade sem igual; educada christãmente, chegara aos 15 annos simples como a pomba, innocente como um anjo do paraiso. Que alma candida!

Eu era indigna de tel-a em minha companhia.

Certos romances que me haviam sido emprestados por uma falsa amiga corromperam-me o coração e um dia ... ah dia funesto! fiz-lhe as vezes do demonio tentador, perverti aquella innocente, fui-lhe occasião de peccado.

Neste momento, a infeliz deu um profundo suspiro e duas grossas lagrimas deslisaram-lhe pelas faces; ficou um pouco silenciosa e depois continuou: aquelle peccado foi o primeiro e o ultimo da minha desventurada Adelia.

Desta data em diante, nunca mais pensei nesta acção e ella continuava sempre a mesma: bôa, devota, caritativa e irreprehensivel. Chegada aos 17 annos, adoeceu gravemente e a molestia, aggravando-se de dia a dia, dava signaes de que a morte se approximava rapidamente.

Desenganada dos medicos, veiu o padre e ella confessou-se, recebeu o S. Viatico e parecia calma, esperando a sua ultima hora.

Eu, que a amava ternamente, estava sempre ao seu lado, confortando-a e suffocando o pranto da dor, que me causava vel-a finar-se tão cedo!

De repente, ella chama-me: Hermelinda!

Apresso-me a ouvir o que desejava, quando, apertando em suas galadas mãos a minha, disse-me, fixando-me os olhos moribundos: Lembra-te daquelle peccado?

- Ah, não te recordes mais disto, minha bôa irmã, acabas de confessar-te e já o terás confiado ao sacerdote, que te absolveu.

-Não, interrompe a morimbunda, não obtive perdão, nem o obterei jamais. Desde aquelle dia, a vergonha fechou-me os labios e, ainda hontem, calei o meu peccado, na confissão extrema. Este grande mal continua ainda na minha consciencia e é o unico que commeti, durante a vida; morro e por esse unico peccado me condemno! mas olha para ti! olha para tua alma!

Assim falando, apertou-me fortemente a mão e largou-a repentinamente.

Eu vi o seu rosto descorar-se e seus olhos cerrarem-se para sempre; proferindo aquelle terrivel: Olha para ti! exhalou o ultimo suspiro.

Eis a minha historia: não tenho razão de não deixar mais a alegria penetrar em meu coração?

Desde aquelle momento, perece-me ver sempre a minha pobre Adelia envolta em chammas; sinto ainda o aperto de sua mão gelada e ouço aquella ultima e terrivel phrase - Olha para ti!

Deus piedoso se compadeça de mim!

Ia continuar, porem os soluços lhe embargaram a voz e seus olhos desfizeram-se em torrentes de lagrimas.

Augusto, commovido pela piedade, e tocado pelo terror, procurou confortal-a com a esperança de que o pranto e o arrependimento já lhe teriam impetrado de Deus o perdão.

Sim, replicou ella, assim o espero pela paixão de Jesus e pela sua infinita clemencia para com os arrependidos sinceros, mas a minha pobre Adelia!

Nesta hora, um golpe de canhão cortou-nos o fio do dialogo.

O navio tinha chegado ao porto de Marselha, Augusto desembarcou, suspirando e repetindo a terrivel ameaça de Jesus Christo: Ai daquelle por quem vem o escandalo!

Anno IV, n. 6, p. 164, jun. 1913.

A` minha amiguinha, Lucia Velloso,
no feliz dia de sua primeira Communhão, 25 de Março de 1913.

Se estas vida é complexo de tristezas,
Desde o berço gentil á sepultura,
Tem momentos de celicas bellezas,
Que transportam de paz e de ventura.
Assim, que pode haver mais grandioso
Do que dar agasalho ao Omnipotente,
Dizendo, num transporte respeitoso,
Senhor, dentro em meu peito, estás presente!
E`s meu, que teu amor te fez captivo,
Te fez meu companheiro de jornada
E queres, na expansão do affecto vivo,
Tua alma na minha alma unificada! ...
Impossivel é, pois, nem por um dia,
Esquecer que meu pobre coração
A meu bom Salvador, na Eucharistia,
Votou-se na primeira Communhão.
E á Cruz eu me abracei certa que a vida
Mais de uma havia pôr em meu caminho,
Porem sem ter receios, convencida
De ter de meu Jesus fiel carinho.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno IV, n. 8, p. 212, ago. 1913.

Celeste de Sousa Braga,
filhinha do Sr. Antonio Braga Junior.
Dos anjos a semelhança
Tinha no rosto gentil,
Enchendo o lar de esperança
Com seu garrulo infantil.
Era dos pais a alegria,

Era-lhes todo o porvir,
Que seu amor descobria
Perennemente a florir.
Mas Deus, que é tambem cioso
De muitos anjinhos ter,
Quiz que esse lirio formoso
Fosse, em seu reino, viver.
Ainda trajando a veste
Que no baptismo ganhou,
Ruflando as azas, Celeste
Ao Paraiso vôou.
O pranto, a dor, a saudade
Ficaram no seu lugar;
Porem, console a verdade:
Celeste vive a gozar.
E por seus pais tão queridos
A coragem pede e a luz;
Dos anjinhos os pedidos
Jamais recusa Jesus.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 8, p. 213-217, ago. 1913.

INSTRUI E EDUCAI.

Ha poucos dias, em nossa bella cidade do Salvador, tivemos a honra de effectuar o 30 Congresso de instrucção primaria e secundaria.

Grandioso tentamen realmente, que muito glorifica o nosso paiz, é tratar do levantamento do nivel da instrucção popular, é procurar os meios de ensinar bem sem causar a fadiga do espirito nem o esgotamento physico, é combater o analphabetismo, vencendo-o como Hercules venceu as sete cabeças da hydra de Lerna.

Sim, é glorioso ter sabios nacionaes cujos nomes perpassem o transcorrer dos seculos, conservando a vitalidade energica que se perpetúa de geração em geração.

Gloria, porem, ainda maior para nós, oh brasileiros, será tratar da educação de nossos filhos, dando-lhe por alicerce os dogmas purissimos da religião de Jesus Christo.

Differença notoria existe entre a instrucção e a educação.

Instruir é alargar para a criança o horizonte intellectual, mostrando-lhe as bellezas encerradas não só neste planeta que habitamos, mas tambem nesses astros disseminados na amplidão intermina do espaço e que, pela distancia, parecem desafiar-nos a curiosidade, aguçando-a sempre mais nos veus mysteriosos em que se envolvem.

Instruir é patentear as liberalidades oceanicas, a força dos elementos, a organisação admiravel dos pequeninos seres que, invisiveis a olhos nús, vivem no ar querespiramos, na agua de que nos alimentamos, no sangue que nos corre pelas veias e arterias do corpo.

Instruir é provar a magnitude humana, apparentemente fraca e mesquinha em sua constituição physica, e grande, inexcedivel nos feitos que executa.

É confrontar a civilisação passada e a moderna; é conviver com os seculos que se foram, com os homens que nelle se immortalizaram; é cultivar, emfim, as faculdades superiores de modo que se tornem submissas ao querer da vontade.

É bella, é sublime, é admiravel a missão de instruir; colloca o homem no throno que lhe compete de rei da creação; fal-o subjugar a materia pela proeminencia do espirito; manifesta-o como a imagem e a semelhança d`Aquelle que o creou, que maravilhosamente o dotou, mas que não deixou, por isso, de ser o unico omnipotente e omnisciente.

Na verdade palpitei de enthusiasmo, vendo os esforços empregados em minha patria em favor da instrucção; folguei, contemplando a exposição escolar reveladora de que, se ainda nos falta muito, não nos falta tudo e, incontestavelmente, havemos marchado; exultei, ouvindo as palavras eloquentes dos mestres; meu coração de bahiana vibrou satisfeito, presenciando o cavalheirismo de meus copatricios, no cumprimento dos deveres sagrados da hospitalidade e não pude me esquivar de dizer: Oh Bahia, grandioso Estado de meu Brasil, ainda te circumdam a fronte os loiros adquiridos na cultura das letras; ainda te podes orgulhar de teu titulo invejavel de Athenas Brasileira, porquanto teus filhos amam a instrucção que derrama a luz em todos os cerebros, animando-os para a execução de projectos assombrosos, e muito d`elles são verdadeiros sabios que da sciencia constituem o paraiso ideal da existencia.

Mas, leitores queridos da Paladina do Lar, será o que acabo de escrever motivo sufficiente para nos permittir a doce tranquillidade, na espectativa de um Valhallá em que as Valkirias, isto é, as deusas das sciencias, nos sirvam o hydromel da felicidade completa?

Não, mil vezes não.

Instruir é util e necessario, porem mais util e mais necessario ainda é educar, disciplinar a natureza, corrigir-lhe os maus instinctos, depositando e desenvolvendo no coração todos os germens da virtude, que invulneraveis nos torna aos contratempos da vida.

E a quem deve ser entregue a educação encarada debaixo d`esse prisma?

A resposta a tal pergunta acode espontanea.

Quem não sabe que, no santuario bemdito da familia, sob os influxos suavissimos dos carinhos e desvelos maternos, a educação, comprehendendo a cultura dos bons sentimentos, nasce e cresce, produzindo colheita abundante e proveitosa a toda a sociedade?

Assim não vos preoccupeis, oh pais e vós, principalmente, mãis de familia, de aligeirar o pesado encargo que tendes de educar vossos filhos, confiando-vos em absoluto nos mestres que lhes escolhestes; não vos preoccupeis tanto em dar-lhes a sciencia que deslumbra, quanto em lhes infiltrar, no intimo d`alma, os preceitos da moral derivada da pura doutrina de Jesus Christo.

Conta Walsh que, visitando o monte S. Miguel (França) quiz, na prisão, descançar um instante para desenhar algumas particularidades do monumento.

A seu lado sentou-se tambem um joven sentenciado que, vendo-o hesitar em traçar uma linha de perspectiva, lhe disse com simplicidade:

- Se me permitte a franqueza, observar-lhe-ei como deve proceder.

- Sabe desenhar, meu amigo?

- Sim, aprendi tudo, excepto a praticar a virtude ...

Exemplos iguaes deparam-se a cada passo, e não faltarão emquanto houver pais inconscientes ou demasiadamente credulos, esperando dos arrazoados e das applicações de mil theorias a felicidade, a intransigencia nas leis da honra, ou, pelo menos, a firmeza sob os golpes do infortunio.

João Jacques Rousseau escreveu no Emilio, seu livro educativo, ordenando que Deus só fosse conhecido depois dos vinte annos.

Uma senhora que lhe havia seguido o conselho, verificando os tristes resultados obtidos, atreveu-se a quixar-se, e o mesmo philosopho teve a petulancia de responder:

- Senhora, ninguem a obrigou a praticar o methodo que expuz; nunca imaginei que houvesse mãi de familia franceza tão pouco reflectida, que o quizesse executar.

Penetremos, nas azas velozes do pensamento, em um d`esses lares de onde foi banido o ensino sacrosanto do Calvario e cujos filhos, outros tantos sóes nascentes, promettem em futuro proximo, celebrisar-se confirmando a espectativa de seus progenitores, que de nada se esqueceram para a obtenção de tal desideratum senão de lhes inculcar o amor de Deus, na observancia dos preceitos de seus mandamentos.

Que presenciaremos?

Ah! veremos o despotismo na maneira de tratar os velhos (assim alcunham aos pais) acompanhado de certo desprezo, provando-lhes a superioridade que julgam ter.

Aos vinte annos, estão convictos de que de coisa alguma precisam: têm intelligencia cultivada, saber adquirido e provado no diploma de que são portadores; saúde, força, mocidade e elegancia; que mais podem ambicionar?

Lêm todas as philosophias e apreciam todos os philosophos, achando que todos são merecedores de respeito e consideração; outros tantos Victor Cousin, fazendo reviver o ecletismo de Potamon.

- Creio em Deus e nas leis de honra, exclamam com fatuidade, é quanto basta.

Se, porem, lhes for inquerido que idéa formam d`esse Deus e quaes os limites d`essas leis que lhes constituem as crenças, a resposta é tão confusa, tão despropositada, que excita o riso.

Não devem ser, todavia, censurados acremente: aprenderam nas academias a desprezar as velhas crendices do catholicismo; aprenderam a desconhecer a immortalidade da alma e a esperar pela transformação de seu corpo nas flores que embalsamam o ambiente e cujo nectar, sorvido pelos enxames de abelhas, converter-se-á em delicioso favo de mel, e não acharam, no lar domestico, o contra veneno a esses males, porque, desde o berço, sentiram-se fortes na execução de seus caprichos, porque lhes faltou um anjo tutelar que lhes fosse apontado o erro das falsas doutrinas subversivas.

Relativamente ás meninas, embora com algumas sensiveis modificações, a instrucção que não for orientada pela educação moral e religiosa ha de, imprescindivelmente, produzir lastimosas consequencias.

Por ella não teremos a mulher forte do Evangelho, mas a infeliz escrava da modas e das paixões; não teremos Cornelias nem Eponinas, porem as damas romanas depois de influenciadas pelas religiões e pelo extravagante luxo oriental, abandonando o trabalho, frequentando o theatro e o circo, sempre ostentando a mais descomedida vaidade em seus riquissimos adornos.

O progresso consiste, amaveis leitores, no aperfeiçoamento intellectual, economico, domestico, social e moral, que somente é possivel ao homem cuja consciencia reconhece os deveres que tem para Deus, para a sociedade, para comsigo.

Não julguemos que a pratica das maximas religiosas, ensinadas por Jesus Christo, seja incompativel com o alargamento dos horizontes da sciencia: grandemente avultado é o numero dos crentes que foram sabios, entre os quaes permitta-nos o leitor citar Pasteur, esse bemfeitor do seculo XIX; Hauy, creador da crystallographia, cujas lições não se dedignaram de ouvir Lagrange, Lavoisier, bertholet, La-place, Fourcroy; Ampére o grande, inventor da sciencia electro-dynamica e telegraphia electrica; Cauchy, reputado como o mais notavel mathematico europeu e partilhando a vida entre a oração, o estudo e as obras de caridade, autor d`essa bella pagina que transcrevo:

<<Sou christão, creio na divindade de Jesus Christo, unindo-me a Copernico, Descartes, Newton, Fermat, Leibnitz, Pascal, Grimaldi, Ruler, Boscowich; creio com todos os astronomos, os physicos eminentes, os geometras de valor dos seculos passados.

<<Sou catholico como a maioria d`elles e, se me perguntassem o porque de minhas crenças, dal-o-ia facilmente, provando que as minhas convicções procedem de um exame aprofundado e não dos preconceitos da infancia.

<<Sou catholico sincero como foram Corneille, Racine, La Bruyère, Bossuet, Bourdaloue, Fénelon; como são ainda hoje um crescido numero de homens notaveis de nossa epoca, assim como os que mais honraram a sciencia, a philosophia, a literatura, em tempos idos.

<< Partilho, emfim, as convicções profundas manifestadas pelas palavras, acções e escriptos dos luminares da humanidade, que não se consideravam humilhados, submettendo a razão esclarecida aos veus mysteriosos da fé.>>

Consenti que vos ponha tambem debaixo dos olhos, leitores meus, as phrases eloquentes e insuspeitas de Victor Hugo:

"Creio profundamente nesse mundo melhor, aqui o declaro, e quero sinceramente, digo mais, ardentemente o ensino religioso."

E, concluindo, lembro-vos, oh mãis de familia, o exemplo dos dois irmãos Wenceslau e Boleslau; o primeiro educado por sua avó, santa Ludmilla, padroeira da Baviera, o segundo por Drahomina sua mãi, princeza sem religião, vaidosa, perfida e cruel.

Pois bem, aquelle é um santo, um amrtye, honrado nos altares; este, um fraticida, um tyranno, cuja memoria é execrada.

D`onde veiu a differença entre ambos?

Concordai commigo e dizei:

- Da differença da educação.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno IV, n. 9, p. 242, set. 1913.

Alzira, Zaira e Elisette Fernandes Coelho,

filhinhos do Sr. Adelino Fernandes Coelho.

Que lindo grupo expressivo!

As tres Graças vem lembrar,

No singular attractivo,

Que sabe em torno espalhar.
Olhem Zizi, a primeira,
A mais sensata das tres,
Sempre amavel, prazenteira,
Para todos mui cortez.
Não se aborrece do estudo,
Quer deveras aprender;
Porem, acima de tudo,
Aos Paes deseja aprazer.
Zaira se acha no meio
Das irmãsinhas formosas,
Sempre a rir e, num gorgeio,
A dizer phrases chitosas.
Emfim a meiga Elisette,
Em seu trapesio florido.
E` de um bello ramilhete
Niveo botão preferido.
São de seus Paes a esperança
E de seu lar a alegria;
Ao Brasil, tenho confiança,
Servirão com galhardia.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES

Anno IV, n. 9, p. 243-248, set. 1913.

A Cruz do Redemptor

Havendo, precedentemente, narrado os acontecimentos maravilhosos, occorridos ao imperador Constantino Magno, feliz instrumento da Providencia na concessão da paz á Igreja, perseguida com tanto rancor pelos idolatras, n`este mez em que commemoramos a festa da Exaltação da Santa Cruz, para concluir, offereço ainda á benevolencia dos queridos leitores da Paladina do Lar o resumo historico do encontro da verdadeira Cruz, extrahido mais uma vez do nono volume da Historia Universal da Igreja, por J. E. Darras.

No anno 326, a imperatriz Helena, dispondo de sommas consideraveis, offerecidas por seu filho Constantino, emprehendeu, quasi octogenaria, a viagem á Palestina, tendo o nobre intuito de visitar os lugares santificados pela vida e paixão do Salvador do mundo e, principalmente, de descobrir a cruz em que se effectuara a redempção do genero humano.

Foi recebida por S. Macario, Patriarcha de Jerusalem, acompanhado pelo clero, com toda a pompa a que lhe davam direito a posição social e as virtudes que lhe exornavam o espirito.

Após tal recepção, a nobre anciã manifestou o desejo de passar alguns dias retirada, devotando-se á oração e ao jejum, no que se lhe associuo o respeitavel prelado.

Por inspiração divina, conhecendo que o objecto de suas pesquisas estava occulto sob o templo de Venus, mandou destruil-o até os fundamentos, deixando a descoberto a entrada do santo sepulcro e todo o perimetro do Calvario.

Na face lateral d`aquelle, do lado do Oriente, appareceram tres cruzes, a inscripção em hebraico, grego e latim, feita em caracteres vermelhos sobre madeira pintada de branco, os pregos que, segundo S. Gregorio de Tours, foram quatro, a corôa de espinhos, a lança e a canna.

Os assistentes curiosos acompanhavam o trabalho dos operarios.

Entretanto a incerteza de qual seria a cruz de Jesus era sombria nuvem que obumbrava esse firmamento de felicidade, quando S. Macario, num impulso de fé, se levantou e encaminhou para uma casa em que jazia, prestes a exhalar o derradeiro suspiro, piedosa matrona de Jerusalem, ordenando que, para o mesmo lugar, transportassem as cruzes.

Mal a sombra da verdadeira cruz se projectou sobre a moribunda que esta se ergueu do leito, completamente, restabelecida.

Indizivel foi o contentamento geral.

Então, Santa Helena, reservando uma porção do Lenho sacrosanto, juntamente com os pregos, para seu filho Constantino, ordenou que depositassem a outra num relicario de prata que confiou aos cuidados de Macario, ordenando, em seguida, a construcção de uma basilica neste mesmo sitio.

Constantino jubiloso pelo feliz resultado da peregrinação materna, escreveu nesses termos:

"Constantino vistorioso, grandissimo, augusto, a Macario:

Em face dos prodigios estrondosos, operados pela graça do Salvador, não posso senão adorar e calar-me.

Que maravilha divina, que favor providencial: Jesus Christo entrega a seus servos os tropheus gloriosos de sua sacratissima paixão!

Ainda que, de todas as partes do orbe, os sabios esgotassem o genio na celebração d`esses estupendos prodigios, muito aquem ficariam da majestade do assumpto, que sobrepuja á intelligencia do homem, na distancia que medeia entre o ceu e a terra.

Quanto a mim, affirmo que, aos brilhos dos novos portentos da religião verdadeira, sinto augmentar-se-me o zelo e o amor.

Meu unico pensamento é trazer o mundo, numa santa alegria e concordia unanime, aos pés do Redemptor.

Menos do que ninguem desconhece, Vossa Sabedoria, essa direcção constante de minha vontade imperial.

Declaro, pois: o mais ardente desejo que nutro é ornamentar, com magnificencia illimitada, esse lugar bemdito, em que julgaram abafar o sangue de um Deus sob construcções dedicadas a idolos impuros.

Desde que foi theatro dos soffrimentos de Jesus Christo, tornou-se o local mais veneravel do universo; quero cobril-o de monumentos dignos de sua santidade e tambem dignos de minha pessoa.

Confio a Vossa Sabedoria o cuidado de tudo preparar para que se effectue o que almejo.

Essa basilica deve ser a mais bella da terra; em seu conjuncto e minuciosidades ha de sobrepujar, pelo esplendor, os monumentos mais celebres que, por ventura, existam nas cidades de nosso imperio.

Já transmitti minhas ordens a Draciliano, vice-prefeito do pretorio, assim como ao Governador da Palestina.

A` disposição de Vossa Sabedoria ficarão os melhores operarios, os artistas mais habeis e tudo o que mister se faça.

Peça-me em marmores e columnas de posphyro o que julgar conveniente.

Logo que lhe receber as cartas, hei de remetter o que nas mesmas fôr solicitado.

Diga-me se a forma da abobada foi determinada; parece-me que, sendo artezoada, mais facilmente se revestiria de oiro.

Emfim Vossa Santidade transmitta, o mais cedo possivel, as suas vontades a Draciliano e ao Governador da Provincia, para que os operarios, os esculptores e os pintores sejam reunidos, e tomadas as providencias relativas ás despesas.

Tenha o cuidado de me informar, directamente, sobre tudo quanto resolver.

Irmão querido, Deus o tenha em sua guarda".

D`essa maneira escreveu Constantino e pode-se declarar que o resultado ainda foi mais satisfactorio que suas palavras, conforme assegura Eusebio, a quem devemos a carta transcripta.

Elevou-se, pois, a nova Jerusalem predita pelos prophetas e celebrada pelo Espirito Santo, em vista de sua megnificencia.

A parte da basilica posterior ao altar mór, cobria a gruta do sepulcro, no lugar em que o Anjo annunciou ás santas mulheres a resurreição do Salvador.

Essa secção principal do monumento foi ornamentada com sumptuosidade imperial. Ahi se admirava tudo o que a arte, de mãos dadas á riqueza, permitte aos homens executar.

D`esse primeiro recinto penetrava-se em vasto portico a ceu aberto, a triplice columnata, cujo solo de mosaico reluzia.

Em suas extremidades, em altura prodigiosa, em dimensões de comprimento e de largura colosaes, estendia-se a nave de paredes internas inscrustadas de marmore e pedras preciosas.

O exterior, de pedras artisticamente unidas, tinha um polimento maemoreo.

O tecto era revestido de laminas de chumbo, que o protegiam contra as intemperies das estações.

Internamente a abobada artezoada laminava-se de oiro.

Impossivel; e a descripção do effeito produzido: a basilica tinha o aspecto de um espelho ferido pelos raios solares.

As tres portas da fachada principal abriam-se para o Oriente, apresentando, de cada lado, espaçoso portico circular de soberba architectura.

Nelle se abrigavam os peregrinos, os estrangeiros e os negociantes.

O altar mór, no centro de um hemicyclo, era o ponto covergente; rodeava-o doze columnas de porphyro de bronzeos capiteis, representando, symbolicamente, os doze Apostolos.

A mãi de Constantino, apesar dos achaques de uma velhice octogenaria, recobrou, nessa emergencia, o vigor dos primeiros annos.

Percorreu todos os lugares mencionados no Evangelho, orando, piedosamente, pelo Imperador seu filho e pelos jovens Cesares, e esparzindo, sob seus passos, largas esmolas.

Transformou o pobre curral onde Jesus Christo nasceu em basilica sumptuosa, enriquecida depois por Constantino, e dotada de grandes extensões territoriaes.

O mesmo praticou no monte das Oliveiras e na gruta visinha que, segundo a tradição, foi o lugar em que o Senhor ministrou as derradeiras instrucções a seus apostolos.

Havendo percorrido o Oriente, escreve ainda o historiador Eusebio, deixando provas inequivocas de sua alta munificencia imperial, voltou essa nobre matrona para junto de seu filho, expirando-lhe nos braços pouco tempo depois, em 328.

Mais terde Chosróes II, filho de Hormisdas rei da Persia, sitiando Jerusalem, levou para seu reino a cruz do redemptor.

Em poder d`esse rei barbaro e idolatra, permaneceu ella por espaço de quatorze annos, sendo, todavia, respeitada e conservada na caixa de prata em que Santa Helena a encerrara.

Heraclio I, proclamado imperador do Oriente, lançou mão de todos os meios para entrar em accordo com o rei da Persia, conseguindo, por ultimo, a resposta que a reconciliação seria unicamente possivel, no caso em que elle e seus subditos renunciassem a Jesus Christo e adorassem o Sol.

Tanta insolencia revoltou aos discipulos do redemptor; o monarcha declarou que estava prestes a derramar a ultima gotta de sangue em defesa da fé.

Emprehendida a lucta, embora os inimigos fossem muitos numerosos, perderam.

Finalmente, em 628, a cruz do Salvador do mundo voltou ás mãos de seus adoradores; no anno seguinte, o Imperador determinou leval-a, em triumpho, a Jerusalem.

Revestido das insignias de seu elevado cargo, acompanhado pelo clero e o povo, carregou nos hombros o divino madeiro.

Chegando, entretanto, á porta que dá entrada para o Calvario, não poude continuar a marcha.

Tal prodigio assombrou a multidão, e o patriarcha de Jerusalem, approximando-se do imperante, disse-lhe as seguintes palavras:

- Meu Principe, quando Jesus Christo entrou por esta porta, para subir ao Calvario, o seu estado era o da maior humilhação e abatimento.

Heraclio despe então a pompa real e, de pés descalços e cabeça descoberta, caminha sem empecilhos até o alto do Calvario, onde colloca o precioso Lenho.

O Patriarcha, verificando estarem os sellos intactos, abriu a caixa, tirou a Cruz, adorou-a, deu a bençam aos fieis e collocou-a de novo na mesma caixa.

Este succsesso occorreu a 14 de Setembro de 629, sendo, no andar dos tempos, instituida, em sua commemoração, a festividade chamada Exaltação da Santa Cruz.

O encontro do instrumento de nosso resgate tambem é celebrado, sob o nome de Invenção da Santa Cruz, a 3 de Maio.

* * *

Antes da vinda do Messias, a Divindade parecia occultar-se, falando no meio de relampagos e trovões; parecia querer imprimir, no coração de suas creaturas, o terror, assim procuravam fugir-lhe a presença, mormente se lhe haviam transgredido os preceitos.

Jeovah, o Altissimo, o Deus dos exercitos eram-lhe os titulos.

Veiu Jesus Christo, estabeleceu o reino do amor, vencendo o mundo nos mysterios incomprehensiveis de sua Cruz.

Vivemos todavia, num tempo em que falsas idéas de progresso apontam a imagem do Divino Crucificado como retrograda, expulsando-a das escolas, dos tribunaes e das prisões, substituindo-a pelos retratos de cidadãos benemeritos ou de sabios notaveis.

E que aprenderão as crianças d`esses homens, os quaes, por muito que hajam feito em prol da instrucção, jamais saberão nem poderão dizer-lhes as phrases amenas d`aquelle Deus humanado, que as aconchegava ao peito, abençoando-as e promettendo o seu reino immortal somente aos que lhes fossem semelhantes?

Que dirão as imagens d`aquelles homens, indicados como imperterritos cidadãos, aos desditosos transviados? Qual d`elles saberá proferir, na linguagem irrefutavel do exemplo: Apesar de ser a propria innocencia, condemnaram-me, e recebi a injusta sentença sem revoltar-me, para grangear-vos a redempção? ...

Um Deus que soffre e exhala o derradeiro alento no infamante patibulo da cruz, consola todas as dores, encoraja para todas as provações e adversidades!

Estamos expostos a mil perigos; accidentes imprevistos cortam o fio de muitas existencias que apparentavam segurança; feliz o christão que, no intimo d`alma e sobre o peito, conserva respeitosamente a effigie de seu Deus, martyrisado pelo excesso do amor; feliz o que, na hora extrema, oscula contrito esse penhor de misericordioso perdão! ...

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 10, p. 272, out. 1913.

Aidil e Dalmo Peixoto,

filhinhos do Sr. Joaquim da Silva Peixoto.

A fronte espaçosa da linda menina,

O meigo semblante,

Os olhos de fada gentil, pequenina,

O porte elegante,

O garbo, o donaire que, em tudo, annuncia,

Têm cunho expressivo,

Causando espontanea, geral sympathia

Encanto impulsivo.

E` o primo rebento que o ceu dadivoso

Mandou a seu lar.

Calculem que zelo, carinho extremoso

Não passa a gozar!

Ao pé do irmãosito, na myda eloquencia,

Parece que diz:

De Deus a bondade nos deu, na existencia,

Partilha feliz ....

Oh cresçam ditosos, seguindo o preceito

Da honra impeccavel,

Os pais a cercarem de santo respeito

Ternura amoravel.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 10, p. 273-276, out. 1913.

AVANTE SEMPRE.

Quantas vezes, tendo o sorriso nos labios e a tranquilidade no coração, exclamamos: Não faço mal á pessoa alguma, beneficio, na medida de munhas forças, aos que encontro no mesmo trilho que prosigo, vivo em paz com a minha consciencia.

Examinemos, porem, queridos leitores, estas phrases, tão commumente repetidas, e vejamos em que consiste o não fazer mal, em que se cifram os favores espargidos e altamente publicados.

Não fazemos mal porque não injuriamos frente á frente, nem prejudicamos aos interesses materiaes de nosso proximo, apropriando-nos do que que lhe pertence; não fazemos mal porque nem ferimos physicamente nem tão pouco, em sonhos sequer, nos lembramos de tirar a existencia de quem quer que seja.

Todavia de bem diminutos resultados avaliamos as maledicencias, os juizos temerarios, expendidos sobre este ou aquelle individuo que teve a infelicidade de nos desprazer; somenos importancia ligamos aos ditos apparentemente chistosos e inoffensivos, occultando, no duplo sentido, a maldade ferina, cujo alvo mais innocente é atirar o ridiculo.

Os beneficios apregoados resumem-se na esmola ostensiva, pelo publico apreciada e elogiada, em que tanto participa a mão direita como a esquerda.

Será, entretanto, o que ensina o Evangelho do Divino Mestre?

- Não.

Antigamente, diziam os infieis cheios de espantoso respeito, ao contemplar a fraterna união que reinava entre os discipulos do Salvador:

- Vejam quanto se amam! ...

Hoje dir-se-ia que a religião variou, que seus dogmas se modificaram, tal a differença que se observa na pratica do mesmo Evangelho.

O que mudou, porem, foi o nosso escrupulo, o que se enfraqueceu foi a nossa fé.

A vida christã pode ser comparada a uma barca, deslisando em rumo contrario á corrente.

Quando o bateleiro abandona os remos, ella se despenha sem que força nenhuma a impeça de afastar-se da origam, para o quel tendia.

E não é bruscamente que nos achamos a braços com o indifferentismo, no desempenho de certos deveres; não é bruscamente que os consideramos dispensaveis; mas pouco a pouco e sem que, muitas vezes, nos apercebamos do declive por onde escorregamos.

Agora é o terço, depois a Communhão, o exame quotidiano da consciencia etc. etc., que pômos á margem.

Deus é, sem duvida, encarado sempre como bemfeitor, amigo e pai, mas perdeu o direito a essas provas de acatamento, a que sua presença dá jús.

E quantos males resultam d`esse infeliz estado espiritual em que tudo aceitamos, sem termos coragem de luctar, em que vemos accometter um dogma de nossa religião, ridicularisar uma ceremonia sagrada, desconsiderar um ministro dos altares, sem que experimentemos a precisa coragem, não falo de uma contestação, que nem sempre offerece consequencias satisfactorias, mas de um movimento de reprovação, porque temos receio de comprometter o decoro social, delinquindo na fraqueza de sorrir, quando não deixamos escapar alguma palavra que ainda mais estimule.

Depois, socegados ficamos comnosco, repetindo os adagios populares: Não sou palmatoria do mundo; cada qual faz como entende.

Se cumpre evitarmos discussões sobre assumptos religiosos, visto como, em regra geral, a instrucção adquirida sobre taes questões é insufficiente e, talvez, nos faltem os recursos para refutarmos, com vantagem todas as objecções que a malicia do odio sabe engendrar, podemos e devemos patentear, em nossa physionomia, o quanto nos aborrece e ataque dirigido, directa ou indirectamente, ao que mais nos é mister acatar: a Religião, laço bemdito que reune o ceu e a terra, servindo-nos de sustentaculo, quando tudo nos abandona.

Não é raro depararmos, entre os mais acerrimos inimigos do catholicismo, pessoas que, durante annos, o praticaram de modo mais perfeito, o conheceram mais intimamente, quer frequentando os seminarios, quer fazendo parte de congregações religiosas.

Donde provirá que esses o offendam mais rancorosamente? Teriam descoberto algum erro no que ensinou a propria Verdade, Jesus Christo?

- De modo nenhum.

Mas, desde o dia em que sua consciencia foi-se alargando, entendendo que era licito omittir, comtanto que o mal não fosse praticado, abandonaram os remos de seu batel e perderam de vista o porto, a que se encaminhavam.

Tertuliano foi um genio, deffendeu, com intrepidez, a Igreja de Jesus Christo, porem, dominado pelo orgulho, que não soube calcar aos pés, resvalou para não mais se erguer.

Assim, todos os que estiverem de pé não se esqueçam de que susceptiveis de vacillar e cahir e, para que tal não succeda, das obrigações impostas pelos mandamentos divinos deve constituir a arma defensiva.

Juliano apostata, não obstante o odio entranhado que votava ao christianismo, não se negou a reconhecer a grande superioridade que gozava, relativamente ao paganismo e, para attingir a sua meta, agiu como presentemente os irreligiosos: Abriu escolas pagãs, fundou hospitaes e quiz até conventos de virgens, para melhor homenagear seus deuses.

O meio de que se servia era expulsar os christãos das casas que haviam fundado, para dal-as aos pagãos, prohibindo-lhes que ensinassem, dizendo que toda a sua sciencia se resumia na palavra: Cruz.

Não é a moderna accusação?

Apesar do que, não se envergonhava Juliano de confessar que se contariava, vendo os gallileus beneficiarem a todos os homens indistinctamente, e não cessava de clamar que não queria lhes impôr novos martyrios corporaes, porem acabrunhal-os sob o peso de um desprezo universal.

Procedia, manejando as armas dos actuaes perseguidores, sophismando e satyrisando como Voltaire e seus amigos.

Entretanto esse monstro fôra educado no christianismo e era sobrinho de Constantino Magno; porem cercou-se de sophistas impostores e, guiado por esses pessimos conselheiros, devotou-se á pratica da magia, iniciando-se, por intermedio de Maximo, nos mysterios de Eleusis.

A` noite,em seus palacios de Lutecia, (Paris) de Vienna, de Constantinopla, fechava-se em companhia de Oronte, sacrificador egypcio, e, á claridade de uma tocha, como relata S. Gregorio de Nazianzo, mergulhava um cutello sagrado (segundo elle) no seio de uma criança, de uma donzella ou de qualquer christão, dissecando-lhes as entranhas palpitantes para evocar as almas, na pratica das artes adivinhatorias e outros mysterios horriveis.

Montes de cadaveres se erguiam sob o cutello de Oronte, emquanto a mão imperial investigava o futuro, nas entranhas ainda quentes das victimas.

Os subterraneos d`esses palacios foram os reveladores de taes segredos, ao passo que os tanques, os poços e os fossos regorgitavam de membros mutilados.

No dia em que Juliano inaugurou a sua apostasia, mandou fazer incisões em todos os circumstantes e, com esse sangue, offerecido aos deuses, todos lavaram as mãos.

Uma vez, emquanto se entregava a esses misteres infames, viu-se, de subito, rodeado de apparições fantasticas, que se apertavam em todos os sentidos, exhalando um cheiro fetido e produzindo insolitos rumores.

Não estando ainda aguerrido contra semelhantes manifestações do poder das trevas, instinctivamente traçou o signal da cruz, e tudo se evaporou.

Não obstante o incidente que o poderia ter chamado á realidade, Juliano intentou recomeçar a experiencia, renovando-se a mesma scena.

Oronte, approximando-se então do principe, agarrou-lhe o braço e disse:

- Que fizeste? os deuses, indignados pelo vosso sacrilegio, retiraram-se; não julgueis que tivessem medo.

Assim, esse perfido conselheiro e mau amigo, de um espirito inquieto e susceptivel, quem sabe? de volver ao bom caminho, transformou em apostata perigoso.

As demolições das igrejas e dos conventos, o fisco dos bens das communidades, as subtilezas de um espirito sagaz, o prestigio da poesia e da oratoria, os filtros da sciencia, tudo foi utilisado pelo impio, que ousou, depois, atacar ao proprio Jesus Christo, ordenando a reconstrucção do templo de Jerusalem, para desmentil-o publicamente na pessoa de seus prophetas.

Nada, porem, d`isto lhe serviu; finou-se, arrojando contra o ceu o sangue que lhe escapava da ferida, occasionada por mão incognita, bradando num arroubo de colera impotente:

- Oh sol, tu me trahiste! Venceste, Gallileu ... E vencerá eternamente.

Quando o apostata marchava par a guerra, um sophista, seu amigo, encontrando um christão de Antiochia, perguntou-lhe zombeteiramente:

- Que está fazendo o filho do carpinteiro?

-Um caixão, respondeu o discipulo do Crucificado.

Sim, para os inimigos de sua Igreja, para seus inimigos, Jesus prepara um caixão, onde serão sepultados com todas as armas que, malignamente, empregaram.

Nós, leitores da Paladina, que pertencemos ao gremio dos que professam, sem rebouços, o catholicismo, não retrogrademos nunca, encaremos firmes o horizonte luminoso que nos aponta a restricta observancia do dever, e marchemos para a frente.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 12, p. 332, dez. 1913.

Henrique Coqueiro Fidalgo,
filhinho do Sr. Valentim Coqueiro Fidalgo.

De flores está cercado,
Num cestinho perfumado
Como o beijo da manhã,
Que vem doirar-lhe a existencia
Quanto do sol a influencia
Doira o romper da manhã.
Não sabe fazer discurso,
Visto não ter o recurso
Da palavra conhecer;
E` tão pequenino ainda!
Mas sua presença linda
Parece a todos dizer:
As festas que vem chegando
Desejo que vão passando
Cheias de encantos, de luz;
Não haja nem um minuto
Que traga o pesar, o luto
A` Terra da Santa Cruz.
Tambem que os meninosinhos
Encontrem, nos sapatinhos,
O que mais lhe agradar;
Porquanto a sua alegria
Aromatiza, inebria
O santuario do lar.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 12, p. 333-337, dez. 1913.

DUAS GRANDES FESTAS.

Ainda alguns dias, e concluido será o anno de 1913; irá juntar-se ás memorias so passado, levando, para as sombras do esquecimento, os minutos de alegria e os dias de

angustia, e fornecendo ao livro da eternidade o registro do bom ou mau emprego do tempo, na justa medida de seu valor intrinseco.

Quão naturalmentense restringe o coração, meditando nessa vertiginosa carreira de annos, tudo sacrificando, tudo destruindo sem piedade!

Como devem padecer as almas que não acreditam senão em transmutações materiaes, nada enxergando após a vida corporea!

Pobres, pobres creaturas! não comprehendem a tendencia irresistivel do espirito no anhelar continuo do eterno, e desprezam a taboa salvadora das esperanças christãs, mostrando-lhes um Deus repleto de amor, sempre disposto a retribuir o mais insignificante sacrificio, praticado na intenção de lhe ser agradavel!

Ah, nos instantes de felicidade, quando os amigos formam, em torno de nós, barreira defensiva, é muito facil o esquecimento dos altos destinos do homem; porem quando o simum desenfreado ruge, evaporando as illusões, quão desgraçado é o que não crê! quão desgraçado é o que não se pode refugiar sob as azas protectoras da Igreja Catholica!

Na primavera da vida, tudo resplende: o corpo, a intelligencia, o espirito; o sol brilha sem nuvens, o regato passa murmurando em macio leito, o prado reverdece opulento, emfim a morada terreal do homem, quasi sempre, enfeita-se para embalal-o de floridas chimeras, que se desvanecem mais ligeiras do que o desfolhar das rosas, em noites de geada.

Mas, para os que observam a lei de Jesus Christo, a instabilidade das coisas terrenas em nada prejudica; sabem que estão de passagem e comparam os breves annos da existencia aos mezes em que veraneiam.

E assim como, na habitação campestre, o luxo dos moveis e do traje e a riqueza dos ornatos não preoccupam, sendo o maior empenho o restabelecimento das forças, pelo gozo dos bons ares e sadia alimentação, nós, vereneadores de alguns mezes, ou, quando muito, de alguns annos, deveriamos nos inquietar em tonificar os pulmões, em restaurar as energias desffalecidas, respirando o perfumoso ambiente do jardim sempre viçoso da doutrina evangelica, alimentando-nos com o pão celestial que assegura a vida eterna, dando, em contraposição aos vermes pullulando no corpo putrefacto, a certeza da gloria e dos laureis immarcessiveis ...

Estamos em dezembro, decimo mez do anno entre romanos e duodecimo segundo, conforme o nosso modo de contar.

Logo nos primeiros dias, celebramos a maior das festas da grande padroeira dos catholicos, a excelsa Virgem Mãi de Deus; honramos a sua Immaculada Conceição, sob cujo titulo nosso Brasil estremecido lhe é consagrado; falo no presente porquanto, apesar de não termos religião official, por ventura nossa, a grande totalidade dos habitantes d`esta grandiosa terra não renegou a crença de seus avós e Maria continua a ser e acclamada, enthusiasticamente, em todo o territorio brasileo.

E` crença da Igreja Catholica, definida em varios concilios, que a intercessão dos santos nos é de grannde utilidade.

Nos livros dos Macchabeus, lê-se que Jeremias, depois de sua morte, intercede por Jerusalem; o Apocalypse diz que os ançiãos apresentam a Deus as preces dos justos e os Actos dos Apostolos contam-se que S. Paulo ora por seus companheiros e seus amigos.

Não pode haver a menor duvida de que Jesus Christo seja o nosso unico Mediador, porque somente Elle nos obteve, por seus meritos, a reconciliação com Deus; mas seria impiedade negar que a intercessão dos santos e principalmente a de Maria S. S. não obtenha do Altissimo benevolo despacho.

Não ha receio de empanar a gloria do Filho de Deus, homenageando de forma grandiosa a sua privilegiada Mãi.

Affirma Santo Agostinho que tudo quanto dissermos ou fizermos relativamente á Virgem Maria, será pouco, attendendo a suas eminentes prerogativas.

Sairá, exclama o propheta Isaias, da raiz de Jessé um caule e uma flôr em que ha de repousar o Espirito do Senhor; e S. Boaventura, interpretando o texto assim se exprime: O que desejar obter a graça do Espirito Santo ha de procurar a flôr no caule, isto é: Jesus em Maria.

E` justamente o que procuraremos fazer, queridos leitores, no presente mez; inicial-o-emos entoando a Maria um Hynmo laudativo a sua Conceição Immaculada, repetindo-lhe do intimo d`alma:

Aurora de bonança e de consolação,

A promessa nos dais de eterna salvação;

Esmagais varonil da maldita serpente

A cabeça orgulhosa e a tornais impotente;

Deus em vós se revê num infinito amor,

A cohorte do ceu canta vosso favor;

Dos peitos dos christãos, em suave harmonia,

Sobe o culto filial, os hymnos de alegria.

Assim nos preparemos a entoar o Gloria in excelsis do Natal de Jesus.

* * *

Cesar Augusto, imperador do mundo, aproveitando a paz universal, ordenou o recenseamento de seu vasto imperio.

Como na Judéa a organisação por familia e por tribu constituia a base do Estado, foram todos obrigados a dar o nome e o lugar do nascimento.

Maria e José, sendo ambos descendentes da estirpe de Davis, sahiram de Nazareth, encaminhando-se a Belem.

Tomando-se o caminho recto, entre a planicie de Jesrael, as montanhas de Samaria e de Judéa, atravessando as cidades de Ginea, Bethulia, Sichem, Letonah, Bethel, Tell-el-Foull, Jerusalem e a planicie de Rephaim, effectuava-se a jornada em quatro dias.

As caravanas eram numerosas, o povo ia a pé, muitos levavam, atraz de si, um burro carregando a matalotagem; as margens dos rios, as sombras dos carvalhos verdejantes offereciam agradaveis estações.

Ao pôr do sol, dormiam na caravançara, continuando a viagem ao romper d`alva, ao som dos psalmos de David, referentes a Jerusalem.

Como pobres, fizeram a jornada Maria e José.

Em Belem, as hospedarias regorgitavam de povo, quando, no flanco de uma collina, a meia altura, José descobriu uma gruta calcarea que servia de abrigo aos animaes.

A seguir-se a tradição, um boi e um jumento nella se achavam.

Ao sul de Jerusalem, na distancia de duas leguas, alem da planicie de Rephaim, no coração das montanhas da Judéa, sobre duas collinas, unidas em forma de crescente, acha-se Belem.

Valles profundos isolam-na de todos os lados; o do centro, chamado Ouady-el-Karroubeth, é o mais fertil e desce em abrupto declive, sustentando a terra nas paredes

sobrepostas, apresentando o aspecto de vasto amphytheatro verdejante, coberto de vinhas, de oliveiras, de figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras.

O horizonte, restringido ao norte e ao poente, dilata-se esplendido de leste a sul.

Ali, o olhar investigador aprecia o campo de espigas em que Ruth a Moabita veiu ceifar e, perto, o monticulo onde ficava, na aldeia de Beith-Saour, a eira de Booz.

Mais longe descortina ainda os montes arenosos e estereis do deserto de Judá, figurando triste amontoamento de cinzas pardacentas.

Atraz, debruçado num abysmo, avista o bloco azulado das rochas de Moab, escondendo as aguas amaldiçoadas do Mar Morto e, ao sul, o monte Herodium, em forma de cone, em que Herodes se quiz sepultar.

Tal era Belem, pequeno lugar que se viu nascer o grande rei David e tambem o Salvador do universo, Nosso Sanhor Jesus Christo.

Deixando a seu esposo o cuidado de tudo preparar do melhor modo possivel, a Santa Virgem, entrando na gruta, poz-se em oração, na espectativa das grandes maravilhas que se deviam realisar.

E, á meia noite, diz o Evangelho, nasceu Jesus Christo, verdadeiro sol de justiça ...

Nos campos de Beth saour, velavam pastores; um anjo lhes appareceu cantando o "Gloria in excelcis Deo et in terra pax hominubus bonae voluntatis".

Admirados os pobresinhos ouviram os mensageiros celestes, indo, sem perder tempo em futeis raciocinios, prestar vassallagem ao pequenino infante, cujo natal operava tantos prodigios.

Façamos outro tanto, queridos leitores; do intimo do coração agradecido, entoemos, no berço de Jesus, o suave Gloria in excelsis.

A pequena cidade de Belem conta hoje cerca de 3.000 habitantes, cuja physionomia é, extremamente sympathica.

As mulheres não usam veu no rosto, como fazem as de Jerusalem, vestem comprida tunica de côr azul, apertada por um cinto tambem azul; cobrem-se com uma especie de barretinha de prata, trazem collar e pulseirasl, ligeiro veu branco sobre os hombros e ricos anneis nos dedos; seu porte é nobre e digno.

Tem os habitantes de Belem costumes puros e simples e, geralmente, são agricultores ou pastores.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno IV, n. 12, p. 353, dez. 1913

A VIRGEM E O MENINO DEUS.

Oh meu filho, em meu seio,

Sinto, num brando enleio,

Que tua fronte pousa e palpito de amor;

Oh meu Deus, lá no ceu, eterno Creador,

E`s todo omnipotente,

Dispedes o raio inclemente;

Oh meu filho, oh meu Deus ...
Oh meu filho és tão lindo,
No presepe sorrindo,
Ou no pranto encetando o padecer da Cruz;
Oh meu deus, lá no ceu, em torrentes de luz,
A tua majestade
Confunde a pobre humanidade;
Oh meu filho, oh meu Deus ...
Oh meu filho, em meus braços,
Ternos, amantes laços,
Fazes estremecer feliz meu coração;
Oh meu Deus, lá no ceu, impoões adoração,
E`s forte, és invencivel,
Em teu poder inexcedivel;
Oh meu filho, oh meu Deus ...
Oh meu filho, os pastores
Vem trazer-te louvores
E aceitas complacente os ceus votos leaes;
Oh meu Deus, lá no ceu, os coros triumphaes
Celebram-te a victoria
Nos hymnos de luz e de gloria;
Oh meu filho, oh meu Deus ...
Oh meu filho, eu te amo
E bem alto o proclamo
E`s todo meu enlevo, és todo meu amor;
Oh meu Deus, lá no ceu, és meu rei e senhor,
E serva me conheço,
Teu grande imperio reconheço;
Oh meu filho, oh meu Deus ...
Oh meu filho, oh meu Deus,
A Virgem repetia,
E`s toda a alegria dos ceus,
E`s minha suprema alegria,
Oh meu filho, oh meu Deus ...
Trad. de

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

ANEXO D – ARTIGOS PUBLICADOS POR MARIA LUIZA — 1914

Anno V, n. 1, p. 2, jan. 1914.

Maria de Lourdes Alves Dias,
Filhinha do Dr. Eduardo Alves Dias.

Quando a aurora, nas fimbrias do horisonte,
Apparecendo vem,
O coração palpita e, em toda fronte,
Vê-se o prazer tambem.
A aurora é a precursora graciosa Do radiante sol;
Traz no manto a esperança dadivosa,
Essa planta de escól.
Assim é do sorriso da innocencia,
Do sorriso infantil;
Envolve, na magnetica influencia, Um ceu de encantos mil.
Bemdito da familia o santuario
Em que vive essa flor, abrigada no terno relicario
Do paternal amor!
E` de Deus um riquissimo presente a criança no lar;
E felizes os pais que amor prudente
Lhe sabem dispensar ...
Quando velhos, no termo da carreira,
Hão de encontrar então,
Pela sua ternura verdadeira,
Um filial coração.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 1, p. 3-7, jan. 1914.

ALGUMAS REFLEXÕES.

Ao correr da cortina do anno que vai cahir nas sombras do passado e cujos dias desfolhamos, como petalas de bem-me-queres, sem nos aperceber da vertiginosa carreira com a qual nos arrebatava a existencia, nesses dias mais cheios de amarguras que de prazeres, em que o pó das desillusões, frequentemente, nos empanou a vista, impedindo

que descortinassemos as maravilhas de omnipotencia e bondade, espalhadas em torno de nós, no palacio do universo, pela mão liberal do Creador, nesses dias que se foram depositando, um por um, nos archivos da eternidade, é necessario parar a reflexão, por alguns minutos, e, como o viajante galgando o cimo alcantilado dos Andes, descançar para resfolegar antes de emprehender novamente a descida.

Foi-se 1913 como seus antecessores e, para quantos, marcou o limite da vida terrena, iniciando a verdadeira vida no reino eterno! ... a quantos arrebatou seres estremecidos, a quantos deixou na orphandade ou a braços com a miseria ... a quantos tambem viu nascer para serem novos campeões de luctas inevitaveis.

E foi-se; não mais voltará, senão na hora suprema do julgamento perante o incorruptivel tribunal de Deus.

Surge entre as caricias de esperanças 1914; e todos o recebem com o sorriso nos labios e a satisfacção de espirito, julgando que melhor e mais radiante será do que o seu predecessor.

Ah não nos illudamos, leitores queridos da "Paladina do Lar", será, 1914, ou qualquer outro, anno de bençams, anno de luz, anno de felicidade, se conseguirmos marcar-lhe os dias com as pedras brancas da approvação da consciencia.

Ninguem mais rico, mais sabio do que Salomão, entretanto depois de esgotar todos os prazeres, saborear tudo quanto o mundo lhe poude offerecer, exclamou: Tudo é vaidade e afflicção de espirito, excepto amar e servir a Deus.

Assim, amigos meus, no começo d`este anno, o voto sincero que faz a "Paladina do Lar" em vosso favor, é ameis a Deus, collocando-o acima de vossos affectos e interesses temporaes, e o sirvais na observancia de seus preceitos sapientissimos.

Se assim o fizerdes, verdadeiramente felizes vos podereis considerar; as ondas encapelladas da adversidade quebrarão a furia no rochedo inquebrantavel da conformidade aos decretos do Altissimo, e a paz da consciencia vos permittirá proseguir a viagem de fronte erguida e olhos fitos nas esperanças que não illudem.

Taniére celebre pregador da Colonia, pediu um dia fervorosamente a Deus que lhe desse a conhecer o melhor modo de servil-o.

Sahindo da Igreja, encontra um pobre coberto de andrajos, maneta, sem uma perna, tendo na cabeça uma ulcera horrorosa e que lhe pede esmola.

- Deus lhe dê um bom dia, meu amigo, diz Teniére, dando-lhe a esmola.

-Obrigado, meu padre, porem posso affirmar-lhe que não sei o que sejam maus dias.

Admirado o sacerdote encara o mendigo, julgando achar-se em presença de um louco, mas nota-lhe a physionomia alguma coisa de estranho e, levando-o a um banco proximo, senta-se-lhe ao lado e pede-lhe que se explique.

-Padre, acostumei-me a vêr em Deus um pai, sempre attento ás minhas necessidades e disposto a socorrel-as; assim, chorando por um olho, rio-me pelo outro, não querendo em tudo senão a vontade de Deus.

Taniére apertou a mão do pobre, considerando-o verdadeiramente rico, visto possuir a riqueza que os vermes não corroem, nem o tempo consegue estragar: a tranquilidade da consciencia.

Sabendo Augusto que um senador de Roma havia condemnado á morte um de seus escravos por lhe ter quebrado um vaso de crystal, immediatamente quebrou todos os vasos riquissimos que possuia, dizendo: Cruel, ignoras que a vida de um homem vale muito mais que todos os vasos por mais preciosos que sejam?

Do mesmo modo pratica o Senhor comnosco muitas vezes; tira-nos tudo, faz o vacuo em torno de nós, para nos coagir, indirecta e brandamente, a nos approximarmos d`elle e a consideral-o como o unico indispensavel.

Assim ainda uma vez, Leitores da Paladina do Lar, termino os meus votos, dizendo-vos: seja-vos este anno um bom dia e um bom anno, em companhia do bom Deus.

Seja um bom dia illuminado pelo sol da caridade; um bom anno accumulano tresentos e sessenta e cinco dias de merito, na companhia de Deus e sob seu olhar de vigilante solicitude.

* * *

Nazareth é a cidade das flores, debalde procurar-se-ia um canto da terra mais limitado e mais amplo, mais occulto e luminoso, mais tranquillo e mais agradavel.

Ao norte, vêm-se os montes de Galiléa dominados pelo cimo nevoso do grande Hermon; a leste, o Thabor, erguendo-se como imponente pedestal;em diversas direcções, as cadeias do Gelboé, da Samaria, do Carmelo com seus pincaros, no meio da bella planicie do esdrelon, matizada de amarello e cinzento, qual um tapete multicôr.

Entre o povo, circulava o boato que o Messias ia chegar e os judeus ainda mais lhe desejavam a vinda, por se acharem dependentes dos romanos e julgarem que Elle os libertaria do jugo infamante.

Quando Herodes mandou degolar os innocentes de Bethlem, Isabel, mãi de João Baptista e prima de Maria S. S., fugiu, conforme nos relata a tradição, para as montanhas.

João Baptista fôra santificado no seio materno, na occasião em que a Virgem, tendo concebido o Verbo incarnado, visitara sua prima, no intuito de felicital-a, pelas maravilhas que Deus tambem fizera em seu favor.

Isabel morreu pouco depois na solidão em que se retirara, e João Baptista cresceu no deserto, numa gruta do flanco oriental do valle de Beit-Anina, onde se encontra ainda um banco de pedra talhado na rocha, junto á crystallina fonte, jazendo, no declive opposto, uma aldeia arabe.

Não permaneceu ahi por muito tempo; internou-se na região montanhosa e deserta que vai d`Ain Karim a Hebron, nas margens do Jordão, não longe do Mar Morto.

Ahi, nessas steppes incultas, vivia João como nazareno, que assim eram denominados os que se obrigavam a viver sem mancha legal.

As manchas legaes eram actos innocentes em si mesmos, porem que obstavam a entrada no templo, obrigando aquelle que se havia contaminado a offerecer um sacrificio particular.

Os nazarenos compromettiam-se, por voto, a abstinencia do vinho, a não cortarem os cabellos, a não entrarem nas casas em que houvesse mortos.

Na maioria dos casos, os votos eram temporarios, mas havia tambem nazarenos consagrados desde o berço por seus progenitores, e João Baptista era d`este numero.

Vestia uma tunica de pelle de camelo, apertada por uma cinta de couro, não se alimentava senão de mel silvestre, abundante naquellas paragens, e de gafanhotos que os pobres ora reduziam a pó e misturavam com a farinha, ora assavam e frigiam na manteiga.

Os que se alimentavam d`esses insectos denominavam-se acridophagos.

No anno 27 da era christã, anno sabbatico em que, segundo as prescripções da lei, não se lavrava a terra, vinha-se com mais assiduidade ás margens do Jordão, ao váo de Bethabara, onde João falava rudemente ao povo, dizendo:

"O Senhor approxima-se, vem como juiz segurando, entre as mãos, a joeira em que ha de separar o trigo da palha.

E, quando pediam para vel-o, respondia:

- Está entre vós e não o conheceis, veiu depois de mim, sendo maior do que eu, antes de mim existiu e não sou digno de desatar-lhe as correias dos sapatos.

Havia entre os judeus differentes especies de baptismo ou abluções pela agua, mas o de João era uma profissão solemne de penitencia, imagem da purificação não somente legal, mas interior, preparação do reinado proximo do Redemptor, e era precedido da confissão das faltas.

Não se contentava o pregador de annunciar o Messias, exhortava todos á conversão, reprehendendo os phariseus pelo seu orgulho e hypocrisia, recommendando aos soldados a brandura e aos recebedores de impostos a justiça.

O sanhedrim, tribunal composto de setenta anciãos, mandou mensageiros ao Precursor do Messias, a perguntar-lhe quem era.

- Não sou Elias nem o Christo, respondeu João; baptiso n`agua e o Christo baptisa no espirito e Elle está entre vós e não o conheceis.

Pouco depois apresentou-se Jesus, entre os penitentes, e pediu o baptismo e ainda que João nunca o tivesse visto, illuminado por divina inspiração, exclamou:

- Deveria ser baptisado por vós, Senhor, e vindes a mim?

Porem o Salvador queria resgatar o peccado, collocando-se entre os peccadores.

Na occasião do baptismo de Jesus, houve a manifestação de sua divindade, ouvindo-se uma voz que dizia: "Este é meu filho amado em quem depositei as complacencias" e vendo-se descer uma pomba sobre sua cabeça.

A adoração dos Magos, o baptismo de Jesus Christo e o seu primeiro milagre nas bodas de Caná são commemorados pela Igreja a 6 de Janeiro, que se pode considerar o dia das manifestações da divindade do Salvador.

O dia 6 de Janeiro é chamado da Epiphania ou vulgarmente dia de Reis.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Os Votos da Paladina.

Ao começer mais um anno,

Mais um anno vos desejo,

Sem pesar nem desengano,

De bens trazendo um cortejo.

Leitores da Paladina,

Da "Paladina do Lar",

De Deus a graça divina

Jamais vos possa faltar.

Na estrada que percorrerdes,

Da fé tenhais o conforto,

Para no bem vos manterdes,

O amor vos sirva de porto.
O amor que ensina a bondade,
Do pobre fazendo irmão,
Esparzindo amenidade
Nos momentos de afflicção.
Assim tereis a esperança,
Vereis este anno correr
No amor, na luz, na bonança;
Que mais podereis querer?

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 2, p. 32, fev. 1914.

Renato dos Reis Rocha,
filhinho do Sr. Constantino Netto da Rocha.

Meus amigos e leitores,
Vêdes aqui, em retrato,
O pequenino Renato,
Alegre como os amores.
Está garboso e contente,
Veiu honrar a Paladina
E diz na voz argentina,
Na meiga voz innocente:
Nada conheço da vida
Senão festivos sorrisos,
No melhor dos paraisos
Me traz a mamãi querida
E meus dias se deslisam
Tão calmos, tão perfumosos,
Que não terei mais ditosos
Todos assim prophetizam ...
Que Deus lhe deixe a lembrança,
Ao chegar da juventude,
De tanta solicitude
Que recebeu em criança

Para que tenha a ventura:

Ser brasileiro modelo,

Como os pais desejam vêl-o,

Na sua immensa ternura.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 2, p. 33-37, fev. 1914.

PREITO À VERDADE.

Em franco periodo nos achamos de liberdade de consciencia, altamente apregoada por todas as boccas, por todos os credos religiosos, e que nos permitte manifestar, de fronte erguida e viseira levantada, as nossas opiniões ou convicções.

Entretanto parece que jamais foi visto entre os catholicos tanto respeito humano, tanto receio em deffender enteresses de causa comum, em momentos de real opportunidade.

Catholicos são, na grande maioria, os brasileiros e, com especialidade, os bahianos, cujo culto á Virgem Immaculada é proverbial.

Graças a Deus muitos são catholicos praticos, conhecedores dos deveres que lhes impôe a religião de que se ufanam; porem ainda é maior o numero dos que a professam de nome e, quaes eleitores que, para não se incommodarem, se abstêm de comparecer ás urnas e causam, frequentemente, males extrraordinarios, concorrendo para a eleição de cidadãos incapazes do alto fim a que deve tender todo o representante da nação, em socego se mantêm, espectadores impassiveis de scenas desagradaveis, e que, para evital-as, talvez, não fosse preciso mais do que a união de vontades, na defesa do justo e do bom.

Entre nós, queridos leitores da "Paladina do Lar"acaba de effectuar-se, em 10 de Janeiro ultimo, a retirada das Irmãs de Caridade de S. Vicente de Paulo das casas pias "Hospital de Santa Isabel e Asylo dos Expostos", depois de longas alternativas, mais ou menos promissoras de concordata pacifica, sem que, da massa da população bahiana, explodisse um grito de pesar, symbolisando expansiva gratidão pelos innumeros beneficios, derramados sobre a classe dos desprestigiados da fortuna, durante o periodo de sessenta annos, por essas benemeritas senhoras.

Tratou-as a Bahia como se fossem meras assalariadas, cujos serviços logo, que são julgados desnecessarios, se dispensam sem dizer obrigado.

Mas, quão diverso é o caso que nos prende a attenção! ...

As filhas de S. Vicente de Paulo, catholicas na expressão genuina do termo, abandonado a patria, a familia e muitas d`ellas posição e grandezas, não miram, exclusivamente, outro alvo senão servir a Jesus Christo, na pessoa dos pobres.

Não julguemos, entretanto, que tão respeitavel Communidade, embora não se desdoire, no desempenho de sua missão altruistica, dos misteres mais grosseiros e repugnantes, seja composta de mulheres tomadas, aqui ou acolá, sem previo exame.

Não pode revestir o habito de Filha de S. Vicente qualquer donzella que o ambicione; é necessario reunir certos requisitos como sejam: legitimidade do nascimento, honorabilidade da familia, procedimento irreprehensivel.

Não são tambem perpetuos os votos que fazem; renovam annualmente os seus compromissos religiosos, afim de que, se o arrependimento lhes chegar ou as aptidões lhes faltarem para a carreira difficultosa que abraçam, possam, livre e desempedidamente, tomar as vestes seculares e mesmo adoptar novo estado de vida.

Na juventude, logrei o ensejo de ter entre as mãos um livro que relatava a origem das casas pias da Bahia, em bôa hora confiadas á direcção das Irmãs de Caridade; era escripto em portuguez e verti-o para o francez ...

Falando acerca do Asylo dos Expostos, dizia que as criancinhas confiadas a mãos mercenarias, nos primeiros dias de existencia, eram depois entregues ás asyladas mais velhas, para que lhes dispensassem os precisos cuidados; mas o faziam tão negligentemente que, pela mór parte, ellas falleciam victimas dos maus tratos.

E não se operou a transformação da anarchia em disciplina, da confusão em ordem sem choques nem atritos.

As asyladas revoltaram-se contra as Irmãs de Caridade, chegando a pedir, em altas vozes, soccorro ao publico; porem a verdade restabeleceu-se e a marcha da bôa orientação proseguiu impavida.

As criancinhas abandonadas as pobres victimas imbelles que a sociedade, madrasta sem entranhas, repellia do seio, acharam desde então, nas servas dos pobres, uma segunda familia, que lhes amenizava os agrores da sorte, acompanhando-lhes os passos, desde a infancia até o tumulo, quando a morte succedia na permanencia do Asylo, ou na vida social, para cujo convivio entravam casadas ou preparadas a exercerem differentes profissões inherentes a seu sexo.

E` certo que nem todas correspondiam á educação que lhes era dispensada; todavia, não esmerilhando particularidades, affirmamos que não é raro, entre avultado numero de educandas, haver quem menospreze os esforços feitos em prol de sua educação e instrucção; accrescendo mais, no caso vertente, serem quasi todas as asyladas debeis por defeito congenito; não obstante muitas conhecemos habilitadas a ganharem o pão quotidiano digna e honradamente.

Que houvesse da parte do Sr. Provedor da Santa Casa da Misericordia má vontade para as Filhas de S. Vicente de Paulo não o acreditamos, porque S. Senhoria tem o coração naturalmente compadecido pelas miserias alheias, certificam os que o conhecem de perto, por conseguinte não visou comprometter os interesses dos pobres entre os mais pobres - enfermos e engeitados - unicos a perderem na questão; mas entendeu que, para o progresso das Casas Pias que ora dirige, era de absoluta necessidade a modificação no contracto, feito anteriormente entre a Communidade de S. Vicente de Paulo e a Santa Casa de Misericordia, estabelecendo clausulas que recusaram aceitar os respectivos superiores da referida Communidade.

Logo, pois, que o accordo não se fez, trazendo em consequencia a retirada das Irmãs de Caridade, parece que a Bahia, agradecida pelo muito que recebera, na pessoa de seus filhos, assim o manifestasse. Isto, porem, absolutamente não se deu ...

Todavia as Irmãs nada perderam; são reclamadas em toda a parte em que ha lagrimas a seccar e soffrimentos a minorar - e onde deixará de havel-os? ...

São cosmopolitas isto é: o mundo inteiro lhes é patria e os infelizes lhes constituem a familia; no recondito d`alma, conservam o maior thesoiro que ninguem lhes pode arrancar - a paz da consciencia, a satisfacção do dever cumprido para agradar a Deus, sob seu olhar que tudo vê.

Não são, pois, dignas de lastima; a Bahia, sim, perde muito, incalculavelmente muito ... e os pobres? ... ah, estes merecem lagrimas ardentes de commiseração.

Em particular os bahianos, com raras excepções, se entristeceram de tal acontecimento e o manifestariam, temos a certeza, se, em escrutinio secreto, lhes fosse consultado o querer; então pediriam a conservação das Irmãs de Caridade no Hospital de Santa Isabel e no Asylo dos Expostos, reconhecendo-lhes as extraordinarias aptidões, para o desempenho dos cargos tão difficeis quanto espinhosos que exerciam, nesses dois estabelecimentos de caridade.

Em todas as epocas, foi e será sempre assim para os que seguem a Jesus Christo, porque o discipulo não é maior que o Mestre.

Na vida de S. Vicente de Paulo, fundador da Communidade que nos occupa, relata-se o seguinte facto:

Em 1609, estando Vicente de Paulo hospedado no arrabalde Saint Germain, no mesmo quarto que o juiz de Sore, aldeia situada em Landes, jurisdição de Bordéos, foi accusado de haver subtahido a quantia de um conto e duzentos mil reis, pouco mais ou menos, e o caso assim se passou:

Tendo o juiz se levantado muito cedo para ir á cidade tratar de negocios, esqueceu-se de fechar um armario em que depositara o dinheiro, deixando seu companheiro de quarto ainda na cama, esperando um remedio que lhe deviam trazer, porque se achava incommodado.

O criado do pharmaceutico, procurando um copo no armario aberto, viu o dinheiro e, sem dizer palavra, metteu-o no bolso, verificando o proverbio: A occasião faz o ladrão.

Voltando o juiz, muito admirado ficou não encontrando a bolsa em que guardara o dinheiro e perguntou por ella a Vicente que lhe respondeu não a ter visto nem visto quem a tirou.

O prejudicado grita, esbraveja, exige que Vicente se commetta a restituir-lhe a quantia desapparecida e que se retire de sua companhia,

A pobre victima das apparencias soffre a diffamação, em todo o lugar em que vai, chegando o juiz ao ponto de procurar as pessoas mais conceituadas afim de proseguir em sua ingloria tarefa; mas o accusado não perde a calma, contentando-se em dizer que não era o autor do furto.

Sabendo o juiz que Vicente entretinha relações de amizade com o Revmo. P. Bérulle, Superior Geral da Congregação do Oratorio e depois Cardeal da Santa Igreja Romana, aproveitou um dia em que os dois se achavam reunidos em presença de grande numero de pessoas distinctas, para repetir a accusação de ladrão, contra o supposto reu, ameaçando-o da monitoria.

Sem se perturbar nem tão pouco expressar resentimento, em vista de offensa tão grave, Vicente contentou-se em dizer com brandura que Deus era sabedor da verdade.

Tal mansidão e serenidade de humor edificou a todos os circumstantes.

Passaram-se alguns annos e o rapaz que havia commetido o furto foi preso em Bordéos.

Conhecendo o juiz de Sore e atormentado pelo remorso da consciencia, mandou pedir a esse magistrado que fosse vêl-o na prisão, onde, muito contritamente, confessou o crime que outr`ora commetera, promettendo restituir o que tirara, porquanto suspeitava que sua prisão fosse castigo de Deus.

O juiz, em primeiro lugar, experimentou grande satisfacção, rehavendo o que julgara perdido para sempre, mas, logo depois, a lembrança da accusação injusta que fizera contra Vicente encheu-o de tristeza.

Escreveu in-continente á victima de suas odiosas suspeitas uma carta, implorando o perdão por escripto, affirmando que, se tal mercê não lhe fosse concedida, iria a Paris, com uma corda ao pescoço, solicitar o perdão.

A confirmação do que acabamos de narrar acha-se no resumo de uma Conferencia feita em S. Lazaro, cujo assumpto é: Administrar com geito as correcções e saber tambem recebel-as.

* * *

Assim succede e ha de succeder emquanto houver mundo; mais de uma vez a virtude se verá espezinhada e desconhecida, porem, tarde ou cedo, ganha os laureis do triumpho, porque a verdade é uma, indivisivel e, no tempo marcado pelo Providencia Divina, que tudo encaminha para o bem de seus eleitos, ella refulge brilhante sem temer sombras que lhe empanem a claridade.

A França, no paroxysmo da irreligião, acabou com todas as ordens religiosas, julgando-as infensas ao progresso; hoje começa a abrir os olhos, pedindo, instando para que lhe voltam as Filhas de S. Vicente; a Turquia as condecora; os nossos patricios do Maranhão e de S. Paulo as reclamam e todosos paizes, universalmente, exaltam os beneficios que espargem, num desinteresse inexcedivel, sobre todos os que gemem, sobre todos os que não têm outro abrigo na terra senão o coração misericordioso de Deus.

Ao concluir, dizendo o adeus da despedida ás dignas Irmãs de Caridade que deixaram o nosso Estado, podemos, em nome dos catholicos bahianos, assegurar-lhes que tristes, tristissimos ficamos, porque muito perdemos.

Aceitem da "Paladina do Lar" um agradecimento cordial pelo que fizeram a nossos irmãos e, levando a outros mais ditosos os prodigios de sua caridade, não se esqueçam de rogar ao Senhor omnipotente pela nossa Bahia.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 5, p. 122, maio 1914.

Alloysio e Maria de Lourdes Martins Agra,

filhinhos do Sr. Ignacio Martins Agra.

Ha momentos fulgurantes
Que nos fazem, delirantes,
Da propria vida esquecer;
Então o que temos na alma
E` tanta luz, tanta calma
Que nem sabemos dizer!
O Deus que sustenta o mundo,
Cujo saber tão profundo
Não ha quem possa explicar,
Numa excessiva ternura,
O coração nos procura,

Para nelle se abrigar.
Não comprehende essa dita
O que Jesus não visita
Na graça da Communhão;
O que despreza esse amigo
Que não deixa no perigo,
Nem se esquiva na afflicção.
Mas, quem lhe teve a presença,
Toda vez que nisto pensa
Reconhecido bemdiz
Do excelso Mestre a doutrina,
Que nos guia e nos ensina
A sempre viver feliz.
Esquecer não é possivel
Esse mysterio sensivel
De Jesus em seu amor;
Esse dia, em que, ferventes,
Demos almas innocentes
Para hospedar o senhor
Evangelho sacrosanto
Que serves de horror, de espanto
A quem não te quer seguir,
Será teu pharol o norte
Que nos dê animo forte,
Para encarar o porvir.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 5, p. 123-127, maio 1914.

O SUICIDIO

Cresce de modo assustador a criminalidade precoce, attribuindo o grande maçon Sicard de Plauzoles tal desastre a imprensa que, publicando actos censuraveis, lhes empresta colorido e vida, pelas gravuras que acompanham a narrativa.

O jornal, principalmente o illustrado, affirma o autor alludido, é o maior propagandista do contagio da corrupção.

Não discordamos da opinião do Sr. Sicard, Aubry e tantos outros, sabemos que a imprensa impia e, muitas vezes, a que se intitula neutra fazem um mal extraordinario; entretanto não podemos nos eximir de accrescentar-lhes outros dois companheiros de

perversão, algozes da humanidade, em especial da juventude, a saber: a educação irreligiosa, sem temor de Deus nem conhecimento das obrigações para o Creador, e a escola mais intuitiva do progresso hodierno, o cinema, quando pouco escrupuloso em suas representações.

Antes do jardim da infancia, antes de aprender a lêr, sobre os joelhos maternos, deve a criança compenetrar-se de que existe um ser que não vê, mas que seus pais adoram e, com o desenvolvimento da razão, chegue a convencer-se de que tem restricto compromisso de conhecer-lhe e acatar-lhe as ordens.

Infelizmente,porem, no santuario domestico, em geral, pouca importancia merece a instrucção religiosa, sendo os protestantes, neste ponto, mais avisados, visto que, desde cedo, obrigam os filhos a estudarem a biblia, embora truncada, sobre que baseiam a crença.

Porem nós dizemos que énecessario o estudo da lingua vernacula, do francez, do ingelz, do allemão, da geographia, das mathematicas etc. etc., no menor espaço de tempo, porque taes conhecimentos habilitam o individuo a grangear a consideração dos compatriotas e estrangeiros e a obter bôa collocação, e limitamo-nos a exigir de nossos filhos, acerca dos dogmas da fé, o quanto baste para serem admitidos á primeira Communhão.

Findo o que, julgamos haver acabado a tarefa da instrucção religiosa e não queremos senão que elles não violem, abertamente, os preceitos da honra e da moral.

Para espiritos aptos como o da mocinha em receber e conservar as minimas impressões, não será um crime expôl-os ao perigo sem quem estejam apparelhados?

As paixões, na força da juventude, são impetuosas e, não havendo o freio do temor de Deus para contel-as, irremissivelmente encaminham ao fundo escuro do precipicio.

A impiedade não receia de erguer a fronte nos lugares publicos e privados, procurando abalar, por meio de sarcasmos e objecções futeis, os alicerces do Evangelho; as victorias que desfructam são devidas, em amiudadas circumstancias, á falta de instrucção sufficiente em materia de fé, isto é: convencem, porque o inimigo está desprevenido.

Se a grande maioria dos que discutem contra as sabias determinações de Deus fossem submetidas a exame sobre o objecto de suas controversias, haviam de bater em retirada, sem duvida alguma.

Os maus, a principio, não exigem de suas victimas tanto a cumplicidade nos crimes, quanto a idifferença relativa ao destino futuro; nivelam a creatura racional ao bruto, não receando affirmar que ambos encontram, na morte, o anniquilamento complrto do proprio ser; apresentam a imaginações ardentes e ainda não governadas pelas luzes da experiencia e da solida instrucção religiosa, um Deus que ora não se inquieta pelo que se passa neste mundo, ora é excessivamente bondoso, para castigar delictos que, em poucos instantes foram praticados, com uma eternidade de soffrimentos; asseverando mais que a nossa natureza é que nos induz, forçosamente, a praticar o bem ou o mal.

Ha pais de familia que se julgam exonerados de ensinar a religião a seus filhos, temendo violentar-lhes a consciencia, esperando que a idade lhes aponte a vereda a proseguir, como se, em assumpto de tal grandeza, fosse permittido semelhante modo de proceder. Acontece, pois, que, tudo ignorando, aceitam sem reluctancia a doutrina mais conforme ás naturaes inclinações.

Na Grecia, recommendavam os sabios á mocidade que se exercitassem na pratica da força, da temperança e da prudencia, como virtudes necessarias á felicidade terrena.

Jesus Christo, regenerando o homem, expirando entre ignominiosos martyrios para lhe resgatar a alma imperecivel, ordena a fé, a esperança e a caridade, em troca de um reino eterno e glorioso.

Pensavam acertadamente os gregos, procurando robustecer o organismo pelos jogos e a gymnastica, ensinando a moderação no comer e no beber, que muito contribue á conservação da saude, e rematando com a prudencia, seguro leme no oceano difficultoso da existencia; não podiam estender-se alem, que nada entendiam do sobrenatural.

Jesus Christo, não desprezando o que a sciencia humana aconselha de accordo com as leis estatuidas pela Divindade, eleva o homem acima da substancia corporal, mostra-lhe a sublimidade de sua sorte, tendo, nas horas de combate, a certeza de que um Deus não o abandona e, para compensar-lhe desgostos de alguns dias, offerece uma eternidade deliciosa.

Esta doutrina sublime não só pelos effeitos que produz e tem produzido, transformando a face do mundo, dando á civilisação o que tem de nobre e generoso, impõem, todavia, deveres inalienaveis, subjuga o corpo ao espirito, requer a victoria das paixões.

Ahi se encontra a difficuldade, no lar, não aprende a criança a dominar-se, não aprende a descer ao recondito da consciencia para investigar as faltas, não aprende que ha um Deus a cuja vista nada ocorres despercebido, acostuma-se a adiantar na vida sem achar empecilhos á realisação de seus desejos.

Que lhe importe, entre outros, o mandamento que ordena, clara e explicitamente, não matar?

Vê-se em apuros? o melhor meio que depara é o suicidio. Ouviu-o apregoar como um acto de heroismo, nos romances e nos cinemas, e não frequentou as aulas de catecismo, para comprehender toda a extensão do mal que encerra, toda a gravidade da offensa que irroga á face de Deus, da patria, da razão e da natureza; não attende senão á contrariedade que a afflige e pensa livrar-se d`ella, como se fôra um misero irracional.

Ultimamente é para lastimar o grande numero de suicidios que a imprensa registra, principalmente entre os moços, não sendo mister muita coisa para determinal-os a tão espantosa loucura; aqui, um amor não correspondido, ali, a impossibilidade da realisação apressada do enlace matrimonial, causada ou pela opposição paterna, ou pela falta de recursos, mais adiante, um abuso de confiança praticado para a satisfacção do luxo ou o comparecimento ás diversões; eis quanto basta á mocidade contemporanea, para commeter o mais nefando crime.

Permitti-me, patricias minhas, senhoras mãis de familia, que vos solicite o cuidado sobre este ponto capital.

O encargo de formar o cidadão pertence-vos; cumpre-vos inocular no espirito de vossos filhos, emquanto na tenra idade se acha entre vossas mãos tão malleavel quanto a cera, o germen do bem e da moral christã, lembrando-vos de que esse homem e essa mulher de amanhã, que se nutre do vosso leite, goza do direito de tudo esperar de vossa parte; não acrediteis que a educação, firmada exclusivamente sobre a moral civica, baste para conter a furia das paixões; é urgente que ella repouse sobre Deus, principio e fim de todos nós; é urgente que vossos filhos vos estimem e respeitem assaz, para não corarem dos dogmas que professais, acatando-vos a maneira de julgar, collocando-a superior ao que vêm e ouvem.

A respeito não será deslocado relatar o que, ha poucos dias, occorreu em um lar catholico e de que fomos testemunha ocular.

Presentira a mãi de familia que o filho, joven de seus quinze annos, deixara, pela primeira vez, de assistir ao sacrificio da Missa, em um dia de Domingo, demorando-se no quarto, contra o seu costume, até as onze horas do dia.

Julgando que estivesse incommodado, por diversas vezes, fôra vêl-o, encontrando-o sempre de olhos fechados como a dormir.

Inquirindo, finalmente, com certa instancia, acerca de tal proceder, obteve a seguinte resposta:

-Oh Mamãi, não sou mais uma criança, trabalho a semana inteira e, ao Domingo, preciso recuperar as forças.

-E não sabes que commetes um peccado mortal, deixando a missa do dia santo, sem motivo justo?

- Sei, mas perder uma missa, no Domingo, não quer dizer que deixei de ser christão.

- Dizes bem, o peccado mortal não te apaga o sinal o signal de christão, recebido no baptismo, do mesmo modo que, se me desrespeitares, não deixas de ser meu filho, se trahires a bandeira de tua patria, não deixas de ser brasileiro.

- Que comparações , Mamãi! só porque deixei de ouvir missa uma vez! ...

- Meu filho, a primeira falta é o primeiro passo na estrada da perdição; responde-me: quererias, nem em sonhos, macular a bandeira nacional?

- Antes morrer.

- Terias coragem de insultar-me?

- Que pergunta, Mamãi?

-Bem, concluo, esperando que comprehendas a necessidade de ser catholico, ás direitas. Quem te disser que a Missa nos dias santificados, a Communhão pascal e os outros preceitos da Igreja são dispensaveis, illude-te, meu filho.

-Mamãi, tenho vergonha dos outros companheiros que, na segunda feira, enchem-me os ouvidos da palavra carola; quereria provar-lhes que não o sou.

- Concordo comtigo e, para tudo obviar, proponho-te um recurso: irás a Missa em minha companhia, até que não te vexes de ser, perante os homens, o que és no teu interior. Terias vergonha de me acompanhar?

- Não, Mamãi, far-tei a vontade; não te quero vêr contrariada commigo.

E um beijo filial sellou esse colloquio salvador do abysmo da incredulidade de uma joven alma.

Feliz mãi que ainda não havia perdido a força moral sobre seu filho! ...

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 6, p. 153-157, jun. 1914.

AMAI O PROXIMO.

Diversos e variados são os modos de causar prejuisos a nossos irmãos, embora constantemente ouçamos a phrase: Graças a Deus, não faço mal a ninguem.

Molestamos ou offendemos o proximo, empregando a violencia, a astucia, a fraude, a usura e a usurpação.

Violencia é o abuso da autoridade, da força ou do credito, para constranger os fracos, subjugar os timidos, despojar os pobres, as viuvas e os orphams, ameaçar, com processos dispendiosos, os que não têm recursos de defesa em justiça; violencia é aproveitar-se da hora da precisão para coagir os pequenos e lhes tirar o pouco de que dipõem.

Pela astucia, grandes males ainda se commetem e os que se utilizam de chaves falsas ou gazúas, os que entram em roças ou plantações alheias para, furtivamente, se apoderarem do que lhes não pertence, os criados que, á socapa, subtraem dos patões o que lhes é confiado, para levarem a amigos e conhecidos, as mulheres que desviam o dinheiro que lhes entrega o marido para a despesa domestica, e o applicam na satisfacção de caprichos e fantasias, os que subtraem, quando se trata de inventario, este ou aquelle objecto, essa ou aquella quantia, são outros tantos prejudicadores de seus irmãos, principalmente os ultimos que se tornam ainda culpados de perjurio, pela violação do juramento feito.

A injustiça é tanto mais consideravel quanto mais aggravantes forem as cirumstancias; nella é preciso considerar a quantidade, a pessoa, o objecto, a intenção.

Tirar avultadamente, tirar a um pobre operario o instrumento de seu ganho, tirar pouco a pouco, no intento de accumular capital, é incorrer em faltas graves.

Consiste a fraude em causar prejuiso, servindo-se do engano, ora no peso, ora na medida, ora na qualidade das mercadorias, ou ainda acondicionando estas de modo que as melhores em plano superior, occultando os deffeitos ou avarias do resto, desempenhando-se de qualquer trabalho, procurando o material mais commodo no preço, sem averiguar se a sua qualidade de accordo está com o contracto.

Por usurpação falsificamos titulos, suscitamos processos, estendemos concessões, á custa de interesses alheios.

A usura nos leva a emprestar dinheiro com lucros espantosos, assim, damos cem para receber cento e dez, cento e vinte, cento e cincoenta; um litro de milho em troca de litro e meio, etc.

Alem d`essas maneiras de lesar o proximo, temos os maus processos concretisando, sob a capa da justiça e do direito, a violencia, a astucia, a fraude e a usurpação.

Emfim os que não restituem o que tomaram, os que não pagam as dividas, dizendo não precisar o credor de dinheiro, pela sua bella posição de fortuna, os que apropriam de um deposito, abusando da confiança, os que não prestam contas com exactidão e fidelidade, os que guardam o que encontram sem procurar o dono, os que participam da injustiça, aconselhando-a, applaudindo-a, ordenando-a ou calando-se, na occasião opportuna de falar, são damnificadores de seus irmãos.

Não são menos culpados os que obrigam o operario a um esforço cujo valor não satisfazem e, para saciarem á vaidade e ao luxo, exigem de pobres desherdados da sorte o trabalho seguido de muitas horas, em bordados, flores, vestidos e depois, sem considerarem as privações que padecem no mister ingrato, sem o alimento necessario, violentando a natureza, na esperança do lucro que lhes permitta comprar um pedaço de pão ou de carne, para matar a fome, e lhes dê o recurso de satisfazer o proprietario da mesquinha habitação onde escondem, aos olhos dos indifferentes ou dos maus, os rigores que soffrem, dizem, sem acahamento: venha mais logo, não tenho troco, ainda não falei com o meu marido, a occasião é impropria, estou á mesa, tenho visitas, vou sahir etc. etc.

Não avaliam os que assim praticam as necessidades de quem, da ponta da agulha, espera não morrer á mingoa; não avaliam que muitas familias, muitas donzellas abrem os olhos á luz do dia, ignorando se, ao cahir da noite, poderão ter de que nutrir-se.

Mandam que o operario lhes aguarde a boa vontade em dar-lhe o que é seu e não calculam angustias que vão proporcionar; não sabem o que sejam dias de trabalho, tendo apenas o restricto necessario, para não expirar de fome; esquecem, na leviandade que proporciona o bem estar, as amarguras do pobre, principalmente da donzella ou da viuva, quando, sem arrimo, procuram, no trabalho quotidiano, um anteparo ás seducções enganadoras do seculo, garantindo-lhes a felicidade, longe da pratica da virtude.

Ha poucos dias occorreu, na capital civilisada e catholica de nosso Estado, o seguinte facto:

Pobre e virtuosa mocinha trabalhava incansavelmente, para manter-se e asua velha mãe enferma. Os seus clientes recebiam-lhe a costura, adiando sempre o pagamento; o aluguel da casa foi se accumulando até que o proprietario o reclamou intransigente; a conta cresceu no armazem e o vendilhão recusou-se a mandar os generos de primeira necessidade, occasionando a mais negra miseria e, finalmente, a loucura da victima.

Dizei-me agora, bondosos leitores meus, não são réus de alto crime os que deferiram o pagamento a que tinha jús essa misera costureirasinha?

E é mais commum do que se julga essa maneira de agir; em geral não nos escrupulizamos em demorar algumas horas, alguns dias, alguns mezes, talvez mais, a devida retribuição a quem nos empenha o tempo, as forças, as aptidões.

E` porque desconhecemos a vida de necessitado; é porque ignoramos quanta virtude é forçoso tenha uma joven, na flor dos annos, para applicar-se a um trabalho penoso de compridas horas diarias, auferindo o restrictamente indispensavel á subsistencia, resistindo á voz meliflua dos enganosos amigos, para conservar intactos os principios de honra e de moralidade.

Vós, senhoras catholicas, cujo coração é, naturalmente, compassivo, recordai-vos de que a vida do discipulo de Christo se resume na caridade, que ordena proporcionar os meios de evitar a desgraça alheia; não mercadejeis nunca, nem vos aproveiteis da fraqueza ou da miseria, para comprar por dois mil reis o que vale talvez o quintuplo.

As lagrimas do pobre caem sobre o coração de Deus e convertem-se em maldições, se as injustiças as provocam, ou em bençams, quando o reconhecimento as motivam.

* * *

Era o senhor Guilherme Lamarre o mais abastado proprietario de sua villa natal; tudo lhe corria á medida dos desejos, e os sucessos que obtinha attribuia ao seu particular engenho, conhecimentos e riqueza.

Uma occasião, examinando as construcções que mandara fazer perto de sua usina, avistou o velho professor da localidade que, após quarenta annos de laborioso exercicio, possuia apenas o quanto lhe impedia de morrer de fome e que morava em pequena casa, á entrada da villa.

- Bom dia, Senhor Huberto; venha ver a casa que estou mandando edificar, gosto de ouvir-lhe as observações.

O velho approximou-se e o rico fazendeiro continuou:

- Vou gastar muito, porem o dinheiro serve para nos facilitar a existencia, tornando-a o mais agradavel que seja possivel. Terei um verdadeiro palacete ventilado, espaçoso e conforme ás prescripções modernas da hygiene, emquanto, em sua morada, meu amigo, a extensa fileira de alamos de seu visinho intercepta-lhe a claridade solar e a vista do horisonte, causando-lhe os frequentes rheumatismos de que padece.

- E` verdade; vi-os plantar e tive a satisfacção, observando quo os passarinhos ahi construiam os ninhos e chilreavam deliciosamente, ao romper d`alva.

- E` melhor mandar cortar as arvores.

- Não tenho recursos para compral-as e não desejo prejudicar o meu visinho.

- Mas não acontece o mesmo commigo; sou rico e quero mostrar-lhe, na pratica, que o dinheiro vence quaesquer difficuldades.

- E` verdade; o dinheiro é um bom meio de aplainar os empecilhos.

- Não; o dinheiro é mais do que isto; vence tudo, tudo subjuga. Olhe, meu amigo, sou intendente desta localidade, não porque seja mais instruido do que o senhor, mas porque tenho dinheiro.

Não ouviu dizer que Pedro, o velho pastor, não se separaria nunca de seu cão? pois bem vendeu-me hontem este animal, chorando como criança.

- E`extraordinario! pobre homem! ...

- Pedro tomara dinheiro emprestado e o credor não queria attender-lhe as razões, exigindo o pagamento a todo o transe; eis porque se desfez de seu cão; mas julgo que este melhorou de sorte, melhorando de tratamento. Vamos vêl-o? meu amigo.

Foram e acharam a corrente despedaçada e do animal nem sombras.

- Onde foi Plutão?

- Em procura do antogo dono; faltava-lhe aqui o olhar amigo, a mão acariciante; creia-me, senhor Guilherme, o dinheiro não compra affeições que se dão espontaneamente.

- Quero o cão que comprei; vou mandar buscal-o.

- Não faça tal; que o dinheiro lhe sirva, d`esta vez, para dar a felicidade a um misero e Deus o recompensará.

- Seja; mas foi ainda o dinheiro que me originou a satisfacção de um beneficio.

- Não; foi o seu bom coração; Pedro não bemdirá o homem rico, mas o homem compadecido de sua desgraça.

Felizes, bem felizes os abastados da fortuna que a utilisam, em derramar beneficios sobre seus irmãos! ...

Tal desejo, aqui, vos expresso amaveis leitores

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 8, p. 212, ago. 1914.

Homenagem prestada a Jesus sacramentado,

pela Pia Associação de S. Bento,

na Igreja do mosteiro de S. Bento, em 17 de Junho de 1914.

José Guimarães, representou S. Bento.

Ubaldo Geraldo Miguel, repres. S. Amaro. - Jorge Geraldo Miguel, repres. S. Placido.

Para honrar a Jesus sacramentado,

Mesquinhas são humanas saudações,

Por isso vem, aqui, representado

O fervor de tres santos corações.

De Bento o glorioso patriarcha,

Amando ardentemente o Recemptor,

Na regra que escreveu deixando a marca
De intenso, devotado e puro ardor.
E Placido, tambem o grande Amaro,
Amigos de Jesus na Eucharistia,
Para os quaes sempre novo e sempre caro
Era dar-lhe homenagens noite e dia.
Assim afortunadas as crianças
Que, vindo se prostrar ante Jesus,
Trouxeram de taes santos as lembranças,
Entre as nuvens de incenso e muita luz.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 8, p. 213-216, ago. 1914.

LIGEIRA PALESTRA.

Diz o Padre Camillo Passalacqua, antigo professor de Pedagogia e Methodologia no Estado de S. Paulo: "No dia em que, por ventura, Deus deixasse de presidir á formação da familia, a desordem, a anarchia, a desgraça estabeleceriam sei imperio na sociedade.

Eis, queridos leitores meus, o que infelizmente, entre nós, já se tem dado em muitos lares, restando-nos a lastimar, com frequencia, os fructos dessa educação baseada apenas na moral civica, longe das vistas do Ser omnipotente e creador de todo o universo.

Os nossos costumes paganizam-se; parece que retrogradamos aos tempos de Roma, adoradora dos crimes e vicios, personificados em suas falsas e abjectas divindades.

Após o regimen da mais absurda severidade, pratica-se, hoje, diametralmente o contrario.

Ao rigor demasiado que se adoptava na educação, principalmente das meninas, obrigando-as a viver afastadas do convivio social, ensinando-lhes apenas os misteres indispensaveis ao lar domestico, condemnando-lhes o espirito ás densas trevas da ignorancia, segue-se a liberdade mais ampla que se possa desejar, igualando os dois sexos na fruição de quasi todos os direitos sociaes, sem attender a sensivel differença que a solicita Providencia entre os mesmos estabeleceu.

Occupando-nos da menina, quando, na estação primaveril, encanta o lar em que expande o perfume da mocidade, faremos algumas ligeiras observações, solicitando, mais uma vez, a delicada benevolencia dos que nos lerem.

Idolo dos pais é, no limitado reino da casa paterna, comparada a graciosa divindade, cujos caprichos determinam outras tantas ordens, forçosamente cumpridas, consistindo a magna preoccupação de seus progenitores em dar-lhes mestres de todas as disciplinas em voga, sem a necessaria prudencia em seguir-lhes os passos, conhecer-lhes os sentimentos mais intimos, auscultando-lhes o coração.

Gastam dinheiro, muito dinheiro, os que assim podem fazer; gastam esforços, energias vitaes os menos favorecidos pela fortuna, para que a filha adquira a sciencia; porem nem uns nem outros se interessam bastante pela verdadeira sciencia que cultiva o espirito, reformando os sentimentos.

Ao cabo de alguns annos, conseguem-se vêl-a sabendo algumas linguas, tendo rudimentos de outras disciplinas e artes, mestra principalmente nos requintes da moda e da garridice, grande apreciadora do theatro, do cinema, do romance; mas de todo alheia ao traquejo de uma casa, sentindo grande repugnancia em chegar á porta da cosinha, em concertar a roupa que trouxe da lavadeira, em arranjar o seu quarto, etc.

Entretanto a educação da menina deve ser, para a mãi de familia, assumpto de transcendente cuidado; da mulher depende, em grande parte, o socego do lar, o progresso da patria e o futuro da humanidade.

Na constituição physica e, quasi sempre, na intellectual, as mulheres são mais debeis que os homens; todavia foram galardoadas com outros dotes superiores, que lhes concedem primazias incontestaveis.

Não sendo chamadas ao exercicio da suprema autoridade nem civil nem ecclesiastica, não nascendo para commandar exercitos nem collaborar codigos administrativos, jamais terão que decidir importantes questões scientificas, mas, pela influencia que sabem exercer no santuario da familia, pelos altos predicados que possuem e que lhes dão o sceptro no lar domestico, podem occasionar a prosperidade ou a ruina do mesmo e, d`ahi, o progresso ou desmoronamento social.

Instruir, pois, amenina nas differentes obrigações que lhe será forçoso desempenhar é de imprescindivel urgencia.

Convem, em absoluto, que a futura mãi de familia não se envergonhe de cuidar do asseio e arranjo de seu lar, não tenha horror á vassoura, nem ao fogão, não se aborreça do concerto da roupa estragada e, sabendo preferir o util ao agradavel, aprenda a dispor todos os objectos em sua casa, com tanta ordem e symetria que, á primeira vista, agradem na harmonia do conjuncto.

Quando acostumada á indolencia, perde tempo preciosissimo, dorme mais do que lhe reclama a natureza, torna-se aborecida e neurasthenica, verdadeiro tormento para si e para os outros.

Da indolencia provêm a curiosidade indiscreta, que a induz a falar sobre qualquer assumpto, sem a minima reflexão; ao demasiado ardor em querer ouvir tudo e tudo saber; a nescia vaidade, procurando excitar admiração no porte e nas modas absurdas; a sensibilidade exagerada.

A imaginação divaga-lhe sem norte, deseja passeios e divertimentos continuos; lê o que lhe alimenta a chamma do ideal visionario; habitua-se á linguagem dos heroes romanticos, suppondo-se, quiçá, uma princeza da idade media, pela qual morrem apaixonados milhares cavalheiros.

Pobres meninas, que decepção quando a fria realidade lhes apresentar o ephemero das concepções mytho-maniacas!

De todos os defeitos o que mais prejuizos traz á saude é o amor excessivo do luxo que, frequentemente, arruinando familias abastadas, excita, nas de recursos mediocres, a inveja, o desgosto da vida e até a revolta contra Deus.

A moda, em nossos dias, lembra-nos o reino de Venus: muita renda, muita gaze, muito decote, em fazendas transparentes! ...

Nem nos lembramos do clima que temos hodiernamente, passando de chofre do calor ao frio, quasi sem espaço de transição.

E queixamo-nos depois das pneumonias, bronchites e outras multiplas enfermidades dos orgams respiratorios!

Que diremos sobre as saias das senhoritas do tom?

Umas, com alguns centimetros de bocca, não permittem a subida no bond, e, ás vezes até, nem na calçada da rua; outras, abertas, descobrem aos olhos do publico ... as meias finas e transparentes.

As que se sujeitam a esse capricho da moda bem expostas ficam, no caso em que tenham de livrar-se de um automovel ou de qualquer outro embaraço, em que a corrida lhes seja meio de salvação!

Alem do exaggero da moda, temos a lamentar outro grave abuso: o da pintura.

Raro é encontrarmos senhoritas que não escondam as risonhas cores naturaes, sob a mascara do artificio, não observando que trabalham para estragar a pelle, envelhecendo mais depressa.

Ah se, em lugar do leite roseo e do preparado M.me Suzana, empregassem o liquido fresco e hygienico, tão liberalmente concedido pela bôa natureza, resultados mais proficuos haveriam de colher.

Ninguem contesta que a belleza physica valha um dote, mas de bem pouca monta, quando separado da belleza proveniente das qualidades moraes.

E` necessario a quem não vive em convento acompanhar as exigencias da moda, porém não é necessario obedecer-lhe cegamente aos caprichos, compromettendo, de maneira barbara, a saude, nos saltos desconformes das botinas, nos espartilhos descommunaes, martyrisadores dos rins.

Em todos os tempos, o gosto apaixonado pela moda occasionou mais de uma desgraça.

Antigamente muito se explorava com os acontecimentos sensacionaes, para a invenção de modas que, por vezes tambem, attingiam o limite do ridiculo.

Em Paris, neste genero, salientou-se Rose Bertin, modista de Maria Antonieta.

Durante vinte annos, ajudada pelas suas trinta e seis operarias, inventou modas extravagantes e cheias de imaginação.

N`aquella quadra, visto estar a Turquia em scena, uma das primeiras invenções de Rose Bertin foi as toucas sultanas e os vestidos ottomanos.

Para a viuva de um almirante, armou um navio, em forma chapeu, representando, por meio da gaze, um mar agitado.

Quando Maria Antonieta subiu ao throno, inventou a modista um outro penteado a que denominou pouf à la circonstance.

Impunha tambem as côres; assim usaram as parisienses a côr da pulga, a côr dos cabellos da rainha e cor da lama de Paris, etc.

Duraram as extravagancias de Rose até o começo da revolução franceza, em que foram usadas as toucas Bastilhas, representando uma fortaleza.

Não falleceram, com a modista de Maria Antonieta, os caprichos bizarros da maneira de vestir-se em publico, mas ha de continuar emquanto existirem filhas de Eva.

Serão ditosas, porem, as que agirem observando criteriosa moderação, como é de esperar das gentis assignantes da "Paladina do Lar".

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno v, n. 9, set. 1914.

Zuleika Dias Pereira,
filhinha do Sr. Antonio Dias Pereira (fallecido).

Em que meditas,
Gentil criança,
De olhos catitas
Como a esperança?
Lembras a rosa
Que a madrugada
Traz perfumada,
Traz encantada ...
Bella menina,
Que Deus te ampare;
Luz peregrina
Sempre te aclare.
Ternas caricias
Da mãi querida,
Puras delicias
Tornem-te a vida.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno v, n. 9, p. 243-246, set. 1914.

ÀS MINHAS PATRICIAS.

Muito acanhada julga-se, geralmente, a mulher na vida social o que, entretanto, é uma inverdade, porque, se os homens fazem as leis, as mulheres estabelecem os costumes, affirmam notaveis pensadores.

Certifiquemo-nos d`essa asserção, seguindo a mulher desde o alvorecer da existencia.

No doce aconchego do lar domestico, salvaguardada pelos carinhos maternos, dos pesados encargos das responsabilidades, a menina, apparentemente, não tem mais que fazer do que acompanhar a luz da estrella-pharol que lhe indica o porto da entrada da vida.

Mas nem sempre continuará nesse primitivo estado de agradavel dependencia, ha de obedecer a lei da evolução natural, transpor o marco da infancia, attingia a adolescencia, onde os deveres que lhe hão de pesar sobre os hombros serão tão graves, que lhe quebrarão as forças, se muito cedo não se exercitar em encaral-os de animo resoluto.

Mais tarde, quando mulher, não será apenas a dispenseira de sua casa, a alma da economia que nella deverá reinar, ha de ser tambem a vigilante sentinella, incumbida de afastar os roubadores da tranquilidade familiar e, aos predicados de ordem e trabalho, forçoso lhe será reunir o da solicitude moral, porquanto, para melhor defender o santuario domestico, cumpre tornal-o attrahente.

Não faltam individuos sem escrupulos, enviando esforços para arrastar á beira do precipicio do jogo, da embriaguez, da libertinagem, da impiedade e materialismo, a companheiros incautos e pouco energicos em cumprir o dever. Entes desmoralisados e pervertidos, nada se lhes dá por sacrificarem e corromporem alheias consciencias.

Senhoras e donzellas, então é que vos cabe desenvolver influxo bemfazejo, para salvar a vosso marido, a vosso pai, a vosso irmão.

Lembrai-vos de que o homem, rico ou pobre, necessita encontrar, desde que chega á soleira de sua porta, a carinhosa recepção, necessita repirar uma atmosphera de ordem, asseio e serena igualdade de humor, para depressa esquecer o que viu e ouviu, perturbando-lhe o coração.

As coversações amigas, a calma alegria da mulher e dos filhos, a certeza de que é amado e respeitado, unida á convicção de ser o esteio de seu braço indispensavel á felicidade dos que o rodeiam, combatem efficazmente o toxico que lhe corrompeu o sangue, no correr das horas de ausencia.

Todavia, se, por desgraça, depara o lar deserto, visto que a mulher gasta o tempo em palestrar com as visinhas, a filha em visitar as amigas, se a desordem ali preside revelada pelo desarranjo dos moveis, se a limpeza, doce encanto do que nos cerca, ali não mora, se ouves queixas e disputas continuas, não tardará o chefe de familia a procurar as distracções externas e, pouco a pouco, a discordia, produzindo os naturaes effeitos, dissolverá os laços contrahidos perante os altares da religião e da sociedade, em face de Deus e dos homens.

Sendo nos joelhos maternos que o menino se inicia na formação das primeiras ideias, depois de homem, é ainda necessario que a mulher, devotada companheira de seus dias, sem imposições nem prolixos discursos de moral, saiba emittir justas conclusões que, alliadas ao cultivo das preciosas virtudes domesticas, lhe calem proveitosamente no espirito, gerando sazonados fructos de felicidade reciproca.

Do recesso familiar não deve a menina fugir por compridas horas, aceitando convites de outras companheiras, menos prudentes e sensatas, que depressa procuram emancipar-se das leis domesticas, engolfando-se em continuos passatempos, sem escrupulos na escolha dos mesmos.

Até, para o exercicio das praticas religiosas fóra de casa, convem seja observada criteriosa circumspecção.

E` imprescindivel, não o contestamos, o exercicio da religião, a assistencia ao santo sacrificio da missa, a recepção da sagrada Eucharistia, a assiduidade em escutar a palavra do Evangelho, tudo, porem, no ;limite da justiça e do dever.

Se a mulher vai para a igreja ás seis horas da manhã e volta ás oito ou nove do dia, confiando o marido e os filhos aos desvelos de mãos mercenarias, abandonando as filhas á propria iniciativa, se as meninas mais velhas fazem outro tanto, que seccederá a esse pobre lar domestico?

Ah, longe de proporcionar futuroso elemento de progresso, ha de converter-se num fóco de ruina e descalabro social.

Praticai a religião, patricias minhas muito caras, não vos digo o inverso, praticai-a desassombradamente, temendo a Deus acima de tudo, porem não esqueçais de que o exercicio da mesma não deve ferir o desempenho das sagradas obrigações domesticas.

A dona de casa que se retarda na igreja alem do tempo indispensavel ao cumprimento dos exercicios religiosos, aquella que, á porta do templo do Senhor, se detem em animada conversa, olvidando, com imperdoavel insensatez, que os momentos esperdiçados proporcionam, inevitavelmente, extensas horas de futuros e amargos dissabores, não é fiel observadora dos preceitos divinos, não marcha na senda verdadeira do direito e da justiça, visto que se esquiva da perfeita exactidão nos deveres do proprio estado.

A religião é verdejante oasis nos areaes da vida, mas a religião bem comprehendida, bem orientada e melhor executada.

Quantos se dizem catholicos e nem sequer logram o discernimento do que é ordenado para o que é mero conselho.

Esses deixarão, sob qualquer futil pretexto, a missa do Domingo e dos dias santificados, para satisfazer a natural devoção, nas festividades que desejam honrar ....

A mãi de familia, entretanto, não pode jamais declinar sobre outros, por mais confiança que lhe inspirem, a observancia nos encargos de que, voluntaria e espontaneamente, se onerou.

Logo que abandona o tecto que a viu nascer, para se unir a um esposo, jura consagrar toda a energiande sua alma á ventura de seu novo lar, não visando outro interesse que não seja a prosperidade do mesmo.

E não crêmos, leitoras minhas, que á mãi de familia, restricta no desempenho de seus multiplos affazeres, sobrem muitos instantes livres para dispensal-os, afastada do centro em que sua presença é tão exigida pelos seus, como a luz do sol por toda a natureza.

E não queremos, com esta maneira de dizer, sequestral-a do convivio social, nem eximil-a dos deveres da amizade.

Diz um velho adaigo: "Não consintais que a herva cresça no caminho da amizade".

As visitas impostas, quer pelas relações sociaes quer pelos impulsos do coração, não podem ser eliminadas do programma effectivo da dona de casa.

O que deve ser banido é o abuso.

A familia é o mundo em miniatura; em seu recinto, o firmamento apresenta as variabilidades atmospphericas da primavera, verão, outono e inverno, nos differentes membros de que ella se compõe: ahi crescem as arvores de fructos deliciosos ou amargos, ahi vicejam as flôres perfumosas e os rudes espinheiros, e tudo se move ao redor do centro que se chama a rainha do lar, a mãi de familia.

Que maior dote poderieis querer, almas femininas, do que o recebido pela divina Providencia?

Não governais pela força, não exterminais vidas no combate, porem conquistais corações, para transformal-os, qual geitoso lapidario, em gemmas de alto valor. De vossas mãos pode sahir o literato, o scientista, o operario, o patriota, o homem temente a Deus, marchando na trilha de seus dictames, ou o desgraçado esquecido das leis divinas e, muitas vezes das humanas.

Assim compete-vos a escolha da felicidade ou infelicidade em vosso itinerario.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 10, out. 1914.

Waldomiro Coelho,
filhinho do Dr. Methodio Coelho.

A` terra que fecunda o sol traz alegria,
Dá vida e doce encanto a toda a creação,
Assim é da familia o sol que se irradia
Dos olhos infantis, repletos de magia
Que aos pais vêm aquecer em vivido clarão.
Bemdito o santuario em que fulgura a estrella
Da mocidade em flor, serena a prometter
Que, ameno guiará de seu barquinho a vela,
Num mar onde jamais a onda se encapella,
O amor da gratidão que aos pais sempre ha de ter.
Bemdito o santuario em que ha solicitude
No dar á joven planta, em carinhoso ardor,
Os dotes da sciencia unidos á virtude
Que se transformarão, em plena magnitude,
No cidadão prestante e sabio de valor.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 10, p. 273-276, out. 1914.

CONTRADICÇÕES.

Com muita raridade, deixamos de ouvir, em nosso meio social, o protesto de firme adhesão á santa religião catholica, romana. "E` a crença de nossos pais, affirma este ou aquelle cavalheiro, com fóros de civilisado ou não, á cuja sombra nasceu e prosperou a arvore da patria e a da familia brasileiras; não a substituo por outra, somente não sou carola; não gosto de padres, tão peccadores quanto eu, occultando, porem, frequentemente, as maldades sob a capa de refinada hypocrisia; tambem não posso conformar-me em lhes conceder o direito de absolver peccados, prerrogativa que pertence ao supremo Creador; vou á missa, quando posso; socorro aos necessitados; não prejudico a ninguem; por conseguinte vivo em paz de consciencia".

Quem se exprime por semelhante maneira não se escusa de baptisar os filhos, nem de receber os sacramentos da confirmação e do matrimonio, nem de chamar o padre para a encommendação da alma de seu defunto, esquecendo-se de que solicita de peccadores a mediação com a Divindade.

E porque será que assim se contradiz?

Ah! é porque nenhum dos actos supra enumerados obriga a descer aos recessos da alma para, examinando-lhes as profundezas de malicia, fazer o acto de leal contrição e proposito de emenda; é que nenhum d`elles exige a custosa immolação do amor proprio, na confissão humilde e sincera das proprias faltas, desvendando-as, em toda a nudez da maldade, a um olhar estranho.

Pudessemos dizer ao ministro de Deus o confiteor, como fazem alguns perante a imagem de Jesus crucificado, sem entrar em necessarias explicações, e ninguem declamaria contra o sacramento que impõe o reconhecimento da falta, a sua accusação, o proposito de emenda e a satisfacção; ninguem se exporia ao imminente perigo de ser surprehendido pela morte, tendo a consciencia maculada de faltas graves; ninguem se absteria da mesa Eucharistica, que offerece o autor da vida em alimento a seus filhos.

Mas o amor proprio, o orgulho descomedido, offuscando o raciocinio, impede o cumprimento de mais de um dever sagrado.

Na maior simplicidade de mandamentos, a religião catholica ordena grande perfeição, difficil de ser alcançada sem os meios que proporciona e que foram dados pelo proprio fundador, perfeito conhecedor da fraqueza humana.

A todos os instantes, ceifados pela morte, caem a nosso lado parentes, amigos e conhecidos que, poucos minutos antes do fatal desenlace, riam-se e palestravam, no pleno gozo de apparente saude, formando planos de futuro, architectando palacios, onde deveriam terminar os ultimos dias em feliz quietude, sem que taes exemplos nos convençam da realidade das coisas.

Pelo contrario, cada qual espera sorte completamente diversa, na certeza de que não lhe faltará o tempo da preparação á grande viagem, de que ninguem foge e de onde ninguem volta.

Illusorios planos que levam, na grande totalidade, ao maior dos infortunios!

Não ha quem ouse nutrir a doce espectativa de ficar eternamente no mundo, porquanto, alem dos exemplos frequentes, não se conhece, desde a origem dos tempos, nenhuma excepção á regra geral do tumulo; mas nós o afastamos para um porvir tão remoto, que jamais nos ha de chegar; é o amanhã da taboleta do taverneiro, attrahindo os freguezes, promettendo-lhes, sem retribuição, o alimento do dia immediato e, como fosse sempre inalteravel, o amanhã não deveria chegar em tempo algum.

Infelizmente, porem, por mais que nos esforcemos, em breve havemos de desapparecer dentre os vivos, cedendo o lugar a outros, que nos seguirão.

Disse alguem ser a illusão um vidro, preparado por alma apaixonada, que, collocado de accordo com a imaginação, entre a razão e os seres que deseja adquirir, faz que ella os aprecie da forma que mais ambiciona.

Assim a juventude, principalmente, suppõe que a verdade é distribuida, com largueza, pela voz da imprensa, dos eruditos e de todos quantos a querem apregoar.

Assim deveria ser, todavia não o é. Muitas seductoras prendem, captivam, arrastando o pobre coração incauto, promettendo-lhe, na vida, o perdido paraiso dos primeiros pais e dando-lhe a amarga decepção.

O louvor endereçado á belleza, á eloquencia, ao luxo, aos talentos persuade-lhe que taes predicados excitam real admiração, não percebendo, nos elogios dulçorosos, a mistura do fel da inveja, não visando outro intuito senão a ruina do que lhe é superior.

A boa educação, segundo as regras da sociedade mundana, impõe que os labios distillem phrases amenas, na presença do interessado, concedendo ampla liberdade, quando este não as pode ouvir.

Ah! nas expressões tão commumente usadas como demonstrativas de affecto e carinho, quanta mentira, quanta traição!

"Que tempo não me apparece! ... Que saudade estava padecendo por sua causa! ... Agora mesmo falava em sua pessoa"... etc. diz-se a cada instante, sem escrupulos de profanar os labios pela mentira convencional e chamada necessaria ...

Que differença das maximas evangelicas, ordenando que não façamos á outrem o que não desejariamos nos fosse feito!

Se não devemos ter a franqueza de, frenteá frente, censurar os defeitos dos nossos semelhantes, a não ser em determinadas circumstancias, isto é, quando estamos imcumbidos da missão de educar e corrigir, tambem não nos é licito censural-os á socapa, encobrindo a maldade, que nos enche o espirito, sob o veu de amistoso affecto.

Nem as leis de justiça nos são favoraveis, porquanto concedem a todo o reu o direito da defesa, e o ausente accusado d`elle não se pode valer.

Escrevia celebre publicista: Desafio-vos, leitor, a procurar, nas lojas e nos armazens, desde o objecto mais elegante ao mais singelo, do mais util ao mais superfluo, um que, no seu genero, possua a marca do verdadeiro, e garanto-vos que descobristes um thesoiro.

Na vida social mundana, promette-se a liberdade no pensamento, na imprensa, nas acções; liberdade absoluta de lêr tudo, vêr tudo e tudo conhecer, para tudo submetter aos principios adoptados, sob pena de soffrer a repulsa do desdem.

Mas, vendo, é preciso não enxeragar; ouvindo, não raciocinar, acceitando, sem aprofundar nem analysar.

E, facilmente, inconscientemente, procurando a felicidade nos passatempos, no bom exito continuo, dispendendo energias para sobresahir, agradar, eclipsar, vemos o fantasma, a sorrir zombeteiro, fugindo-nos como a propria sombra, quando tentamos d`ella nos apoderar.

Monsenhor Baunard disse que a sociedade mundana apresenta duas caras, uma negra e outra rosea, encerrando as propriedades do fogo: brilhar e queimar.

Brilha a riqueza, o luxo, o apparato, a belleza; queima a paixão, a inveja, a ambição, o orgulho e o remorso.

Desejando a posse do que brilha, queimando-nos, imitando a louca mariposa, que se approxima da chamma feiticeira, para perder a existencia.

Quantas vezes nos illudimos sobre apparencias e vamos descortinar, nas sumptuosidades de habitações principescas, soffrimentos tão agudos, que nos incitam á profunda compaixão.

Sobresahir é o alvo não explicito, mas, afanosamente, procurando na educação intellectual, ministrado principalmente ás meninas.

E, conforme tal doutrina, são comparadas as flores exoticas, ouvindo a affirmação que, para serem felizes, lhes cumpre, acima de tudo, cuidar do exterior, para que inspirem espontanea sympathia; limar a phrase, para que resoem, sempre agradavelmente, as suas idéas quer sensatas e judiciosas, quer levianas e futeis; conservar inalteravel presença de espirito, para sahirem das difficuldades.

No circulo do dever e da justiça, realmente são coisas imprescindiveis: exterior modesto e attrahente, conservação discreta e correcta, calma e prudencia, para sobrepujar embaraços; mas, quando assim falamos, de modo algum, pactuamos com o que pregam as leis sociaes mundanas, em que tudo é superficial e perigoso.

O desenvolvimento do vigor e da belleza physica, sem aggravo dos orgams vitaes, maltratados e até estropiados, amiude, pelos exaggeros da moda, a formação de um espirito

superior, recto e firme, a instrucção desataviada do irrisorio pedantismo, a cultura do coração, nos moldes da verdade e do sacrificio opportuno, é custoso praticar-se; porem é a base da verdadeira felicidade.

A religião acanha o espirito, peia o raciocinio, restringe a liberdade, é urgente, reclama-se, banil-a do programma social.

Entretanto, podemos garantir-vos, oh jovens patricias que me prestais alguns minutos de preciosa attenção, nào achareis, no que tanto vos attrai, á prima vista, mais que brilhante fitas cinematographicas, em que os personagens movem-se e vivem apparentemente.

Na pratica dos ensinos do Evangelho, tereis a verdadeira felicidade, felicidade inalteravel, decorrente do cumprimento das obrigações , por livre querer, e que vos dará a verdadeira riqueza d`este mundo: a paz da consciencia, nunca incompativel com o aperfeiçoamento dos dotes physicos, intellectuaes e moraes.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 11, nov. 1914.

Haydée Dias Pereira,

filha do Sr. Antonio Dias Pereira (fallecido).

Esse dia, o mais bello da existencia,
Em que, na amena paz da consciencia,
Recebeste a Jesus,
O pharol seja sempre que te guie
E as trevas do caminho te alumie,
No approximar da cruz.
As vestes de singela formosura,
Relembrando da neve essa brancura
Perfeita, angelical,
Inspirem-te, oh criança, a fortaleza
Que te faça guardar toda a pureza
D`essa aurora immortal.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 11, p. 303-306, nov. 1914.

UMA VERDADE.

Surge o mez de Novembro acordando, em todos os corações, piedosos sentimentos de amara saudade, lembrando os entes queridos que se foram ás plagas da vida immortal.

Apesar dos ingentes esforços, empregados pelos cegos materialistas, afim de equipararem o homem, dilecta obra-prima da creação, ao bruto irracional, o testamunho irrefutavel dos povos actuaes e dos que se perderam nas brumas do passado, ahi nos vem protestando contra semelhante arrojo.

Não ha quem, no altar da consciencia, recuse um preito á immortalidade da alma, e nunca houve quem se eximisse de fazel-o, sendo a affirmação contraria prova inequivoca do receio, produzido pelo desequilibrio da vida moral.

Ria-se Voltaire de tudo e de todos, escarnecendo de maneira torpe dos mysterios mais augustos da religião catholica, porem, ao gelido sopro da morte, desappareceu-lhe o riso mortejador, e o mais profundo e intraduzivel desespero se lhe apoderou de todo o ser, á espera da eternidade que o aguardava.

O mez de Novembro, qual amigo devotado e previdente, vem despertar-nos do somno lethargico em que nos engolfamos, esquecendo-nos do caminho que, mais depressa do que o desejariamos, será forçoso trilhar, antes deencetarmos a vida immortal de glorias ou padecimentos; vem pedir, para os que nos precederam, a prece fervorosa acompanhada de actos meritorios.

O costume de implorar a divina Clemencia pelos fallecidos é tão antiga e universal, que difficil será precisar-lhe a origem.

O civilisado e o selvagem, o monotheista e o polytheista, todos prestam culto á memoria dos mortos, lhes suffragam as almas, demonstrando, por conseguinte, que não duvidam da existencia futura.

Conta o sr. Francisco Ly, Commendador da Ordem do Duplo Dragão na China, que, nesse paiz, ha tres solemnidades funebres pelos mortos.

A primeira é feita no mez de Abril, pelos que deixaram descendentes; a segunda, em Setembro, em favor dos que não tem parentes nem amigos; a terceira, no fim de Agosto, pelos que morreram na prisão ou no cadafalso.

Escolhem os pagãos chinezes a estação primaveril, na primeira de suas commemorações, porque, no alegre despertar da natureza, tiram um emblema da resurreição dos que lhes foram caros.

Em toda a China, é observada pelo espaço de dez dias, sem distincção de ricos ou pobres, nobres ou plebeus.

Apresentam-se as familias, trajando luxuosamente, numa attitude calma e digna, a visitar, fóra da cidade, os tumulos de seus oarentes e amigos fallecidos, tendo, previament, mandado limpal-os e adornal-os.

E differentes nomes, como: Visita aos tumulos, Asseio dos tumulos, Saudação aos tumulos, etc. dão a essa romaria.

Considerando o salgueiro como symbolo venturoso da saude e da vida, nessa epoca, premunem-se de seus ramos e folhas, com abundancia, e os homens, as mulheres e as crianças com elles se adornam, deitando-os, garbosamente, nos cabellos, no pescoço, na ombreira das portas, na cabeceira das camas, em todos os recantos de sua habitação e até nos animaes domesticos.

De carne de porco, de aves e de peixes levam grandes cestas repletas, que depositam em uma especie de altar, em frente do sepulcro, após tres genuflexões acompanhadas de preces, dirigidas aos manes, tendo o cuidado previo de accender velas rubras e deixar arder pedaços de incenso.

Concluem a ceremonia, derramando tres gottas de vinho na cova e queimando papeis, que representam moeda.

Os pais de familia, assim praticando, têm a esperança de encontrar, nos seus, a perpetuidade da propria memoria, certos tambem de que os mortos se acalmam e lhes protegem a vida, pelas orações e sacrificios que fazem perante o seu tumulo, acreditando, porem que, em caso de abandono, elles voltarão a casa que habitaram, afim de perseguir aos sobreviventes que os olvidaram.

Nutrem a convicção de que os papeis queimados transportam-se, atravez da fumaça, a um mundo melhor, onde, transformados em metaes, auxiliam os defuntos em suas precisões.

As comidas não ficam no tumulo; voltam para a casa, são todas como objecto sagrado e servem de alimento a familia que os preparou.

A commemoração dos mortos abandonados é feita no outono, pela municipalidade ou alguma associação de beneficencia, numa capella provisoria de palhas de bambú ou de junco, em um altar de taboas, sempre á margem de um rio, visto terem certeza os budhistas que a alma atravessa um rio de sangue, antes de chegar ao paraiso.

Não será este rio de sangue dos pagãos imagem do purgatorio catholico?

Os bonzos intercedem pelos abandonados, batendo continuamente em um pequeno sistro, em forma de peixe, e soprando em uma concha univalve.

Se os leitores não se enfadam, leiam as orações do sanscrito, traduzidas a phonetica:

Sieou-li, sieou-li, mo-ouo;sieou-sieou-li-sa-poouo, sieou-to-li, sieou-mo-li,sao-pou; navou-san, mou-to-mou, poun-nan-yen, tolou, ti-mi-sá, cujo sentido geral é pedir ao deus infernal conceda que a alma se veja livre, o mais depressa possivel, do rio de sangue.

Duram as preces pelo intervallo de sete dias, findos os quaes os bonzos deitam accesos, no rio, pequenos lampeões de encerado, afim de que, na sua carreira, alumiem as almas abandonadas, que ainda penan entre os martyrios do rio de sangue.

A terceira commemoração é realisada na visinhança dos carceres, em um altar grosseiro, durando apenas um dia.

Leitores que me acompanhastes nesta narrativa, dizei-me se o corollario que d`ella resalta não é, incontestavelmente, a crença na immortalidade, junta á certeza do premio ou do castigo, após a curta passagem terrena?

Sim, todos os povos, barbaros ou civilisados, acreditam que o espirito que anima o homem e tanto o eleva sobre todos os seres que o rodeiam, nunca ha de morrer.

Catholicos, morreriamos, se preciso fosse, em testemunho d`essa verdade, protestando que, em Jesus Christo, aguardamos a resurreição de nossos corpos, no dia da verdadeira justiça universal.

Mas, apesar de tão grande segurança, bem pouco nos recordamos de ter, suspensa sobre a cabeça, a espada de Damocles, prestes a nos cortar o fio da vida, anniquilando os sonhos de futuro, que nos embalam em momentos amargurados.

De modo algum nos queremos convencer de que nos pode advir o mesmo que, frequentemente, presenciamos; não queremos vêr que tudo nos fala da morte.

O rio deslisa rapido a nossos olhos e vai perder-se alem;a flôr desabrocha, aos quentes raios do sol, cheia de frescura e belleza, pendendo, algumas horas depois, a corolla emmurchecida; o passaro não acaba o vôo accelerado, porque a pontaria certeira do caçador prostou-o no solo; o insecto de cores brilhantes, o reptil asqueroso desapparecem em brevissimo espaço; e, a nosso lado, de continuo, vemos o anjo exterminador ceifar desapiedado. Entretanto parece-nos que tal destino jamais ha de ser o nosso e, como inconscientes crianças, rimos e folgamos, á beira do precipicio, sem nos occuparmos alem do presente.

Neste mez, pois, em que a Igreja, de maneira ainda positiva, nos relembra a passagem para a eternidade, com o mandamento de rogar a Deus, não só pelo eterno descanso dos que estremecemos e que de nossa companhia se ausentaram, mas por todos os que dormem á sombra da Cruz Redemptora, isto é, que partiram na graça do Senhor, porem devedores á sua divina justiça, procuremos, sem por isso nos mostrar taciturnos ou insociaveis, preparar-nos para o verdadeiro futuro que, talvez,bem proximo esteja.

E, para os mortos queridos, á lagrima da saudade, unamos a offerenda das orações fervorosas, da mortificação e da esmola sob o olhar de Deus, afim de abreviarmos o padecimento e grangearmos outros tantos amigos e protectores, que nos facilitem a entrada no reino da intermina felicidade.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 12, p. 333-336, dez. 1914.

AVE, OH MARIA.

Não ha coração catholico e, podemos quasi affirmar, não ha coração de brasileiro que indifferente se manifeste ao culto da Rainha do Ceu, de modo especial quando lhe implora o patrocinio, recordando-lhe os singulares privilegios, alcançados no primeiro instante de sua Immaculada Conceição.

Podem ser olvidados ou transgredidos os preceitos religiosos, entorpecendo-se as fibras d`alma no marasmo cruel da indolencia, o nome de Maria Immaculada é o bemfazejo estimulante que reanima as perdidas energias.

De seculo em seculo, vê-se observada a prophecia que a propria Virgem fez a sua prima Isabel, quando exclamou transportada em sublime gratidão: "Minha alma magnifica ao Senhor, porque olhou para a humildade de sua serva e todas as gerações me chamarão bemaventurada". Doce encanto inexplicavel produz o culto prestado á Mãi de Deus; inspirando a mais irresistivel confiança, allivia todas as dores, suavisa todos os martyrios.

Refere a tradição que Saulo, quando feroz perseguidor dos discipulos de Jesus Christo, antes de se converter no fervoroso Paulo, venerava a S. S. Virgem, compadecendo-se das angustias inenarraveis que experimentara durante a affrontosa paixão de seu divino Filho. Dir-se-ia ser natural ao coração do homem esse culto de amor, de confiança e de profundo acatamento á soberana Maria.

* * *

Levaram S. Joaquim e Santa Anna, pais de Maria S. S., vinte annos sem ter filhos, padecendo por isso grande confusão e desprezo de todos, visto ser a esterilidade prova inconcussa da ira de Deus, pois tirava aos conjuges toda a esperança de participar na geração do Messias. Aconteceu que, vindo S. Joaquim, uma occasião, fazer a sua offerta no Templo, o sacerdote Issachar o reprehendeu severamente de sua audacia em penetrar na casa de Deus, apesar de não ter filhos.

O veneravel ancião, ainda que sentindo a offensa recebida, humilhou-se resignado sob a mão do Senhor que assim o castigava, e foi recompensado vendo-se, na idade de sessenta e seis annos, mais ou menos, pai da Rainha universal da terra e do ceu.

Santa Anna contava então quarenta e quatro annos de idade.

* * *

Convinha ao Eterno Padre que Maria S. S. nunca estivesse sob o dominio de Lucifer, porquanto devia ser a reparadora do mundo, a medianeira da paz, a esmagadora da cabeça

da serpente, executando a palavra do principio dos tempos: "Collocarei a inimizade entre ti e a mulher, entre sua descendencia e a tua e ella te esmagará a cabeça."

Se o nome honrado e respeitado de sua mãi é, para o coração do filho, a maior gloria, porque lhe constitue a herança, poderia a Virgem S. S. deixar de ser adornada de absoluta pureza, devendo ser, verdadeiramente, a mãi de Jesus Christo o Filho de Deus?

Com toda a exactidão, lhe são applicaveis as palavras do Cantico dos Canticos: "Minha muito amada, estais entre as outras mulheres como o lirio entre os espinhos, porquanto foram todas manchadas pelo peccado e ficastes immaculada e sempre minha amiga".

Deus Filho jamais poderia consentir que soffresse o estigama do peccado original aquella que lhe daria o ser humano e, naturalmente, a cumulou de riquissimos dons e prerogativas.

Quando Jesus Christo ouviu os judeus lhe censurarem a pobreza do nascimento, dizendo cheios de nescio desprezo: "Não teve Elle por mãi essa mulher que se chama Maria? não experimentou vergonha nenhuma, porque ao mundo viera para ensinar a humildade e a paciencia; porem o mesmo não aconteceria, se os demonios pudessem esprobral-o de ter nascido de uma peccadora, de uma mulher que lhes estivera, ainda que por um minuto, sob o imperio.

S. Cyrillo de Alexandria observa que o architecto, construindo a casa em que deve habitar, de modo algum, consentirá que seu inimigo d`ella se assenhorie; como pois agiria de modo inverso o Filho de Deus, permittindo que a casa em que haveria de residir, pelo espaço de nove mezes, fosse em algum tempo, propriedade de Lucifer, seu figadal inimigo?

Tambem o Espirito Santo concordaria em que sua Esposa dilectissima tivesse que corar diante de sua santa presença, á recordação de haver pertencido ao Anjo das trevas?

Oh não; tal pensamento é absurdo.

E` este o titulo mais agradavel a Maria, pode se afiançar.

Nas rochas de Massabielle, apparecendo para trazer, ainda uma vez, aos filhos da terra a esperança e o conforto, responde á pastorinha que lhe pergunta quem era: "Sou a Immaculada Conceição", como provando que esse privilegio que a consagrara a Deus, no principio da existencia, lhe dava maior satisfacção que todos os outros.

* * *

Nesta quadra que se chama do progresso, onde o homem domina, pelo vigor a intelligencia, a terra, o oceano e o espaço, conquistando, nas maravilhosas invenções, todas as commodidades imaginaveis, quanto rebaixamento moral, quanta miseria inqualificavel ...

A mocidade, que deveria ser o ponto de convergencia de todos os esforços, é descurada e até corrompida sem paixão, nas indecorosas fitas do cinema, nas emaranhadas tramas do romance perfido e, mesmo, nas prelecções de mestres inconscientes do valor da missão que lhes assiste, e transformados em verdadeiros assassinos da sociedade, porquanto, no alardear da grande sciencia que julgam possuir, empenham-se em materializar o homem, reduzindo essa obra-prima da Creação ao triste nivel do bruto irracional, sem reflectirem que arrastam para o abysmo os jovens corações que lhes confiaram a familia, a patria e a sociedade e de que Deus lhes exigirá severas contas.

O Homem Deus crucuficado, com os braços estendidos para a todos estreitar no amplexo da misericordia, com a fronte inclinada, para dar o osculo da paz e do perdão, com o peito aberto a offerecer inexpugnavel abrigo, é rejeitado das escolas, dos tribunaes, dos estabelecimentos publicos, sob o pretexto de que o alto grau de civilisação hodierna, autorisando a liberdade de cultos, veda a que se prestigie esse ou aquelle.

Assim vêm-se repellidas as maximas da verdade, capazes de conceder ao homem essa felicidade pela qual tanto aspira; maximas que fecham as portas das cadeias e impedem que lavre a praga do suicidio; maximas que doutrinam a caridade fraterna levada ao heroismo.

Tivessem-n`as presentes ao espirito as nações européas, e não presenciariamos a lastimoso espectaculo de uma guerra tremenda, destruindo milhares de vidas, no paroxysmo do furor.

Tivessem-n`as os grandes no coração, e não deplorariamos a miseria de tantos desgraçados á mingua do necessario. Praticassem-n`as os governantes, e veriamos o progresso real, entre bençams dos governados. Indubitavelmente estamos no seculo do progresso, que muito maior seria, se tomasse por norte a doutrina purissima de Jesus Christo.

Patricias minhas, á Virgem Immaculada, augusta padroeira de nosso Brasil, imploremos, particularmente no dia de sua purissima e divinal Conceição, para que se digne cobril-o com o manto de seu amor, preservando-o de resvalar no precipicio da descrença.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno V, n. 12, p. 340, dez. 1914.

A MARIA.

A vida, embora traga acerbos desenganos,
Jamais arrancará do triste coração
A flamma da esperança, em vivido clarão,
Allivio a conceder nos mallogrados planos.
E carinhosa abrange a todos os humanos,
Que gemem do martyrio em negra solidão,
Mostrando compassiva o temo da oppressão,
De luz sempre envolvendo os mysticos arcanos.
Assim, Mãi de Jesus, appareceis na terra
Tão bella que ninguem logrou vos supplantar,
Tão bôa que o temor ao vêr-vos se desterra.
Nossa alma tem prazer, estrella abençôada,
Nas furias da tormenta, em revoltoso mar,
Dizendo: Ave, oh Maria excelsa, immaculada!

Dezembro 1914.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

ANEXO E – ARTIGOS PUBLICADOS POR MARIA LUIZA — 1915

Anno VI, n. 1, jan. 1915.

BONS ANNOS, LEITORES.
Na saudação innocente,
Singela phrase eloquente,
Amigos, leitores meus,
Vêdes o voto ardoroso
Que um anno tenhais ditoso,
Cheio das graças de Deus.
Anno de paz, de alegria, a trazer-vos, cada dia,
Mil bençams do Salvador;
Transformarão todo o espinho em doce mino de amor.
Anno em que reine a concordia, estenda a misericordia
O bello manto de luz;
Cessem as luctas da guerra, domine feliz, na terra,
A caridade em Jesus.
Anno em que impere a virtude, com terna solicitude,
No santuario do lar; em que receba a criança
O ensino do bem, que alcança o verdadeiro illustrar.
Emfim, leitores amados, os dias que vos são dados
D`este anno no alvorecer, assegurem que a victoria
Tereis no reino da gloria, pelo exemplar proceder.
Da revista pequenina,
A modesta PALADINA,
Que vos roubou a attenção,
São votos mui verdadeiros,
Aceitai-os prazenteiros,
Amigos do coração.

1-1-915

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 1, p. 1-4, jan. 1915.

MAIS UM ANNO.

Ao despontar a luz prenunciadora de um novo anno, todos os corações palpitam entre o desejo e a esperança e, de todos os labios, irrompe a phrase "bons annos", que o habito consagrou e que nem sempre a sinceridade acompanha, porquanto, sob a mascara da civilidade e do decoro, é coisa commum falar e agir de modo contrario ao pensamento.

E não ha que admirar, visto como, em regra geral, assim acontece todas as vezes que a moral sagrada de Jesus Christo é supplantada pelas maximas , apparentemente virtuosas, do espirito mundano.

A vedrdade, principio basico do christianismo, firmada na caridade, ordena que amemos a nossos irmãos, que lhes desejemos todos os bens, não nas palavras, mas nas obras; não no abraço acompanhado do osculo fingido, mas alliviando-lhe, quanto em nós couber, o peso dos trabalhos.

A civilisação ordena que occultemos, nas palavras melifluas, o indifferentismo do coração, quando não seja a negra inveja ou mesmo o intransigente rancor.

Bons annos dizemos a todos os que encontramos: parentes, amigos e conhecidos; bons annos repetimos, obedecendo á praxe, nos cartões de visita, atravessando, muitas vezes, os oceanos, para não sermos tratados de incivis.

Porem vós, amigos leitores da "Paladina do Lar", que sois nossos irmãos pelo coração e pelas crenças, não podeis duvidar da franqueza com que vos expressamos o voto de verdadeiras felicidades, no decurso de 1915.

Ao folhear o livro do Evangelho, vemos que este é o dia consagrado pela Igreja á Circumsisão do Senhor, começando assim Jesus Christo o primeiro dia do primeiro anno de sua permanencia entre nós, soffrendo o martyrio que impunha a lei de Moysés.

E` uma lição para nós, catholicos, pela qual o Redemptor nos demonstra que a felicidade, neste mundo, não depende das lagrimas nem dos padecimentos, repousando, sim, na paz da consciencia, que nos dá plena certeza de termos, como fiel companheiro de viagem, ao proprio Deus, salvando-nos á custa da effusão de seu sangue.

Bons annos teremos,se dos espinhos, que nunca faltarão de se achar sob nossos pés, tecermos a corôa da conformidade aos decretos da Providencia; se das alegrias, illuminando-nos fugazmente o ceu da existencia, compuzermos um ramilhete de agradecimento ao dispensador do todo o bem; se, finalmente, espargirmos, em redor de nossa pessoa, o perfume agradavel da caridade christã, servindo a qualquer individuo que a nossos prestimos recorra.

Não nos illudamos, amigos meus, emquanto não estivermos na patria dos bemaventurados, forçoso nos será beber, todos os dias, algumas gottas do calice amargo das contrariedades; a esta lei universal ninguem se subtrai.

As perseguições contra a Igreja de Jesus Christo são continuas, apesar de mudarem, constantemente, de forma, não nos devendo isto desanimar, porque não fazem mais do que multiplicar os santos, inspirando nobres heroismos, que são outras tantas provas inconcussas da verdade e belleza d`essa instituição divina.

A religião não visa a nossa prosperidade material, mas a salvação de nossas almas, para as quaes a abundancia e a satisfacção dos desejos são quasi sempre um perigo.

O soffrimento renima a coragem, elevando para Deus o nosso espirito.

Pelo espaço de tres seculos, padeceram todos aquelles que abraçavam o estandarte da Cruz, porque o mundo pagão se insurgia contra a nova religião; as trevas receavam a

luz; as paixões humanas revoltavam-se contra os dogmas que lhes eram, diametralmente, oppostos; os Cesares tremiam perante a doutrina que pregava a caridade universal e a abolição da escravatura.

E Deus que, nos planos imprescrutaveis, queria patentear que a sua Igreja não era a invenção do genio, nem o progresso material da razão, mas a obra divina que se estabelece contra as repugnancias da fraqueza humana, permittiu que os tyrannos não poupassem o ferro e o fogo, que engedrassem martyrios tão crueis, que, ainda hoje, a sua narrativa gela o sangue nas veias.

E não eram applicados somente nos verões robustos, livres ou escravos, estes acostumados á dureza dos trabalhos, aquelles aos requintes do luxo, mas em todos os que se declaravam discipulos do Crucificado, até debeis crianças, antes muitas vezes de attingirem o uso da razão, frageis donzellas indefesas e velhos decrepitos.

Assim, nessa escola de soffrimento, educaram-se os nossos antepassados, tornando-se verdadeiros christãos, capazes de grandes magnanimidades.

A vida inteira do christianismo resume-se na Cruz, encetada no Calvario, continuada nos martyrios dos primeiros fieis e prolongada nos sacrificios dos que seguem, realmente, o Mestre divino.

Em algumas cartas de Seneca, contatamos que a heroicidade christã impressionava extraordinariamente a esse philosopho, que d`este modo se exprimia:

O ferro e as chammas, as cadeias e os animaes ferozes, as prisões, as cruzes, os cavalletes, as estacas ponteagudas, entrando pelo tronco da victima, para lhe sahir pela cabeça, os membros esquartejados, atunica untada em substancias inflammaveis, não arrancavam um gemido nem tão pouco uma supplica; todos aceitavam os tormentos sorrindo e sorrindo de bom coração.

Este ineffavel sorriso do christão, espirando por seu Deus, no jardim do Vaticano, persegue, como suave e pungente visào, a imaginação do antigo preceptor de Nero que, como todos os Romanos, seus contemporaneos, vira morrer frequentemente, porem nunca de semelhante maneira. Era necessario elevar o caracter humano aviltado perante o governo autocrata dos Cesares, dominando a consciencia e martyrisando o corpo, sem ouvir a minima censura, o mais timido protesto.

Viviam e morriam os homens conforme a vontade dos governantes.

Emfim o christianismo trouxe a hora da reinvidicação, a hora da virtude, da consciencia immacula, e o cesarismo foi derrotado, o homem, quer fosse flagellado, martyrisado ou morto, sabia o que fazia, era senhor e não escravo de suas acções.

Pelo christianismo foram revelados os thesoiros que Deus promette, durante uma eternidade, ao que, livremente, quizer observar-lhe a soberana lei de bondade e de amor.

* * *

Mais um anno abre-se diante de nós, anno que, infallivelmente, mais nos ha de separar da terra, approximando-nos do reino da justiça e da verdade.

A nosso lado, muitos dos que saudaram o alvorecer de 1914 não lograram vêr-lhe a conclusão. Quem sabe se não nos succederá o mesmo, no periodo que se inicia?

Deus não o permitta, amaveis Leitores da "Paladina do Lar", antes vos conserve a saude, robustecendo-vos as energias vitaes, para que façais conhecer e amar, cada vez mais a verdade, nas palavras e acções edificantes, e continueis a prestar valioso concurso a esta humilde revista, que, feliz, entra no sexto anno de existencia, afim de que, progredindo sempre, possa desejar-vos, com franqueza, na graça de Deus, todas as felicidades ad multos annos.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 1, p. 9, jan. 1915.

MARIA DE LOURDES MACIEL,

filhinha do Dr. Affonso Maciel Filho, nascida em 28 de Junho de 1910, fallecida a 9 de Novembro de 1914.

Era um anjinho que a terra
Não merecia fruir;
Vôou á gloria que encerra
Calmo e perenne existir.
Vôou deixando a saudade,
No coração de seus pais,
De tão grande intensidade,
Que não findará jamais ...
Era o meigo passarinho,
Garrulando mui feliz,
Embellezando seu ninho
De variado matiz.
Era a estrella matutina
Que, no lindo alvorecer,
O firmamento illumina,
Causando immenso prazer.
O celeste jardineiro
Tem lá, no reino da luz,
Miraculoso canteiro
Para a Mãi do bom Jesus.
Quando, na terra, viceja
Alguma nivea cecem
O Paraiso deseja
De possuil-a tambem.
E desce, rapidamente,
Um dos archanjos fieis,
Transporta a flor innocente,
Dá-lhe os eternos laureis.
Tal foi de Lourdes a sorte;
Vive entre os Anjos de Deus,
Entre a escolhida cohorte
Da Soberana dos Ceos.

Dos pais não perde a memoria,

E não esquece do lar;

Mas é tão feliz na gloria,

Que não quizera voltar.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 2, p. 31-34, fev. 1915.

PALESTRANDO.

Corre o tempo numa vertiginosa rapidez, conduzindo-nos ao limiar da eternidade, e ninguem logrou ainda escapar ao decreto que, na sua implacavel justiça, o Eterno promulgou contra os primeiros transgressores de suas ordens divinas.

Mais cedo do que esperamos, em terra nos converteremos e, no anniquilamento extremo do pó, aguardaremos a resurreição da carne, no dia da severa e integra justiça.

Continuamente verificamos essa verdade, não poupando ingentes esforços para que nossa attenção d`ella se desvie, e procurando, nas fitas cinematographicas, nas danças, nas reuniões, nos passatempos, nas modas, nas leituras romanticas, o esquecimento do golpe inevitavel que nos ha de contrariar os calculos de permanencia no planeta terraqueo.

E porque tanto receamos a partida d`este lugar de desterro, onde de continuo sentimos o coração gottejando pranto e os pés rasgados pelas urzes dos caminhos, senão pelo motivo de nos faltar a fé ardente e operosa?

Cremos tibiamente, sobrepujando humanos interesses aos deveres prescriptos pelo Evangelho, apezar de reconhecer que, neste livro inimitavel, se concretiza toda a sabedoria, toda a perfeição da existencia.

Não quereriamos estar ao lado dos que pretendem, como Humbold, suppôr que o universo é um simples encadeamento de leis naturaes e immutaveis, e por isso nos confessamos crentes, mas a nossa fé quasi se resume na profissão trivial que se nos escapa dos labios.

A razão é obvia: não queremos nos incommodar e a fé impõe constrangimentos;seguimos as paixões que nos deleitam e a fé ordena que as refreemos.

A descrença, o materialismo, o desenfreamento moral dominam neste seculo que se intitula grande pela sciencia, grande pelas invenções e pelo progresso e que, entretanto, rasteja no lodaçal de todos os erros, de todos os crimes.

O amor desordenado de um luxo babylonico, a fome do dinheiro, o anhelo de honrosas posições pervertem os animos, destroem o santuario da familia, corrompem a sociedade, fazendo germinar e crescer, assustadoramente, as arvores do odio, da vingança, do homicidio e do desespero suicida.

Sem fé religiosa, não existe progresso, na real accepção do termo, e avaliar o moralidade de um povo pelo seu adiantamento intellectual é sophismar.

A intelligencia cultivada, desenvolvida, precisa de um ponto central para, em torno do mesmo, executar a sua trajectoria, e esse ponto ha de ser, infallivelmente, Deus, o unico omnisciente a quem, na verdade, se pode applicar o nome de Grande

Erronea á a theoria conciliadora de todos os credos; a verdade é uma, indivisivel, não concorda com tergiversações. Porem a fé necessita de escola, a mocidade precisa ouvir

de mestres competentes a sciencia que eleva o espirito acima da materia, antes de curvar humilde a razão, balbuciando creio.

Na religião, ha mysterios superiores á comprehensão humana; se assim não fosse a creatura se nivelaria ao Creador.

Porem qual o sabio que, depois de ter gasto a existencia em perscrutar os arcanos da natureza, consegue o resultado de tudo explicar?

Ha vinte seculos trabalha a humanidade, com todo o afinco, no intuito de alargar o circulo de seus conhecimentos, repartindo, comtudo, a actividade entre os diversos ramos da sciencia, para melhor descortinar os segredos de que deseja de assenhorear e, ao cabo de insanas lucubrações, forçosamente confessa envergonhada ignorar ainda, ignorar muito.

Da sciencia religiosa porem, indispensavel á felicidade temporal e mais que tudo á espiritual, não cogita.

Aulas de catecismo, no decurso de um anno, antes da primeira Communhão, é o maximo que se consegue, em geral, dos senhores pais de familia.

A verdadeira instrucção o estudo mais aprofundado do que é exigido para a salvação da alma, a explicação das leis da igreja, de sua liturgia, de sua historia não interessa a pessoa alguma, a não ser aos que se devotam ao monisterio sacerdotal.

Dahi a ignorancia que preside nos ataques, amiudamente, endereçados contra a Mestra da Verdade, a Igreja de Jesus Christo, ataques de que a falsa sciencia tanto se alardeia, prendendo, nos ardis de seus tramas, os pobres incantos, attrahidos pelas scintillações de um estylo fluente, ataviado pelas flores de rhetorica, que lhes foge ao alcance do entendimento.

Não exaggeram os que dizem ser obrigação dos ministros dos altares aprofundarem o estudo da religião, porque lhes cabe o honroso e difficil encargo de transmittil-a, intacta, aos que a querem praticar, zelando-lhe os interesses mais do que os proprios.

Isto, porem, não obsta a que os simples fieis empenhem-se em conhecel-a, para não tropeçarem na primeira difficuldade, nem se deixarem embair pelos fogos fatuos da falsa sciencia ou pelos erros grosseiros da superstição.

Seria necessario que a vida de Jesus, as suas palavras, os seus milagres não fossem estranhos aos que se confessam seus discipulos e seus filhos.

Quanto ha, em nossa sociedade que, assistindo ao Santo Sacrificio da Missa, sejam capazes de explicar todas as cerimonias que nelle se praticam? quantos se contam que vão á Igreja, no Domingo ou dia santificado, scientes doEvangelho que vai ser lido ou aptos a fazer o historico dos mysterios honrados na solemnidade?

Manifestam-se os protestantes precavidos que nós neste assumpto; a sua biblia truncada é posta, muito cedo, nas mãos das crianças, que a decoram e, com facilidade garbosa, recitam -lhe numerosas passagens.

Hodiernamente, talvez pela difficuldade crescente de recursos pecuniarios, nota-se uma tenaz preoccupação dominante nos pais de familia: acabar depressa a tarefa da educação, forçando os filhos a um estudo acabrunhante sem attenderem ás leis naturaes do desenvolvimento physico, sem se recordarem de que a natureza não dá saltos, vai methodica e gradativamente.

Todo esse afan tem em mira dous alvos: orgulho e egoismo.

O primeiro consiste na satisfacção natural de vêr, em seu descendente, uma notabilidade prematura, o segundo em attingir, o mais depressa possivel, o oasis do repouso, descarregando, em hombros mais juvenis, o fardo das responsabilidades da familia, ou, pelo menos, nelles encontrando poderoso auxilio.

Do cultivo do coração não se cuida, entrega-se o filho ao professor, pedindo-lhe apenas que o converta, em pouco tempo, num homem diplomado.

Se a um desses, que tanto se esmeram pela acquisição de um diploma para seu filho, alguem lembrar o estudo da religião ou a frequencia ás aulas de catecismo, estabelecidas na freguezia, a desculpa não se fará demorada:

- Com muito gosto, dirá cortezmente, mas assim perde o tempo e as lições da escola ficam sacrificadas.

- Não quero violentar meu filho, responderá um outro; em materia religiosa, convem que disponha de plena liberdade, quando fôr tempo, escolherá o credo que mais lhe agradar; o que desejo apenas é que não se afaste do trilho da honra e da honestidade.

- Não ha duvida, retorquirá um terceiro, ninguem é mais catholico do que eu, ouço Missa todos os Domingos e dias santos, não mato, não roubo, não faço mal a ninguem, basta que meu filho me siga o exemplo.

Ah, neste não mato, não roubo, não faço mal a ninguem, quanta gente labora no erro!

Não mata com o punhal nem com o veneno, porém mata com as palavras, corrompendo a innocencia; não rouba o dinheiro, mas rouba o que ainda é mais precioso do que o dinheiro - a honra, e o faz nas palavras calumniosas ou indiscretas; não causa prejuizos materiaes, pode bem ser, mas prejudica e prejudica enormemente nas phrases inconsequentes, dictadas pelo egoismo, pela vaidade, pela inveja.

Com supremo desdem, falam os sabios pretenciosos da sciencia da religião sem repararem que, apezar de todas as leis que descobriram, de todas as revoluções que as suas descobertas grandiosas lograram operar, no dominio da sciencias, jamais conseguiram alterar de uma linha o que Deus estabeleceu em sua mathematica impeccavel, em sua logica intangivel, em sua omnisciencia inegualavel.

Passou Laplace attestando que Deus é uma hypothese inutil; Buckner reduzindo a obra da creação á força e a materia; Darwin nivelando a humanidade á origem simica; passaram Luthero e Calvino, Rousseau e Voltaire, como passarão todos os que intentarem, a exemplo de Juliano o Apostata, travar duello com Jesus Christo e suas maximas. Serão outros tantos vencidos e a prova está nesses vinte seculos em que a Igreja resistiu, sobranceira, aos insultos e ataques mais encarniçados de seus inimigos, vendo-os estortegar-se nos paroxysmos do desespero, por não lograrem abatel-a.

Tenhamos fé, leitores e amigos da Paladina do Lar, e guiados por ese facho divino, consideremos a vida, como realmente é: estação de breve tempo, sob o olhar de um Deus paterno e amigo, que nos espera para nos dar o premio da sciencia e da gloria, do descanço e da felicidade, no seu reino eterno.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 4, p. 90, abr. 1915.

Maria Luiza Ferreira Pontes,

filhinha do Sr. Henrique Ferreira Pontes.

A vida é triste deserto,

Sempre de pranto orvalhado,

Nunca de nós está perto
Brilhante ceu constellado.
Porem, nesse ermo sombrio,
Fulgura lindo clarão,
Mudando em calor o frio
De tão negra solidão.
E` da innocente criança
Meigo rostinho ideal,
A confortar na esperança
O coração paternal.
Não sabe o formoso anjinho
Que, na vereda a seguir,
Occulta a flor muito espinho
Que as mãos e os pés vem ferir.
Oh não sabe, tem, na vida,
Um paraiso ineffavel
Nos beijos da mãi querida
Em mimos sempre incansavel.
Que tão suprema ventura,
Menina, possas gozar,
De teus bons pais a ternura
Jamais te vindo a faltar!

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 4, p. 91-95, abr. 1915.

PERDOAI-LHES .... NÃO SABEM O QUE FAZEM.

Quando Jesus Christo expirava entre inenarraveis martyrios, para conceder á humanidade a reconciliação com seu Eterno Pai, dentre as palavras que pronnunciou, antes de consummar o assombroso e tremendo sacrificio, uma das mais impressionantes foi a supplica em favor de seus algozes, allegando-lhes a ignorancia do mal que praticavam.

Perdoai-lhes, Pai, não sabem o que fazem, pregando -me nesta cruz, entre os mais crueis tormentos e assombrosos insultos e blasphemias ....

Mas, durante tres annos, Elle havia doutrinado nas synagogas e nas praças, curando enfermos resuscitando mortos, expellindo demonios, explicando as passagens obscuras dos Livros Santos, obrigando a todos a confessar-lhe a origem divina, o poder sobrenatural! ... Como, pois, não sabiam esses homens a maldade que realizavam?

Se a consciencia é juiz incorruptivel, castigando implacavel o criminoso, ainda que afivele a mascara impostora da santidade, não estavam todos compenetrados de que

haviam prendido e condemnado a um justo, cujas mãos liberaes não se haviam jamais recusado a espargir beneficios e cuja profunda sabedoria, innumeras vezes, havia confundido poderosos e astutos adversarios? ...

Como, pois, desculpava-os Jesus, dizendo que ignoravam o mal que perpetravam? ...

Os supplicios extraordinarios supportados sem que uma queixa fosse proferida, um gesto de colera ou de impaciencia fosse observado, evidenciavam a grandeza sobrenatural do paciente, offerecendo á terra um espetaculo até então nunca presenciado!

E, perante provas tão inequivocas do inexplicavel, ainda não sabiam os judeus o que executavam? ...

Ah! não sabiam, porque empedernidos, pela continua resistencia ao appello da graça, padeciam tão completa cegueira, que chegavam a affrontar o ceu, pedindo que sobre suas cabeças e as de seus filhos, cahisse todo o sangue do innocente.

Não sabiam, que não queriam confessar a divindade d`aquelle que invejavam e de quem esperavam livrar-se, entregando-o, barbaramente, ao tormento ignobil da crucifixão, entre dois miseros facinoras; não sabiam, que não acreditavam deixasse de produzir a morte o necessario olvido d`esse homem excepcional, que lia no amago das consciencias e, sem temor, numa severidade de justiça imperterrita, censurava-lhes os crimes, salvaguardados pelo veu da austeridade hypocrita.

Sim, não sabiam que Jesus, o filho do carpinteiro José, como por escarneo apregoavam, era, real e verdadeiramente, o filho do Altissimo e, mais tarde, haveria de sentar-se á direita de seu Pai, num throno de refulgente majestade, para julgal-os a seu turno e condemnal-o a tormentos interminaveis.

Não sabiam que travavam duello com o seu Creador, do qual sahiriam, por completo, esmagados e anniquilados, visto como haviam repellido a extrema benevolencia de seu Coração.

Considerando esse futuro tetrico, era que Jesus, todo misericordia e amor, implorava a clemencia do Pai Eterno!...

Sim, tinha Elle razão affirmando que seus algozes ignoravam o alcance do mal que praticavam ! ...

Oh, se o soubessem, se o tivessem querido saber, não trocariam o transitorio pelo eterno, as dores pelas delicias ...

E os tempos continuaram na carreira vertiginosa, triumphando sobranceira a doutrina de Jesus contra a impiedade e a malicia dos pagãos, dos atheus, dos herejes e de mil outros adversarios, entôando sempre o hosanna da victoria, embora á custa do proprio sangue.

Ainda, na actualidade, verificamos a guerra movida pelo espirito das trevas, afim de arrebanhar o maior numero de almas, subtrahindo-as ao jugo ineffavel do Creador. E não subjuga apenas as que, de viseira erguida, militam em seus arraiaes; mas tambem as que se ufanam de adoptar o labaro sacrosanto do Golgotha.

Nada mais commum do que a união que procuram estabelecer entre os preceitos de Jesus Christo e as maximas do mundo, conciliando, numa politica transigente, o bem e o mal, a luz e as trevas, a verdade e a mentira ! ...

Diz-se o Brasil catholico na maioria de seus filhos e numerosos templos erguem-se em seu territorio a prclamar essa verdade, mas descura, por inteiro, a instrucção religiosa, occupando-se em reformar programmas de ensinos, no intuito de alargar o circulo dos conhecimentos scientificos que, sem contestação, proficuos resultados trazem ao progresso

material, mas esterilizam o coração, deixando-o sem alento ao sobrevir a adversidade, quando não o conduz ao desespero do suicidio.

Instruir é util, é necessario até, porem educar no temor de Deus, no refreamento das paixões é ainda mais util e necessario, no curto periodo da vida terrena.

Diz-se a Bahia catholica e permitte que, pelas suas ruas e praças, transitem, sem um protesto dos assistentes (porque se está nos dias do carnaval) grupos de mascaras vestidos de primeiras commungantes! ... que se ridicularizem as vestes sacerdotaes ou os habitos de religiosos ! ... que se menoscabem, emfim, as ceremonias do culto que affirma professar! ...

Ah! não sabe o que faz! ... Não sabe que o dia da primeira communhão é o sol brilhante de toda a existencia; não está compenetrada, como o grande Bonaparte, de que é o mais bello da vida, unindo, pela vez primeira, dois abysmos insondaveis: Deus e a creatura; o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, numa intimidade tão suprehendente, que sobrepuja todos os recursos da razão humana.

Não sabe o que faz; não comprehende que tudo quanto se relaciona a essa aurora privilegiada deve merecer culto especial, mesmo porque a sua lembrança feliz mais de uma ovelha tem reconduzido ao aprisco do divino Mestre! ...

O dia da primeira Communhão, para os catholicos, representa a primeira visita do Salvador a uma alma de criança, istp é, o ceu na terra e na familia; Jesus, cumprindo a promessa da permanencia, no meio de seus filhos, até o fim dos seculos, e manifestando a suavidade de seu amor no consolo das afflicções!

Não, os que menoscabam da primeira Communhão não sabem o que fazem! ... não avaliam quanto é terrivel merecer a colera do Altissimo ! ... Pagam, como outr`ora fizeram os judeus, os favores pela ingratidão! ...

Christãos e catholicos nos confessamos e, emquanto na Quaresma deveriamos nos occupar com os mysterios da paixão do Homem Deus, com a recordação dos proprios peccados, andamos a cogitar um meio de renovar as extravagancias da scenas carnavalescas, como primeiro alleluia, a entôar na resurreição de Jesus Christo.

Não sabemos o que fazemos; não temos fé na doutrina do Calvario senão nos labios, em phrases despidas de sentido.

A resurreição do Salvador dá, sem duvida, motivo para jubilo immenso, mas não motivo de vilipendiar a religião que pretendemos seguir.

Commemoramos, nesse dia, o triumpho que a Cruz alcançou sobre a morte; commemoramos a futura resurreição de nossos corpos, no grande momento da justiça eterna; commemoramos, em resumo, o fundamento de toda a nossa crença.

Se Jesus não tivesse resuscitado, de coisa alguma nos serviria que tivesse padecido e morrido por nós, visto que o soffrimento e amorte são o dote de todos os que nascem neste valle de lagrimas; a sua doutrina careceria do sello indispensavel da divindade que nos deu na victoria alcançada sobre a morte.

A resurreição é, pois, o testemunho mais irrefutavel da divindade de Jesus Christo e da religião que estabeleceu.

E bem sabiam os escribas e phariseus quando, pedindo a Pilatos guardas para o sepulcro, asseveravam que se a resurreição se effectuasse maiores damnos causaria no povo, do que tudo quanto até então havia testemunhado; e, quando apesar de suas precauções estultas, ella se realizou, em vez de punirem os guardas infieis que dizizm dormir, emquanto vigilantes deveriam estar, deram-lhes dinheiro, para propagarem a mentira do roubo do corpo do Salvador pelos Apostolos, como se um corpo sem vida pudesse inspirar a discipulos covardes a idéa de affrontarem a ira de inimigos poderosos, que tanto receio lhes infundira na paixão de seu Mestre!...

Ora pois, se soubessemos o que fazemos, não escolheriamos festa de tal magnificencia, para profanal-a com divertimentos proprios do paganismo.

Quem sabe se, na Mi-Carême que se está apparelhando, não veremos ainda insultar a Cruz, por alguns loucos, longe de si, afastando o unico remedio capaz de lhes conceder a salvação e a vida.

Ah! queridos leitores da "Paladina do Lar", confessemos, embora envergonhados, que a nossa Bahia é mais catholica nas palavras do que nos actos. O nosso povo, mal instruido na sciencia religiosa, queima, no seu thuribulo, incenso a varios altares. Vai, pela manhã, á missa, depois assiste a uma sessão espirita, a um baile maçonico ou a um cinema pouco recommendavel.

E` catholico, mas consulta cartomantes, não foge de leituras prejudiciaes nem se exime das modas inconvenisntes ...

Não, não sabe o que faz ! ...

A religião de Jesus Christo não é um campo deserto, onde medram somente os espinhos da mortificação, mas fertilissimo oasis, dando a quietude da consciencia, o somno tranquillo após o trabalho, permittindo as distracções licitas, que reanimam as forças vitaes, consentindo que, sem pavor, seja encarado o termino da jornada; mas tambem exclue qualquer união entre Deus e Satanaz, exigindo seja acatado veneravel e santo que prescreve.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 5, p. 120, maio 1915.

Alfredo Cerqueira Lima,

filhinho do Dr. Alfredo Cerqueira Lima.

Conheceis, meus senhores, o Alfredinho
Sympathico e gentil?
Imita, na viveza o passarinho
A tocar nas corollas o biquinho,
Num meneio subtil.
Engraçado, traquinas, feitiçeiro,
Captiva os corações;
No semblante innocente e prazenteiro,
No porte de garboso cavalleiro,
Que meigas illusões!
Illusões d`essa quadra tão florida
Do sol a despontar,
Tendo os beijos da mãi estremecida,
Do pai solicitiude esclarecida
A infancia a lhe cercar.

Quando os annos correrem velozmente,

Trazendo-te o vigor,

A teus pais que te amaram ternamente

Retribue, Alfredinho, largamente

Os excessos de amor!

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 5, p. 121-125, maio 1915.

ÀS MÃIS DE FAMILIA.

Aureolado pelo veu diaphano da filial devoção a Maria S. S., excelsa padroeira dos mortaes, surge, annualmente, o mez de Maio, por todos appelidado o mez da flores.

Essa denominação de agradavel poesia echôa suave em todos os corações, acordando risonhos sentimentos de esperança na protecção da Rainha do universo.

Em toda a familia catholica, divisa-se estranha animação, manifestada nos menores actos referentes á ornamentação do altar da Virgem Immaculada.

Luzes, canticos e flores repetem, em santa linguagem, o sentir de filhos amantes, fervorosos e crentes.

Nem de maneira diversa poderia ser, porquanto é lei divina que todas as gerações, no correr dos seculos até o seu termino, louvem engrandeçam, exaltam e bemaventurada chamem á Mãi de Deus.

Esse culto, porem externo e que custa apenas sacrificios materiaes é incompleto, se acompanhado não for da pratica das virtudes christãs.

A civilisação, encarecendo a vida, obriga o proletariado a um trabalho incessante, absorvente, para o desempenho de onerosas responsabilidades.

A mãi de familia, preoccupada pelos multiplos affazeres, tendo quasi sempre um coração bem formado, mas nem sempre o conhecimento exacto de seus deveres civico-religiosos, julga satisfazer plenamente aos encargos que lhe pesam sobre os hombros, ouvindo a santa Missa, confessando-se e commungando com frequencia, assistindo aos piedosos exercicios do mez Mariano, embora confie a sua casa a terceiros que, de modo algum, a substituirão cabalmente.

Bem sabeis, queridas leitoras da Paladina do Lar, a mãi de familia desempenha um sacerdocio no interior de sua casa, principalmente quando Deus lhe confia esses thesouros que se chamam filhos.

Assim é mister que nada lhe passe despercebido, deve tudo saber, tudo enxergar, tudo ouvir, nesse dominio que lhe pertence de direito.

A sua presença deve ser continua, para não facilitar a introducção de abusos; em resumo ha de ser a providencia visivel de quantos lhe obedecem á voz.

Infelizmente nem todas se submettem resignadas e corajosas á disciplina que se impuzeram, no dia em que prometteram a Deus e á sociedade elementos do bem e do progresso, nos descendentes que tivessem.

Dos verdes annos principia a educação infantil, e ninguem melhor do que a mãi de familia dispõe de aptidões para fornecel-a.

Não ignoramos, educar é desenvolver o physico, o intellectual e o moral, num concerto unanime a produzir beneficos resultados.

Para o desenvolvimento corporal, em grande parte, concorre a observancia das leis hygienicas de alimentação, habitação, vestuario, etc.

A propria natureza se incumbe de inspirar a mãi de familia essa ternura que não percebe sombra de obstaculos, quando se trata de proporcionar ao filho todos os bens que lhe estejam ao alcance.

Ainda a formação do coração, de que depende a solução do problema da vida, é dever inalienavel da mãi de familia.

A criança, espontaneamente, atira-se nos braços maternos, ouvindo as palavras de sua progenitora como outras tantas lições evangelicas, sem experimentar constrangimento ao desvendar o que lhe vai no intimo.

Oh que enorme colheita conseguirá fazer, nos annos da puberdade, a mãi de familia que plantou, qual previdente jardineiro, sementes escolhidas na terra, ainda virgem, que Deus lhe deu para arrotear.

Formado será o espirito orientado pelo facho da verdade, que ensina a reconhecer o Creador absoluto de tudo quanto existe.

A luz da verdade não exclue a da sciencia, são duas irmãs gemeas oriundas do mesmo fóco, por isso o verdadeiro sabio é verdadeiro crente.

A mãi é o centro da vida christã na familia, cumprindo-lhe ser, para marido, filhos e criados, um modelo de piedade e doçura, de ordem e de economia, vigiando para que não lhe penetrem, portas a dentro, os roubadores de sua felicidade: ocio, maus livros, modas exaggeradas, etc.

Segundo as insinuações de um falso amor, muitas mãis de familia carregam sosinhas o peso dos trabalhos domesticos, não consentindo que suas filhas nelles se habilitem, para não se fatigarem.

Ah!, quanto se distanciam do verdadeiro caminho aquellas que assim entendem!

A menina, linda flôr graciosa e cheia de encantos naturaes, recebeu de Deus a missão de tornar-se, como sua mãi, o elemento de maior progresso na sociedade; e como o conseguirá se não fizer um serio aprendizado? se, na epoca em que fortemente activa é sua imaginação, não tiver o leme do trabalho para occupar-lhe as horas, gozando, ao mesmo tempo, da amena companhia de sua mãi, para lh`o suavisar e embellezar, com a meiguice e desvelos conhecidos somente de um coração materno?

Desoccupada da manhã á noite, ou se devota a mocinha, durante algumas horas, ao passatempo de um estudo superficial de umas tantas disciplinas, para a satisfacção do amor proprio, que lhe permittirá ostentar, diante das outras companheiras, os fóros de bem educada, ou verá decorrer as horas,indo do toucador ás janellas da sala de visitas, afim de observar os bonds e automoveis; ou receberá amigas que lhe partilham dos habitos e gostos; ou então se embevecerá na leitura do primeiro romance que lhe appareça, ou na exhibição dos primeiros figurinos, quaesquer que sejam.

E` o tempo da mocidade, senhoras mãis de familia, é o unico proprio á sementeira dos bons costumes; necessario é governar a imaginação da menina que, no seu lar, cercada de carinhos, idéa luminosa forma dos homens e das coisas; é necessario que ella se instrua na economia domestica, base da prosperidade familiar; é necessario que, confiando-se em vosso criterio, não leia coisa alguma que não autoriseis; é necessario que comprehenda a belleza sujeita ás normas do recato e tenha horror a tudo quanto das mesmas se afastar; é necessario que lhe ensineis a refrear a volubilidade das palavras, que tantos males origina.

Tendo vossa filha um altar em vosso coração, como não desejais que o tenha tambem no coração d`aquelle que lhe ha de compartilhar a existencia? e como a deixais entrar desarmada no combate, obrigando-a, fatalmente, a aprender ás proprias custas?

Raro não é que, acompanhando o marido, separe-se a donzella do lado materno, para viver com a sogra e as cunhadas, as quaes motivos não têm para dispensar-lhe a indulgencia de que carece, na inepcia em que se acha para o governo de seu lar.

Dizei-me, patricias minhas, melhor não seria que a mãi lhe poupasse os desgostos da aprendizagem, admittindo que tenha o criterio preciso para a ella submetter-se, conforme as exigencias de seu novo estado?

Quantas vezes não depende a felicidade conjugal dos primeiros tempos chamados lua de mel!

Não é a menina uma boneca, requerendo apenas mimos e vestidos; é uma creatura consciente, destinada a grandes responsabilidades e, por conseguinte, exigindo especiaes cuidados e ensinamentos, que lhe formem o caracter e o coração.

Habituais vossa filha a ser independente em seu modo de agir e de pensar e não vêdes, no proprio exemplo, que a mulher é um ser dependente, pois foi creada por Deus para obedecer ao homem, segui-lhe sempre, directa ou indirectamente, as leis? Como se emancipará d`este mandamento?

Domina-o, é bem verdade algumas vezes, pela brandura criteriosa, mas difficil será conseguil-o autoritariamente.

Quando acostuamais vossa filha a trabalhar comvosco no lar domestico, preparais, para seu futuro, um dote de tão subido valor que ninguem lh`o poderá tirar; é como se lhe desseis a couraça vencedora contra os ataques da adversidade; privando-a de conversar a sós com o ladrão desbriado que se intitula romance ou folhetim, verdadeiro assassino que entoxica as fibras do coração e, hypnotisando, conduz ao fundo do precipicio, conservais, em sua fronte de donzella, a fulgente aureola da pureza virginal; livrando-a do desperdicio do tempo no toucador, dos passatempos frivolos, cultivais, em sua alma, a delicada flôr da modestia, que tanto faz realçar a belleza e os attractivos da mocidade.

Ouvindo-vos os sabios conselhos, terá pudor aos olhos do publico o collo virginal, de usar modas que excitem a curiosidade e a tornem alvo das pilherias dos inconvenientes, ou das censuras francas ou tacitas dos ajuizados;não quererá se nivelar a essas infelizes chafurdadas no lodo da prostituição; emfim tendo-vos por solicito mentor nos affazeres domesticos, diminuto tempo lhe sobrará para as visitas e recepções de outras collegas, tambem inexperientes e levianas.

Não vos atemorise o pensar que assim é condemnada vossa filha a uma vida muito insipida para sua idade; não ha insipidez no lar em que reina a paz, a ordem, o perfeito equilibrio de relações entre os differentes membros, visto que todos cooperam para o bem estar geral, cuidando em architectar o edificio da propria felicidade.

Somos catholicas, amigas patricias minhas e, no lar de Nazareth que temos por modelo, vemos florescer a simplicidade, a modestia, o trabalho , a par do maior contentamento.

Maria e José, muito pobres, muito humildes, muito unidos, viviam satisfeitos, cumprindo as ordens do Altissimo, sujeitando-se o Homem Deus ás suas vontades, segundo nos assegura o Evangelho.

Porque será que Jesus Christo obedecia a duas creaturas mortaes, senão para mostrar aos progenitores que lhes assiste o direito de impôr preceitos a seus filhos, e a estes que lhes é vedado eximirem-se de attender ao que lhes ordena os pais, quando não abusam do patrio poder exigindo o reprehensivel?

Assim, leitoras, patricias minhas, se desejamos que nosso paiz marche desassombradamente na trilha do progresso, esforcemo-nos em oppôr um dique aos inimigos de nosso lar, remodelemol-o pelo de Nazareth, principalmente agora, neste mez, em que festejamos a divina Mãi de Deus e nossa Mãi.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 6, p. 150, jun. 1915.

Alfredo e Umberto de Sá
filhinhos do Sr. Alberto Bacellar de Sá.

Vêde que bella apparencia
Nos pequeninos gentis!
Que perfume de innocencia
Nos semblantes juvenis!
São futuros defensores
Que a patria um dia terá;
Robustos batalhadores
Que a fama eternisará.
Pela trilha da virtude,
Hão de constantes seguir;
O dever, mostre-se rude,
Não deixarão de o cumprir.
Assim os dois rapazitos
Chegarão a compensar
Os desvelos infinitos
Do santuario do lar.
Da mãi serão a ventura,
Do pai, a consolação
E, na vida honesta e pura,
Todos os bens lograrão...
Cresçam, pois, meus, amiguinhos,
Dando ao Brasil seu vigor;
A seus bons pais, queridinhos,
Consagrem filial amor.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 6, p. 151-155, jun. 1915.

A CARIDADE.

Não é raro ouvir, pelas pessoas afastadas do exercicio da vida religiosa, a desculpa de que assim praticam por não descobrirem, nos que affirmam seguir a Christo, outros predicados a não ser uma hypocrisia inexcedivel.

Será esta uma accusação fundamentada?

Não; o verdadeiro catholico, o catholico de coração e de obras mais perto se acha da perfeição que qualquer outro individuo.

Ha, não se pode negar, quem apparente viver segundo os preceitos evangelicos e d`elles muito se distancie; esses catholicos nas palavras e nào nos actos, e seu procedimento, de maneira alguma, affecta a pureza da doutrina do divino Mestre.

Affirma Jesus que nem todos os que clamam Senhor! Senhor! terão entrada no reino do ceu; o que muito bôa applicação tem relativamente a taes adeptos do catholicismo.

Não basta, para ser discipulo do Redemptor, haver tido a graça do baptismo e observar alguns exercicios externos do culto; é necessario, acima de tudo, reformar os costumes, vencer as más inclinações, mostrar-se bondoso, alegre e paciente, casto e, principalmente, revelar, em qualquer occorrencia, uma caridade inalteravel.

Não falo da caridade que se manifesta pelos donativos publicos, em que o louvor das creaturas, quasi sempre, deslustrano merecimento adquirido para o ceu; falo da caridade fraterna, vinculando a todos os homens, considerando-os como irmãos, filhos do mesmo Pai celestial e destinados a mesma herança eterna; falo da caridade que suavisa as dores, consola e ampara o orpham, anima o desesperado e, no leito da agonia, converte-se em anjo consolador a recordar as infinitas misericordias de Deus; falo da caridade indulgente que tudo desculpa, chegando a valer-se da intenção, quando os factos são irrecusaveis.

Essa caridade é o signal distinctivo do verdadeiro discipulo de Jesus Christo. Os primitivos christãos a praticavam de modo tão perfeito, que excitavam a admiração dos pagãos, seus inimigos, os quaes commovidos exclamavam:

Vêde como se amam! ...

Ah! rara, muito rara, é hoje a caridade em acção!

Em nosso meio social, ha um estratagema empregado, habilmente, para dissimular as faltas de caridade. Consiste em tecer, com pompa, o elogio do triste, concluindo o panegyrico numa palavra minuscula, porem de effeito magico; assim dizem, com enphase: é muito bom, muito virtuoso, mas ...

E todos ficam suspensos no juizo a formar, conjecturando maldade tão grande, que não poude sahir á luz e necessitou envolver-se no veu do mysterio.

Quereis, leitores meus, requinte maior de perversidade?

Ah! melhor fôra que não elogiasse, no inicio de sua peroração, se queria depois ferir com tamanha crueza.

Quando não podemos encobrir as faltas de nosso proximo, cumpre-nos guardar silencio, a não ser nos casos especiaes, em que a justiça ordene o contrario.

E` preciso lembrarmo-nos que a lei de Deus manda que façamos aos outros o mesmo que desejariamos se fizesse a nosso respeito.

Oh quantas desculpas encontramos sempre para os nossos malfeitos, e que habilidade usamos para disfarçal-os! ...

Algumas vezes ainda, julga-se obedecer á caridade, applaudindo ou approvando os actos censuraveis do proximo, para não incorrer-lhe no desagrado; porem isto só na presença, que; longe d`esta, a scena transforma-se por completo.

Não ha quem reflicta que a todo o réu assiste o direito da defesa, e aquelle que não ouve as accusações que lhe são feitas não pode defender-se.

Tratando-se, porem, de nosso eu, a norma é diversa; tudo quanto fazemos, dizemos ou pensamos attinge ás raias da perfeição.

Não; bem longe está a caridade de todos aquelles que, para os outros, usam de bitola muita estreita, ao passo que tudo o que fazem acham razoavel ou, pelo menos, desculpavel.

Foi sem limites a caridade de nosso divino Mestre e, nessa virtude sublime, concretizou a religião que estabeleceu.

Nada mais precioso, nada mais caro possuimos que o coração e, por tal motivo, o Homem Deus, nesses tempos em que predomina e frio egoismo, reavivou a devoção a seu Coração amoravel, foco de intensissima caridade.

Geralmente espalhada, sob differentes aspectos, a devoção ao Coração sagrado de Jesus é a dominante na actualidade.

Mas, creio que posso affirmar não existir ainda, senão em resumido numero de almas, pois resumidos em excesso são os que amam a Deus em verdade e ao proximo como a si mesmos.

Existirá amor onde imperam a maledicencia e a calumnia? Existirá amor sem a coragem do sacrificio em favor das necessidades do nosso irmão?

Se houvesse, na terra, mais caridade evangelica, menos padeceria o pobre, nestes dias calamitosos que atravessamos.

O amor do coração de Jesus levou-o a permanecer em nossos altares, occulto em pequenina apparencia e, ás vezes, tão abandonado que, se faltasse a luz da fé, custoso nos seria acreditar em semelhante prodigio.

Para obter-se o minimo de favor dos poderosos, grandes difficuldades vencemos e, quasi sempre, procuramos quem nos apresente; para approximarmo-nos, porem, de nosso Deus, basta transpôr o limiar do templo e deixar que nossa alma expresse, os sentimentos de que está possuida.

Terminamos o mez da Mãi Celeste e abre-se, a nossos olhos, o horizonte sereno de um outro mez, votado exclusivamente ao amor de Jesus para comnosco, ficando entre nós, na divina Eucharistia, e nos offerecendo o coração como seguro abrigo, doce consolo e fiel companheiro de jornada, pedindo-nos que, pelo bom exemplo, lhe conquistemos o amor dos filhos que o não querem attender.

Tão bom seria que imitassemos o pequenito Jorge Raunheim, o sobrinho do fervoroso Hermann Cohen, na devoção a Jesus Eucharistia!

Pela festa do Corpo de Deus, veiu Jorge ao convento dos carmelitas de Agen. Apesar de seu pai lhe haver inspirado um grande horror ao Crucificado, o menino sentiu-se attrahido para a divina Hostia dos christãos e, sem ter conhecimento algum da doutrina catholica, instou para que lhe dessem as vestes de uma das crianças do côro, que deveriam acompanhar a procissão.

Terminada a ceremonia, lançou-se nos braços do pai, exclamando:

- Quanto sou feliz! meu pai, acabo de juncar de flores o caminho por onde Deus passou!

Atemorisado o judeu, quiz levar o filho para longe de Paris e o fez, sem suspeitar que sua mulher fôra conquistada á fé de Jesus Christo.

Jorge não esqueceu a Eucharistia e, admirado pela mudança de procedimento que observava em sua mãi, comprehendeu que fôra baptisada.

Sabendo que ella recebia a Jesus quasi todos os dias, experimentor um sentimento de inveja que o fez exclamar:

- Mãi querida, porque não me esperaste? Pelo menos consente que fique a teu lado, quando receberes a sagrada Hostia.

E Jorge, unido intimamente a sua mãi, beijava-lhe respeitoso a roupa que lhe ficava sobre o coração.

Durante quatro annos pediu, com instancia, o favor da communhão que afinal lhe foi concedido, vindo o seu tio Hermann occultamente a Paris, preparal-o ao baptismo e á communhão.

Nunca desmentiu o seu amor a Jesus Eucharistia.

Imitemol-o, amaveis leitores da "Paladina do Lar".

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 7, p. 181-184, jul. 1915.

O REFORMADOR SOCIAL.

Conta uma legenda oriental que, em bello dia de verão, sahiu S. José a passeio em companhia do Menino Deus, dirigindo-se para um trigal, cujas espigas amarelleciam.

Tomando entre as divinas mãosinhas uma espiga e esbagoando-a, Jesus mostoru os grãos a sue velho guia, dizendo:

- Pai, o lavrador jogou em terra a semente que morreu e, depois de morta, produziu muitos outros grãos; tambem, em verdade, vos digo, se tal não sucedesse, ella viveria individualmente, ao passo que abundante colheita prepara na multiplicidade dos grãos que origina.

Sou o grão ... soffrerei a morte ... serei o pão das almas.

São José escutou admirado e confundido o que Jesus lhe diziz, ficando então conhecedor do surprehendente mysterio da Eucharistia, que o coração do Filho de Deus já projectava realisar, em beneficio da pobre humanidade.

Comprehendendo o excesso do amor de Jesus, o venerando ancião curvou os joelhos, osculou as màos sagradas d`aquelles que, perante os homens, chamava com o doce nome de filho, regando-as de abundantes lagrimas de commoção e, no intimo de seu ser, visto que as palavras lhe fugiam, acreditou, confiou e amou.

Não faltou o Salvador á divina promessa, entre nós reside permanente e residirá entre os que nos succederem até a consummação dos seculos, favorecendo a terra com a sua presença real, desde que instituiu o sacramento de seu amor.

No pequenino tabernaculo, sob a humilde apparencia de uma parcella de pão, espera que lhe venhamos expôr as necessidades e retribuir-lhe o carinho com a filial visita.

Desde a genese do christianismo, nas escuras catacumbas romanas, onde os discipulos do crucificado iam procurar, na sagrada Communhão, a força necessaria á

viagem do alem tumulo, na garantia do triumpho, a Igreja, pelo doutrinamento dos Apostolos e de seus eminentes theologos e philosophos, ordena que a Hostia sacrosanta seja o alimento de todos os seus filhos, sabios ou ignorantes, ricos ou pobres.

E vemos a pleiade extensa das intelligencias mais luminosas prostrar-se agradecida perante a divina Eucharistia, reconhecendo-lhe o poder occulto e omnipotente a despertar, nos corações, a chamma de ardente caridade, a inspirar heroismos inconcebiveis.

Pio X, de saudosa e santa memoria, no intuito de tudo reformar em Christo, abriu a porta do sacrario a todos os catholicos, franqueando aos meninos, predilectos do Mestre adoravel, o beneficio da Communhão frequente.

Certeza tinha, assim praticando, que se orientava pelo verdadeiro caminho da reforma.

Unir o coração da criancinha, ainda innocente e puro, ao de Jesus é garantil-o do contagio da maldade, semeando a bôa semente, antes que o inimigo venha lançar o joio; é preparal-o á guerra continua da existencia, abrandando-lhe a furia das paixões; é finalmente adestral-o para o desempenho da importante missão de servir a Deus varonilmente, no curto periodo da passagem terrena, inspirando-lhe, a miude, a ideia do sacrificio sacerdotal de que tanto carece a vinha do Senhor.

Prender o meigo e, naturalmente, sensivel coração da donzella ao divino prisioneiro do tabernaculo é presentear o futuro de novas phalanges de esposas de Christo, promptas a tudo arrostar para a gloria de seu Mestre; é providenciar para que, no recesso do lar domestico, floresçam as virtudes que o Evangelho descreve na mulher forte; é dar preceptoras dignas que se esmerem pelo progresso da patria e da sociedade.

Movimenta-se o nosso Brasil, uma expansão de fé religiosa verifica-se em todo o seu vasto territorio e, como é impossivel arraigar-se onde Jesus Christo,não se communique, intimamente, ás almas, nota-se que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, vivendo e reinando entre seu amor, tem se tornado universal.

E` certo que da união provem a força, do concurso das idéas, a luz, eia porque os congressos eucharisticos, homenageando o Deus do santuario, effectuase em differentes pontos do orbe, não faltando aqui no Brasil. S. Paulo, marchando sempre á frente na trilha do que é bello e justo, acaba de reunir o seu. Oh que milagres estupendos, na ordem espiritual e na temporal, produzem a concretisação de milhares de entes, pulsando unisonos, afim de que o reino de Jesus Christo se dilate, se avigore e domine os corações de todos os seus filhos!

E o Homem Deus, tendo querido ficar em nossa companhia, para que não desanimassemos ao approximar do perigo e lhe fossemos expôr as precisões continuas, no doce abandono da confiança filial, ao vêr a justa retribuição que nos esforçamos de lhe offerecer, sente-se pago de seus innumeros e extraordinarios beneficios.

Se comprehendessemos a delicadeza do excesso do devotado interesse que o Salvador manifestou, instituindo a sagrada Eucharistia, na vespera de sua paixão, quando os homens, que vinha redimir, machinavam o seu desapparecimento, entre as ignominias e as dores mais atrozes, não seriam vistos, assim frequentemente, os templos abandonados, usufruindo Jesus apenas a companhia silenciosa da pequenina luz, ardendo inconsciente ante sua prisão voluntaria.

Não podemos affirmar que, em nosso Estado da Bahia, escasseie o elemento religioso; mas falta-lhe a fibra da actividade para tudo. De alguns annos a esta parte, ficamos na espectativa do que fazem os outros e depois lhes damos as nossas ovações e parabens.

Na situação hodierna em que o materialismo prepondera, subjugando as faculdades intellectuaes aos gozos dos sentidos, em que a honestidade parece estranha em nosso meio social, e a especulação, com garras de abutre, de tudo se aproveita para o accrescimo

de seus lucros, não ha outra esperança de salvação, não existe outra bussola a guiar para o porto, senão o sacramento da Eucharistia.

Quem, d`entre os humanos, deixa de experimentar a necessidade de possuir um coração amigo que lhe sirva de fiel depositario de suas duvidas, receios, tristezas e esperanças?

Porque não escolheremos o Coração de Jesus, real e presente no pequenino ciborio, para lhe confiarmos o que nos afflige, inquieta ou perturba? Porque não lhe abriremos o peito para que, no colloquio da mais intima união, manifeste-nos o seu querer, encorajando-nos contra as adversidades.

Ah falta-nos a coragem; não ignoramos que a sagrada mesa requer o vestido nupcial, impõe sacrificios e combates, e somos pusillanimes, esperando que o ceu nos seja dado de presente, talvez em premio de alguns actos externos de religião, que nos satisfazem, quasi sempre, a vaidade.

Convençamo-nos, porem, leitores meus, que a vida eterna, nosso destino após a curta permanencia neste valle de lagrimas, nos dará o repouso, a alegria e a gloria, se tivermos sido valerosos campeões na batalha, sem tregoas, que soffremos das proprias paixões. O tabernaculo de nossas igrejas é o derradeiro annel que prende o coração da creatura ao throno de Deus; não contem somente a arca da alliança nem os objectos a recordarem os favores do Altissimo; mas o Deus vivo que nos ha de julgar e promette, com a sua palavra infallivel, a graça da immortalidade a todo o que lhe comer a carne e beber o sangue.

Mãis de familia, que receiais a chegada d`essa epoca de transição que leva da infancia á puberdade, porque assustador se apresenta o cortejo das más paixões, das perigosas companhias e de mil outros incovenientes, em vossas mãos está o recurso que removerá quaesquer difficuldades.

Não vos contenteis, como fazem algumas d`entre vós, de preparar somente vossos filhos á primeira Communhão; envidai serios esforços para que, depois, não se afastem do alimento sobrenatural, não se despeçam das aulas de catecismo, conhecendo apenas os mais essenciaes mysterios da fé; usai de todo o vosso ascendente afim de que pertençam a essas proveitosas associações catholicas, onde os moços encontram fortes elementos de perseverança no bem; deixai que aprofundem as bellezas, os segredos, os mysterios de nossa divina religião, para que a pratiquem convencidos e orgulhosos de sua crença.

Não teme a religião enfrentar a sciencia; veiu de um Deus omnisciente e omnipotente e, se o homem fosse capaz de explicar-lhe os mysterios, revelaria intelligencia igual a de seu Creador; não ha contradição alguma entre um dogma religioso e uma verdade scientifica, e raros não são os casos em que o homem intellectual, após longos annos de experiencias, de estudos e combinações, é obrigado a confessar a ignorancia da causa que produziu o effeito observado.

Nos mysterios religiosos, o predominante é o inexcedivel amor de Deus para sua creatura; compenetrando-nos d`esta verdade, empenemo-nos em retribuir-lh`o generosamente, devotando-nos a seu serviço e, de modo especial, approximando-nos do tabernaculo, onde nos aguarda a todos os instantes do dia ou da noite.

Se os homens assim o comprehendessem, veriam a reforma social operar-se de modo seguro; o divino Coração de Jesus, habitando no coração de seus filhos, pelo prodigio da communhão, ensinar-lhes-ia o verdadeiro trilho da justiça, da virtude, emfim do progresso social.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 8, p. 210, ago. 1915.

Regina Bernadette Magalhães Borges,
filhinha do Sr. Antonio Diniz Borges.

Num bercinho perfumoso,
Te puzeram, linda flôr,
Num desvelo carinhoso,
Todo amor.
Desvelo dos pais amantes
Que te querem vêr seguir
Por estradas rutilantes,
No porvir.
Em teu rosto que innocencia,
Que belleza a radiar!
Lembra, a paz da consciencia,
Teu olhar.
Ah conserva, lindo anjinho,
Esse lyrio angelical,
Deixa os cardos do caminho,
Foge o mal.
E`s de teus progenitores
A maior consolação,
Dá-lhes tambem ricas flôres
De affeição.
Cresce, cresce amante e pura,
Sendo o encanto de teus pais,
Dando-lhes tua ternura
Mais e mais.
Assim has de ter a sorte
De uma existencia feliz;
Que tem da virtude o norte
deus bemdiz.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 8, p. 211-214, ago. 1915.

A CHAVE DA FELICIDADE.

Queixamo-nos, frequentes vezes, achando que a felicidade nos foge; entretanto ao alcance nos está o meio de levar a existencia com suavidade, utilisando-a no trabalho.

A qualquer sexo ou condição a que pertença o individuo, caso se entregue á ociosidade, não pode ser feliz; ha de viver sempre contrariado e aborrecido, procurando o meio de matar o tempo, porque a ociosidade lhe envenena as horas, causando-lhe todos os males imaginaveis.

Assim como na agua estagnada se criam e multiplicam, aos milhares, os animaes immundos e nocivos; na alma indolente nascem e fructificam os maus pensamentos, productores da acções reprehensiveis.

E` o preguiçoso um ser inutil, desperdiça, a mãos largas, o thesoiro preciosissimo do tempo e passa, entre seus semelhantes, sem vestigios deixar de sua passagem, morrendo sem inspirar saudades aos sobreviventes, visto como não quiz se aproveitar das faculdades superiores, que o constituem rei de toda a creação.

Houve, em Moguncia, um Arcebispo que affiemava ser o coração humano semelhante a mó que tritura o trigo, reduzindo-o á farinha, se lh`o dão para triturar, mas que não pára o movimento, quando nada lha dão a moer, gastando-se a si propria.

Não é possivel gozar-se da felicidade, vivendo como os parasitas, á custa alheia. Um homem honesto e de idéas elevadas sente-se abatido em participar do grande banquete social sem contribuir para elle.

Não ha notabilidade alguma, quer no campo religioso quer no scientifico, alheia ao devotamento do trabalho.

Entre os mestres do christianismo, notamos S. Paulo, affirmando prazer em trabalhar para não ser pesado a seus irmãos e vemos, ainda hoje, os missionarios tudo sacrificando em proveito da salvação das almas, sem medir esforços.

Washington, desde a infancia, tratou de estudar, occupando-se, aos treze annos, em copiar formulas de receitas, notas, letras de cambio e outros documentos, adquirindo, muito cedo, as admiraveis qualidades que desenvolveu na administração publica.

Welligton, notavel capitão, possuia capacidade extraordinaria para o trabalho; organizou os capitulos do regulamento policial de Dublin, occupado na foz do Mondego, tendo em frente o exercito de Napoleão, commandadopor Junot.

Os indolentes porem, nunca chegam a sel-o de modo completo; quando o corpo se furta ao trabalho, o cerebro reduplica em actividade, produzindo, em muitas occasiões, cardos em vez de flores.

Certo é que, nos complicados calculos mathematicos, nas estupendas descobertas scientificas, maior é o trabalho intellectual que o material; mas este sempre, de perto ou de longe, acompanha áquelle, nas multiplas experiencias de que resultam a veracidade das leis.

Verdade é que nossa natureza se inclina naturalmente á indolencia, e a prova temos no selvagem tudo esperando do acaso das circumstancias, nada fazendo para melhorar o destino.

O homem ou a mulher que sabe dirigir, proficientemente, qualquer negocio importante merece a consideração dos que o cercam, porque, se todos devemos trabalhar no intuito de adquirir a felicidade, não são identicos, todavia, os generos de occupações.

Para nós, senhoras mãis de familia, o trabalho que nos impoz o Creador, aliás muito nobre e de muito serias consequencias, é ininterrupto.

Muito temos que vêr, muito que regular no interior do lar, e um momento desperdiçado pode acarretar males funestissimos.

E a mãi de familia não deve cuidar somente em bem aproveitar do tempo, mas cumpre-lhe exigir de todos os que lhe são dependentes o emprego consciencioso d`essa riqueza, que o Altissimo concedeu a todos os mortaes, como singular recurso para a obtenção de um premio eterno, e que denominamos tempo.

O marido, os filhos, os criados roubam-lhe os instantes de attenção, porem, em todos, deve encontrar cooperação, para que seu lar prospere e a miseria nunca se atreva a bater-lhe á porta. Não ha bem nenhum na vida, que se obtenha sem esforço, sem derrubar obstaculos, sejam exteriores, sejam interiores, entre estes, os mais terriveis chamam-se preguiça e egoismo. O esforço da alma é a coragem quotidiana para sobrepujar o que nos difficulta a acquisição do alvo que nos propuzemos, encetando a carreira.

Essa coragem é necessaria tanto para os males corporaes como para os espirituaes, sendo muito mais nobre supportar a adversidade, que abandonar, covardemente, o campo de acção pelo suicidio ou ainda mesmo pelo desanimo.

Para melhorarmos e adquirirmos certo valor moral, cumpre ter a firmeza que ataca os defeitos, resiste ás paixões, sem treguas nem condescendencias.

No desempenho da tarefa quotidiana, por vezes, monotona e difficil, a coragem se inspira na actividade.

Nas occasiões de perigo, em lugar de gritos inuteis ou lagrimas estereis, a coragem nos fará conservar o sangue frio, na serenidade de uma consciencia tranquilla e confiante na Providencia divina.

Quando cercados de pessoa que nos censuram ou pensam de maneira diversa, a coragem nos fará dicididos, calcando aos pés o respeito humano, attendendo á voz da consciencia e conservando a independencia de carater.

Tambem, no desempenho dos deveres civis, cumpriremos a parte que nos toca, desprezando a proprio interesse, collocando a patria em plano sempre muito superior.

Seremos então outros tantos soldados encarando a morte sem temor, ou outros tantos intrepidos marinheiros desafiando o elemento aquoso, desencadeado em tormenta.

A coragem, porem não é a temeridade. Expoôr-se ao perigo, desnecessariamente, é acto criminoso e não louvavel; mas, enfrentar as difficuldades e até a morte, para cumprir o dever, salvar a patria, soccorrer aos semelhantes, reparar uma injustiça é acto de coragem digno de todo o elogio.

Não esqueçamos, todavia, leitores meus, que a coragem é um acto da vontade, na fortaleza d`esta, concretiza-se o aperfeiçôamento d`aquella.

Continuando o trabalho que nos inspira aversão, não cedendo á solicitude de amigos falsos, arrastando-nos para o mal, desprezando empecilhos que nos desviariam do fim proposto, assumindo a responsabilidade de todos os nossos, até dos menos louvaveis, seremos corajosos.

E todos podemos sel-o, basta, para isto, querermol-o seriamente, lembrando-nos que o caração valoroso tudo alcança, segundo affirmava o grande Napoleão, mandando que o vocabulo impossivel fosse riscado dos diccionarios.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 9, set. 1915.

DE PASSAGEM.

No vapor Bahia, chegou a esta Capital, no dia 23 de Julho, em companhia do Exmo. Sr. Abbade Visitador, D. Lourenço Zeller, e do Exmo. Sr. Abbade do Ceará, D. Ruperto Rudolph, o Exmo. Sr. Abbade D. Majolo de Caigny, demorando-se entre nós cerca de oito dias, antes de regressar para Trindade, onde se acha.

Foi S. Excia. recebido a bordo por crescido numero de cavalheiros da melhor sociedade, seguindo para o mosteiro de S. Bento, no bonde salão, gentilmente offerecido ás Oblatas Benedictinas pelo Illmo. Sr. Francisco Marques A este, muito penhoradas, as mesmas de publico agradecem.

Ao chegar á porta principal da igreja de S. Bento, a banda musical do 20 corpo de policia executou um excellente trecho do seu repertorio.

Na escadaria, abriram alas grande numero de crianças, trajando de branco e segurando bonitos ramilhetes de flores; receberam-no, juncando-lhe o caminho de petalas de rosas, que tambem lhe cahiram sobre os hombros.

A igreja estava repleta de homens e senhoras pertencentes ao escol bahiano; todavia o silencio e o respeito, devidos ao lugar santo, não soffreram a menor quebra.

S. Excia. encaminhou-se para o altar-mór, onde celebrou o santo sacrificio da Missa, no meio do recolhimento dos fieis, acolytado pelo Revmo. Sr. D. Henrique des Enffans d`Avernas, tocando a banda de musica, no momento solemne da Elevação, o hymno nacional.

Após o augusto sacrificio, foram todos os circumstantes para a sacristia da igreja, onde S. Excia. o Revmo. D. Abbade de Majolo de Caigny, foi alvo de significativa manifestação das Oblatas benedictinas, falando, em nome de todas, a talentosa professora D. Adalgisa Magalhães Coelho, e recitando uma poesia a gentil Marieta de Sousa Gallo; ambas interpretaram, perfeitamente, os sentimentos das manifestantes.

Assistiram a esta prova de estima e gratidão das Oblatas de S. Bento, dada ao Exmo. Sr. D. Abbade Majolo de Caigny, os Exmos. Revmos. Srs. Abbade Visitador, o Abbade do Ceará e toda a illustre Communidade Benedictina.

Bastante commovido, respondeu D. Majolo ás phrases que ouvira, agradecendo o significativo e custoso mimo de um calice, para a celebração da S.ta Missa, que lhe foi offerecido nesta occasião. No reverso da patena se lia o seguinte: "Gratidão eterna das Oblatas de S. Bento da Bahia a seu respeitado e jamais esquecido Director".

Então prometteu que elle se utilisaria frequentemente, em recordação da Bahia, pela qual haveria sempre de orar.

Durante a estada no mosteiro, foi S. Excia. procurado por extraordinario numero de homens e senhoras, que o vinham cumprimentar e apresentar-lhe as cordiaes despedidas.

De todas as Associações que funccionam em S. Bento e que, pelos esforços de S. Excia., ahi foram estabelecidas, recebeu commoventes manifestações de que foi interprete a intelligente menina Anna Moniz de Aragão.

Uma lampada de fino gosto artistico foi-lhe offerecida na mesma occasião.

Não esqueceu a Familia Bahiana de se fazer representar, no bem elaborado discurso e na poesia: A Gratidão, recitados pelas esperançosas jovens Celina Barbosa Lopes e Maria das Neves Costa.

Um cartão de oiro com o mappa da Bahia, tendo no centro um coração, com os seguintes dizeres:

"Haveis de viver sempre no coração desta terra que é vosso", foi entregue ao Revmo. D. Majolo.

A tudo respondeu S. Excia. em poucas e significativas palavras, garantindo que, aos pés de Deus, se havia de lembrar sempre de todos.

No dia 30 de Julho, ás 7 horas da manhã, celebrou S. Excia. no altar de S. Bento, acolytado pelos Revmos. Srs. D. Bento de Sousa Leão Faro r D. Anselmo Paulo Romano. Grande numero de pessoas receberam-lhe das mãos Jesus Sacramentado.

Findas as acções de graças, depois do santo sacrificio, o Abbade D. Majolo de Caigny ouviu ainda duas palavras de despedida das Oblatas benedictinas, no parlatorio do mosteiro, e recebeu, nesta occasião, um castiçal de prata e um par de galhetas primorosas.

No castiçal, via-se a inscripção: Sincera lembrança das Oblatas da Bahia, e, nas galhetas assim como no calice, estavam gravadas as iniciaes de S. Excia.

Partiu D. Majolo, na tarde d`este mesmo dia 30, para a Trindade, onde seu zelo extraordinario, seus raros dotes de espirito têm lhe grangeado a estima e o respeito universaes, que lhe facilitam o ministerio da salvação das almas.

A Bahia, que nunca o esquecerá, faz sinceros votos a Deus para que lhe abençõe os trabalhos apostolicos.

Vão transcriptos os discursos e as poesias recitados ao Exmo. Revmo. Sr. D. Majolo de Caigny, por occasião de sua chegada.

* * *

Exmo. Revmo. Sr. D. Majolo de Caigny

Ha momentos na vida, revestidos de tão solemne majestade, que a eloquencia dos sentimentos é constrangida perante a frieza das expressões vocabulares.

Achamo-nos em uma dessas circumstancias.

Depois de uma ausencia de 29 mezes, quando anciavamos por trazer-vos as boas vindas, e nos compraziamos com a esperança de que, novamente, teriamos a felicidade de ouvir-vos os sabios ensinamentos, apontando-nos a estrada sacrosanta do dever, com a imperturbavel serenidade do Mestre, conscio do que affirma, e a convincente brandura paterna, que dispõe do coração e o conduz, suavemente atravez de escolhos e perigos, vemo-nos obrigados a acatar as disposições da Providencia, que, de maneira contraria a nossa espectativa preparou os acontecimentos.

Imprescrutaveis designios do Altissimo, quem vos póde sondar?

A Bahia, que tanta carencia tem de homens de vossa herculea estatura moral e intellectual, perde-vos!

Todavia, nessa decisão, diametralmente opposta ao desejo de todos os que sabem valorizar o merito, resta o consolo de não vos caber o amargor do arrependimento, por discrepancia em desempenho de obrigações.

Na vossa permanencia em nosso Estado, descrevestes uma brilhante trajectoria de luz sobre o mosteiro que, em boa hora, vos foi confiado; e a prova cabal dessa affirmativa revela-se nas expressões veridicas do Redemptor da humanidade, quando diz que, pelos fructos, se conhece a boa arvore.

Os fructos de bençams, espalhados á sombra deste oasis benedictino e offerecidos aos filhos da Terra do Salvador, foram tão numerosos e proficuos, que bastaria um só para immortalisar-vos o nome.

Vêmos a florescente Associação das Oblatas que reformastes e vos é devedora do grande fervor que a anima, provando-o no cumprimento exacto dos preceitos de seus

estatutos e nos exemplos de edificação, que lhe testemunham o zelo do culto piedoso, votado a seu preclaro protector; a Obra dos Tabernaculos, hoje pertencente ao Arcebispado, assim como a Liga das Senhoras Bahianas, presentemente conhecida sob a denominação de "Liga das Senhoras Brasileiras"; a Pia União do Sagr. Coração de Jesus; a Associação de S. Francisco Regis, promovendo a legalização, perante o Altissimo, da união d`aquelles que, dos mandamentos de Deus olvidados, vivem illicitamente sob o mesmo tecto; a Liga da Communhão Frequente, chamando á mesa Eucharistica homens, mulheres e crianças, em obediencia ao decreto do santo Padre Pio X, de saudosa e veneranda memoria, e que, ainda ha poucos dias, revelou, na pompa de suas festas, a convicção das idéas magnanimas que professa; a Associação das Almas do Purgatorio, devoção peculiar, por assim dizer, aos benedictinos e que, progressivamente, marcha; a Devoção Popular ao inclyto Patriarcha dos monges do Occidente, o grande S. Bento; as Conferencias Apologeticas, continuadas hoje em nossa Igreja Cathedral, e finalmente a revista "Paladina do Lar"que, desassombradamente, venceu os obstaculos encontrados e vai, com denodo, procurando auxiliar a familia na tarefa da educação da juventude. Todas estas obras, cujo fervor primitivo se mantém, alto propagam o zelo apostolico do luzeiro que a Bahia possuia, mas que lhe foi arrebatado por Deus, a quem aprouve transportal-o em outras plagas mais privilegiadas, onde poderá, com largueza, expandir a chamma do amor sobrenatural que lhe domina o coração.

Resignamo-nos aos decretos da Providencia, embora sentindo que a dôr nos traspassa a alma.

A manifestação que vêdes, Exmo. Sr., muito expressiva na singela veracidade, representa o affecto respeitoso unido ao pezar intenso, oriundo da gratidão que vos consagram vossas filhas espirituaes em S. Bento.

Mas, esquecemo-nos que, para o catholico, não ha distancias nem separações; possuem um vinculo sagrado que prende, fraternal e solidamente: é Jesus Eucharistia, permanente nos santos altares e vivo nas almas, pela graça miraculosa da Communhão!

A Elle, pois, a este Deus que de nós se não separa, repetiremos o vosso nome, Exmo. Sr., rogando-lhe a bençam para os vossos trabalhos, certas de que outro tanto fareis, implorando-lhe as misericordias em nosso favor.

No S. S. Coração de Jesus, nos congregaremos pois, emquanto na terra permaneceremos afastados, para, depois que cessarem as tormentas da vida, bemdizermos ao Eterno, que do mal apparente sabe produzir o bem, originando a alegria do que motivara a tristeza.

Felizes, muito felizes os que, como vós, Exmo. Sr. podem assegurar, perante o tribunal incorruptivel da consciencia, que não fraquearam na trilha do dever, pautando as acções pelos dictames da justiça; tambem, se deixais a Bahia, nella se conservam tudo quanto, para seu progresso moral e religioso, emprehendestes e realizastes; nisto se vos concretisa a maior gloria.

Na insignificante offerta que vos trazemos, vai incluso o pedido instante e filial de que a useis frequentemente, como recordação dos que vos prezam e, com fidelidade, se empenharão na observancia do que sempre prescrevestes, isto é, a lei de Deus.

Desculpai a mesquinhez da lembrança que vos rogamos de aceitar, e conservai-a emquanto existirdes.

Grande satisfacção nos será a certeza de que, celebrando o augusto sacrificio da santa Missa, offerecendo o sangue do Cordeiro Immaculo, o nome da Bahia, vinculado ao de vossas filhas espirituaes, as Oblatas Benedictinas, vos acudirá prestes á memoria, merecendo-vos a supplica fervorosa em sua intenção.

* * *

Saudação a D. Majolo de Caigny.

SALVE!
Vimos aqui, pressurosas,
Trazer-vos, mui jubilosas,
As flores do coração:
Que vos darão, Dom Abbade,
Com toda a sinceridade,
Um preito de gratidão.
E` grande nossa alegria
Mais uma vez, na Bahia,
Logrando vos festejar,
Repetindo, com transporte,
Em voz clara e muito forte,
Que vos sabemos prezar.
Mas nossa immensa ventura,
Infelizmente, não dura,
Porque Deus vos quer alem;
Sentindo correr o pranto,
Não murmuramos no entanto:
O Senhor faz tudo bem.
Vosso nome respeitado
Não pode ser olvidado
Na terra do Salvador
Em que tanto trabalhastes,
E tanto vos esforçastes,
Sempre com zelo e fervor.
Foge a vida como um sonho,
Mas sonho triste e medonho
Que o coração faz gemer;
Uma cruz outra seguindo
Até que o bom Deus, sorrindo,
No ceu nos deixe viver.
Quando, longe d`essas plagas,
Contemplardes mansas vagas
De outros mares, de outros ceus,
Transportai o pensamento
Para a igreja de São Bento,
Para os pés de nosso Deus.

Unidos no santuario,
Ante o pequeno sacrario,
Em que reside Jesus,
Mudas preces trocaremos,
Saudades mitigaremos,
No santo amplexo da cruz.

23 de Julho de 1915
MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

* * *

GRATIDÃO.

Entre as flores que a regia natureza
Abriga no regaço maternal,
Uma existe que vence, na belleza,
A todas, de maneira especial.
Nasceu no reino eterno da justiça
E cresce tendo as bençams do Senhor,
Seus fructos, que a soberba desperdiça,
O alento faz voltar ao viajor.
Como o sol, quentes raios espargindo,
O gelo endurecido liquefaz,
E, mostrando o semblante augusto e lindo,
Um raio de esperança ameno traz,
Assim tambem, nas almas, Deus permitte,
Nos caminhos desertos, nos paúes,
Um lampejo divino, aureo limite,
Que se forma de nuvens sempre azues.
E` rara, muito rara, é uma virtude
Que da terra está prestes a fugir,
E troca o soffrimento agreste e rude
Em vicejante oasis do existir.
Assiste em coração que é bem formado;
Qual immenso thesoiro, lhe dará
Ensejo de provar, sempre animado,
Que a memoria do bem não perderá.
Aqui, no grande Estado da Bahia,

Em muitos corações, reina feliz
E, nos hymnos festivos de alegria,
Um nome, vosso nome, hoje, bemdiz.
Embora a escura sombra da saudade
Venha o bello horizonte ennegrecer,
Convictos repetimos: Dom Abbade,
Entre nós sempre haveis permanecer.
Da Familia Bahiana vos trazemos
Uma prova de amor, de gratidão;
Brotou do vosso esforço, bem sabemos,
E volta para nosso coração.
Assim perdurará vossa lembrança
Como um claro pharol que aponta alem
O porto da verdade e segurança,
Asylo dos que seguem pelo bem.

27- 7- 915

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 10, out. 1915.

UM TERÇO QUE SALVA.

Habitava D. Emilia F... durante o estio, numa agradavel propriedade em S. Germano de laye, em companhia de seu marido, emquanto os filhos permaneciam em Paris, afim de não interromperem os estudos, reunindo-se a familia toda na occasião das ferias.

Indo D. Emilia em romaria a N. Senhora de Lourdes com um de seus filhos, entre outros objectos, trouxe d`esse privilegiado santuario um terço de contas volumosas e muito comprido, igual aos que os devotos artilheiros, no antigo tempo da liberdade, usavam a tiracollo, deixando que lhes batesse marcialmente no sabre.

O rosario de D. Emilia foi pendurado na parede do quarto de dormir.

Recebendo ella um telegramma de seu banqueiro, chamando-a, com urgencia, a Paris, para esta cidade se encaminhou, resolvida a ficar ali algumas semanas.

No dia immediato ao telegramma, que era Domingo, as duas criadas da casa vieram solicitar a permissão de irem para a casa de seus pais, por se commemorar uma festa de familia e serem ellas irmãs.

A` tarde nenhuma voltou e a pobre senhora, ainda que um pouco assustada, teve que passar a noite sosinha num casarão.

Fechou todas as portas, encommendou-se a Deus e deitou-se.

De repente um ruido singular, vindo do quarto contiguo fel-a abrir os olhos.

Qual não foi então o seu terror, vendo um gatuno esvasiando-lhe as gavetas dos moveis.

Deixa, precipitadamente, o leito e, por um movimento involuntario, faz cahir o terço que rola até o meio do quarto.

O ladrão, constatando que a senhora despetara, encaminha-se para ella com um punhal.

D. Emilia invoca do fundo d`alma a S. S. Virgem e vê, no mesmo instante, o malfeitor embaraçar as pernas no terço, jogando por terra a cadeira a que se arrimara e, com ella, outros objectos.

Corre a senhora para a porta da rua, fecha-a com a mesma chave que ficara na fechadura e grita pedindo socorro.

Os visinhos e transeuntes acodem e o ladrão é preso, confessando que entrara, porque sabia que as criadas estavam ausentes e elle tinha guzúa para penetrar na habitação.

Gloria a Maria S. S.

* * *

A Sabbatina de Systema Metrico.

(Monologo.)

A scena representa uma saleta mobiliada com simplicidade, no centro da qual vê-se pequena mesa com livros e cadernos.

(Entra Carlota, menina de onze a doze annos, mal abotoada e com os cabellos em desalinho.)

Ah meu Deus! nove horas não tardam e não sei patavina de minhas lições! motivo pelo qual vim correndo para a sala de estudo, não perdendo tempo em desembaraçar os cabellos e abotoar o vestido ... Se mamãi me visse! ... Mas não tenho remedio senão fazer assim, pois é dia de sabbatina ... Não sei o que será de mim com a professora rabugenta que me coube por sorte e que é tão amiga de meus pais! ... Ora, dizem que sou muito intelligente ... basta ouvir uma modinha e logo sei cantal-a; todas as figuras da dança me são familiares, asseverando o professor que não lhe custa ensinar-me ...

(Levanta-se e dança cantarolando, depois torna a sentar-se.) Mas, com as taes lições da senhora D. Marianna, o caso é muito differente! ... Ah que mulhersinha das Arabias! ... Não segue o modernismo que livra o pobre alumno do trabalho fatigante da decoração; entende que este processo é uma utopia, porquanto a memoria é uma faculdade preciosissima, cujo cultivo deve merecer, da parte do educador, serios cuidados, diz ella ... Não pensem, entretanto, que me obriga a dizer o que o autor escreveu sem a minima alteração; se assim fosse, me julgaria feliz, porque basta que leia qualquer coisa, com um poucochito de attenção, para conserval-a, pelo menos, em parte; porem D. Marianna interrompe-me, perguntando o porque de tudo, exigindo o significado das palavras, sujeitando-me a verdaeiras provas de fogo.

Apre! ... se pudesse ! ...

(Tira da mesa o primeiro livro que encontra.)

Bom! peguei mesmo no maldito Systema Metrico ... veiu, primeiro que todos os companheiros, fazer-me caretas. Por mais que me esforce, o tal senhor não me entra na cabeça ... Comprehendo perfeitamente porque meus patricios, os ardorosos pernambucanos, pretenderam organizar, em 1874, a revolta dos Quebra-kilos ... Não pensem, meus senhores, que cito este facto historico por ter muito conhecimento do que se tem passado em minha terra; não, gosto da Historia do Brasil tanto como do Systema

Metrico e de tudo quanto me obrigam a estudar; porem meus pais não querem me attender neste ponto, e cada vez mais autoridade concedem a minha professora sobre mim. Que martyrio! ... Quando chegar a ser mãi de familia, hei de ser mais indulgente com meus filhinhos, lembrando-me dos tormentos que tenho passado ... Ora se fosse viva, na revolta dos Quebra-kilos, não deixaria de prestar todo o meu auxilio aos revoltosos, metter-me-ia na politica e, tanto haveria de cabalar, que o enfadonho Systema Metrico correria envergonhado de minha terra ...

Se ainda a minha professora fosse indulgente, interrompesse a lição para discutir sobre modas e figurinos, essencias e pós de arroz ... se tratasse da vida alheia, trazendo-me noticias do casamento de umas senhorinhas, das tabocas soffridas por outras, emfim dos escandalos da vida elegante ... mas é de uma intransigencia inqualificavel! ... Vejam (Levanta-se, empertiga-se, vai para a porta e volta). Bom dia, menina, diz-me ao entrar D. Marianna que, seja dito entre parenthesis, não teme o sol nem a chuva, tudo affrontando, para ter o prazer de gozar-me da companhia, conforme não cessa de assegurar á mamãi que , sendo dotada de bondade angelica, em todos acredita e não imagina os transes angustiosos por que sua filha passa ! ...

Sem tirar o chapeu, não usando luvas, mal se aparta do guarda-sol ou guarda-chuva, como queiram os senhores, abre a mala ... Que mala! ... E` uma arca de Noé, trazendo, alem de muitas coisas, cadernos de exercicios de suas numerosas alumnas, os quaes levou para corrigir em casa.

Começa a lição pedindo os problemas que deixou para resolver, ou os verbos que exigiu que fossem conjugados por escripto, ou tudo o mais que, na sua impertinencia, lhe passou pela cabeça ordenar a misera alumna que fizesse para lhe apresentar.

Nos dias de sabbatina, é um terror; apesar de não ser medrosa, sinto calafrios, encarando-lhe a physionomia de mata-mouros ... (Procura,carregando o semblante, imitar a professora) Mas ... faltam cinso minutos para que chegue D. Marianna ... Que fazer? Coragem ... Comecemos. (Abre o livro e lê:) Systema Metrico é o systema de pesos e medidas que têm por base o metro.

E que quer dizer systema? perguntará logo a aborrecida D. Marianna? Sei lá ... E` a maneira de pensar de cada um; Mamãi diz sempre: Não falemos da vida alheia, cada qual tem seu systema; logo Systema Metrico é a maneira de pensar... de quem?... Não pode ser do metro! ... Ah dos senhores Delambre e ... e ... vejamos no livro (Abre o livro) e Mechain: Ah, senhor Mechain! antes V. Senhoria não tivesse mexido com o antigo systema de pesos e medidas! ... (Ouve-se tocar a campanhia) Meu Deus ! é ella ... Valha-me Nossa Senhora de Pompéa e o Menino Jesus de Braga! ... Já sei que perco o cinema e oiço de Papai um sermão interminavel, alem do que vou contrariar a minha Mamãi, que não me poupa desvelos carinhosos! Ah terrivel Systema Metrico! ... Não, a minha vadiação é que é terrivel; vou mudar de systema para bem comprehender o Systema Metrico.

(Cai o panno.)

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 11, nov. 1915.

Os filhinhos do Sr. Dr. Rodrigo Costa.

Eis um grupo de innocencia

Que vem, na muda eloquencia,

Parabens a conquistar;
No semblante, espelho d`alma,
Vê-se alegria tão calma,
Que do ceu nos faz lembrar
Quadra feliz que atravessa,
Qual borboleta travessa,
Sem receios do porvir,
Pela estação rude, ás vezes,
De prantos e de revezes,
Da vida no proseguir.
Mas não cuida a mocidade
Na triste realidade,
Vive entre sonho de amor;
Dos pais gozando as caricias,
Vogando em mar de delicias,
Não pode pensar na dôr.
De todos é ledo encanto,
Tendo direito, no entanto,
Ao cuidado, á protecção,
Para que venha a dar fructos
Que sejam raros tributos,
Tributos do coração.
A patria espera que os moços
Transformando-se em colossos,
Por ella saibam morrer;
Pois da familia no templo,
Vai-se aprendendo, no exemplo,
A santa lei do dever.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 11, p. 305-309, nov. 1915.

CONFERENCIA
DA PROFESSORA D. MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES,
no Gremio Literario da Bahia, em 12 de outubro de 1915.

A Meus senhores,

confiança e somente a confiança na bondade incontestavel dos que tão generosos foram, commettendo-me tarefa quasi superior ás forças, abonam-me a convicção da indulgencia, tirando-me o receio inspirado pela incerteza do bom ou mau desempenho de meu trabalho.

Grande honra considero ter que me dirigir a um selecto auditorio, neste dia em que se commemora a descoberta da formosa patria americana, dia que relembra os martyrios de toda a especie, padecidos por um heróe, tudo vencendo pelo poder de sua vontade, pela energia de seu caracter, concretizando seu nome a maior das epopéas.

Venho, rendendo-lhe tambem o preito da admiração e do reconhecimento, empenhar esforços em prol de uma idéa literaria e progressista.

Meus senhores, sobre que assumpto poderia vos falar hoje, dia em que o nome de Christovam Colombo é por todos relembrado, senão fôra sobre a firmeza de caracter, imprescindivel em todas as epocas da vida, para a realisação de qualquer ideal?

E, qual o homem que deixará de fitar um alvo, de girar em torno de uma estrella a lhe indicar auspicioso rumo? Não ha nenhum.

Deixamos de aspirar quando a morte nos gela o sangue.

Por isso é que, encarando firmes a meta que desejamos attingir, é mister que para ella nos encaminhemos, sem medir sacrificios nem nos desviar do lema, applicavel em muitas occasiões:

Quere é poder.

Si Colombo não tivesse sabido querer, não venceria os mil obstaculos que a falta de recursos, os preconceitos do seculo, a má vontade invejosa lhe creavam a cada passo; não teria alcançado os louros de descobridor da America, vencendo o seu nome a ingratidão dos tempos e conservando-se involvidavel em todas as gerações.

E` unica a especie humana admitte uma só familia, no sentido historico do termo, um só typo, um só genero, que é o homem, distincto de todos os outros animaes pela disposição symetrica do corpo, pelo conjuncto harmonioso dos orgams, pela posição vertical, pelo contraste dos pés e das mãos e desenvolvimento preponderante do cerebro.

E' a obra prime de quanto existe na creação.

Apesar dos esforços de Darwin e de todos os materialistas que lhe seguiram as doutrinas, palpaveis são as differenças entre elle e o Pithecanthropo.

O homem tem a cabeça dirigida para o ceu; com os olhos contempla essa abobada azulada que lhe serve de tecto; no semblante, reflecte as impressões que lhe vão n`alma, quando não se serve da palavra consciente; o animal inclina-se para a terra que é o seu destino; com os musculos faciaes, consegue apenas fazer hediondas caretas e, por muito domesticados que sejam, nenhum conseguiu provar o pensamento na palavra articulada.

Que perfeição inexcedivel apresenta a mão do homem! E` um orgam de tacto de primeira ordem, tornando-se, na industria, o mais perfeito dos instrumentos conhecidos.

Nos quadrupedes, a mão se distingue pela extensão e curvatura da região palmar, pelo pollegar, que é, relativamente, muito curto, pela dependencia mutua dos dedos; é simples orgam de prehensão.

Porem os caracteres anatomicos e physiologicos quasi importancia nenhuma têm comparados a estas faculdades preciosas, riquezas inalienaveis do homem, que se podem dividir em tres categorias principaes: pensar, sentir e querer.

O homem pode representar-se os objectos, comparal-os, distinguil-os uns dos outros e nisto está o pensamento, a intelligencia, que designa tambem a reproducção de idéas abstractas e até do que nunca foi visto; constituindo, neste caso, a phantasia ou imaginação. A intelligencia pode ainda guardar a impressão das imagens que uma vez traçou, chamando-se memoria.

A alma do homem sente e os seus sentimentos variam; quando violentos e desordenados, constituem-se em paixões.

Finalmente consegue a alma executar os pensamentos; é a faculdade de quere, manifestada de modos differentes. Não existem estas tres faculdades principaes, em todos os homens, no mesmo grau de intensidade. A intelligencia predomina em alguns, a vontade e o sentimento em outros. Os homens intelligentes gostam da reflexão, os sentimentaes obedecem ás inclinações, os voluntarios estão sempre decididos e promptos a agir.

Gustavo Le Bon, tomando por base a cultura do espirito, considera os homens divididos em raças primitivas, inferiores, medias e superiores.

Nas raças primitivas, não se descobrem vestigios de cultivo intellectual; o homem cuida apenas dos meios de subsistencia, emprega-se na caça ena pesca, não tem ambições nem idéaes. Serva te ipsum.

Nas raças inferiores, vislumbram matizes de civilisação, porem escassos e muito insignificantes, como é facil de averiguar nos infelizes africanos.

Nas raças medias, a civilisação attingiu um certo grau de importancia que estacionou, deixando-se vencer por outros povos; sirvam-se de exemplo os chinezes, supplantados pelos europeus e até pelos americanos.

Nas duas primeiras raças, verifica-se a maior ou menor incapacidade para o raciocinio, d`ahi a credulidade ingenua a reflexão limitada, o espirito de imitação assaz desenvolvido, a mobilidade extrema de caracter, com imprevidencia notoria.

Nas raças superiores, destacam-se o caracter e a intelligencia. Aquelle formado de perseverança, de energia, de aptidão para se dominar e de moralidade, tomando-a como synonimo do respeito hereditario ás regras sobre que repousa a vida de uma sociedade.

E a evolução de um povo depende mais de seu caracter que de sua intelligencia, nol-o affirmam as paginas da Historia Universal.

Em quanto os Espartanos aprenderam a soffrer e a luctar foram respeitados.

Nas guerras medicas, entre os Gregos e os Persas, admira-se o patriotismo e a disciplina dos soldados, o militarismo dos chefes, salvando a independencia dos primeiros, grangeando-lhes uma aureola eternizada por Herodoto e por Eschylo.

Não valeram os innumeros batalhões de Xerxes e de seu successor Atarxerxes Longimano: o numero nem sempre fornece maiores probabilidades de victoria, e sim a energia, a coragem, o caracter emfim dos combatentes.

Pelo caracter, solidificam-se os alicerces da religião, dos governos, da sociedade. Mas o verdadeiro caracter não se forma sem esforços, sem vigilancia, sem dominio de si proprio. O homem de caracter é justo e recto em todas as circumstancias da vida; é honesto nas palavras e nos actos; é generoso e clemente para os inimigos e os fracos.

Ha circcumstancias em que o caracter individual exerce uma especie de magia.

Narra a Historia que Douglas, cahindo mortalmente ferido na batalha de Otterburn, pediu que seu nome fosse pronunciado, em altas vozes, porquanto rezava a tradição, em sua familia, que um Douglas, apesar de morto, seria vencedor. Esta ordem sendo executada, os soldados reanimaram-se e venceram verificando a phrase poetica:

Somente o nome de Douglas alcançou a victoria,

Não tendo a morte o poder de roubar-lhe esta gloria.

Bastava o olhar de Napoleão para electrisar os seus soldados e conduzil-os ao campo da victoria.

Não ha meio que mais propicio seja para a formação do caracter do que o trabalho, por elle regularisamos a existencia; alem de sua esphera não se vive, vegeta-se; as nações depauperam-se e, finalmente, declinam para as trevas do anniquilamento.

Quando, em Roma, o luxo do Oriente se introduziu, quando os cidadãos romananos, cercando-se de um exercito numeroso de escravos, contando alguns mais de vinte mil d`essas machinas vivas, que lhes deviam obedecer ao mais imperceptivel aceno, quando as bacchanaes e todo o cortejo das superstições gregas tiveram fóros de cidade, quando os sceepticos, como Evhemero, escreviam livros para provar á juventude que Deus não existe, quando o ocio fazia procurar as distracções do amphitheatro, as luctas dos gladiadores, os vestidos de seda e ouro, as baixellas de ouro e prata, adoptando os ricos o costume de comerem deitados, procurando manjares exquisitos como linguas de passaros, miolos de pavão, muréas nutridas com o corpo dos escravos, peixes exoticos, quando o exercito se compunha de aventureiros, não tendo em mira senão o pensamento de grangear fortuna, esses costumes corruptos transformaram os homens; de campoezes laboriosos e rudes converteram-nos em miseros indolentes que, muitas vezes, enfastiados da existencia, abriam as veias e banhavam-se no proprio sangue.

Quando as occupações ruraes eram, na Italia, compativeis com os altos cargos politicos, que os generaes e os soldados, dextros no manejo das armas, vinham concluir os hymnos da victoria, encetados no campo de peleja, arroteando a terra, de onde colhiam abundantes recursos, a patria elevava-se aos paramos do infinito.

Notabilizam-se o despota e o selvagem pela indolencia, sendo a do espirito mil vezes mais prjudicial que a do corpo.

Southey, contando dezenove primaveras, tanto horror votava á ociosodade, que se lamentava de estar, provavelmente, na quarta parte da existencia, se haver prestados serviços á humanidade.

Entretanto fôra um estudante; conhecia a literatura ingleza e as traducções de Tasso, Ariosto, Homero e Ovidio, não podendo, de modo nenhum, considerar-se um preguiçoso; mas faltava-lhe o consolo de haver cooperado para o bem da sociedade.

O amor ao trabalho é um preservativo contra as paixões e um antidoto contra os pezares e desgostos, inseparaveis da existencia.

Os dominadores do mundo salientam-se por esta virtude, tanto sob o ponto de vista material, como intellectual, porquanto o primeiro não inhabilita o espirito para a carreira literaria antes lhe serve de grande auxiliar.

(Continúa).

Anno VI, n. 11, p. 327-328, nov. 1915.

O EXERCICIO DÁ SAUDE.

Não se limita a hygiene ás medidas de precaução e de preservação, assevera Compayré, mas estende-se ás leis do exercicio physico, as quaes proporcionam o repouso do cerebro e dos nervos, fortificando de maneira directa os musculos, factores do movimento e instrumentos do trabalho physico.

Sendo incontestavel a vantagem de todos os exercicios musculares, é necessario, porem, dizer que preferiveis são os que aproveitam a todos as partes do organismo, dispendendo pouca força e xigindo diminuto concurso das faculdades cerebraes.

Não ha remedio mais efficaz contra a fadiga produzida pelo excesso de estudo, do que as distracções e os exercicios musculares.

Sob a influencia de um regimen quotidiano regularisado, os musculos tornam-se, alem de mais volumosos e robustos, mais contracteis e, por conseguinte, mais aptos a corresponderem, vigorosamente, aos impulsos da vontade.

A vida organica, nas suas differentes funcções de digestão, circulação e respiração, activa-se pelo movimento e o espirito, unido mysteriosamente ao corpo, tambem não deixa de resentir beneficos resultados.

Basta observar o que em nós se passa depois de um passeio regular ou de uma distracção methodica, para constatarmos que não somente o corpo aproveitou, mas que tambem as idéas se tornaram mais claras, a imaginação mais viva, o sentimento mais ardente.

O homem ou a criança que, diariamente, se applica ás provas do cansaço do corpo, que sabe supportar um esforço muscular, adquire não somente musculos, como tambem maior somma de energia vital.

Entre os exercicios physicos, devemos preferir os que dispensem qualquer esforço intellectual e a gymnastica é, precisamente, uma cultura regular e methodica do organismo; está para a actividade physica como um bom programma de estudos, para a actividade intellectual.

E, desde os tempos antigos, era a gymnastica muito honrada e apreciada; em Agora, por exemplo, praça publica de Athenas, corôavam-se os triumphadores da pugilato, da carreira, do palestra (lucta corpo a corpo).

Em Roma, os rapazes e os adultos vinham, quotidianamente, ao campo de Marte se exercitar na destreza dos movimentos e na acquisição das forças musculares.

No seculo XVII, um amigo de Fenelon escreve o seguinte: Para ter saude, convem ser asseiado, respirar bom oxygeneo, nutrir-se sobriamente, beber boa agua, pois ainda que a natureza nos ensine tudo isto, é razoavel doutrinar as crianças, para que a razão não fique subjugada aos maus habitos.

O que augmenta a força contribue favoravelmente á saude, e o que fortifica não é, como pensa o vulgo, comer muito e beber demasiado, mas trabalhar e exercitar-se, nutrindo-se e repousando-se proporcionadamente.

Em todos a s epocas, os exercicios mais usados foram: caminhar, conservar-se de pé algum tempo, carregar fardos, correr, saltar, montar cavallo, nadar, manejar as armas, jogar a pela. Taes exercicios devem ser feitos segundo as idades, as condições, as profissões, sendo claro que alguns não se applicam ; ás mulheres.

Estas têm ainda mais precisão de gymnastica do que os homens, affirma Bartholomeu de Saint-Hilaire, porque os obstaculos que a vida civilisada oppõe são, para ellas, em muito maior escala e mais funestos.

Não deve ser o ideal das mulheres permanecerem creaturas franzinas e delicadas, comendo pouco e, impossibilitando-se de fazer qualquer trabalho manual, de qualquer esforço physico, porem gozarem de uma florescente saude e de um robusto desenvolvimento, por mais plebeus que pareçam taes predicados.

Assim, pois, as senhoras mãis de familia,em sua exaggerada solicitude materna, não devem privar as filhas do trabalho manual; devem acostumal-as na arte do arranjo domestico, ensinar-lhes a varrer, limpar, cosinhar, concertar a roupa, mostrando-lhes que

esses misteres fortificam, preparando-as para o futuro desempenho da nobre missão que lhes ha de competir, quando constituirem a propria familia.

Necessita a patria de filhos que disponham de vitalidade e força, para o que devem os musculos serem exercitados desde a infancia.

E` bom acostumarem-se as meninas á direcção da casa, tendo, pelo menos, uma semana por mez, afim de que se dêm conta de tudo, da despeza diaria e do preço dos generos.

Educadas no amor do asseio, não se julgarão humilhadas as meninas quando preciso lhes seja limpar os objectos de uso domestico; e a ordem lhes inspirará o habito de collocarem cada cousa no lugar conveniente, afim de que não haja desperdicio de tempo na procura do que se necessita, fornecendo motivos de impaciencia ou mesmo de contrariedade.

Ha muitos hygienistas que prescrevem o exercicio de varrer como um meio poderoso, para ajudar as funcções de respiração e circulação.

Emfim, sejam as moças capazes de prestar valioso concurso ao esposo que tiverem escolhido, não só pelas qualidades moraes que possuirem, como tambem pela sua actividade bem entendida, a qual se pode considerar, dote de grande valor.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VI, n. 12, p. 335-340, dez. 1915.

Conferencia da Professora D. Maria Luiza de Sousa Alves,

no Gremio Literario da Bahia, em 12 de Outubro de 1915.

(Continuação.)

Os homens de caracter possuem a coragem da verdade, são inimigos acerrimos de qualquer fraude ou embuste; a falta de sinceridade acarreta a desordem e a anarchia.

As mentiras diplomaticas, as convencionaes, as phrases equivocas são outros tantos attentados feitos ao caracter particular e redundando em prejuizo do caracter nacional.

Offende-se tambem á verdade com os disfarces e reticencias, o pseudo accordo com as opiniões alheias, as promessas illusorias, incutindo esperanças irrealisaveis, o esforço inutil para a todos contentar, produzindo, innegavelmente, a perda da confiança, essa pedra angular sobre que se architecta a vida da sociedade.

Peor ainda que todas as offensas, irrogadas á face da verdade, é a calumnia que, na sua marcha destruidora, substitue a nivea côr do bem pela tetrica escuridão do mal, pervertendo a visão da intelligencia, a tal ponto, que esta não descobre, no adversario, muitas vezes, senão as mais inverosimeis vilanias.

Essas faltas deprimidoras do caracter, produzem, de modo lento e seguro, o regresso de um paiz.

No seculo XVI, os reinos de Portugal e de Hespanha, eram dos primeiros entre as nações européas, e, tendo dado os Camões, os Ferreiras, os Castros, os Cervantes, os Murillos, os Lope de Vega, involuem, deixando que outros povos se fortaleçam na lucta e consigam o apogeu da gloria.

E, querendo examinar as causas que, em todas as epocas, têm originado o rebaixamento dos differentes povos de que a Historia se occupa, veremos, de modo invariavel, que foi a mudança da constituição mental oriunda da decadencia do caracter.

Attingido um certo grau de civilisação e de poder, em geral, desenvolve-se no povo o sentimento do egoismo; o trabalho degenera-se, o individuo não sabe contentar-se do pouco; procura aproveitar os curtos dias da existencia no gozo dos prazeres e distracções, sem considerar que o caracter se lhe vai enervando.

Em these, o progresso social é um parallelismo perfeito com o progresso organico.

Na escala inferior dos seres animados, o tecido organico é quasi homogeneo, não havendo funcções determinadas nem trabalho apropriado aos diversos grupos de tecidos; entre os animaes superiores, todas as funcções têm orgams especiaes que dividem o trabalho e são constituidos por elementos heterogeneos.

No estado primitivo, os individuos ajuntam-se em collectividade, cabendo as mesmas funcções a todos.

Mas, nas sociedades onde a civilisação penetrou, ha completa distincção de orgams de trabalho, n`uma especialisação bastante complicada que chega a tocar os extremos do exaggero.

Admittindo-se que o andamento progressivo seja o mesmo para os organismos biologicos e os sociaes, o que, nos primeiros, gerar a decadencia, produzirá, nos segundos, resultado identico.

Lançando um golpe de vista á humanidade em geral e a raça latina em particular, cumpre-nos reconhecer que visivel abatimento ameaça a vitalidade d`esta.

De dia para dia, como que lhe desapparecem a iniciativa, a tenacidade, a disposição para agir.

As precisões materiaes augmentam, constituindo-se para os homens o ponto de mira, desorganiza-se a familia, que pesados compromissos impõem; o ocio ganha terreno nas classes ricas e nas pobres; todos querem o muito lucro á custa do minimo esforço.

Na apparencia, procura-se a liberdade, mas o espirito conserva-se escravo dos preconceitos e alheio ao raciocinio; as consciencias transigem, decrescendo, ipso facto, a moralidade; não existe o dominio de si prorpio e o que não sabe dominar-se é dominado.

No evoluir da intelligencia, aproveitando os recursos que a natureza offerece, no apuro dos sentimentos altruisicos, inspiradores de maior cordialidade nas relações, de horror para as injustiças e malvadezas, caminha-se para o progresso, visto como estatuidas ficam as bases de formação do caracter, que se inflamma no amor dos semelhantes e na solidariedade para a acquisição dos bens communs e particulares.

Reconhecem os psychologos que o homem herda de seus progenitores os distinctivos da raça, da ordem e da especie, conjunctamente com os caracteres individuaes dos auctores de seus dias.

Nos filhos do mesmo casal, com a mesma educação, não é raro que uns apresentem a reprodução do caracter paterno, outros, a do materno.

Se o caracter dependesse apenas da educação e da imitação, claro está que não se lhe modificariam as qualidades.

Affirma Ribot que o caracter de um povo é a ultima expressão da hereditariedade social, porquanto, no turbilhão continuo da vida, inalteraveis se conservam a unidade e

identidade de principios, e a somma dos caracteres psychicos, encontrados em toda a existencia de uma nação, em todas as instituições em todos os tempos, é o que se pode chamar a base do caracter nacional.

E o caracter, seja individual, seja nacional, origina-se de leis physio-psychologicas.

Quando nasce um homem diz Michelet, traz accentuadas as inclinações e aptidões psychicas, mas não escolhe as idéas que lhe vão povoar o cerebro nem provocar-lhe o desabrochar das faculdades; forma-se-lhe a intelligencia pelas impressões externas e a sensibilidade pelos incentivos das condições mesologicas; as tendencias affectivas cederão á força educadora da sociedade em que convive, quebrando ou, pelo menos, modificando a suggestão, a imitação a forte impressão, as arestas vivas do caracter, transmittido pela herança.

Educar a vontade, tornal-a resistente e sempre animada por justas intenções é trabalhar para o desenvolvimento do caracter.

O homem de vontade energica imprime, no que faz, o cunho da virilidade, sabe arrastar os circunstantes, commovendo-os.

Os Estados Unidos da America do Norte fornecem-nos admiraveis exemplos de firmeza de caracter. Washington, um dos fundadores desta grande republica, durante seis annos, com inexcedivel perseverança, entre as difficuldades inauditas, sustentou a causa da patria contra a prepotencia da metropole.

Renovavam-se, annualmente, as forças da Inglaterra; augmentavavam-se os recursos allemães, escasseavam as finanças, acontecendo até que um dos lugar-tenentes, Arnaldo, trahisse a bandeira nacional; porem Jorge Washington não fraqueou, triumphando afinal em Trenton e na capitulação de Worktown, ficando senhor do exercito inglez, em Outubro de 1781.

Não se contentou o grande homem com essa victoria: sabia que, sem constituição, um paiz não se mantem, tratou, pois, de obtel-a e fazel-a approvar pelos diversos Estados.

Em Janeiro de 1789 foi, por unanimidade, eleito presidente, cargo que exerceu até 1797, por haver sido reeleito.

Não lhe faltou então o ensejo de provar, ainda uma vez, a inquebrantabilidade de seu caracter, o que se deu quando os consumidores de whisky revoltaram-se contra os impostos lançados sobre o alcool.

Apezar dos nobres predicados que lhe constituiam a gloria, era Washington, acima de tudo, modesto; recusou a eleição que o tornava presidente pela terceira vez e, no recesso do lar, nos humildes trabalhos de agricultor finalizou a existencia, em 1799, com 67 annos.

Muito viveu, porque cooperou para o desenvolvimento de sua patria; legou á posteridade um nome typo do verdadeiro estadista; reunindo a firmeza á lealdade, conquistou a proeminencia na paz, na guerra, no coração dos compatriotas.

O desenvolvimento de um paiz está na razão directa do modo de agir dos seus habitantes; nenhum se distinguirá na moralidade, no respeito ás leis da justiça e da honradez se, individual e collectivamente, os que nelle vivem não forem dotados dessas qualidades.

Da forma de governo não depende a ventura do povo, que se resume na nobreza de caracter dos governantes e governados.

No tempo de Aristides, cognominado o justo, destacavam-se os Athenienses na honradez,e, numa das tragedias de Eschylo, em que se louvava a moralidade, todos os olhos dos espesctadores, desviando-se do actor, fixaram-se no heroe, conhecido como o prototypo do caracter immaculado e desinteressado.

A todos, quer sejamos ricos ou pobres, artistas ou proletarios, agricultores ou industriaes, financeiros ou negociantes; quer tenhamos dote da sciencia ou della estejamos privados, cumpre trabalhar com utilidade, visto que somente dessa maneira gozaremos dos effluvios do bem moral, intellectual ou material; os ociosos, a qualquer classe a que estejam filiados, não passam de repugnantes parasitas.

E a vida parasitaria, incontestavelmente, conduz á degeneração.

A sociedade das abelhas e das formigas fornece-nos exemplo frisante.

Existem abelhas que encetam a existencia como simples operarias; depois, deparando um cortiço alheio, provido de saboroso mel, dão-se á pilhagem;d`ahi em diante perdidas ficam para o trabalho honesto; convenceram-se, pela experiencia, que é menos custoso o roubo do que o trabalho e, na pratica assidua da gatunagem, desapropriam-se até dos instrumentos do officio, das escovinhas a guarnecerem-lhe as patas, prestando-lhes o socorro preciso no recolher o pollen das graciosas flores.

Entre as formigas melhor estudo ainda se pode fazer do parasitismo, porque elle apparce em graus differentes.

As formigas escravagistas roubam para seus formigueiros os ovos que lhes não pertencem, e subsistem após com o trabalho dos insectos nascidos da escamoteação; umas compartilham com as escravas, mais ou menos, as horas do labor, outras trabalham quando as escravas lhes desapparecem, havendo, finalmente, algumas que chegam a morrer de fome, porem não se sujeitam mais á nobre lei do tabalho.

Degeneraram-se e, conservando os instinctos bellicos de sua raça nas occasiões opportunas, falta-lhes a força physica, não conseguindo nem mesmo carregar as nymphas, sem o auxilio das escravas.

Ha formigueiros em que existem apenas as escravas, porquanto as operarias da mesma especie liquidaram-se.

As formigas Rufescens attingem tão alto grau de aristocracia, que morrem de inanição, á falta de uma criada que lhes ponha o sustento ao alcance da entrada do canal digestivo.

Quando Portugal abandonou a agricultura e os escravos, em numero de dez mil, representando a oitava parte da população da capital, foram incumbidos de todos os misteres domesticos, sendo criados e alimentados pelos seus donos quaes animaes de carga, o paiz, sob a mascara da grandeza e do luxo, fornecido pelas riquezas trazidas das Indias e do Brasil, caminhava, a passos de gigante, para a decadencia e a miseria.

E` do trabalho intelligente, da perfeição dos processos empregados que provêm a bastança, sendo, pois, obvio que a cultura do espirito deve andar, pari passu, com o trabalho mecanico; a instrucção popular deve ser diffundida, não theorica e abstracta, em programmas exhaustivos, mas pratica, de accordo com as leis physiologicas do desnvolvimento natural.

Os Estados Norte Americanos adiantam-se e, unanimemente, proclama-se que enfrentam as potencias da velha Europa, ganhando terreno, nos campos da industria.

A actividade social ali é digna de admiração; o tempo não é disperdiçado como entre nós.

A ociosidade é a perda do homem, corroendo-lhe as fibras do coração, vai intoxicando, pouco a pouco, o organismo particular, para depois estender-se ao grande corpo social, causando-lhe a deshonra e a desgraça.

Laboremos, dizia Septimo Severo aos que lhe rodeavam o leito de morte, emquanto se trabalha vive-se; a indolencia é a imagem da morte.

Inquiriram de um viajante, que percorrera quasi o numero conhecido, que impressão tirara dos differentes homens encontrados, e a resposta foi que, no geral, nenhum deixava de ter predileções para a ociosidade.

Porem este não é, não pode ser o fim da existencia; do banquete da vida ninguem deve participar sem pagar a sua quota; está é a lei divina e a humana.

Impondo ao homem o castigo da falta commetida, ordenou-lhe o eterno que trabalhasse para manter-se; é pois, uma lei fatal; della não se pode eximir.

Senhores ou servos, barbaros ou civilisados, cumpre-nos empenhar esforços para a felicidade commum, contribuindo com os talentos que nos houverem sido confiados pelo Supremo Creador.

(Continúa).

ANEXO F – ARTIGOS PUBLICADOS POR MARIA LUIZA — 1916

Anno VII, n. 1, p. 2, jan. 1916.

Luiz José de Sousa Alves,
filhinho do Pharm.co Antisthenes Albernaz Alves.

E` o sorriso fagueiro
Da vida alvorecer,
O niveo botão primeiro
Do jardim a apparecer,
Que, na innocencia divina
De um cherubim do Senhor,
Offerece á Paladina
Votos de paz e de amor,
Dizendo, caros amigos,
Amigos do coração,
Longe vos fiquem perigos
De maldade e de traição.
Este anno que principia
E tantos mysterios traz,
Não vos recuse, um só dia,
Os beneficios da paz.
Vosso lar tenha a ventura
Da união sempre gozar;
Dos revezes na amargura
Ditoso é quem sabe amar!
Santo emblema de esperança
Na incerteza do porvir,
Deus vos conceda a criança,
Junto de vós, a sorrir ...
Ouve affirmar o Luizito
Que, no gorgeio infantil,
Ha doce effluvio bemdito
Que esparge venturas mil.
E, á frente da petizada,

Neste anno que alegre vem,
Como celeste alvorada,
Quer dar-vos um parabem.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VII, n. 1, p. 3-6, jan. 1916.

Conferencia da Professora Maria Luiza de Sousa Alves,
no Gremio Literario da Bahia, em 12 de Outubro de 1915.

(Continuação.)

O caracter presupõe fortaleza nas idéas, crescendo sempre o valor em frente ás difficuldades.

As boas causas não apparecem isentas de empecilhos, ondas agitadas de porcelloso mar, que vencidas hão de ser pelo pharol seguro da força de espirito indomavel.

Ah! se ao caracter dos homens de escol não tivesse unida essa preciosa qualidade, bem poucas maravilhas se teriam operado no mundo.

Aos bemfeitores da humanidade, foi-lhes preciso arrostar innumeros tormentos, antes que pudessem fruir os louros das ovações que mereceram.

Bernardo Palissy, pobre artista vidraceiro, desejou alargar o horizonte em que se achava, sahiu da França, percorreu a pé os Pyreneus e a Auvernia, observando as rochas e os vulcões, até que encontrou um fragmento de uma taça esmaltada á moda italiana.

Logo sentiu desejo inquebrantavel de descobrir o segredo de tal composição.

Quanto trabalhou, quanto padeceu é inacreditavel! porem venceu e por todos é conhecido como autor da louça esmaltada, desses pratos ornados de plantas e animaes em relevo.

No museu do Louvre, apreciam-se bellas amostras de Palissy em confronto com a arte italiana, notando-se que esta se destaca pelo acabado do desenho e do brilho da pintura, mas aquelle reune a singeleza ao sentimento, inspirando uma impressão indescriptivel e profunda de paz e de innocencia.

Nos esmaltes italianos, abundam assumptos mythologicos, sem escolha das scenas representadas; nas obras de Palissy, resaltam a pureza dos pensamentos: aqui a mãe de familia amamentando a prole, ali um rebanho a pastar.

Ah! se pelos fructos se conhece a arvore, a deducção que prompta se nos apresenta, contemplando estes factos, é que á força tenaz o infatigavel trabalhador unia a bondade, outro predicado indispensavel do caracter.

Sem um caracter bondoso, diminuto é o fructo colhido do trabalho.

A bondade empenha-se em promover o bem dos semelhantes; não o faz somente abrindo a bolsa, mas tirando do escrinio d`alma thesouros de benevolencia, para espargil-os com affabilidade.

Os entes que acreditam na bondade, que por ella procedem, constituem-se verdadeiros bemfeitores de seus irmãos; ao passo que os egoistas, não se lembrando senão de si proprios, podem ser considerados como pragas sociaes.

Emfim a religiosidade é o fecho dos dotes do caracter. A fé em Deus, a obediencia a seus mandados ensinam-nos, acima de tudo, a vencer o mal e a praticar a virtude.

A sciencia deve as glorias aos impulsos da fé; todos os grandes sabios foram crentes.

Excalamava Agostinho Cauchy, o maior mathematico da primeira metade do seculo transacto: Sou christão, acredito na divindade de Jesus Christo com Tycho Brahe, Copernico, Descartes, Newton, Fermat, Leibnitz, Pascal, Grimaldi, Euler, Guldino, Boscovich Gerdil; acredito de accordo com todos os grandes physicos, todos os grandes geometras do seculo passado, sou catholico como foram muito d`elles, e, se me perguntassem as razões, de bom grado as daria, provando que minhas convicções foram o resultado de judicioso exame.

A fé, diz Pitchard, encaminhou o velho Herschell no trabalho telescopico; queria contemplar a abobada infinita, queria conhecer, mais de perto, esses milhões de astros, tão pequenos para nós pela distancia e tão grandes nas dimensões, que o espirito se perde, calculando-as, constrangido a curvar a fronte perante o Creador de tantos mundos, debalde procurando investigal-os, e não chegando a conhecel-os senão parcialmente ainda pelos calculos mathematicos.

Cecil affirma que a veradeira religião é a vida, a saúde, a educação da alma; e, nestas tres qualidades, concretiza-se o caracter, que é a força das nações e o valor de um povo.

Voltando agora as vistas para o nosso torrão natal, algumas palavras direi ainda sobre o caracter de seus habitantes, demonstrando quanto recebeu o filho do Brasil em proveito de seu engrandecimento, quanto lhe é, naturalmente, bôa a natureza, emfim quanto pode esperar o futuro, se souber corresponder aos dotes que lhe foram concedidos.

Aceita-se a origem do brasileiro como provindo das raças selvagem ou americana, ethiopica ou africana, caucasiana ou portugueza.

Das relações reciprocas, do convivio, da mistura das tres, originou-se a actual polpulação, que não pode deixar de ter um cunho particular, dados os casos da mestiçagem.

Em cada raça humana, segundo a indole e as circumstancias em que evolue, observa-se em caracteristico proprio.

O nosso povo nascido e desenvolvido em condições particulares, ha de ter seguido, pela influencia dos tres factores, enumerados, submetidos ás influencias climatericas.

As especialidades physicas e moraes apresentam um factor tanto mais preponderante, quanto mais activo fôr o seu principio de força, de numero e dignidade.

Do que se deduz que ao portuguez cabe a funcção primordial da formação do caracter da sociedade brasileira; o portuguez foi o descobridor, o conquistador, o senhor do Brasil. Todavia os contingentes trazidos pelos ethiopicos e pelos indigenas não podem ser menosprezados.

Voltando-nos para os africanos importados para o nosso territorio, descobrimos que não eram estranhos á affeição nem lhes faltava coragem estoica, em situações difficeis.

Gostavam da independencia; o captiveiro em que os havia lançado a barbaridade de seus semelhantes, aquinhoados pelos recursos intellectuaes que, em absoluto, não possuiam, era impotente para lhes varrer da memoria as mattas do paiz em que tinham visto a luz do dia, a choupana onde se recolhiam ao lado das companheiras que os serviam dedicadas e dos filhos que lhes promettiam reviver o nome nas façanhas futuras.

Exemplo d`esse caracter independente, preferindo a morte á perda da liberdade, novamente adquirida, ministram-nos os quilombos dos Palmares.

Após combates renhidos, o Zumbi, acompanhado de outros intrepidos companheiros, affronta a morte e atira-se de altos penhascos, afim de que os grilhões do captiveiro nunca mais lhes apertem os pulsos.

Na occupação de Pernanmuco pelos Hollandezes, entre os heróes que salientaram, pelos serviços prestados á metrolpole portugueza, surge o vulto sympathico do preto Henrique Dias que, dez vezes ferido e obrigado a amputar uma das mãos, protesta que dos cinco dedos que lhe restavam se havia de servir como de outras tantas mãos, para o ajudarem a batalhar por Deus e pela patria.

Não envergonha, pois, o elemento africano introduzido na formação do caracter nacional; são numerosos os exemplos dos que testemunham, nos feitos praticados, acções tão dignas de louvor, quanto as de qualquer cidadão europeu.

Entre os negros e filhos d`estes, citam-se nomes cercados de um nimbo refulgente; não muito longe apparece-nos o vulto de André Rebouças que, vendo proclamada a republica e banida a familia imperial, resgatadora das torpezas das senzalas, estas bastilhas da ignorancia, a qual abriu á raça negra as portas da instrucção, permittindo-lhe sentar-se á mesa commum dos cidadãos brasileiros, se expatriou tambem, obedecendo á voz da gratidão, indo finalisar os dias de todo o conforto.

(Continúa.)

Anno VII, n. 3, p. 62, mar. 1916.

Acir, Adir, Amir e Annita,
filhinhos do Dr. Adolpho Rabello Leite.

A criança é do lar todo o encanto,
E` o divino sorriso do ceu,
O conforto que Deus concedeu
Neste mundo de horrores e pranto.
E` thesoiro tão grande, tão santo,
Que Jesus, quando á terra desceu,
De affeição tantas provas lhe deu,
Que excitava nas turbas o espanto.
E` ditosa a familia que espera
Dar á patria que, amante, venera,
Em seus filhos, um preito de amor.
E` ditosa que, alem, no futuro,
Ha de ter, num carinho seguro,
O seu nome em constante louvor.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VII, n. 12, dez. 1916.

Custodio Teixeira de Carvalho,
filhinho do Sr. José Antonio Teixeira de Carvalho.

Mais um mimo de amor e de candura
Que, na phrase do olhar, ingenua e pura,
Vem dar um parabem
Ao mais bello e gentil d`entre os meninos,
Repetindo o sentir dos pequeninos
A Jesus, em Belem.
Rosea festa em que um Deus omnipotente
Abandona o palacio aurifulgente
E nasce num curral!

O coração mais duro e pervertido
Dos impusos de amor vê-se ferido
E bemdiz o Natal.
As luctas, as discordias, as cruezas,
A ambição do poder e das riquezas
Fogem do Salvador
Que, do berço tão pobre da indigencia,
Prega aos homens, do exemplo na eloquencia,
Amor e muito amor.
Por isso, bons leitores, com carinho,
Como Anjos de out`ora, o Custodinho
Vem vos felicitar,
Boas festas, vos diz, que Jesus manda,
Boas festas de paz tão suave e branda,
Que o ceu deixe lembrar.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VII, n. 12, p. 333-336, dez. 1916.

CHRISTOVAM COLOMBO.
(Continuação).

Pedia Colombo:

10 . Ser Vice Rei e Governador geral das terras que descobrisse.

20. Ser Grande Almirante do Grande Mar Oceano.

30. Que as suas dignidades se transmitissem, hereditariamente, na sua familia, por direito de primogenitura.

40. Ter direito ao decimo de todas as perolas, ouro, especiarias e producções de qualquer genero, descobertas em terras de sua autoridade.

A Commissão julgou exaggerada a recompensa; irritaram-se os soberanos e Colombo, mais uma vez, resolvido ficou a abndonar a Hespanha.

Mas Luiz de Santo Angelo e Alonzo de Quintanilha tomaram-lhe a defesa, dizendo que o genovez ia arriscar a honra e a vida, o que valiam mais que vinte e cinco mil escudos.

Isabel enthusiasmada exclamou:

-Pois bem! sosinha farei tudo. Empenharei as joas e os diamantes, para prover aos gastos do armamento.

Luiz de Santo Angelo, thesoureiro do Rei, á vista de tal proceder, pediu licença para retirar do thesouro de Aragão os 25 mil escudos, o que lhe foi concedido, a titulo de emprestimo.

Despachado foi um official da Guarda Real, para chamar Colombo, que estava a duas leguas de Granada.

Sentia-se o pobre homem tão acabrunhado, que continuava a caminhar sem attender ao enviado, que o foi seguindo, narrando o succedido.

Lavrou-se a escriptura dos privilegios outorgados, mas impondo-se a condição que elle havia de concorrer para a oitava parte das despesas e receber, em troca, a oitava parte das vantagens, alem das decimas estabelecidas.

Apezar de sua pobreza, Colombo aceitou o que propunham, confiado na Providencia.

Para dar-lhe uma prova de particular estima, a rainha nomeou ao pequeno Diogo pagem do Principe Real, honra de que somente gozavam os filhos das mais illustres familias do reino.

Deviam os habitantes de Palos fornecer cada anno duas náus á corôa, em punição de uma revolta; o porto de Palos foi, pois, escolhido para os aprestos da expedição, sendo a terceira náu armada á custa de Colombo.

Na igraja parochial, em presença do futuro navegador e dos alcaides, o tabellão leu o decreto do rei, que infundiu o terror no animo dos mais intrepidos marinheiros, por ser o Oceano Atlantico conhecido sob o nome de Mar Tenebroso e, a seu respeito, contaram-se fabulas mil, como a da ave Rock que, librando-se nos ares, com azas enormes, suspendia as embarcações a grandes alturas, atirando-as de chofre.

Era debalde que o governo ordenava o preparo de embarcações, o povo não queria obedecer, até que chegou a ordem de infligir multas aos desobedientes e de ser aproveitada á expedição qualquer náu prestante.

Chuva de maldições cahiu sobre o genovez e os enviados da Côrte viram-se forçados a se apoderar de uma náu chamada Pinta.

Entretanto os pilotos, os carpinteiros e os calafates não appareciam e, quando alguns queriam lançar mão á obra, as mulheres corriam á praia, cheias de furor, atirando pedras e obrigando os operarios a fugir.

Nessa emergencia, o P. Perez, que era muito estimado, metteu-se na roda dos marinheiros e conseguiu o numero preciso á expedição, obtendo, pela brandura, que os operarios concertassem a Pinta.

Em seguida, foi o Guardião procurar os tres irmãos Pinzons, Martim Alonzo, offereceu-se para embarcar na Nina, pequena embarcação de seu irmão e, como Colombo não possuisse a quantia requerida á oitava parte dos gastos, o proprio Alonzo lh`a

proporcionou.

Tal exemplo fez que Palos preparasse a terceira náu, grande, pesada e solida, que foi a capitaina e recebeu, depois de benta, o nome de Santa Maria.

Somente ella tinha ponte, mas sua quilha afundava-se pouco nas aguas; as outras duas eram quasi chatas, ameaçando submergirem-se ao primeiro tufão; porem tinham, como as antigas galeras, na prôa e na pôpa, dois castellos,mais elevados que o bordo, facultando abrigo aos marinheiros, durante o mau tempo. Cada qual era de doi mastros, um no meio e outro em uma das extremidades; no primeiro, via-se uma grande vela quadrada, no segundo, outra, á moda latina isto é triangular.

Foram abastecidas de viveres para mais de um anno e a equipagem sommava cento e vinte marinheiros.

O almirante ficou na Santa Maria, Martim Alonzo na Pinta, tendo, como piloto, seu irmão Francisco; Vincente Jaguez, terceiro irmão dos Pinzons, tomou o commando de Nina.

Approximando-se o dia da partida, todos os marinheiros, tendo á frente o almirante, dirigiram-se ao convento de Arrabida, invocando a protecção especial da SS. Virgem; ahi ouviram a santa Missa e commungaram.

Querendo Colombo aproveitar o primeiro vento favoravel, prohibiu aos marinheiros que se afastassem das náus e aos officiaes que pernoitassem em terra e, recommendando que o avisassem logo que soprasse o vento desejado, encaminhou-se ao convento, afim de abraçar o seu filhinho Diogo, confiando-o depois s alguns amigos, que deviam leval-o para Cordova, afim de se educar.

Pouco depois da meia noite do dia 3 de Agosto, foi Colombo acordado subitamente pelo murmurio dos pinheiros, agitados por uma brisa ligeira. Emquanto, no convento, reinava o mais profundo silencio, desceu elle é capella de N. Senhora, em companhia do P. Guardião, que celebrou o santo sacrificio da Missa e lhe deu a sagrada Communhão.

Quando sahiram do convento, ainda brilhavam no firmamento, as derradeiras estrellas; então abraçaram-se mudos e commovidos.

As vozes dos pilotos, os assobios dos mestres, ordenando as manobras, os sons estridentes das enxarcias acordaram os moradores das casas visinhas e as mãis, as esposas, os filhos e os amigos correram chorando, para dizer o adeus da despedida aos entes que suppunham nunca mais rever, e que lhe respondiam com os signaes da mais profunda tristeza.

Arvorou-se, na capitania, o estandarte real, trazendo a imagem de Jesus Crucificado; tremulando, no mais alto topo da Pinta e da Nina, a bandeira da empreza, que era uma cruz verde entre as iniciaes F. I. encimados por uma coroa.

Colombo, saudando o povo que se agglomerava na praia, ordenou que, em nome de Jesus Christo, se desfraldassem as velas e, entrando para o seu camarote, começou o seu jornal de bordo, com as mesmas palavras.

Após tres dias de feliz navegação, a Pinta pediu soccorro, porque as peças do leme se haviam desconjuntado, devido á malicia de alguns marinheiros, que queriam abrigar Colombo a voltar a Palos; mas o capitão Martim Alonzo remediou o incidente; no dia immediato, as cordas appareceram desamarradas, desfazendo Pinzon o contratempo.

Na noite de 9 a esquadra chegou á ilha Gomera, uma das Canarias, gastando tres semanas em concertar as náus, apromptar um leme para a Pinta e prover-se de mais abastecimento.

Quando, a 6 de Setembro, desdobravam as velas, foram avisados que, na altura da ilha do Ferro, tres fragatas portuguezas queriam imperdir-lhes a tentativa e tal noticia trouxe grande desalento, mormente quando a terra desappareceu.

A 11 de Setembro, a 150 leguas da ilha do Ferro, Colombo viu, sobre as aguas, um grosso mastro de navio signal inequivoco de tempestade.

Avançavam as náus, e as constellações européas desappareciam, brilhando novos grupos de estrellas; as aguas tambem mudavam de côr e o sol mostrava-se mais resplandecente.

A 13 de Setembro, a ponta da agulha magnetica desviou-se da estrella polar, declinando 5 a 6 graus para o noroeste, sendo a differença ainda maior, á medida que as náus se adiantavam.

Guardou Colombo o silencio sobre o facto que não sabia explicar, mas não lhe foi custoso verificar que os pilotos já o haviam observado, porquanto se mostravam abatidos, nada se atrevendo, entretanto a perguntar.

Em noite de 15 de Setembro, a 300 leguas da ilha do Ferro, estando o tempo calmo e sereno, appareceu como luminosa fita de fogo, que se perdeu no mar, a 5 leguas das embarcações. Apenas o sol desapparecia no horizonte, tudo o que se movia, no elemento aquoso, parecia illuminado; o mais leve encrespar das ondas despedia faiscas, os peixes, nadando, emittiam luz; dir-se-ia que ia acontecer um incendio no mar, velejando a esquadrilha entre luminosissimo circo. O vento soprava pela pôpa, o ceu era transparente, o ar impregnado de perfumes.

(Continúa.)

ANEXO G – ARTIGOS PUBLICADOS POR MARIA LUIZA — 1917

Anno VIII, n. 12, dez. 1917.

Luiz José e Adelino José de Sousa Alves.
filhinho do Pharmco. Antisthenes Albernaz Alves.

Quem pode vêr a criança
E não sentir da esperança
O bemfazejo pulsar?
- Lago sereno, encantado,
O coração fatigado
Nelle se apraz de habitar.
E venha o raio, a tormenta,
Porque, na furia violenta,
Deixarão ficar de pé
Aos que ouvirem da candura
A voz de meiga doçura,
Arauto de amor e fé ....
Olhai como são formosos
Quaes dois anjos graciosos
Sem ter a noção do mal ! ...
Gozam desvellos maternos,
Outros não existem mais ternos
Em toda a vida mortal.
Vêde o Luiz, mais crescido,
Foi no seu lar acolhido
Como um thesoiro de Deus;
E, ha pouco mais de dois annos,
Nos modos vivos e lhanos,
E` o grande enlevo dos seus.
O segundo, o Adelinito,
Ainda assim pequenito,
Descuidado do porvir,
Tão manso qual um cordeiro,
Muito calmo e prazenteiro

E` o lyriosinho a florir.
Deus os conserve amparados,
Constantemente, cercados
Pelos extremos dos Pais,
Trilhando pela virtude,
Pagando a solicitude,
Por mil carinhos filiaes.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.

Anno VIII, n. 12, p. 335-336, dez. 1917.

BÔAS FESTAS.

E` a palavra que irrompe de todos os labios como saudação optativa.

E que melhor poderiamos desejar a nossos amaveis leitores, nesse mez que se inicia com a festa da Immaculada Conceição de Maria S.S. e quasi termina, lembrando o nascimento do Verbo Eterno, numa gruta mesquinha, abrigo de pobres animaes?

Bôas Festas! isto é tranquilidade prospera no gozo de robusta saude, no socego da consciencia expurgada de todo o remorso, almeja a Paladina do Lar a todos os seus amigos, como sendo bens o complexo do que de mais precioso possa existir.

Crise difficilima atravessamos; o horizonte caliginoso, ameaçador confrange-nos o espirito, deixando-nos lobrigar momentos ainda mais tetricos do que os transcorridos.

A guerra, esse facho sanguineo de miserias e dores, esse abutre de garras aduncas e impiedosas, essa deusa da morte e do exterminio, sempre envolta no manto escuro das lagrimas e desesperos, ainda não está satisfeita com os sofrimentos dos humanos.

A orphandade, a viuvez, a miseria clamam, pedindo misericordia; mas esse grito não lhe fere o tympano e a desalmada prosegue..... Até quando, oh Senhor? ....

Unicamente vós o sabeis! ... Mas, possa a misericordia, interpondo-se entre a justiça, fazer que ao pranto succeda o riso; a tristeza dê lugar ao jubilo; o desalento ceda, para que a esperança, dominando sobre os espiritos, a todos encha de coragem, produzindo a união fraterna, prendendo as almas nos elos da caridade evangelica.

Que brevemente, vejamos tremular, sobre o mundo inteiro, o pavilhão sacrosanto da paz e da concordia, promettendo, na significativa brancura, a continuação das maravilhas da industria, a facilidade nas transacções commerciaes, os doces e inegualaveis prazeres usufruidos á sombra do lar domestico!

* * *

Como folhas atiradas pelo vento á beira do caminho e perdendo-se na estrada intermina, assim decorrem os nossos dias de existencia terrena.

Um anno, mais outro, ainda outro ... depois chega o instante de entregar á terra o mortal despojo e de altear o vôo para o infinito, para o seio de Deus! De momento para momento, vamos nos avisinhando d`essa hora terrivel e, apesar d`isso, inevitavel.

A Paladina do Lar, caros leitores amigos, roga ao Senhor vos conceda longos annos de existencia, afim de que abundantes sejam os fructos de bôas acções que lhe apresenteis.

Bôas festas deseja-vos perennes, porque de festas são todos os dias em que nos esforçamos para bem nos desempenhar dos deveres inherentes a nosso estado.

Aceitai da Revista que vos saúda, na sinceridade do affecto e na união da crença, tudo quanto o coração de melhor pode anhelar para seus amigos; seja a vossa vida um campo, onde, ininterruptamente, germinem as bençams do Altissimo sobre Vós e todos os que vos pertencem.

MARIA LUIZA DE SOUSA ALVES.